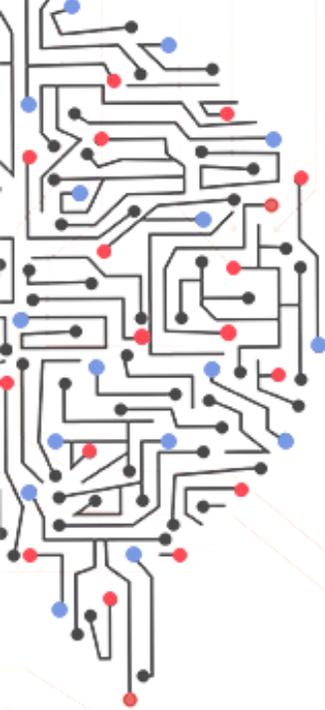


ESCUITAS **sobre o** JORNALISMO

ORGANIZADORES

Fernando Firmino da SILVA | Joana Belarmino de SOUSA | Pedro NUNES

ESCUITAS

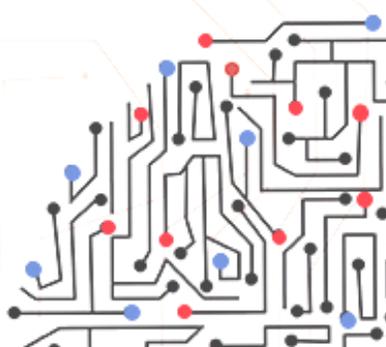


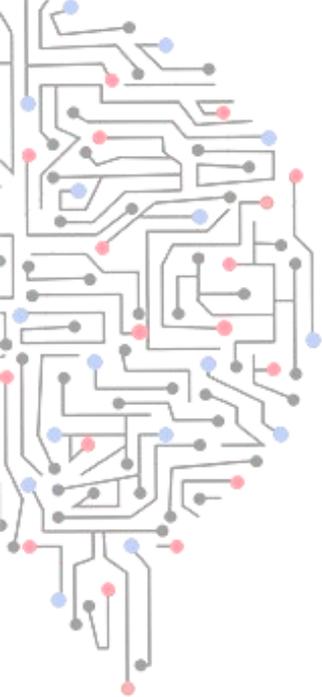
FERNANDO FIRMINO DA SILVA
JOANA BELARMINO DE SOUSA
PEDRO NUNES
Organizadores

ESGUTAS sobre o **JORNALISMO**

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo
Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa | Paraíba 2017
Editora do CCTA



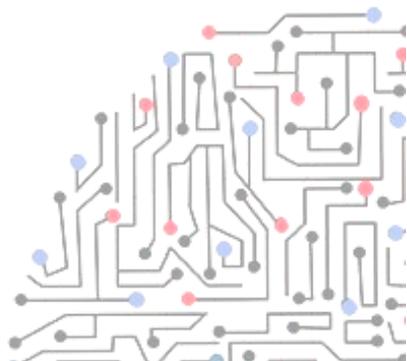


III ENTREVISTADOS III

Antonio **FAUSTO NETO**
Carlos Eduardo **FRANCISCATO**
Claudia Irene de **QUADROS**
Demétrio de Azeredo **SOSTER**
Eduardo Campos **PELLANDA**
Eduardo **MEDITSCH**
Geneton **MORAES NETO**
João **CANAVILHAS**
Juliana **COLUSSI**
Marcos **PALACIOS**
Mirna **TONUS**
Raquel Paiva de Araujo **SOARES**
Rogério **CHRISTOFOLETTI**
Wellington **PEREIRA**

ORGANIZADORES

Fernando Firmino da **SILVA**
Joana Belarmino de **SOUSA**
Pedro **NUNES**
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo
Universidade Federal da Paraíba
2017





UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitora

MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA
MELO DINIZ

Vice-Reitora

BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE
DE OLIVEIRA

Diretor do CCTA

JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES

Vice-Diretor

ULISSES CARVALHO DA SILVA

**Programa de Pós-Graduação em
Jornalismo – UFPB**

ZULMIRA NÓBREGA – Coordenadora

**Laboratório de JORNALISMO e
EDITORAÇÃO | LAJE**

Editor

PEDRO NUNES

Editoração Eletrônica

PEDRO PAULO NERI

Revisor

JOSÉ CICERO DA SILVA

COLEÇÃO

ÂNCORA

JORNALISMO

III CONSELHO EDITORIAL III

Revista Latino-americana de Jornalismo | ÂNCORA

Coleção ÂNCORA de Jornalismo

Prof. Dr. Alfredo Vizeu | **Universidade Federal de Pernambuco**

Prof. Dr. Antônio Fausto Neto | **Universidade do Vale do Rio dos Sinos**

Prof. Dr. Antônio Francisco Ribeiro de Freitas | **Universidade Federal de Alagoas**

Prof. Dr. Carlos Arcila Calderón | **Universidad del Rosario - Colômbia**

Prof. Dr. Claudio Cardoso Paiva | **Universidade Federal da Paraíba**

Prof. Dr. Denis Porto Renó | **Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho**

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho | **Universidade Federal do Ceará**

Prof. Dr. Eduardo Meditsch | **Universidade Federal de Santa Catarina**

Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva | **Universidade Estadual da Paraíba**

Prof. Dr. Francisco Laerte Magalhães | **Universidade Federal do Piauí**

Prof. Dr. Heitor Costa Lima da Rocha | **Universidade Federal de Pernambuco**

Prof. Dr. Jesús Flores Vivar | **Universidad Complutense de Madrid - Espanha**

Profª. Drª. Joana Belarmino de Sousa | **Universidade Federal da Paraíba**

Prof. Dr. Koldo Meso | **Universidad del País Vasco - Espanha**

Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva | **Universidade Estadual da Paraíba**

Prof. Dr. Pedro Benevides | **Universidade Federal da Paraíba**

Prof. Dr. Pedro Nunes Filho | **Universidade Federal da Paraíba**

Profª. Drª. Sandra Regina Moura | **Universidade Federal da Paraíba**

Prof. Dr. Silvano Alves Bezerra da Silva | **Universidade Federal do Maranhão**

Prof. Dr. Thiago Soares | **Universidade Federal de Pernambuco**

Profª. Drª. Virgínia Sá Barreto | **Universidade Federal da Paraíba**

Profª. Drª. Zulmira Silva Nóbrega | **Universidade Federal da Paraíba**

Os professores-pesquisadores da **Coleção Âncora** integram o Conselho Científico da Revista Latino-americana de Jornalismo – ÂNCORA.

•••
A correção gramatical, ortográfica, as ideias e opiniões expressas nas diferentes ENTREVISTAS deste livro são de exclusiva responsabilidade dos autores, autoras e coautores que compõem a presente obra acadêmica.
•••

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

E74 *Escutas sobre o Jornalismo [recurso eletrônico] / Organizadores: Fernando Firmino da Silva, Joana Belarmino de Sousa, Pedro Nunes.-- João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. 244p. 2,3 mb*

Modo de acesso: online
ISBN: 978-85-9559-054-0

1. Jornalismo. 2. Entrevistas. 3. Jornalismo contemporâneo. 4. Teorias do Jornalismo. 5. Coberturas jornalísticas. 6. Narrativas jornalísticas. I. Silva, Fernando Firmino da; Sousa, Joana Belarmino; Nunes, Pedro.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 070



EDITORA DO
CCTA

Centro de Comunicação, Turismo e Artes | UFPB
Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil

CEP: 58.051 – 970 – www.ccta.ufpb.br

Brasil | *Brazil*

PARTE I

9

JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES:
fontes, escuta compreensiva e problematizações
contextualizadas

Fernando Firmino da **SILVA**

Joana Belarmino de **SOUSA** | Pedro **NUNES**

27

JORNALISMO: razão efêmera
Wellington **PEREIRA**

43

**O JORNALISMO COMO PRÁTICA
CULTURAL DE PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO**

Eduardo **MEDITSCH**

57

**MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da
centralidade discursiva, ética e
tensionamentos na profissão**

Demétrio de Azeredo **SOSTER**

75

**UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO
JORNALISMO: entre o desenvolvimento
e a Inovação**

Carlos Eduardo **FRANCISCATO**

93

**A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA
TECER O FUTURO DO JORNALISMO**

Claudia Irene de **QUADROS**

111

**JORNALISMO: crise de confiança, reposicionamentos em
relação ao público e a busca de credibilidade**

Rogério **CHRISTOFOLETTI**

125

**JORNALISMO ENQUANTO MEDIAÇÃO: dimensões da
ética, estética e potencial educativo**

Mirna **TONUS**

137

**JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições
de Geneton **MORAES NETO****

SUMÁRIO



PARTE II

157

**JORNALISMO EM AMBIENTES
MULTIPLATAFORMA: diálogos
convergentes**

João **CANAVILHAS**

Juliana **COLUSSI**

181

**JORNALISMO, MOBILIDADES,
MANIPULAÇÃO E TRANSMIDIAÇÃO**

Eduardo Campos **PELLANDA**

191

**JORNALISMO HEGEMÔNICO, CRISE DE
CREDIBILIDADE, HISTÉRIAS DA
IMPREENSA, JORNALISMO CIDADÃO E
NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS**

Raquel Paiva de Araujo **SOARES**

205

**JORNALISMO: do chão da fábrica aos
novos processos de redesenho da
profissão na sociedade em vias de
mídiação**

Antonio **FAUSTO NETO**

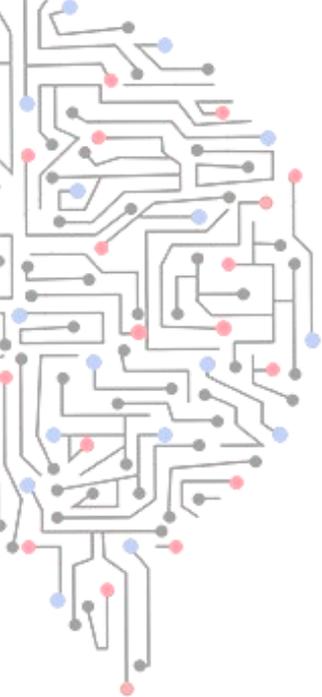
227

**JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA
INFORMAÇÃO: taticidade, mobilidade e memória
dinâmica**

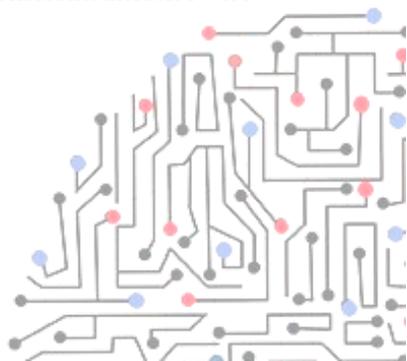
Marcos **PALACIOS**



SUMÁRIO



“Entrevista é obrigatoriamente um instrumento de prospecção e de revelação e não de congratulação, que é o que você vê frequentissimamente no Brasil”. Geneton **MORAES NETO**





JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta compreensiva e problematizações contextualizadas

Fernando Firmino da SILVA¹
Joana Belarmino de SOUSA² | Pedro NUNES³

“A entrevista é a arte da escuta. O bom entrevistador sabe escutar. Não é todo mundo que sabe fazer isso”⁴. Muniz SODRÉ

A escuta do jornalismo por ele mesmo, por seus pesquisadores e profissionais do campo, não poderia ser feita sem a arte da entrevista, esse instrumento que ao modo de pinça, captura os diálogos certos e essenciais, ou antes, de um modo ao mesmo tempo despretensioso e firme, estabelece trilhas, caminhos, pontos de perseguição de um diálogo, apreensão de ideias novas, ou mesmo de visões clássicas que necessitam ser reiluminadas, postas em relevo, a fim de que se empreenda um diagnóstico da realidade atual e também se indague sobre o futuro.

¹ JORNALISTA. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2013). Coorganizador do livro *Metamorfoses jornalísticas 2 - a reconfiguração da forma*. Líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade – MOBJOR. Possui artigos e projetos na área de Jornalismo Digital, Editoração Eletrônica, Tecnologias Móveis, Cibercultura e Mobilidade.

² JORNALISTA. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Desenvolve pesquisas nas áreas de jornalismo, acessibilidade à comunicação, ciberativismo cegueira e percepção tátil. Atuou como coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB (2012-2014).

³ JORNALISTA. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996). Pós-doutorado na área de Comunicação em Sistemas Hipermédia pela Universidad Autónoma de Barcelona (2003). Organizador dos livros *Rotinas do JORNALISMO no CINEMA* (2017), *JORNALISMO em AMBIENTES MULTIPLATAFORMA* (2016) dentre outros.

⁴ CAPUTO, Stela Guedes. Metaentrevista com Muniz Sodré. In: CAPUTO, Stela Guedes. *SOBRE ENTREVISTAS – Teoria, prática e experiências*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 167

Pode-se dizer que a entrevista, no âmbito do jornalismo, é um potente instrumento de interrogação dirigido ao entrevistado sobre diferentes acontecimentos com temporalidades que podem estar entrecruzadas ou se apresentar de forma independente, sem os fios que habitualmente enlaçam o futuro ao passado ou apenas com a necessidade de referência ao tempo presente. Além das indagações que requerem respostas, a entrevista pode ser caracterizada enquanto um exercício sensível da escuta apurada que possibilita aprofundamento interpretativo resultando quase sempre em interação comunicativa com as fontes. Interrogamos em face da própria incompletude do ser com suas lacunas, necessidades de conhecer, reinterpretar dados ou por mero instinto de curiosidade. A entrevista na esfera do jornalismo ou como procedimento de pesquisa adotado em vários campos do conhecimento é desse modo um dispositivo pleno de indagações. Demanda acuidade para ouvir o outro, visto que as perguntas do entrevistador estimulam a consciência e alimentam, de certa forma, a reflexividade do entrevistado.

Nesse caminho é interessante observar as questões levantadas por Stela Caputo (2006, p.199) sobre a arte de perguntar e seus reverses ou desencaixes:

Se perguntar é tão fundamental ao jornalismo e para as pesquisas, “a arte de saber ouvir”, como bem disse Sodré, a relação com esse ofício não pode ser qualquer uma. Podemos estragar nossas perguntas de duas formas. Quando buscamos “arrancar” algo do entrevistado e quando nos impregnamos de arrogância e perguntamos imaginando saber as respostas ou apenas para comprovar nossas próprias opiniões e teses sobre um assunto.

Em outra passagem a autora apresenta questionamentos essenciais para a entrevista a exemplo de aproximação com o tema, angulações e direcionamentos.

Consiste assim a entrevista em uma aproximação que o jornalista, o pesquisador faz em dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um



JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta compreensiva e problematizações contextualizadas

ou mais indivíduos. Mas é só isso? Talvez não. (CAPUTO, 2006, p. 78).

Nesse sentido, Vitor Sérgio Ferreira (2014), em *Artes e manhas da entrevista compreensiva* e Cremilda Medina no livro *ENTREVISTA: o diálogo possível* (2011) mostram a existência de relações complexas que abarcam as entrevistas.

A entrevista já não é necessariamente concebida como uma técnica neutra, estandardizada e impessoal de recolha de informação, mas como resultado de uma composição (social e discursiva) a duas (por vezes mais) vozes, em diálogo recíproco a partir das posições que ambos os interlocutores ocupam na situação específica de entrevista (de interrogador e de respondente), dando lugar a um campo de possibilidade de improvisação substancialmente alargado quer nas questões levantadas, quer nas respostas dadas. (FERREIRA, 2014, p. 983).

Já Medina (2011, p. 10) acrescenta que

A entrevista, nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode servir também à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos esses e outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano [...]. Ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios.

Assim, destacamos que a entrevista apresenta dinâmicas dialógicas próprias em seu processo de interlocução comunicativa a exemplo do ato de perguntar e do ato de responder por parte do entrevistado, visando oferecer ao leitor ou ouvinte ou à audiência vozes interpretativas em forma de informações e conhecimentos que se reverberam enquanto documento histórico de uma época. A entrevista maneja com inter-relações de criação na esfera do jornalismo investigativo por reclamar a utilização do pensamento

complexo principalmente por parte dos respondentes que atuam como entrevistados.

As entrevistas, em sua multiplicidade e diversidade de formatos, são marcadas pelo tom da personalidade e pelas cargas de subjetividade e com ressignificações dos temas postos em discussão. Cada entrevista possui a sua singularidade. São irrepetíveis enquanto modo de construção do discurso que maneja linguagens, ordenamentos das falas, ideias, filtros, apagamentos propositais, ênfases, pausas, modulações e demarcações temporais.

Cada olhar interpretativo, do entrevistado ou da entrevistada, representa uma ação de semiose, em termos de movimentos dos signos, por lançar feixes de luzes que explicam o jornalismo ou sobre assuntos postos na mesa das conversações. Quase sempre as entrevistas estão focadas em temas pré-acordados considerados de relevância. Por esse veio argumentativo, as entrevistas podem, então, revelar mínimos detalhes significantes, podem explicitar engenhosidades, operar com análises, sínteses, podem estabelecer correlações criativas e findam por oferecer interpretações diferenciadas vindas do entrevistado arguto.

Dizemos que as entrevistas se completam pela existência de aprendizados em mão dupla, exercícios de intersubjetividades e graus de racionalidade quanto à apreensão do tema exposto. Em sentido contrário, também podem evidenciar cansaços decorrentes do desconhecimento do tema, revelar vícios, ausência de ética do entrevistador ou do entrevistado, e o desvelamento de nós que não desatam. Por vezes, não há como evitar o engodo ou a falácia argumentativa dos entrevistados ou dos entrevistadores. Logo, a entrevista pode se configurar enquanto armadilha quando aspectos da realidade são distorcidos. De todo modo, enquanto gênero, ou instrumento que possibilita o conhecimento, as entrevistas podem ser caracterizadas como artérias oxigenadas que reconfiguram o jornalismo com suas pulsações diferenciais e pontos de fuga, em tempos marcados pelas interconexões da sociedade em rede. A natureza da entrevista vivenciou um processo de reconfiguração ao longo de sua existência histórica.

Então, se pudéssemos dimensionar a produção jornalística dos últimos três séculos, veríamos que o melhor dessa produção realizou-

JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta compreensiva e problematizações contextualizadas

se, sobretudo, através do exercício dessa escuta, dessa arte de equilibrar fala e silêncio. Perguntas e pausas para pensar, reelaborar; conversa amena e jogo inquisitório; esforço último para que se estabeleça comunicação no sentido pleno do termo: comunicação como partilha, como debate, como busca de um diagrama comum em que repórter e fonte saiam transformados, gratificados ou afetados pelo processo comunicativo estabelecido.

O mundo jornalístico não foi mais o mesmo depois que Gay Talese (2004) nos mostrou como realizar entrevistas até mesmo quando a fonte se nega a cooperar, como nos célebres casos de Frank Sinatra e Joe DiMaggio em que ele próprio criou a “entrevista indireta” de observação das fontes. Indo mais além, entrevistou cidades, modos de vida, hábitos aparentemente insignificantes, para extrair de seus personagens realidade e humanidade, para colocar em um mesmo palco, fama e anonimato, para pôr em diálogos contradições, encontros e desencontros.

No Brasil, o trabalho de Audálio Dantas (2012) permitiu que “vozes sufocadas”, no dizer de Medina (2011) emergissem, ganhassem o mundo, como no caso de Carolina Maria de Jesus, cujo jornalismo do então jovem repórter garimpou, trazendo à lume a carreira da catadora de lixo, negra, pobre, autora do livro *Quarto de despejo*.

Em rádio, TV, vídeos, livros, e no jornal impresso, Geneton Moraes Neto fez carreira na arte da entrevista, escutando mais do que dizendo, e, sempre que possível, invocando a mesma arte de seu mestre o jornalista Joel Silveira. Vários de seus dossiês e coberturas jornalísticas contemplam esse método da escuta compreensiva que aciona a entrevista, a exemplo de *Dossiê 50* (em livro impresso e eletrônico, e posteriormente em vídeo documentário), em que o autor entrevista não somente os onze jogadores da Seleção sobre a derrota do Brasil para o Uruguai no estádio do Maracanã (RJ) na final da Copa do Mundo de 1950, mas também o próprio Alcides Ghiggia

autor do gol da vitória uruguaia. Geneton Moraes Neto participou, inclusive, da primeira aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB em 2013 e, a propósito, integra a lista dos entrevistados que compõem o presente livro.

Nesses breves casos aqui mencionados realizou-se o que Medina (2011) classifica como “raros momentos” da comunicação, nos quais entrevistador e entrevistado saíram “alterados” de seu encontro, e onde a técnica acabou sendo ultrapassada pela intimidade entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram. Alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, ou elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o “diálogo possível”.

Se as Ciências Humanas, as Ciências Sociais Aplicadas (Sociologia, Antropologia, História, Serviço Social...), e outras grandes áreas do conhecimento, contribuíram com métodos e estratégias para extrair o maior proveito possível da entrevista como ferramenta de escuta do outro, nunca foi tão oportuno para o jornalismo rever as lições de seus *experts* e dos pesquisadores de campo, a fim de aprimorar os seus processos de escuta sobre a realidade.

É interessante notar que o cenário da produção jornalística tem nos revelado traços de uma espécie de “monólogo histérico”, para nos apropriarmos das ideias de Raquel Paiva Soares, ou, em geral, nos entremostra uma espécie de “jornalismo impaciente”, que entrevista, mas não espera para que a resposta seja completada. Observa-se assim, todos os dias, na produção jornalística contemporânea, uma espécie de fracasso ou mesmo de morte do diálogo, da escuta, da arte de se esmiuçar a realidade, ouvir todos os lados dos processos, imergir no complexo campo da escuta das fontes, de dar-lhes voz e assim envolver-se no processo comunicativo de transformação e de consagração da constituição de uma opinião pública competente.

Não poderíamos, pois, prescindir da entrevista como



JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta compreensiva e problematizações contextualizadas

ferramenta e como método de escuta do jornalismo por dentro do seu campo reflexivo. Esse é o propósito maior da nossa obra, o de estabelecer uma espécie de testemunho dialogal do campo, nas suas instâncias de produção, circulação e de recepção; nos fracassos e sucessos das suas epistemologias, na desafiante intenção de pensar o campo do jornalismo para além do presente com projeções para o futuro.

Foram adotados vários procedimentos para a realização das entrevistas, a exemplo de palestra-debate com Fausto Neto, em estúdio de TV com Marcos Palacios, em rádio, com transmissão ao vivo, com Geneton Moraes Neto, e via rede, por *e-mail*, tendo todo cuidado para que não se tornassem frios questionários fechados, mas amplificassem o binômio escuta-diálogo, num circuito de conversações com idas e vindas com checagens, complementações, envios de áudios por ambientes fechados, indagações/respostas, rechecagem de informações e dados, conferências com as entrevistas pré-editoradas, novas revisões e editorações finais.

Tanto por parte dos entrevistadores que atuaram como organizadores de *ESCUTAS sobre o JORNALISMO*, como por parte dos entrevistados que compõem as partes estruturantes do presente livro, todos operamos com a modalidade da entrevista compreensiva cujo método direciona para um trabalho prévio de pesquisa, pensamento reflexivo, contextualização e dimensão analítica das questões apresentadas para cada pesquisador-entrevistado. Portanto, o entusiasmo, aprofundamento e compromisso dos entrevistados e entrevistadas para o empreendimento das respectivas entrevistas asseguram a importância acadêmica do presente livro para o cenário atual do jornalismo.

Os protagonistas-entrevistados em cena

Pudemos compreender até aqui a entrevista como conceito, como técnica, como gênero. O formato entrevista representa múltiplas dimensões para a academia e para o jornalismo. Pesquisadores,

pensadores e expoentes acadêmicos, os entrevistados deste livro refletem sobre o estado do jornalismo no século XXI, com suas potencialidades (advindas das mídias digitais e da esfera conversacional) e contradições, dilemas e problemas enfrentados diante de tantas mudanças estruturais. Desse modo, cada entrevista (e o conjunto destas) traz para o campo do jornalismo contribuição fundamental para refletir tais questões. Nos últimos dez anos o jornalismo como especificidade tem se expandido, na graduação e, principalmente, na pós-graduação, por meio dos programas em nível acadêmico e profissional. Nesse sentido, o campo tem tido condições de pensar os conceitos, teorias e práticas do jornalismo em busca de uma identidade e do enfrentamento de questões de ordem teórica e pragmática. Além das reflexões teórico-conceituais, o jornalismo também tem tentado se expandir em relação à pesquisa aplicada e inovação, especialmente nos mestrados profissionais em jornalismo.

Nas 14 entrevistas do livro *ESCUTAS sobre o JORNALISMO* (entre inéditas e reeditadas) o tema jornalismo é explorado na perspectiva ética, multiplataforma, de futuro e de transformações. Portanto, há no livro uma polifonia de vozes e de escutas sobre o jornalismo e suas dimensões. Não é novidade que o jornalismo vem passando por crises e por mudanças estruturais como, por exemplo, em relação à audiência. A professora doutora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Cláudia Quadros, na sua entrevista, analisa essas mudanças no jornalismo a partir do processo de convergência, e considera que a relação entre jornalistas e leitores está caminhando para um paradoxo quanto ao seu objetivo central, com a emergência das métricas, ou seja, a permanência da medição da audiência como critério de produção. A esse respeito, a autora salienta que “o compromisso do jornalismo é com o interesse público, mas o conteúdo produzido parece seguir uma nova ordem: o interesse do público”. Os modelos de negócios de jornalismo têm passado por uma “mercantilização da notícia” e por um jornalismo de métricas, que esquece o interesse público, como colocado pela entrevistada.



JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta compreensiva e problematizações contextualizadas

Em sintonia com essa discussão, a professora doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Raquel Paiva Soares afirma, em sua entrevista, que

[...] cada vez mais concretizamos a profecia do teórico francês Jean Baudrillard e cada vez mais vivemos num mundo que tudo, absolutamente tudo, se transformou em mercadoria.

Paiva também critica a condição no jornalismo de utilização do leitor no seu processo sem observância de critério:

Ao mesmo tempo em que [o jornalismo] está usando e abusando das redes sociais, colocando o leitor e ouvinte como autor e repórter ele está abrindo mão do seu lugar de produção da notícia.

Na mesma direção, o professor doutor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) Carlos Franciscato defende um olhar mais criterioso sobre a produção do público.

É perceptível que milhares de pessoas, com seu conhecimento de senso comum, acreditam produzir textos que se assemelham ao conteúdo jornalístico, mas, de fato, não serão jornalistas nem produzirão jornalismo, pois lhes falta expertise para a sua produção.

E complementa:

A tese de que agora “todo mundo é...” [jornalista, médico, advogado, engenheiro etc.] só porque as informações são mais acessíveis no mundo digital, e de que, com elas, podemos agir prescindindo da atuação dos especialistas tem, para mim, um alto componente de ingenuidade.

Já o professor doutor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) Fausto Neto compreende que novas forças emergem no campo jornalístico em relação à produção jornalística.

Os acontecimentos são consequências das forças das tecnologias que agora estão nas mãos tanto das instituições como dos atores sociais. Esta circunstância enfraquece, de um lado, o trabalho da mediação social confiado ao jornalista. E de outro, redesenha os elementos da racionalidade sobre as quais se edifica a noticiabilidade confiada a peritos de um determinado campo socioprofissional.

Um dos aspectos que emerge nas discussões contemporâneas sobre o jornalismo é a transformação oriunda da sociedade em rede com o processo de digitalização. Para o professor doutor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Marcos Palacios, um dos pioneiros dos estudos do jornalismo digital no Brasil, a questão da mediação e da capacidade de aprimoramento da produção jornalística está no ressurgimento da memória em formato dinâmico nas redes digitais.

Como consumidores podemos agora mais facilmente acessar essa informação passada. E o que isso produz? Produz uma maior contextualização do fato jornalístico, o que é um elemento fundamental para a qualidade do produto jornalístico. O que temos? Temos essa transformação de uma memória estática numa memória mais dinâmica, e de certa maneira, dado o grau de potencialização, isso é quase uma ruptura em termos da memória anterior.

Ou seja: as bases de dados disponíveis nas redes e o cruzamento desta por meio de *Big Data* e outros recursos do jornalismo ajudam a colocar a produção jornalística em outro patamar. Ainda nesse contexto digital e de mobilidade, o professor



JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta compreensiva e problematizações contextualizadas

doutor da Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) Eduardo Pellanda enfatiza que uma das características que demarcam a ambiência digital é a possibilidade da memória estar sempre *on-line* e disponível, mas que a grande quantidade de informação produzida força os meios a buscarem uma atenção maior da audiência:

Um dos principais pontos me parece que temos um ambiente midiático *always on*. Antes, tínhamos que convencer a audiência a adquirir ou sintonizar no nosso conteúdo. Hoje, este canal está aberto de forma permanente, mas há uma disputa enorme pela atenção. Outra questão é a rotina de consumo que acompanha o cotidiano do leitor, em um termo mais amplo de leitura. As pessoas se comunicam rapidamente e isso inviabilizou, por exemplo, o *Breaking News* como conhecíamos. A mobilidade amplifica e inaugura novas questões em relação aos nossos primeiros estudos sobre Jornalismo em ambientes digitais.

Os dados de relatórios internacionais demonstram que o consumo de notícias em mobilidade ou em dispositivos móveis - *smartphones* e *tablets* - tem aumentado exponencialmente, e, assim, esses dispositivos têm se tornado centrais na mudança de hábito de consumo. O professor doutor da Universidade da Beira Interior, de Portugal, João Canavilhas, é enfático sobre a perspectiva de visualizar o impacto das redes digitais e da mobilidade para o futuro do jornalismo, principalmente sobre os impressos, diante do cenário atual.

O jornalismo impresso, tal como o conhecemos hoje, nunca mais voltará a ser o mesmo. O mercado alterou-se com o aparecimento do jornalismo na *web* e do seu modelo gratuito de distribuição instantânea. A emergência dos dispositivos móveis só veio acelerar o processo que conduzirá inexoravelmente a imprensa diária ao desaparecimento.

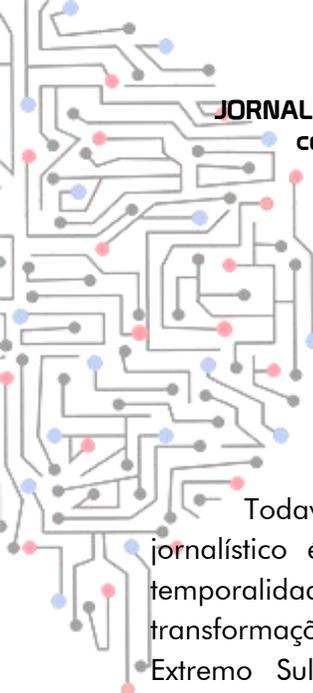
A pesquisadora doutora Juliana Colussi compartilha do mesmo pensamento:

Os dados apontam um crescimento no acesso do conteúdo digital via *smartphone* e *tablet*. Nesse sentido, pode-se dizer que os novos modelos de negócio de jornais e revistas passam por um processo de “rejuvenescimento”, em que os produtos oferecidos refletem claramente a tendência do público e dos anunciantes de migração para o meio digital. Isso pode significar a sobrevivência do jornalismo, mas não necessariamente a dos impressos.

Diante desse contexto, os pesquisadores têm demonstrado uma preocupação com o estabelecimento da especificidade do jornalismo, e com o lugar deste numa sociedade complexa de produção de notícia. É o caso do professor doutor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Eduardo Meditsch, que aponta como necessidade do campo repensar a teoria do jornalismo.

Ao se afastar do jornalismo para tentar apreender o fenômeno da comunicação como um todo, a área perdeu o foco teórico em questões fundamentais para a sua própria identidade, e o resultado é essa fragilidade conceitual no campo. Podemos tentar conceituar o Jornalismo como uma prática cultural específica, desenvolvida historicamente a partir da civilização ocidental, com o objetivo de identificar, descrever, contextualizar e divulgar fatos da atualidade relevantes para o autoconhecimento de uma sociedade em perpétua mudança.

Numa análise que aprofunda essas questões epistemológicas do campo do jornalismo e do cotidiano do ofício da profissão, o professor doutor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Wellington Pereira reforça que é preciso, de fato, repensar o jornalismo e sua práxis.



JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta compreensiva e problematizações contextualizadas

Do ponto de vista industrial, o jornalismo não tem mais como competir com as mídias digitais, em termos de velocidade de difusão da informação e de desmaterialização da estocagem de conteúdos. Não bastará, apenas, investigar para transformar as denúncias sociais em processo anunciativo-descritivo - os consumidores midiáticos estão saturados de informações referenciais, que são difundidas em velocidades nunca imaginadas pela sociedade ocidental.

Todavia, Pereira reflete que "o maior conflito [...] no campo jornalístico é o deslocamento das narrativas fora do contexto e temporalidade social". Diante da crise de identidade e das transformações em voga, o professor doutor da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) Demétrio de Azeredo Soster enxerga uma perda de centralidade discursiva do jornalismo na atualidade.

Se, há bem pouco tempo, na sociedade dos meios, o jornalismo, enquanto instituição, ocupava um lugar de relativa centralidade discursiva, hoje, se pensarmos a sociedade em processo de midiaticização, vamos encontrá-lo dividindo forças, e sendo tensionado neste processo, a todo momento, em decorrência de atravessamentos os mais diversos provocados por circuitos informacionais.

Além das circunstâncias que aparecem acima, a ética é uma das preocupações permanentes nessas discussões. Em período de *fake news*, de sensacionalismo e de vazamento de informações em operações como a Lava Jato, a ética jornalística é apontada como a salvaguarda e uma urgência para garantir ao leitor informações de qualidade e credibilidade, principalmente diante do que as redes sociais permitem em termos de propagação. Diante dessa conjuntura, o professor doutor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Rogério Christofolletti ressalta que a crise no jornalismo vai além dos modelos de negócios.

Vejo a crise de forma mais ampla. Não é apenas uma crise financeira, uma situação que coloca em xeque a sustentabilidade do negócio jornalístico. É também uma crise de confiança (que afeta a credibilidade do jornalismo como instituição), uma crise de governança (que atinge a forma como estabelecemos a gestão dos empreendimentos jornalísticos e sua relação com os públicos e demais grupos interessados) e uma crise existencial (que recai sobre o papel do jornalismo nas sociedades complexas contemporâneas).

Em sua entrevista, a professora doutora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Mirna Tonus compreende que o papel do jornalismo perpassa essa questão ética e de mediação.

A dimensão ética é, a meu ver, o mais importante dos pilares do jornalismo, ao lado da técnica e da estética. Posso cometer erros técnicos ou divulgar material com defeitos estéticos, apresentar um texto com falhas, uma imagem mal-capturada, sem nitidez, um vídeo ou áudio mal-editado, com ruídos, mas, se a ética estiver presente em todo o processo de produção, estará garantida a essência do jornalismo.

No Brasil, a crise política e de patrulhamento, a exemplo da escola sem-partido e do impedimento de realização de exposições e de manifestações artístico-culturais, a censura tem rodeado também o jornalismo. O jornalista Geneton Moraes Neto, em entrevista inédita realizada durante sua passagem por João Pessoa, em 2013, declara, a partir de sua experiência como um dos jornalistas de destaque do país e um dos principais entrevistadores da imprensa, sua preocupação com interferências no trabalho jornalístico que possam representar cerceamento.

Então, pra ser bem claro, eu sou contra qualquer iniciativa que possa influenciar na pauta jornalística, antes de ser publicada. Agora, depois de ser publicada, sinceramente eu não veria problemas, por exemplo, se se criasse (e talvez eu



JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta compreensiva e problematizações contextualizadas

esteja sendo otimista demais, já existem experiências no exterior), se houvesse um conselho livre de influências partidárias e políticas no qual o telespectador, o ouvinte, o leitor pudesse ser representado, um conselho ao qual se pudesse recorrer.

Em resumo, as entrevistas do livro compõem uma ESCUTA necessária do jornalismo, partindo da voz de pesquisadores e pensadores contemporâneos que colocam em evidência o debate sobre temas recorrentes na prática e na teoria do jornalismo - como questões de ética, de tecnologia, do fazer jornalístico, de especificidade do campo, entre outras dimensões. Cada entrevista e, principalmente, o seu conjunto, oferece ao leitor oportunidade de diálogo com pesquisadores com ampla produção acadêmica e contribuições relevantes para o pensamento contemporâneo sobre o jornalismo. Portanto, temos em mãos um livro cujo público-alvo é amplo, envolvendo alunos, professores e pesquisadores da graduação, da pós-graduação e de jornalistas nas redações, além de outros públicos que pretendam refletir sobre o jornalismo do passado, do agora e do futuro. É, pois, um grande testemunho dialogal que traz para o centro dos debates o jornalismo como ele é: frágil, em crise, mas, ao mesmo tempo, desafiador e pleno de potência, nessa chamada era tecnológica. É a escuta de um jornalismo filho de uma democracia que, em nosso país, é frágil, imperfeita, necessitando de uma esfera pública de opinião competente e equilibrada.

Por fim, é importante reiterar que o livro *ESCUTAS sobre o JORNALISMO* é, então, fruto dessa conjunção interpretativa de olhares marcadamente subjetivos de pesquisadores-entrevistados que trabalham no campo do jornalismo em diferentes universidades do Brasil e do Exterior. Conforme assinalamos, a obra em si está revestida de um exercício de escuta apurada, com o direcionamento de questões voltadas para o campo de saber de cada pesquisador-entrevistado, na condição de fonte de informação especializada, domínio crítico sobre a práxis jornalística e atuação profissional em

Fernando Firmino da SILVA • Joana Belarmino de SOUSA • Pedro NUNES

Programas de pós-graduação em Comunicação ou Jornalismo. Há, então, uma dimensão METAjornalística exercitada intencionalmente pelos pesquisadores-organizadores do livro, no sentido de que o conjunto das entrevistas aqui disponibilizadas pudessem evidenciar elementos que se referissem ao próprio campo de atuação, destacando fatos e notícias relevantes, aprofundando sua compreensão sobre as rotinas, processos de produção, manipulação e disponibilização de conteúdos jornalísticos produzidos por empresas jornalísticas, ou por uma pluralidade de jornalistas.

Desse modo, o JORNALISMO é o objeto principal de reflexão presente nesse conjunto de entrevistas realizadas com protagonistas que lidam diretamente com as complexidades, contradições, interesses, parcialidades, disputas e paradoxos que envolvem o jornalismo enquanto memória pública. A dimensão METAjornalística do livro também se manifesta ao adotarmos o procedimento da entrevista não exclusivamente com a finalidade de coletarmos informações interpretativas, mas, sim, de complexificarmos as várias questões transdisciplinares imanentes ao jornalismo, ou que o atravessam.

Temos ciência da sua natureza de obra inacabada, mas sabemos da riqueza das contribuições aqui enfeixadas, e das reverberações que tais contributos podem suscitar: nas salas de aulas, nos congressos e nos diversos usos que se fizerem dessa nossa escuta sobre o Jornalismo.

Referências

- CAPUTO, Stela Guedes. Metaentrevista com Muniz Sodré. *In*: CAPUTO, Stela Guedes. **SOBRE ENTREVISTAS** – Teoria prática e experiências. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 167.
- CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. Estratégias, Procedimentos e Formatos. *In*: MAROCCO, Beatriz (Org.). **ENTREVISTA NA PRÁTICA JORNALÍSTICA E NA PESQUISA**. Porto Alegre: Libretos, 2012.



**JORNALISMO E A PEDAGOGIA DAS INDAGAÇÕES: fontes, escuta
compreensiva e problematizações contextualizadas**

DANTAS, Audálio. **TEMPO DE REPORTAGEM**: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro. São Paulo: Leya, 2012.

D'ESPÍNDULA, Thereza Salomé; FRANÇA, Beatriz Helena Sottile. Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade. **REVISTA BIOÉTICA**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 495-502, set./dez. 2016.

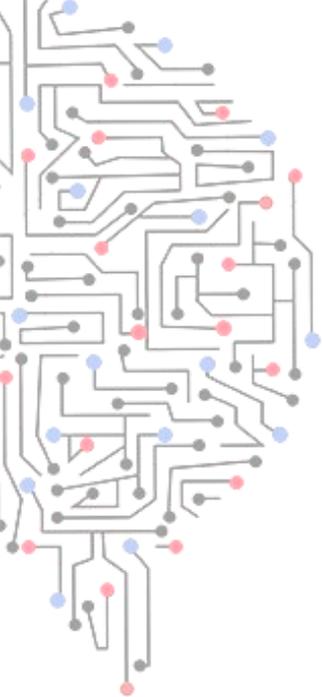
DOSSIÊ 50: comício a favor dos naufragos. Direção: Geneton Moraes Neto. Produção: Rodrigo Bodstein. Rio de Janeiro: GloboNews, 2013. 1 DVD (81 min.), color.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **SAÚDE E SOCIEDADE**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 979-92, jul./set. 2014.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **ENTREVISTA**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2011.

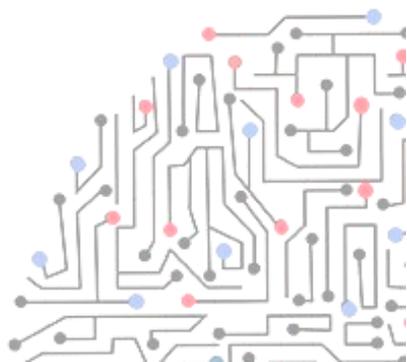
MORAES NETO, Geneton. **DOSSIÊ 50**: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Maquinária, 2013.

TALESE, Gay. **FAMA E ANONIMATO**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



PARTE I

ENTREVISTAS INÉDITAS



JORNALISMO: razão efêmera

Wellington PEREIRA¹
Universidade Federal da Paraíba

ÂNCORA

Os jornalistas ressignificam os acontecimentos através de diferentes construções narrativas, que revelam subjetividades. De certa forma, os profissionais da imprensa atribuem sentidos aos fatos recortados da atualidade. **Diante dessa afirmação, o senhor poderia nos conceituar o que é JORNALISMO tendo por base a sua caminhada acadêmica na área?**

Wellington PEREIRA | O jornalismo, a partir do século XVII, se configura como narrativa hodierna do mundo moderno. Tem a pretensão de ser uma prosa do mundo. Isso o faz um campo de narrativas que, em princípio, se caracteriza como uma hermenêutica laica, maneira de explicar as formas da vida cotidiana. Então, podemos pensar que o jornalismo pode ser definido como um conjunto de narrativas que apresentam os fatos sociais e as formas (aqui no sentido de ideias) legitimadores das ações sociais. O jornalismo é uma oficina de acontecimentos sociais.

O problema está na maneira como o jornalismo passou a ser “inscrito” na sociedade moderna, a partir do predomínio da razão

¹ JORNALISTA. Doutor em Sociologia pela Université Paris Descartes (1999). Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1989). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: relações entre jornalismo e mídia, jornalismo literário, mídia e cotidiano. Coordena desde 2002 o Grupecj- Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo. Autor dos livros: **Observatórios de mídia - olhares da cidadania** (2008), **Catálogo Ilustrado da Vertigem Humana** (2012), **Crônica: a arte do útil e do fútil** (2014), dentre outros. Possui diversos artigos publicados, entre eles: A construção do afeto no jornalismo impresso (jornalismo a more geométrica) (2013) e Seis leituras heurísticas para análise jornalística (2014). Atuou como professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba no período de 2008 a 2017 com atuação na linha de pesquisa Mídia, Cotidiano e Imaginário.

instrumental. Ele se distanciou de um projeto estético da burguesia, no que ele tem de positivo – como o romance, o cinema – para se transformar em técnica de anúncio dos fatos. A oficina de acontecimentos sociais perdeu o caráter de artífice da vida cotidiana para se tornar instrumento auxiliar da veiculação de bens simbólicos. Para tanto, o jornalismo adotou um modelo de interpretação do mundo da vida fechado, incapaz de perceber a cotidianidade dos sujeitos fora do sistema capitalista como algo positivo, mas como algo da ordem das disjunções sociais.

O jornalismo como oficina de acontecimentos, no mundo contemporâneo, nega a complexidade social, adota demarcações narrativas que têm como principal objetivo preencher os fragmentos do tempo factual. Nesse sentido, o jornalismo se afasta da compreensão e, pretensiosamente, adota a explicação como forma de narrar o mundo. Assim se torna uma hermenêutica (modelo interpretativo) fechada. Contraditoriamente, essa oficina de acontecimentos se distancia de uma ciência que estuda os fatos: a heurística. Ela não consegue se aproximar das ciências humanas a não ser quando anuncia objetos, ou fatos estéticos, transformados em bens simbólicos ou espetáculos.

Mas podemos pensar o jornalismo como oficina de acontecimentos que desafia as exegeses modernas.



Em sua concepção, a essência do JORNALISMO envolve a dimensão ética?

Wellington PEREIRA | A meu ver, a essência do jornalismo está no conflito de linguagens em um mesmo espaço físico ou digital. A ética é a prática de harmonizar os conflitos linguísticos ou semióticos, na busca de construir sentidos através da polifonia de vozes. Nesse sentido, a ética no jornalismo se exerce em dois níveis: 1) no nível das narrativas, uma ética da estética; 2) no nível profissional, uma deontologia. Nesse segundo nível, o mais aparente quando se discute

JORNALISMO: razão efêmera

em debates o que seria uma ética jornalística, podemos dizer que o exercício ético-profissional do jornalista está ligado à *Ética a Nicômaco* de Aristóteles (Livro V), no qual se discute o que é justo ou injusto e quais são suas origens sociais.

O jornalista profissional vive, cotidianamente, esse dilema de ser justo em um mundo injusto, ou ser injusto quando procura punir as falsas justiças. Mas esse exercício entraria como parte da essência do jornalismo como oficina de acontecimentos, pois envolve todo o coletivo de profissionais e a regulamentação da profissão. Mas é apenas uma parte.

A outra questão é: exercitar uma ética da estética. Isso quer dizer: toda forma narrativa no jornalismo deve ser causa adequada, não deixando transparecer “falhas ontológicas”, ou seja, erros na concepção de forma e conteúdo capazes de prejudicar a compreensão humana do social. Assim, é muito importante que, além da exigência deontológica (a ética profissional), haja sempre a verificação de uma ética da estética para se constatar, ou não, se há fraudes na reprodução dos imaginários sociais através das narrativas jornalísticas. Portanto, a ética da estética é a essência da oficina de acontecimentos que é o jornalismo.

ÂNCORA

Quais outras dimensões envolvem a práxis jornalística?

Wellington PEREIRA | O conceito de práxis coloca o jornalismo, enquanto oficina de acontecimentos, numa dimensão dialética. Mas, na maioria das vezes, calcado numa hermenêutica explicativo-argumentativa do mundo o jornalismo não supera as condições e as relações de produção de acontecimentos. Tampouco, como uma boa oficina, conserta acontecimentos distorcidos pela razão instrumental anunciativa. Aqui, a práxis pode ser entendida por *phronesis*, palavra que significava saber prático para os gregos. Mas o jornalismo não é apenas um ofício, muito menos exercita uma consciência do mundo

de modo a revelar a conjunção entre mundo das ideias e mundo sensível, o que alimentaria a ideia de uma “práxis”. Mas o desafio é perceber que há várias “províncias de significados”, de acordo com Alfred Schütz em sua Fenomenologia da Comunicação², capazes de revelar a força simbólica alimentada no campo jornalístico. Essa nova dimensão é da ordem da escrita — a escrita aqui pensada como método de interpretação do social, ou como descrição densa, de acordo com o antropólogo Clifford Geertz³.

O jornalismo precisa renovar a forma de se inscrever no mundo e escrever sobre os fatos do mundo da vida. Diríamos: a nova dimensão narrativa do jornalismo deve ser próxima às revoluções metodológicas efetivas na Física, na História, na Antropologia, na Educação; ou seja, ser dialógico, juntar o todo, sem trabalhar apenas os efeitos, mas as causas. Reforçar a ideia de que há conexões entre causa material, causa forma, causa eficiente e causa final — as causas aristotélicas — em cada sequência de enunciados. Esta é uma nova dimensão que devem tomar as narrativas jornalísticas.

ÂNCORA

Na condição de pesquisador, quais os principais conflitos e paradoxos que atravessam o CAMPO do JORNALISMO enquanto instância midiática de poder, manipulação e de agenciamento do conhecimento que habitualmente prioriza o tempo presente?

Wellington PEREIRA | Sem sombra de dúvidas, o maior conflito que vejo no campo jornalístico é o deslocamento das narrativas fora do contexto e temporalidade social.

O jornalismo trabalha com a ideia da distopia e da acronia. Enfatiza o perigo ideológico de alguns movimentos sociais, mas os coloca sem

² Destacamos a seguinte obra a que se refere o entrevistado: SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

³ Entre as várias obras desse autor, sugerimos duas para leitura: GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2000; e GEERTZ, Clifford. **Atrás dos fatos: dois países, quatro décadas, um antropólogo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

JORNALISMO: razão efêmera

um contexto determinado (distopia) e fora do tempo social (acronia). Nesse sentido, o jornalismo recorta o mundo de tal forma que a realidade nos parece de forma incompleta, e precisando sempre de um sistema explicativo argumentativo. Mas quem fornece os argumentos, as explicações? O discurso jornalístico, a partir do seu sistema perito. Isso nos faz lembrar Max Weber quando, em sua crítica à modernidade, afirma que temos uma sociedade de “especialistas sem inteligência, hedonistas sem coração”. Ora, o grande desconforto produzido pela maioria das narrativas jornalísticas é justamente substituir o simulacro pela simulação, o simples pela simplificação. Tanto o simples quanto os simulacros têm origens icônicas e indiciais, são verdadeiros. A simulação e a simplificação são da ordem do falseamento. Isso é o que pode haver de mais grave em uma narrativa que pretende ser a prosa do mundo: falsificar realidades. Esse tem sido o grande conflito de produção de informações no campo jornalístico.

ÂNCORA

Há uma certa histeria e tendenciosidade por parte da grande imprensa e de determinadas coberturas jornalísticas ao tratarem de temas complexos, a exemplo do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2016) e da produção de notícias pautadas na Operação Lava Jato?

Wellington PEREIRA | Nesse caso a cobertura da imprensa tem sido horrível porque se investiu mais na estereotípia, que esvazia a política e a coloca como algo fora do social — o social entendido como algo que se movimenta dentro da sociedade. Novamente, precisaríamos voltar a Max Weber e ao seu texto *Sociologia da Imprensa*, escrito na década de 1910, no qual demonstra a necessidade da criação de um campo de pesquisa para se estudar as relações entre a imprensa e o parlamento. Esse texto é seminal. No caso do Brasil da Lava Jato, há o problema da construção de um herói que vem do mundo jurídico, os corruptores que são citados como financiadores de campanha,

mas dentro de um espírito do bom burguês, mas que é capaz de destruir tudo para realizar seus projetos de “modernidade”, como está escrito no livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, e, no nível mais violento das estereotípias, o preconceito contra um partido que se aproximou dos anseios das classes mais pobres, o PT.

Evidentemente, o golpe institucional contra a presidente Dilma faz parte desse mosaico informativo. Mais uma vez o problema da distopia (não há mais lugar para políticos) e da acronia (de que tempo social estamos falando?). A sociedade fica sem entender tudo isso porque a mídia argumenta, mas não é capaz, e não quer que sejamos capazes, de compreender esses fatos com clareza. Tudo fica no campo da estereotípiia.

ÂNCORA

Como, então, circunscrever a prática do JORNALISMO INVESTIGATIVO ao tratamento desses acontecimentos tão complexos, que integram o nosso cotidiano e que merecem acuidade interpretativa por parte dos profissionais e organismos da imprensa?

Wellington PEREIRA | Esse é um problema de ordem metodológica, tanto do ponto de vista do jornalismo oficina de acontecimentos, quanto do jornalismo enquanto rol de disciplinas acadêmicas. Do ponto de vista industrial, o jornalismo não tem mais como competir com as mídias digitais, em termos de velocidade de difusão da informação e de desmaterialização da estocagem de conteúdos. Não bastará, apenas, investigar para transformar as denúncias sociais em processo anunciativo-descritivo — os consumidores midiáticos estão saturados de informações referenciais, que são difundidas em velocidades nunca imaginadas pela sociedade ocidental. Isso nos faz lembrar do filósofo [Gianni] Vattimo, dos sociólogos engajados na denúncia da crise pós-moderna, como [Zygmunt] Bauman, que trata da aceleração do tempo social, ou de uma hipermodernização, como atesta [Gilles] Lipovetsky. O jornalismo vai ter que modificar, como disse anteriormente, a forma de se inscrever no mundo e de escrever

JORNALISMO: razão efêmera

sobre o mundo. A saída está na modificação de uma hermenêutica descritiva para uma hermenêutica compreensiva. Para que o consumidor compre uma mercadoria como a informação jornalística, a partir desta segunda metade do século XXI, é preciso que ela seja sustentável dos pontos de vista antropológico, sociológico e estético. Para se atingir este nível no jornalismo é preciso haver uma modificação no modo de produção, nas relações de trabalho e na formação do profissional-jornalista na indústria da informação. Serão exigências de uma nova geração de leitores que ampliou as fronteiras dos significados sociais. A saída é buscar uma hermenêutica (modelo interpretativo) de compreensão dos fatos, muito mais do que a denúncia.

ÂNCORA

As notícias falsas (*fake news*) **não são acontecimentos exclusivos de nossa "modernidade líquida"**. Remontam as intrigas fabricadas por jornais e revistas de séculos passados. Sempre afirmamos que as *fake news* colocam em risco a credibilidade da informação ao inventarem acontecimentos inexistentes, ou deturparem a realidade dos fatos. As falsas notícias, os fatos inventados e os boatos incorporados à notícia enquanto manipulação geram desinformação e soterram a própria ética no jornalismo. Podem resultar em danos morais para terceiros e até gerar interferências em resultados eleitorais, mercados financeiros, abalo de credibilidades, entre outros. Trata-se de um processo de manipulação que mascara a realidade dos fatos. No século XIX, ao longo dos anos 1860, Theodor Fontane juntou-se ao jornal alemão ultraconservador *Kreuzzeitung* para realizar coberturas jornalísticas e relatos pessoais que, posteriormente, foram comprovados como notícias falsas, ou "não notícias". Essa discussão é, então, recorrente ao nascimento do jornalismo. Na atualidade, o ambiente das redes sociais com configurações multiplataforma, as transmissões ao vivo e a produção de conteúdos colaborativos com a utilização de dispositivos móveis favorecem a multiplicação de conteúdos falsos.

Alguns artigos já sinalizam que a campanha presidencial norte-americana de 2016 que elegeu Donald Trump pode ter sido favorecida pela avalanche de notícias falsas beneficiando o atual ocupante da Casa Branca. **Por favor, discorra sobre as notícias falsas (*fake news*), jornalismo, sensacionalismo, fontes, sigilo das fontes e checagem da informação.**

Wellington PEREIRA | Tudo isso nos remete à noção de pós-verdade, sobre a qual alguns filósofos contemporâneos, ou estudiosos da mídia, têm se debruçado. É uma questão muito complexa. Mas há na tradição filosófica ocidental essa desconfiança sobre o que se diz, ou se apresenta, enquanto verdade. O famoso debate entre Kant e Benjamin Constant sobre o direito à mentira representou um dos arquétipos desse problema. Quanto à cultura das *fake news*, me parece legítimo pensar que ela é uma reação à *realpolitik* exercida pelos governos totalitários, tanto à esquerda quanto à direita. Mas é também um problema de interpretação metodológica. Há 15 anos, na UFPB, venho trabalhando com os meus orientandos no Grupecj (**Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo**) com a corrente do Interacionismo Simbólico, que é um dos paradigmas de interpretação das relações entre mídia e cotidiano. O Interacionismo Simbólico de [Erving] Goffman nos ajuda a perceber a necessidade do emprego de máscaras na condução dos fatos cotidianos. Ora, a ideia de persona, bem trabalhada nas ciências sociais por Jean Duvignaud, mostra que esta herança grega do emprego das máscaras é um dos ardis para sobreviver à violência das realidades construídas. O problema, agora, é que as máscaras não têm apenas a função instrumental, mas elas são funcionais. São usadas, tecnicamente, para combater outras máscaras, como a riqueza financeira das grandes nações, impostas por modelos políticos dominantes. Isso é instrumental, funcional, tem legitimidade técnico-retórica. É mais poderoso que o simples *fait-divers*, o recurso que jogava as antinomias sociais para o campo do insólito e do grotesco.

JORNALISMO: razão efêmera

O *fake* é uma forma de poder que precisa de análise, mas não o considerando falso do ponto de vista da moral, mas de uma ética da estética, porque pode se tornar algo criminoso.

ÂNCORA

A IMPRENSA comete erros e nem sempre corrige os seus próprios erros. O uso do "Erramos" é insuficiente para a correção de reportagens danosas a determinadas pessoas, individualmente, ou à sociedade como um todo. **Na sua opinião, como o senhor analisa o comportamento da IMPRENSA em relação aos erros cometidos em reportagens, ou até mesmo em posicionamentos editoriais equivocados?**

Wellington PEREIRA | O "erramos" mais parece uma meia-embreagem linguística. Ele pode corrigir erros sintáticos — de certa forma, erros materializados no processo de como se anunciou o fato. Mas, dificilmente, corrige erros conceituais, erros que podem levar anos e anos para serem devolvidos ao seu campo de significado natural. No meu livro *O Beijo da Noiva Mecânica* (2002) afirmo que uma das profissões do futuro será exercida por um profissional que irá corrigir informações. Por quê? Porque, no espaço urbano, a maioria das pessoas detêm o mesmo nível de informação, no sentido da enunciação jornalística. O que elas não têm, e não desconfiam, é a origem e complexidade — aqui no sentido do Complexus de Edgar Morin — que tornam essas informações plausíveis. Durante a minha pesquisa para o doutorado (*Le Quotidien Voilé – le magazine brésilien Veja et le gouvernement Collor de Mello*), descobri o quanto é difícil perceber e corrigir erros conceituais em reportagens jornalísticas. Por exemplo, numa visita à Volta Redonda, cidade do Estado do Rio de Janeiro, Collor de Mello, então candidato à Presidência da República, foi agredido por um grupo de eleitores de Brizola. A revista *Veja* usou o seguinte enunciado: "Os eleitores de Brizola são o Lupemproletariado da Política". Ora, este é um conceito

sociológico. O leitor deve ter pensado que Lumpemproletariado significa, também, baderneiros. Portanto, o “erramos” se limita a corrigir a parte material do discurso, os significantes, mas não é eficaz do ponto de vista conceitual.

ÂNCORA

Qual seria a saída para a reconquista de um jornalismo que fortaleça, de fato, a opinião pública e as democracias? Ou será que a prática de um JORNALISMO efetivamente cidadão continua sendo uma utopia? Ainda há espaço para o JORNALISMO contar boas histórias, e ainda cumprir aquele ideal clássico de fortalecimento das democracias?

Wellington PEREIRA | O jornalismo, como oficina de fabricação de acontecimentos, não é capaz de realizar essa tarefa isolada do processo educacional. É preciso que haja uma modificação radical na maneira de pensar a mídia em relação à sociedade brasileira. Começaríamos a repensar o papel do jornalista que, ainda hoje, se comporta de maneira diferenciada do restante da sociedade. Os formadores de opinião na imprensa brasileira, na maioria das vezes, trabalham como assessores dos poderes e usam uma linguagem cifrada para manter os privilégios das corporações. Este é um problema educacional, que envolve, inclusive, uma educação para as mídias, no sentido de preparar as crianças, através de currículos que contemplem a leitura e análise de imagens sons, noções que possam diferenciar informação de conhecimento, para o enfrentamento das linguagens midiáticas. Ao invés de discriminar se faz necessário educar, para que o convívio com emissões midiáticas não seja confundido com o saber científico e lúdico transmitido em sala de aula. A educação de boa qualidade exige que o jornalismo respeite a cidadania. Esta é uma das funções das Ciências Humanas: demonstrar que a mídia não controla a complexidade do mundo da vida.

ÂNCORA

O JORNALISMO tem convivido em suas coberturas, em decorrência do processo tecnológico, com a quebra de alguns protocolos convencionais. Podemos mencionar a utilização de aplicativos de transmissão ao vivo como *Periscope*, *Facebook Live*, câmeras de dispositivos móveis, uso de *drones*, entre outras possibilidades. **Qual sua concepção? Em que medida fortalecem a identidade do campo profissional dos jornalistas ou flexibilizam o conceito do que é jornalismo?**

Wellington PEREIRA | Esta questão nos remete a três filósofos contemporâneos: Martin Heidegger, Jürgen Habermas e Giorgio Agamben. Todos eles se preocupam (ou se preocuparam, no caso de Heidegger), com a supremacia das tecnologias sobre a técnica: Habermas demonstra que toda técnica é ideológica; Heidegger, que a técnica não está na técnica, mas nas ramificações que ela cria; Agamben, como o Estado produz técnicas que geram exceções ligadas ao exercício do poder. Ora, essas ferramentas não modificam a essência do ser, desde que este não se sinta assujeitado, ou utilize as novas tecnologias apenas como consumidor. Assim, cabe ao profissional investir na sua formação e [fazer com] que esta seja capaz de fortalecê-lo como sujeito no mundo (o ser-aí de Heidegger), através de uma hermenêutica da compreensão. Mas poderíamos pensar que as tecnologias, na pós-modernidade, têm escondido o caráter antropológico das técnicas, pois toda sociedade, por mais primitiva que seja, tem uma técnica e uma linguagem codificadas. O problema é usar essas ferramentas como metafísicas acabadas, fim do percurso realizado pelo ser social. A identidade do jornalismo, ou do jornalista, será cada vez mais preservada se for deixada de lado a razão instrumental, e for exercitada uma astúcia da razão que recupera a força do pensamento comunicacional, como atesta o pensador francês Louis Wolton.

ÂNCORA

As transformações tecnológicas e de mobilidade no jornalismo inevitavelmente recaem sobre a prática jornalística. O jornalista, cada vez mais, precisa lidar com uma condição multitarefa e de produção multiplataforma. **Que desdobramentos essa condição do jornalista atual pode trazer para o profissional do jornalismo e para a qualidade do conteúdo produzido, se considerarmos essa multiplicação de funções e as exigências pela velocidade?**

Wellington PEREIRA | Será cada vez mais difícil formar pessoas para trabalhar no campo jornalístico. Hoje, falamos muito mais em produtores de conteúdos multimídias do que em jornalistas no sentido vetusto do termo. Evidentemente, essa discussão passa pela seguinte questão: que modelo narrativo os consumidores midiáticos do contemporâneo exigem? Esse impasse, de certa forma, ainda é herdeiro da modernidade e está codificado no texto de Walter Benjamin *O narrador*. Com a aceleração do tempo social pelas novas tecnologias o jornalista não pode ser um narrador sedentário, muito menos viajador – no sentido daquele que volta à aldeia para narrar o mundo externo. Também não pode seguir o modelo do narrador Marco Polo em *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino. Ele vai ter que usar, no sentido de Henri Bergson, a intuição como método (outro tema que tenho trabalhado no meu grupo de pesquisa, o Grupecj) para alimentar o imaginário dos grupos sociais. Por isso, a sua formação estará mais próxima dos antropólogos, da antropologia do imaginário de Gilbert Durand, da sociologia compreensiva de Max Weber, Georg Simmel, Michel Maffesoli e Gilberto Freyre. Não será suficiente, apenas, descrever os referentes sociais.

ÂNCORA

Que autores e principais obras bibliográficas o senhor destaca para complexificarmos as construções teóricas sobre o JORNALISMO?

JORNALISMO: razão efêmera

Wellington PEREIRA | Eu tenho procurado estudar a aproximação do jornalismo com o que chamo de Compreensão do Social, que se ergue através da Fenomenologia de [Edmund] Husserl, Heidegger, e da Fenomenologia da Comunicação de Alfred Schütz. Ao mesmo tempo, procuro demonstrar a importância de todas as sociologias para o estudo do jornalismo, mas tenho me dedicado à Sociologia do Cotidiano de Michel Maffesoli, às Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand, aos estudos sobre a imaginação e a intuição em Henri Bergson e às questões sobre o tempo. Mas o importante é que essa gama de autores não deve estar acima dos fenômenos que investigamos na mídia e nos jornais paraibanos. Por exemplo, o Grupecj já publicou 10 livros sobre os jornais paraibanos. Um deles trata da forma como o corpo humano aparece nos jornais impressos paraibanos. Para desenvolver essa pesquisa, alargamos o escopo bibliográfico e trabalhamos com alguns especialistas sobre o corpo em sociedade, como *La Coutine*. As bibliografias não devem sufocar o objeto de pesquisa.

ÂNCORA

Destaque as suas principais contribuições acadêmicas teórico-aplicadas em termos de livros, pesquisas realizadas, artigos, conceitos formulados e orientações acadêmicas que fortaleçam o CAMPO DO JORNALISMO.

Wellington PEREIRA | Edgar Morin diz que o pesquisador deve ter sua *Themata* – a paixão pelo objeto pesquisado. A minha *Themata* é o jornalismo. Talvez como contribuição mais importante para o mundo acadêmico seja a criação do Grupecj (Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo), em 2002, na Universidade Federal da Paraíba, e a publicação de livros coletivos com os membros do grupo enquanto autores. Depois, tenho escrito artigos e ensaios respeitando a minha pesquisa de doutoramento, que continua sendo estudar as relações entre cotidiano, imaginário e mídia (CIM). O importante é manter essa linha para incentivar a formação de uma nova geração

de pesquisadores no campo do jornalismo, sobretudo do “jornalismo impresso” – algo difícil, mesmo nos programas de pós-graduação. Enquanto contribuição metodológica, tenho trazido alguns filósofos como Spinoza, por exemplo, para dialogar com as narrativas jornalísticas. Isto tem me causado prazer e satisfação.

ÂNCORA

Os cursos de graduação em Jornalismo e os programas de pós-graduação em Jornalismo e Comunicação têm dado conta da complexidade da formação dos novos profissionais que atuam no jornalismo? Qual o papel da universidade em um contexto de formação acadêmica que envolva as dimensões da ética e cidadania?

Wellington PEREIRA | Considero muito positiva a formação dos novos profissionais no âmbito dos cursos de graduação e pós-graduação. No mínimo, nesses programas se aprende que ética e estética não se separam. Mas o preparo da maioria dos professores é fundamental para que o conhecimento não seja exercido através de uma razão instrumental. Acho que esse paradoxo foi vencido com o auxílio da cultura em redes. Os professores são desafiados, e devolvem o desafio através de programas cada vez mais criativos, no sentido etimológico – da teoria do conhecimento. Assim, se descobriu que o bom conhecimento é aquele que gera conexões. As escolas de jornalismo não tratam mais de um ofício, mas de artífices – no sentido positivo- que devem aprender a “manusear” várias linguagens. Nesse sentido, a pós-graduação é de grande importância, pois nela se aprende a montar, desmontar, reconstruir conceitos que, às vezes, foram forçados pela tradição positivista, ou pela hermenêutica explicativa da modernidade.

ÂNCORA

De modo mais projetivo, como o senhor imagina o cenário FUTURO PARA O JORNALISMO?

JORNALISMO: razão efêmera

Wellington PEREIRA | O jornalismo, como o romance e o cinema, é um projeto estético da burguesia. Há uma frase lapidar de Machado de Assis: “Nada fez tremer a aristocracia mais que o jornal burguês”. A partir dessa assertiva, julgo prematuro anunciar a morte do jornalismo, como o fazem alguns teóricos. Ora, mesmo o jornalismo impresso não irá morrer tão cedo, pois a sua arquitetura é predominante nos formatos digitais. O jornal burguês está para a pós-modernidade, em sua estrutura, como as catedrais estiveram para a Idade Média. A grande mudança será do ponto de vista metodológico, na forma de recortar os fatos sociais, enunciá-los e fazer com que os consumidores midiáticos possam alcançar um nível de compreensão dos fatos sociais sem o empobrecimento de seus imaginários. O jornalismo do futuro vai produzir narrativas que evidenciem os conflitos éticos, estéticos, revelem os maneirismos sociais no tocante à doutrina política, porque o que vai estar em jogo é a vida em um planeta que poderá estar em perigo por conta de uma economia conspícua. Vamos ter narrativas mais antropológicas. Mas isso a pós-modernidade já vem indicando, através de uma busca pela razão sensível.



Produções Bibliográficas

Wellington PEREIRA

Principais Livros

ALBUQUERQUE, A. K. (Org.); RIBEIRO, Bruno (Org.); LIMA, Geanne (Org.); OLIVEIRA, Joelma da Silva (Org.); PEREIRA, W. J. O. (Org.); MARTINS, J. (Org.). **LOGOS MIDIÁTICO** - diálogos sobre pesquisa em mídia e cotidiano. 02. ed. João Pessoa: Editora Ideia, 2016. v. 01. 296p.

PEREIRA, W. J. O.; **CRÔNICA**: arte do útil e do fútil. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. v. 1. 163p.

PEREIRA, W. J. O.; LIMA, G. (Org.); OLIVEIRA, Joelma da Silva (Org.). **DICIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO DO COTIDIANO** - vozes no papel: cartografia de ideias no jornalismo impresso. 1. ed. João Pessoa:

Marca de Fantasia, 2014. v. 1. 131p.

PEREIRA, W. J. O.; **LE QUOTIDIAN VOILÉ** - l'affaire Collor de Mello da le magazine brésilien Veja. 1. ed. João Pessoa: Editora Ideia, 2013. v. 1. 180p.

PEREIRA, W. J. O.; ROUANET, Sergio Paulo; COSTA LIMA, Luis; MONTOIA, Ana; FILHO, Alexandrino. **MONTAIGNE E SEU TEMPO**. 1. ed. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2012. v. 1. 305p.

MARQUES DE MELO, José; DALLA COSTA, Rosa Maria; FONSECA, J.; PEREIRA, W. J. O.; **PARADIGMAS BRASILEIROS EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO**-Coleção Memórias-Volume 5-intercom. 1. ed. São Paulo-SP: Intercom, 2012. v. 5. 588p

Principais Artigos Publicados

PEREIRA, W. J. O.; SÁ, Giovanni Alves Duarte. Ethos e afetos no contexto do discurso político. **TEMÁTICA** (João Pessoa. Online), v. v, p. 7, 2017.

PEREIRA, W. J. O.; NÓBREGA, Nyanne Medeiros. As cidades e suas linguagens contra o Leviatã. **MÍDIA E COTIDIANO**, v. 6, p. 1-9, 2015.

PEREIRA, W. J. O.; NÓBREGA, Nyanne Medeiros. As ruas nas tais fotografias não estavam nuas: análise da iconografia das manifestações junho 2013 no jornalismo impresso. **TEMÁTICA** (João Pessoa. Online), v. 11, p. 1, 2015.

PEREIRA, W. J. O. Seis leituras heurísticas para análise jornalística. **CULTURAS MIDIÁTICAS**, v. II, p. 22, 2014.

PEREIRA, W. J. O. Do códice ao cóccix: anatomia do livro na pós-modernidade. **VERBO**, v. II, p. 36, 2014.

PEREIRA, W. J. O. A construção do afeto no jornalismo no jornalismo impresso (jornalismo a more geométrico). **CULTURAS MIDIÁTICAS**, v. VI, p. 8, 2013.



O JORNALISMO COMO PRÁTICA CULTURAL DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Eduardo MEDITSCH¹
Universidade Federal de Santa Catarina

ÂNCORA

Os jornalistas ressignificam os acontecimentos através de diferentes construções narrativas que revelam subjetividades. De certa forma, os profissionais da imprensa atribuem sentidos aos fatos recortados da atualidade. **Diante dessa afirmação, o senhor poderia nos conceituar o que é JORNALISMO tendo por base a sua caminhada acadêmica na área?**

Eduardo MEDITSCH | Por incrível que pareça, a área acadêmica de jornalismo, que já tem mais de um século de existência, não possui ainda um conceito de jornalismo consensuado. Esta falha diz muito sobre o acidentado desenvolvimento histórico de nossa área acadêmica, que é o tema do meu estudo atual. Ao se afastar do jornalismo para tentar apreender o fenômeno da comunicação como um todo, a área perdeu o foco teórico em questões fundamentais para a sua própria identidade, e o resultado é essa fragilidade conceitual no campo. Podemos tentar conceituar o Jornalismo como uma prática cultural específica, desenvolvida historicamente a partir da civilização ocidental, com o objetivo de identificar, descrever, contextualizar e divulgar fatos da atualidade relevantes para o

¹ JORNALISTA. Doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal (1997). Pós-doutorado realizado na University of Texas at Austin (2011). Mestre em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1990). Membro da Comissão Externa de aconselhamento científico do Centro de Investigação, Mídia e Jornalismo, CIMJ, Portugal. Membro da Comissão de Especialistas em Ensino de Jornalismo da Secretaria de Educação Superior do MEC (2009). Participação na Comissão de Avaliação Trienal da Capes na Área de CSA 1 (2014).

autoconhecimento de uma sociedade em perpétua mudança. Mas a palavra jornalismo é polissêmica, e diz respeito também à instituição que realiza esta prática, a partir de determinados parâmetros técnicos convencionados internacionalmente a partir dos países dominantes. Estas convenções criam os enquadramentos e as lentes a partir dos quais o jornalismo enxerga e mostra a vida real, estabelecendo uma subjetividade institucional coletiva, dentro da qual funcionam as subjetividades individuais de seus atores, sejam eles indivíduos ou organizações.

ÂNCORA

Em sua concepção, a essência do JORNALISMO envolve a dimensão ética?

Eduardo MEDITSCH | A dimensão ética está na essência de qualquer atividade profissional, não apenas no jornalismo, uma vez que pressupõe a adesão aos valores da profissão. Uma medicina que não respeite seus padrões éticos não é reconhecida como profissional, mas como uma excrecência a ser extirpada da vida social. Para isso existem os conselhos profissionais, com poderes para definir quem pode, e como pode exercer uma profissão regulamentada. Infelizmente, no jornalismo ainda não chegamos lá, porque, historicamente, não conseguimos convencer a sociedade da necessidade dele ser uma profissão regulamentada, para garantir a sua qualidade e seu desempenho ético. Embora a sociedade cobre do Jornalismo esse desempenho – como o fez, por exemplo, no Relatório Hutchins sobre a responsabilidade social da imprensa – ainda não se convenceu da necessidade da contrapartida que o garantisse, que é a autonomia da profissão. Apesar desse obstáculo, a dimensão ética é a principal definidora da identidade profissional dos jornalistas em todo o mundo, como demonstrou o estudo do professor português

O JORNALISMO COMO PRÁTICA CULTURAL DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Joaquim Fidalgo². E, na medida em que avançamos pouco ainda numa teoria científica do jornalismo, são as teorias normativas, em torno da deontologia profissional, que ocupam este espaço de autoconhecimento do campo.

ÂNCORA

Quais outras dimensões envolvem a práxis jornalística?

Eduardo MEDITSCH | A questão gnosiológica, ou seja, relativa à produção e à reprodução social de conhecimento, talvez seja a que tem sido menos trabalhada na graduação e na pós-graduação da área. Apesar da tese de Adelmo Genro Filho, que definiu o jornalismo como uma forma social de produção do conhecimento, já ter sido publicada há vinte anos³, e de vários trabalhos posteriores terem avançado nesta perspectiva, raramente, em nossas escolas, pensamos no paralelo que há entre a atividade jornalística e a educação. Aliás, embora sempre falemos de interdisciplinariedade nos estudos de nossa área, parece que ela não abrange o campo da pedagogia. Nos interessamos muito pelas ciências sociais e pelas ciências da linguagem, e praticamente nada pelas ciências aplicadas, embora sejamos uma delas e possamos aprender com as outras. É evidente a dimensão pedagógica da atividade jornalística, mas isso raramente é visto como um problema digno de estudo em nosso campo. A meu ver, a obra de Paulo Freire é uma das referências fundamentais para o desenvolvimento da Comunicação como área de pesquisa aplicada. Por isso, estou trabalhando num livro sobre a aplicação de suas idéias no Jornalismo.

² FIDALGO, Joaquim. **O Lugar da Ética e da Auto-Regulação na Identidade Profissional dos Jornalistas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

³ GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

ÂNCORA

Na condição de pesquisador, quais os principais conflitos e paradoxos que atravessam o CAMPO do JORNALISMO enquanto instância midiática de poder, manipulação e de agenciamento do conhecimento que habitualmente prioriza o tempo presente?

Eduardo MEDITSCH | A instituição jornalística, em sua configuração histórica atual (não como é, mas como está sendo, como diria Paulo Freire), é atravessada por uma contradição fundamental que se expressa no fato de uma atividade estratégica de interesse público ser confiada a organizações privadas, que tem seus interesses próprios, nem sempre compatíveis com os públicos. Observe-se que funciona no Jornalismo o inverso do que foi institucionalizado no campo do Direito, onde a defesa do interesse público é mantida pelo Estado (o Ministério Público) e as bancas privadas defendem os interesses particulares. Essa inversão no nosso caso tem uma explicação histórica, uma vez que a imprensa burguesa, quando se afirmou, em sua fase mais explicitamente política, atuava em oposição ao poder então instalado no Estado. Também reforça este estado de coisas o fato de que as mídias estatais, pelo mundo afora, raramente escapam do controle político dos governos, como lamentavelmente se vê ainda hoje no caso brasileiro. No entanto, esta contradição estrutural entre a defesa do interesse público e seus agentes privados se agravou nas últimas décadas, com a transformação da mídia pelo desenvolvimento do capitalismo. Como observou Alberto Dines no seu clássico estudo⁴, os patriarcas das empresas familiares que dominam o jornalismo brasileiro consideravam-se jornalistas e tinham seus escritórios nas redações. Já os seus netos, que dirigem estas empresas hoje, são gestores por formação, que não possuem ligação maior com a profissão jornalística, e têm seus gabinetes bem longe das redações. A redação, para eles, é um chão de fábrica de um produto

⁴ DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. 9. ed. São Paulo: Summus, 2009.

O JORNALISMO COMO PRÁTICA CULTURAL DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

como qualquer outro em que decidam investir; o que importa é a reprodução do poder e do capital da empresa. O jornalismo sob as suas ordens está a serviço dos interesses de curto prazo dos investidores.

ÂNCORA

Há uma certa histeria e tendenciosidade por parte da grande imprensa e de determinadas coberturas jornalísticas ao tratarem de temas complexos, a exemplo do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2016) e da produção de notícias pautadas na Operação Lava Jato?

Eduardo MEDITSCH | A grande mídia comercial brasileira tem atuado como um partido político nestes processos. Depois de seus candidatos perderem quatro eleições seguidas para a Presidência da República, a mídia associada ao capital financeiro transnacional perdeu a paciência com a democracia, e resolveu intervir no processo político com toda a sua força para impor uma pauta econômica neoliberal que retira os direitos conquistados pela população brasileira ao longo de décadas. Amparada na liberdade de expressão garantida pela Constituição, e na falta de regulação do setor, tem feito um trabalho de envenenamento da democracia e de demonização das esquerdas que, a meu ver, está longe de ser histórico; é um trabalho muito consciente de seus objetivos, embora consiga controlar pouco os seus resultados. Sem dúvida nenhuma, parte importante da responsabilidade pelo que assistimos hoje no jornalismo brasileiro é da própria esquerda que, enquanto esteve no poder, preferiu não enfrentar a questão da democratização da comunicação e, ao invés disso, contribuiu com o fortalecimento dos monopólios, privilegiando-os na distribuição das verbas publicitárias do governo. Hoje, a esquerda paga um preço alto por isso, pois não tem acesso à mídia que atinge a população, a não ser mediado pela orientação editorial que lhe é antagônica. A situação é mais absurda no caso das

emissoras de rádio e TV, que são concessões públicas e não realizam um jornalismo com pluralidade de fontes e opinião que atenda ao direito de informação do público. Funcionam como empresas de ônibus que escolhessem seus passageiros e deixassem na estrada os que não lhes fossem simpáticos. É uma situação insustentável numa sociedade democrática.

ÂNCORA

Como, então, circunscrever a prática do JORNALISMO INVESTIGATIVO ao tratamento desses acontecimentos tão complexos, que integram o nosso cotidiano e que merecem acuidade interpretativa por parte dos profissionais e organismos da imprensa?

Eduardo MEDITSCH | Em princípio, todo o jornalismo deve ser investigativo, como toda a ciência, para conseguir produzir conhecimento verdadeiro. Mas não é o que ocorre numa situação em que a prioridade das empresas é cortar custos, demitindo o pessoal mais capaz de produzi-lo ou podando suas condições de trabalho, com a desculpa de que o modelo de negócio está em crise. De fato a crise existe, mas só tende a se agravar quando o jornalismo deixa de se preocupar com a sua credibilidade. Então surge a figura do “jornalismo investigativo” como uma novidade capaz de reparar o estrago que está feito. No entanto, deve-se colocar um pé atrás na hora de exaltar esse jornalismo investigativo salvador. O caso dos *Panama Papers* chamou a atenção internacional para isso. A reportagem, feita por uma grande rede de repórteres investigativos de várias partes do mundo, parece ter sido controlada por seus patrocinadores, ligados ao mercado financeiro internacional. O que foi divulgado dela, e o que foi mantido no escuro, pode ter sido definido por seus interesses. O jornalismo investigativo também precisa ser investigado. Todo jornalismo deve ser mais transparente para cumprir seu papel na democracia.

O JORNALISMO COMO PRÁTICA CULTURAL DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

ÂNCORA

As notícias falsas (*fake news*) não são acontecimentos exclusivos de nossa "modernidade líquida". Remontam as intrigas fabricadas por jornais e revistas de séculos passados. Sempre afirmamos que as *fake news* colocam em risco a credibilidade da informação ao inventarem acontecimentos inexistentes ou deturparem a realidade dos fatos. As falsas notícias, os fatos inventados e os boatos incorporados à notícia enquanto manipulação geram desinformação e soterram a própria ética no jornalismo. Podem resultar em danos morais para terceiros e até gerar interferências em resultados eleitorais, mercados financeiros, abalo de credibilidades, entre outros. Trata-se de um processo de manipulação que mascara a realidade dos fatos. No século XIX, ao longo dos anos 1860, Theodor Fontane juntou-se ao jornal alemão ultraconservador *Kreuzzeitung* para realizar coberturas jornalísticas e relatos pessoais que posteriormente foram comprovados como notícias falsas ou "não notícias". Essa discussão é, então, recorrente ao nascimento do jornalismo. Na atualidade, o ambiente das redes sociais com configurações multiplataforma, as transmissões ao vivo e a produção de conteúdos colaborativos com a utilização de dispositivos móveis favorecem a multiplicação de conteúdos falsos. Alguns artigos já sinalizam que a campanha presidencial norte-americana de 2016 que elegeu Donald Trump pode ter sido favorecida pela avalanche de notícias falsas beneficiando o atual ocupante da Casa Branca. **Por favor, discorra sobre as notícias falsas (*fake news*), jornalismo, sensacionalismo, fontes, sigilo das fontes e checagem da informação.**

Eduardo MEDITSCH | As notícias falsas, como observado na pergunta, são um fenômeno antigo. A novidade é a facilidade com que se espriam num novo contexto dominado pelas redes sociais, num ambiente marcado pela exarcebção de opiniões em que parece verdade o que concorda com os pressupostos e os preconceitos de cada indivíduo, hoje com um poder inédito de publicação e republicação. Esta situação não se explica apenas pelo empoderamento pessoal destes postadores de informações sem maior discernimento, mas principalmente pela manipulação consentida dos

mesmos por interesses poderosos na difusão da desinformação. A informação, a contrainformação e a desinformação sempre foram armas na disputa pelo poder. Quando a instituição jornalística abre mão de seu papel mediador no processo de circulação social de informação, que passa pela checagem dos fatos, tornando-se um mero reproduzidor de declarações interessadas – o chamado “jornalismo declaratório”, como o que tem dominado as grandes coberturas políticas, econômicas e jurídicas no Brasil –, pode reduzir sua função a de um mero amplificador de notícias falsas.

ÂNCORA

Qual seria a saída para a reconquista de um jornalismo que fortaleça, de fato, a opinião pública e as democracias? Ou será que a prática de um JORNALISMO efetivamente cidadão continua sendo uma utopia? Ainda há espaço para o JORNALISMO contar boas histórias, e ainda cumprir aquele ideal clássico de fortalecimento das democracias?

Eduardo MEDITSCH | Paulo Freire dizia que a educação não transforma a sociedade porque poderia transformá-la. Dizia, também, que só pode haver uma educação decente numa sociedade decente. Pode-se aplicar estas suas duas ideias também em relação ao jornalismo. Embora muitos de nós (principalmente, talvez, em minha geração) tenham entrado no jornalismo pensando em transformar o mundo com ele, por ver nele este potencial, acabamos aprendendo que ele sozinho não tem esse poder todo. É que o Jornalismo ideal só pode funcionar numa sociedade ideal. Isso não nos desobriga a perseguir um Jornalismo competente e ético todos os dias, e Paulo Freire também ensina na Educação que, quanto mais competente for o profissional, mais chance vai ter, também, de ser ético, pois vai ser respeitado até pelos seus superiores. A competência lhe abre um “crédito de divergência” dentro da organização em que trabalha. E a brecha que possa conquistar com isso é importante.

O JORNALISMO COMO PRÁTICA CULTURAL DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Afinal, como diz um velho ditado chinês, é nas sementes de hoje que se encontram todas as flores do amanhã.

ÂNCORA

As transformações tecnológicas e de mobilidade no jornalismo inevitavelmente recaem sobre a prática jornalística. O jornalista, cada vez mais, precisa lidar com uma condição multitarefa e de produção multiplataforma. **Que desdobramentos essa condição do jornalista atual pode trazer para o profissional do jornalismo e para a qualidade do conteúdo produzido, se considerarmos essa multiplicação de funções e as exigências pela velocidade?**

Eduardo MEDITSCH | Eu sou um homem que vem do rádio, meio que faz jornalismo em tempo real há quase cem anos, e por isso a questão da velocidade não me parece um problema em si. Algumas informações precisam ser repassadas ao vivo. A questão é que a possibilidade do tempo real não deve suprimir a outra, do amadurecimento da pesquisa, do tempo para a reflexão e a edição, da entrevista ou do debate para a contextualização. O que reduz o jornalismo à informação imediata é um problema de gestão, de baixar custos, e não um problema tecnológico. A tecnologia amplia as possibilidades, raramente as corta. Da mesma forma vejo a questão multimídia, que não deve ser um problema para um jornalista formado num curso de graduação específico, que lida com todas as mídias. O problema é a superexploração de seu trabalho, que o impede de exercê-lo com qualidade, seja em uma ou em várias plataformas. É claro que a preparação de uma matéria bem feita para mais de uma plataforma requer tempo maior e condições melhores de produção.

ÂNCORA

Que autores e principais obras bibliográficas o senhor destaca para complexificarmos as construções teóricas sobre o JORNALISMO?

Eduardo MEDITSCH | São muitos os estudos sobre jornalismo que mereceriam ser estudados nos nossos cursos de graduação, mas infelizmente boa parte desta literatura não chega lá. Em parte, isso se deve a uma perda de memória acadêmica, que costuma ser deletada a cada nova onda que a alcança. Os pioneiros clássicos brasileiros como Libero Badaró, Ruy Barbosa, Alceu Amoroso Lima, Antonio Candido e Luiz Beltrão foram bibliografia obrigatória até os anos 1960, abandonados depois, com a substituição dos cursos de Jornalismo pelos de Comunicação. Nessa outra fase tivemos a onda positivista, a crítica marxista, a superação psicanalítica, os estudos culturais, cada um anulando os anteriores. Muitos autores que se dedicaram à pesquisa em jornalismo num momento buscaram outros objetos em outros momentos, talvez com receio de serem também anulados. Alguns conseguiram manter um pé no jornalismo, como fizeram José Marques de Melo, Muniz Sodré, Fausto Neto, Ciro Marcondes, que deram contribuições importantes em vários momentos. Outros focaram mais nesse objeto, colocando seu trabalho mais diretamente a serviço da construção de uma Teoria do Jornalismo e de sua institucionalização como disciplina, como é o caso de Nilson Lage, Adelmo Genro, Francisco Karam, Luiz Gonzaga Motta, Christa Berger, Zélia Adghirni, Alfredo Vizeu, Victor Gentilli, Elias Machado, Liriam Sponholz, Carlos Franciscato, Antonio Hohlfeldt, Felipe Pena, Josenildo Guerra, João Batista de Abreu, Dione Moura, Sylvia Moretzsohn e muitos outros, desta e das gerações que a seguiram. Além da vigorosa produção brasileira, não podemos ignorar a que vem de fora, grande parte dela tornada conhecida aqui através dos portugueses Nelson Traquina e Jorge Pedro Sousa que os sistematizaram e traduziram. Portugal também tem Joaquim Fidalgo, Antonio Fidalgo, João Carlos Correia; a Espanha tem Lorenzo Gomis, Miquel Alsina; a França, Dennis Ruellan, Dominique Wolton, Claude Bertrand, Erik Neveu; a Alemanha tem toda uma tradição da abandonada *Zeitungswissenschaft*, a Ciência dos Jornais, que teve em Otto Groth

O JORNALISMO COMO PRÁTICA CULTURAL DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

seu maior nome, hoje com um volume traduzido no Brasil. E os estadunidenses produziram uma enorme bibliografia, tanto do ponto de vista técnico e deontológico, como em Philip Meyer e Bill Kovach & Tom Rosenstiel, como das ciências sociais voltadas ao jornalismo, como Michael Schudson, Herbert Gans, Gaye Tuchman, Barbie Zelizer, Steve Reese e muitos outros, sem esquecer os seus maiores clássicos, como Robert Park e Walter Lippmann. Há algum tempo se dizia que não havia quase bibliografia na área: já havia, mas era possível ignorar antes da Internet. Hoje já não é possível dar essa desculpa; existe muita coisa publicada, e de qualidade, sobre qualquer dos aspectos do jornalismo.

ÂNCORA

Destaque as suas principais contribuições acadêmicas teórico-aplicadas em termos de livros, pesquisas realizadas, artigos, conceitos formulados e orientações acadêmicas que fortaleçam o CAMPO DO JORNALISMO.

Eduardo MEDITSCH | Seria muita pretensão minha dizer que alguma das minhas publicações ou pesquisas fortaleceu o campo do jornalismo. Tenho alguns trabalhos citados por colegas, o que me sugere que foram úteis para outros pesquisadores irem além do que fui. Jorge Luis Borges dizia que o ideal de um escritor deveria ser que o seu nome fosse esquecido, mas que uma frase sua passasse a fazer parte do idioma em que escrevia. Nesse sentido, acho que contribuí para a divulgação da concepção do jornalismo como uma forma de conhecimento⁵, ideia importante que não é originalmente minha, mas do Adelmo Genro Filho, e que ele não teve tempo para difundir. Noto que minha tese sobre radiojornalismo teve também alguma repercussão, principalmente a partir do Grupo de Pesquisa em Rádio

⁵ MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992. | MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo como Forma de Conhecimento**. **Intercom** - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. XXI, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 1998.

da Intercom⁶. Meus estudos sobre a área acadêmica e a formação profissional do jornalismo procuraram contribuir com o debate sobre o ensino e com as novas diretrizes curriculares⁷, que ajudei a formular na equipe coordenada pelo professor Marques de Melo. Mais do que meus escritos, minha atuação em coletivos como esse é que pode ter contribuído, eventualmente, para o fortalecimento do campo. Me orgulho de ter estado entre os fundadores da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR) e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, na época uma iniciativa pioneira de mestrado, e ainda agora o único doutorado especializado em jornalismo em toda a América Latina. Também fundei a revista *Estudos em Jornalismo e Mídia* e a *Série Jornalismo a Rigor*, dedicada à Teoria do Jornalismo, na Editora Insular de Florianópolis.

ÂNCORA

Os cursos de graduação em Jornalismo e os programas de pós-graduação em Jornalismo e Comunicação têm dado conta da complexidade da formação dos novos profissionais que atuam no jornalismo? Qual o papel da universidade em um contexto de formação acadêmica que envolva as dimensões da ética e cidadania?

Eduardo MEDITSCH | Vivemos um momento de transição no ensino de jornalismo do Brasil. As novas diretrizes curriculares que deram autonomia pedagógica à formação profissional específica no seio da Comunicação ainda estão em fase de implantação, e os novos currículos estão sendo testados. É cedo demais para uma avaliação de seus resultados. As novas diretrizes vieram para sanar o problema da desvinculação entre teoria e prática nos cursos, que havia sido causado pela desconsideração da especificidade teórica do jornalismo pelos cursos gerais de Comunicação. Os novos projetos

⁶ MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Editora Insular; Editora da UFSC, 2007.

⁷ MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir**: a função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

O JORNALISMO COMO PRÁTICA CULTURAL DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

pedagógicos devem enfatizar as questões relacionadas à ética e à cidadania, na medida em que se amplia o espaço para a discussão do papel social do jornalismo nas grades de disciplinas. Mas os currículos são como planos de voo. Os percursos que serão efetivamente seguidos por cada instituição dependem de muitas variáveis externas e internas, e o sucesso de cada experiência vai ser definido por um conjunto de muitos fatores.



Produções Bibliográficas

Eduardo MEDITSCH

Principais Livros

MEDITSCH, E. B. V.; BETTI, J.G. (Org.). Mario Kaplún. **PRODUÇÃO DE PROGRAMAS DE RÁDIO: do roteiro à direção**. 1. ed. Florianópolis/São Paulo: Insular/Intercom, 2017. 420p.

MEDITSCH, E. B. V. **RÁDIO E PÂNICO 2: A Guerra dos Mundos 75 anos depois**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013. v. 1. 264p.

VOGEL, D.I. (Org.); MEDITSCH, E. B. V. (Org.); SILVA, G. (Org.). **JORNALISMO E ACONTECIMENTO: tramas conceituais**. 1. ed. Florianópolis: Insular/Capes, 2013. v. 1. 256p.

MEDITSCH, E. B. V. **PEDAGOGIA E PESQUISA PARA O JORNALISMO QUE ESTÁ POR VIR**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

MEDITSCH, E. B. V.; ZUCULOTO, V. (Org.). **TEORIAS DO RÁDIO: textos e contextos - Volume II**. 1. ed. Florianópolis: Insular/Posjor-UFSC, 2008. v. 2. 380p.

MEDITSCH, E. B. V. **O RÁDIO NA ERA DA INFORMAÇÃO: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC/Editora Insular, 2007. v. 1. 300p.

MEDITSCH, E. B. V. **TEORIAS DO RÁDIO: textos e contextos - Volume 1**. 1. ed. São Paulo/Florianópolis: Intercom/Insular/Posjor-UFSC, 2005. v. 1. 366p.

MEDITSCH, E. B. V. **O RÁDIO NA ERA DA INFORMAÇÃO: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular/Editora da UFSC, 2001. v. 1. 302p.

Principais Artigos Publicados

MEDITSCH, E. B. V.; BETTI, J.C.G. O formato all-news no rádio brasileiro: importação e adaptação. **RÁDIO-LEITURAS**, v. 7, p. 36-57, 2016.

MEDITSCH, E. B. V. Paulo Freire nas práticas emancipadoras da comunicação: ainda hoje, um método subutilizado no Brasil. **REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN**, v. 13, p. 132-143, 2016.

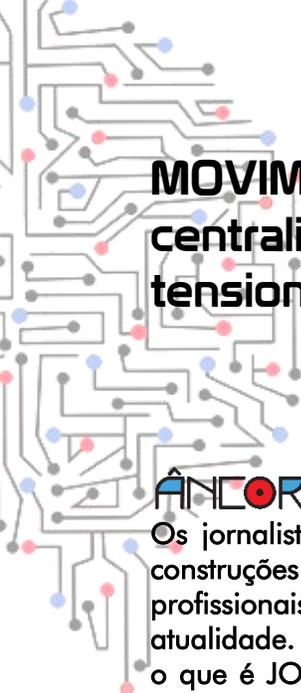
MEDITSCH, E. B. V. Sobre o tempo no rádio, no jornalismo e na academia. **RÁDIO-LEITURAS**, v. 06, p. 217-231, 2015.

FRIGHETTO, M.; MEDITSCH, E. B. V. O projeto Universidade Aberta da UFSC: uma experiência pioneira de práxis multimídia no ensino de Jornalismo. **REBEJ** (Brasília), v. 5, p. 172-186, 2015.

MEDITSCH, E. B. V. As diretrizes críticas e a crítica das Diretrizes: o “conflito das faculdades” na área acadêmica de Comunicação. **QUESTÕES TRANSVERSAIS**: revista de epistemologias da comunicação, v. 3, p. 22-26, 2015.

MEDITSCH, E. B. V. A Comunicação na Journalism Quaterly em 1935: uma lacuna na história oficial do campo. **REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN**, v. VII, p. 30-39, 2012.

MEDITSCH, E. B. V. Defeated profession, illegitimate discipline: it is time to understand the journalistic field institutionalization. **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH** (Impresso), v. 6, p. 90-103, 2010.



MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

Demétrio de Azeredo **SOSTER**¹
Universidade de Santa Cruz do Sul

ÂNCORA

Os jornalistas ressignificam os acontecimentos através de diferentes construções narrativas que revelam subjetividades. De certa forma, os profissionais da imprensa atribuem sentidos aos fatos recortados da atualidade. Diante dessa afirmação o senhor poderia nos conceituar o que é JORNALISMO tendo por base a sua caminhada acadêmica na área?

Demétrio SOSTER | As mais de duas décadas que vivi do trabalho em redações de todos os portes e matizes; exercendo as mais diversas funções – desde a revisão, quando ingressei, na década de 80, até a gerência de redação, em 2008, quando me despedi da face “mercado” da profissão – e os anos tantos em sala de aula (desde 2002, pelo menos) e pesquisa, permitem que eu afirme, com alguma segurança, que o jornalismo é, claro, uma profissão, como tantas, mas não uma profissão qualquer. Ele é um ofício como qualquer outro quando pensamos nele como algo que resulta, ao fim (e ainda que usualmente de forma pouco adequada às nossas necessidades), na manutenção de nossas vidas e nas do que nos são caros. Refiro-me a questões básicas, como moradia, alimentação, transportes, lazer, essas coisas da vida comum. Mas é, ao mesmo tempo, diferenciada – e por isso não a considero uma profissão qualquer,

¹ JORNALISTA. Doutor e Pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). Atuou como Diretor Administrativo da Associação Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Editor da **Revista Rizoma** - Miatização, Cultura e Narrativas.

porque exercer o jornalismo, seja no plano prático, de mercado, ou reflexivo, voltado às questões acadêmicas, ligadas à produção de conhecimento, é dar conta, em primeiro lugar, de uma atividade extremamente complexa, cuja face mais visível é sua estrutura narrativa. Ou seja, aquilo que está sugerido no enunciado: que nós, jornalistas, quando do exercício de nossas profissões, ressignificamos os acontecimentos pelo viés das narrativas que oferecemos todos os dias e dos sentidos que delas emergem. Pensá-lo conceitualmente em uma perspectiva acadêmica, como proposto, implica, naturalmente, considerar estas nuances, mas ter em mente, sobretudo, que, a exemplo do que começa a ocorrer com a comunicação, ainda que timidamente, talvez devêssemos compreender o jornalismo antes como um fazer que transforma; e, neste transformar, produz sentido, muda realidades. Algo cujo valor não se estabelece em sua especificidade ôntica, e que, portanto, se modifica a todo momento. É pensá-lo, portanto, antes em movimento, a partir, quem sabe, de matizes sistêmicos e complexos, que algo passível de reificação. Se, de um lado, a opção nos tira da zona de conforto representada pela segurança de uma delimitação conceitual, nos oferece, quem sabe, novas possibilidades de compreender o jornalismo nos dias que se seguem, marcados por mudanças as mais diversas.

ÂNCORA

Em sua concepção, a essência do JORNALISMO envolve a dimensão ética?

Demétrio SOSTER | A considerar como relevante o que defendi na questão anterior, ou seja, de que o jornalismo deve ser pensado, antes, como algo que transforma, e que, neste transformar, permite a emergência de sentidos, delimitamos o mesmo à esfera das ações do homem. Mesmo no atual momento evolutivo, em que, de forma cada vez mais crescente, as tecnologias se interpõem entre os homens e suas ações, ao ponto de um não poder mais ser pensado sem o outro; e presenciamos, como apontou José Luiz Braga em artigo

MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

seminal, uma mudança significativa nos processos interacionais de referência da sociedade – a cultura dos livros cedendo espaço, gradativamente, a uma cultura das mídias – ainda aqui temos o humano como uma condição primeira, ainda que não mais central. Neste sentido, e pensando a essência como um conceito de matizes fenomenológicos, portanto filosóficos, que poderíamos sintetizar, quem sabe, como “razão primeira” – que se realiza, como apontou Maurice Merleau-Ponty, no contato que temos com o objeto em questão –, a resposta é sim, ou seja, a essência do jornalismo envolve a dimensão ética. Se isso se dá dessa forma é porque, como dito, ele provoca transformações, e estas transformações, por mais difíceis que sejam de se prever, envolvem pessoas; requerem, portanto, regras e preceitos que as balizem de alguma forma.

ÂNCORA

Quais outras dimensões envolvem a práxis jornalística?

Demétrio SOSTER | Se concordamos, na questão anterior, que compreender o jornalismo “em essência” implica considerar, nele, questões de cunho ético; e reiterando, como dito, sua especificidade na comparação com as demais profissões, sem prejuízo destas, podemos pensar, igualmente, que se trata de um fazer permeado de dimensões, ou especificidades, as mais diversas. No largo, por exemplo, pensando no trabalho desenvolvido em uma redação de jornal, de imediato pensamos que a práxis jornalística se estabelece, de um lado, por meio de nuances editoriais, enquanto que, de outro, por aspectos organizacionais ou institucionais. Em ambas as circunstâncias, a primeira voltada para a produção de conteúdo e a segunda para a viabilização do “negócio” jornalístico, ou seja, a sustentabilidade do jornal, temos, igualmente, muitas outras dimensões a serem consideradas. Todas estão interligadas; e não se pode pensá-las, portanto, em separado, tampouco como um todo uniforme, em que as partes não tenham suas especificidades. Pois

bem, pensando especificamente nas nuances editoriais do jornalismo praticado em uma redação de jornal, por exemplo, veremos que se estende desde o momento em que a pauta é negociada e elaborada, chega às mãos do repórter, este apura as informações, seleciona-as, transforma as mesmas em notícias; estas, por sua vez, chegam às mãos do editor, que interfere no conteúdo e lhe empresta título, legenda, crédito etc.; segue em direção à diagramação, editorada em uma página com fotos, ilustrações etc. até, finalmente, ser impressa em uma das páginas do jornal. Importante lembrar que esse conteúdo, de cunho informativo, é distinto, processualmente falando, por exemplo, do conteúdo opinativo – editoriais, artigos, crônicas etc. – que, não obstante ocuparem o mesmo espaço editorial, desde a redação até às páginas propriamente ditas, são diferentes tanto em nível de forma como de conteúdo. Poderíamos dizer, ainda, e sem pensar muito profundamente em questões de natureza organizacional, que algo semelhante se dá com o conteúdo produzido pelos departamentos Comercial e de Marketing, as chamadas matérias pagas, ou 500²: todos os dias, concordemos ou não se têm natureza jornalística, editorialmente pensando, o fato é que não apenas frequentam as redações como interferem no dia a dia dos que trabalham nestas empresas. Observando apenas estes três enfoques (produção de conteúdo informativo, opinativo e institucional) veremos, como dito, no cruzamento com perspectivas de cunho ético, que o trabalho dos jornalistas é tensionado a todo momento, nas mais diversas perspectivas, com escolhas que interferem, de uma forma ou de outra, na vida de muitas pessoas, à revelia do que estejamos analisando. E se há interferência é porque, na mesma proporção, há responsabilidades a serem consideradas – em particular se lembrarmos, como estamos insistindo, que o jornalismo é uma profissão, mas não uma profissão qualquer.

² Expressão usada nas redações de jornais para designar matérias de interesse da direção da empresa, pagas ou não.

MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

ÂNCORA

A IMPRENSA comete erros e nem sempre volta atrás, ou o uso do "Erramos" é insuficiente para a correção de reportagens danosas a determinadas pessoas individualmente ou à sociedade como um todo. Na sua opinião, como o senhor analisa o comportamento da IMPRENSA em relação aos erros cometidos em reportagens, ou até mesmo em posicionamentos editoriais equivocados?

Demétrio SOSTER | Podemos ser mais contundentes na afirmação: a imprensa, pensada aqui de forma muito genérica, e salvo raras exceções, não gosta de ser flagrada em erro, ainda que, quando o faça, via de regra admita que o fez, ainda que de forma desproporcional ao erro cometido e suas consequências. Isso tem a ver, de um lado, com o papel hegemônico que tem ocupado desde há muito, em particular nos séculos 19 e 20, como mediadora de nossas vidas – e aí acaba por desenvolver certas, como direi, patologias, sendo a prepotência a mais evidente delas, e um certo distanciamento das coisas do mundo, ainda que não viva sem elas. Explico. As redações jornalísticas, sabemos, estão majoritariamente preocupadas em viabilizar suas operações, dialogando com o mundo, digamos dessa forma, fundamentalmente com este propósito. Em palavras mais simples, é dizer que, não obstante os apelos, e discursos, segundo os quais os jornais, para ficarmos em um exemplo, estão preocupados conosco, essa preocupação existe, em síntese, para a manutenção da vida de nossos jornais, e não para o nosso bem-estar necessariamente. Isso se dá dialogando com a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, e do que temos observado em nossas pesquisas, porque o “dispositivo” jornal, que integra o sistema midiático, realiza, em seu interior, as mesmas operações do sistema como um todo. Ou seja, movimentos de natureza auto-referencial com o propósito de garantir a estabilidade sistêmica e viabilizar, assim, como dito, as operações do dispositivo. Isso não significa abrir mão do diálogo com o entorno – não podemos pensar sistema sem

meio, ou sem os demais sistemas, mas pontuar uma forma específica de operação. Isso talvez nos ajude a compreender, então, porque as respostas aos erros cometidos são tão frugais, quando existem, na comparação com o que houve.

ÂNCORA

Qual seria a saída para a reconquista de um jornalismo que fortaleça de fato a opinião pública e as democracias? Ou será que a prática de um JORNALISMO efetivamente cidadão continua sendo uma utopia? Ainda há espaço para o JORNALISMO contar boas histórias, e ainda cumprir aquele ideal clássico de fortalecimento das democracias?

Demétrio SOSTER | Não vejo com olhos muito esperançosos a possibilidade de o jornalismo, nos moldes como o conhecemos, fortalecer a cidadania, ou mesmo as democracias. Primeiro, porque é uma instituição que, aparentemente, não exerce mais o papel de mediação entre as pessoas e a sociedade como o fez durante toda a modernidade, principalmente. O mundo tornou-se muito mais complexo e já não sei se podemos falar em mediação nos moldes como falamos até há bem pouco: a midiatização, e, nela, os circuitos informacionais, exigem novas gramáticas explicativas que se localizam, quem sabe, e aqui no diálogo com Henri Bergson, antes no movimento que em locais situacionais. É uma perspectiva. Isso é uma coisa. A outra, relacionada à possibilidade de ainda haver, ou não, espaço para o jornalismo contar boas histórias, afirmaria de forma, quem sabe, mais contundente: só resta ao jornalismo, parece-me, contar boas histórias. E a emergência dos livros-reportagem e das biografias de natureza jornalística atestam o que estamos falando. Aos meus olhos, a “saída” para o jornalismo encontrar seu caminho é uma volta ao passado distante, ou seja, a um tempo em que as pessoas compravam revistas, jornais, livros etc. para lerem sobre aventuras, acontecimentos singulares – o que, de certa forma, rompia o tecido social e se mostrava como algo diferente, digno de atenção.



MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

ÂNCORA

O senhor poderia discorrer sobre as mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional?

Demétrio SOSTER | A principal mudança no mundo do trabalho do jornalista profissional hoje, penso, está relacionada ao que alguns estudiosos da midiatização, caso de Pedro Gomes e Muniz Sodré, chamam de “nova ambiência”. Ou seja, a um tempo de mundo em que a tecnologia deixa de ser mero suporte à atividade do homem, como tem sido desde a aurora dos tempos, e passa a dividir com esta a compreensão que temos do mundo, de tal forma que um não possa ser pensado sem o outro. Se isso é assim, ou seja, se vivemos em meio a uma tessitura diferenciada, de matizes sócio-técnico-discursivos, é natural pensarmos que esta interfere em todos os setores de nossas vidas, caso do jornalismo. Neste sentido, e aqui pensando nos circuitos informacionais que, decorrência da midiatização, atravessam sistemas e dispositivos, reconfigurando lugares, podemos admitir que o mundo de trabalho do jornalista profissional está mudando, e muito. A começar pelo fato, admitindo a premissa inicial, de que ele passa a dividir espaço com uma sociedade não apenas conectada, mas atravessada a todo momento por fluxos informacionais. Ou seja, se há bem pouco tempo a chance de uma informação vinda do lado “de fora” de uma redação interferir na vida desta estava condicionada, em muito, à vontade desta, hoje, graças ao fato de toda a sociedade estar amalgamada em rede, as interferências perdem, a cada dia, toda e qualquer possibilidade de controle. É dizer, por outras palavras, que conceitos como agendamento e outros próprios da teoria do jornalismo se tornam cada vez mais frágeis para explicar a atividade jornalística em sua essência, e que talvez fosse melhor fazê-lo pelo viés da circulação, por exemplo. Por quê? Porque houve – e segue havendo – muitas mudanças no trabalho do jornalista profissional. A começar pelo fato que ele, mais que viabilizar, em sua rotina de trabalho, o conteúdo de

um veículo – jornal, revista, rádio etc. – tem de lidar, o tempo inteiro, com fluxos informativos que são oferecidos de todos os ângulos porque as pessoas, via *smartphones* e iPads, por exemplo, conseguem fazer tranquilamente o que antes só podia ser feito por um jornalista: criar conteúdo e fazê-lo circular pela rede. Agem, dessa forma, midiaticamente, e, neste agir, transformam sua condição de receptor passivo e interferem, igualmente, nos polos de emissão, complexificando as gramáticas de produção o tempo inteiro. Saber lidar com isso tem a ver, quem sabe, com compreender a essência da pergunta em questão.

ÂNCORA

Na condição de pesquisador, quais os principais conflitos e paradoxos que atravessam o CAMPO do JORNALISMO enquanto instância midiática de poder, manipulação e de agenciamento do conhecimento que habitualmente prioriza o tempo presente?

Demétrio SOSTER | A julgar pelas evidências, a maior crise vivida pelo campo do jornalismo atualmente está relacionada ao lugar em que ele ocupa no mundo em que vivemos. Se, há bem pouco tempo, na sociedade dos meios, o jornalismo, enquanto instituição, ocupava um lugar de relativa centralidade discursiva, hoje, se pensarmos a sociedade em processo de midiatização, vamos encontrá-lo dividindo forças, e sendo tensionado neste processo, a todo momento, em decorrência de atravessamentos os mais diversos provocados por circuitos informacionais. Se isso se dá dessa forma é porque a sociedade, diferentemente do que ocorria até a década de 1980 no mundo (1990 no Brasil), com a chegada da Internet, está estruturada em rede, que não apenas liga pontos os mais diversos como acaba por reconfigurar toda uma estrutura de sociedade. Uma das faces mais visíveis dessa reconfiguração é tanto a descentralização quanto a própria estrutura do ambiente em que vivemos, antes rizomático que axiomático; uma teia de proporções mundiais unida por nós e conexões que tornam, no momento, muito complicada qualquer

MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

tentativa de gerenciamento, ou controle. É dizer, por outras palavras, que, nestas circunstâncias, pouco importa, ao fim, se o emissor é uma empresa, um *blog* feito por um estudante do ensino médio ou o *smartphone* de alguém que está na praia: é a natureza do acontecimento e sua apropriação que vão determinar o nível de interferência, pela circulação, no ambiente ao qual estamos nos referindo. Sem dúvida, o jornalismo, enquanto instituição, ainda mantém muito de sua aura de poder, mas com certeza este está tremendamente diluído face às características do tempo em que vivemos.

ÂNCORA

As transformações tecnológicas e de mobilidade no jornalismo inevitavelmente recaem sobre a prática jornalística. O jornalista, cada vez mais, precisa lidar com uma condição multitarefa e de produção multiplataforma. Que desdobramentos essa condição do jornalista atual pode trazer para o profissional do jornalismo, e para a qualidade do conteúdo produzido, se considerarmos essa multiplicação de funções e as exigências pela velocidade?

Demétrio SOSTER | O jornalismo, como de hábito; ainda que talvez agora de forma mais acelerada em decorrência do processo de midiatização da sociedade, está mudando uma vez mais. Uma das faces mais evidentes dessa transformação é a maneira como a prática se relaciona com a tecnologia; se antes usávamos a tecnologia como suporte às nossas atividades – um bloco e uma caneta, gravador, uma câmara fotográfica etc. – temos, agora, uma estrutura de sociedade em rede, e a Internet é a face mais visível dela, e uma gama muito grande de dispositivos e agentes potencialmente capazes de interferir no processo produtivo de um jornal impresso, ou emissora de rádio, televisão etc. Significa, pelo menos, que o ambiente em que vivemos e trabalhamos, de profunda imersão tecnológica, não anula de todo, evidentemente, o papel que o jornalismo desempenha, desde há muito, como mediador da vida em

sociedade. Mas, com certeza, transforma-o, faz com que se exija novas gramáticas de compreensão à prática. Isso talvez explique, por exemplo, porque o jornalismo na forma de livro-reportagem, biografia etc. (ou mesmo documental) tem tido tanta relevância. Mais que um paradoxo, afinal os tempos são antes em dígitos que analógicos, quer me parecer que estamos diante de uma tentativa de delimitação de fronteiras identitárias, pensando pela perspectiva sistêmica. É dizer, de outro modo, que fazer jornalismo, hoje, exige uma habilidade muito maior que até há bem pouco tempo – e esta capacidade tem a ver, claro, com a forma como nos relacionamos com a tecnologia, mas, sobretudo, com o que sabemos do mundo e como lidamos com isso.

ÂNCORA

As novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Jornalismo orientam os cursos a implementarem, desde o primeiro semestre, disciplinas laboratoriais. O senhor é um dos organizadores da coleção "Jornalismo-Laboratório". Como o senhor analisa as atividades laboratoriais para a formação dos futuros profissionais do jornalismo?

Demétrio SOSTER | Fundamentais, necessárias, imprescindíveis, e tantos quantos adjetivos forem necessários para frisar que sem atividades laboratoriais não teremos jornalistas qualificados a exercerem suas profissões e a pensarem sobre elas. As questões de ordem prática falam por si: não se pode chegar ao mercado de trabalho pensando que as universidades também formam para o mercado de trabalho sem ter observado, na prática, minimamente, como se escreve uma matéria, grava um boletim, desenvolve-se o conteúdo de um *site*, e por aí em diante. Nesse sentido, usualmente, pensando no que se diz em termos de jornalismo-laboratorial dentro e fora das salas de aula, o pensamento converge para o espaço de inovação que ele representa. Isso é importante, sem dúvida, mas precisamos lembrar que antes de inovar é preciso conhecer; e que o conhecimento passa por saber fazer para, somente então, irmos



MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

adiante. Penso que, do ponto de vista prático, aplicado, o jornalismo-laboratorial carrega consigo essas duas nuances: o saber fazer e o saber inovar. Então ele é importante por isso. Mas, também, o saber pensar, ou seja, o espaço de reflexão que emerge da prática-laboratorial – aspecto infelizmente pouco considerado quando o assunto é jornalismo-laboratorial. Como organizador da referida coleção, ao lado de Mirna Tonus, e como professor de atividades laboratoriais, estou cada vez mais convicto que estamos falando de espaços onde o conhecimento reflexivo se potencializa em decorrência da prática exercida, o que só pode ser pensado se, junto às questões laboratoriais, do ponto de vista curricular, tivermos uma estrutura teórica no mínimo relevante.

ÂNCORA

A sociedade contemporânea é altamente tecnológica. Como o senhor analisa, nesse contexto, o jornalismo midiaticado e seu reflexo nas narrativas contemporâneas?

Demétrio SOSTER | Tenho defendido, em livros, artigos, pesquisas etc. que o processo de midiaticação da sociedade acaba por afetar o jornalismo como um todo, midiaticando-o – este tem sido o eixo central de minhas reflexões acadêmicas desde, pelo menos, o doutoramento. Dizer que o jornalismo se midiaticado é afirmar que ele tanto transforma quanto é transformado pela midiaticação, seja no que diz respeito à interposição de tecnologias em suas práticas, como no diálogo com os novos processos interacionais de referência da sociedade, de matizes sócio-técnico-discursivos. À revelia do ângulo que observarmos, perceberemos, de imediato, que a prática, desde há algum tempo, perdeu muito de sua centralidade discursiva, ou seja, não ocupa mais um lugar central na sociedade em que vivemos. Isso se dá dessa forma, basicamente, devido à nova ambientação que se instaura na sociedade em decorrência da profunda imersão tecnológica que vivemos, e que, para ser compreendida como tal,

requer que consideremos que sua estrutura é antes rizomática que axiomática – pouco afeita, portanto, a centralidades discursivas porque, basicamente, é permeada por circuitos informacionais os mais diversos. Os atravessamentos e interposições provocados por esses circuitos, por sua vez, permitem que pensemos a circulação antes como instância que como lugar de passagem, ou mesmo gerador de diferenças; um lugar capaz de complexificar tanto as gramáticas de produção (emissão) quanto de reconhecimento (recepção). Estes movimentos, todos, afetam o jornalismo narrativamente à medida que interpõem à sua inteligibilidade, com cada vez mais ênfase, a perspectiva de movimento, de transformação constante, exigindo que o olhar se concentre antes no que está em processo, portanto em transformação, que em suas partes, fragmentalmente pensando.

ÂNCORA

Sua produção vai além de textos científicos e inclui literatura. Como o senhor visualiza a interface entre jornalismo e literatura no cenário atual, em que há predominância de um formato baseado no lead e no engessamento do texto? Há espaço para o desenvolvimento de narrativas e reportagens mais próximas da linguagem da literatura?

Demétrio SOSTER | Diria, se possível, que o paradigma da objetividade (o mesmo que norteou a vida dos jornalistas desde o século 19, pelo menos) está em franco declínio – em particular no que ele se refere a normatizações textuais clássicas como *lead*, pirâmide invertida e outras de natureza semelhante. Por quê? Basicamente porque a informação, nos dias que se seguem, não é mais propriedade exclusiva dos dispositivos jornalísticos (*sites*, jornais, programas de tevê e rádio, para ficarmos em alguns), mas, sim, de toda a sociedade, em decorrência de sua estrutura em rede e dos fluxos informacionais a que nos referimos anteriormente. Nesse sentido, parece-me, oferecer em um texto uma informação que todos têm acesso não é algo que mova muito a atenção das pessoas, e isso

MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

talvez justifique o declínio dos veículos convencionais, que a cada dia perdem mais leitores/ouvintes. Significa que o jornalismo acabou? Não creio. Acredito, isso sim, que sobrevive o jornalismo que provoca diferenças, fortalece identidades; que é, portanto, capaz, como diria Fernando Pessoa, de provocar movimento aos olhos. E a literatura, pelo viés das narrativas, cumpre um papel fundamental nesse contexto, ou seja, de permitir que tenham alguma relevância os relatos jornalísticos aprimorados estilisticamente. É por isso que presenciamos, em pleno século 21, a emergência de formatos como os livros (biografias, livros-reportagem etc.), mas, também, os documentários, as narrativas *long form*, ou mesmo as multimídias; enfim, textos contextualmente mais elaborados que aqueles que praticamos por mais de dois séculos, e que, de certa forma, ainda provocam nossa atenção. Não se trata, penso, de dizer se ainda há espaço para formatos assim, mas observar que talvez seja esse o caminho.

ÂNCORA

Que autores e principais obras bibliográficas o senhor destaca para complexificarmos as construções teóricas sobre o JORNALISMO?

Demétrio SOSTER | Gosto de pensar o jornalismo por suas intersecções, ou seja, pelo que ele tem de não-canônico. É evidente que os livros especificamente “jornalísticos” nos ajudam muito, mas principalmente no sentido de compreendermos como campo de conhecimento; o que vai adiante, o que alarga nossas fronteiras, penso, usualmente se encontra em outras vertentes teóricas. Nesse sentido, e me focando mais no autor que em sua obra, gosto de pensar o jornalismo pelas teorias da midiatização, das narrativas, dos sistemas e da complexidade. No primeiro caso, porque diz respeito ao tempo de mundo em que vivemos; e compreendê-lo, fatalmente, nos permite olhar mais, e melhor, o próprio jornalismo. São importantes, para compreender a midiatização, todos os livros escritos por Antonio

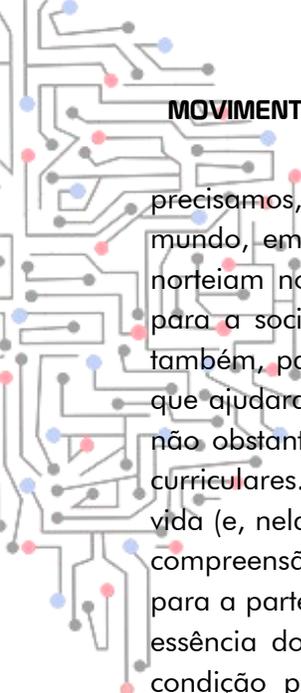
ENTREVISTA • Demétrio de Azeredo SOSTER

Fausto Neto, José Luiz Braga, Pedro Gomes e Jairo Ferreira, pesquisadores da Unisinos que, desde há muito, têm se debruçado, seminalmente, sobre essa perspectiva – mas, também, os de Muniz Sodré. Na perspectiva das narrativas, todos os autores seminais, desde Paul Ricoeur, pelo menos, mas, também, Luiz Gonzaga Motta, porque vai pensar a teoria das narrativas em sua intersecção com o jornalismo. No que toca à teoria dos sistemas, essencial para compreendermos a forma por meio da qual a sociedade se constitui como tal, a referência principal é Niklas Luhmann; se pensarmos em complexidade, Edgar Morin, evidentemente, mas também Pedro Demo, Humberto Maturana e Francisco Varela. Mais que obras, portanto, tratam-se de autores que, como dito, nos ajudam a pensar melhor a sociedade, e, portanto, a compreendermos com mais propriedade o próprio jornalismo.

ÂNCORA

Os cursos de graduação em Jornalismo e os programas de pós-graduação em Jornalismo e Comunicação têm dado conta da complexidade da formação dos novos profissionais que atuam no jornalismo? Qual o papel da universidade num contexto de formação acadêmica que envolva as dimensões da ética e cidadania?

Demétrio SOSTER | Aos meus olhos, não. Ainda estamos muito preocupados em nos fortalecer identitariamente, em dar conta dessa ou daquela demanda, ao passo em que o mundo está se transformando em velocidade cada vez maior, ao ponto de não podermos acompanhar essas mudanças e, não raro, sermos atropelados por elas. Penso, nesse sentido, que o papel da universidade é, cada vez mais, ajudar a estruturar o pensamento crítico, de tal forma que, mais do que jornalistas, nos tornemos sujeitos capazes de compreender o tempo em que vivemos, e o que está por vir, e, sempre que possível, interferir propositivamente nele. Essa perspectiva caminha, evidentemente, na direção contrária das próprias diretrizes de nossa área, mas insisto em pensar que



MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

precisamos, cada vez mais, aprender quem somos na relação com o mundo, em particular no que toca às questões éticas e morais que norteiam nossas vidas. E aí, claro, precisamos olhar mais e melhor para a sociologia, tão cara em nossas vidas desde há muito, mas, também, para a filosofia, quem sabe, e para todas as demais áreas que ajudaram, ao longo dos séculos, a estruturar nosso pensamento, não obstante terem sido alijadas, gradativamente, de nossas grades curriculares. Concordo plenamente com Henri Bergson, para quem a vida (e, nela, a evolução) está em movimento, e qualquer tentativa de compreensão que não considere este fator olhará, quem sabe, antes para a parte que para o movimento, deixando de lado, quem sabe, a essência do que estamos observando – com a diferença de que a condição para que possamos enxergar adequadamente o mundo passa, necessariamente, pela qualificação, tanto instrumental quanto teórica.

ÂNCORA

De modo mais projetivo, como o senhor imagina o cenário FUTURO PARA O JORNALISMO?

Demétrio SOSTER | O jornalismo, e suas derivações, acredito, sobreviverão de forma muito semelhante ao seu princípio, ou, nas palavras de Gregory Bateson, e resguardando os contextos, como diferenças que geram diferenças. Ou seja, como uma prática que, ao distinguir, distingue-se, e, nesse processo de distinção, tanto transforma como é transformada, à medida que seguirá sendo importante para a vida das pessoas, provocando nelas, por isso, transformações. Penso que essa importância, por sua vez, emergirá não apenas no sentido de algo novo a ser contado a alguém, como o foi por séculos por meio da oferta de notícias, mas como algo que traz consigo, de forma cada vez mais evidente, a essência narrativa das coisas do mundo, que nos ajuda a compreendê-lo melhor e de forma mais interpretativa, para ficarmos em uma possibilidade. A

diferença, na comparação com o jornalismo que praticamos desde o final do século 19 até o início do século 21, é que estas características talvez não sejam mais exclusividade de especialistas – ou seja, de “jornalistas” – mas, sim, de quem consegue dar conta delas com propriedade narrativa. Não é uma projeção agradável em uma perspectiva de campo, portanto política, tenho consciência disso, mas, antes, reflexo de uma sociedade cada vez mais atravessada por fluxos informacionais e menos assentada em bases axiomáticas – como o foi em toda a modernidade, e antes mesmo disso. De certa forma, é um custo que teremos de arcar pela estrutura de mundo que ajudamos a construir, com sua natureza sócio-técnico-discursiva. Mas a essência do jornalismo, essa estará lá, nas histórias que ainda não foram contatadas, no que ainda está por se dizer.

ÂNCORA

Destaque as suas principais contribuições acadêmicas teórico-aplicadas em termos de livros, pesquisas realizadas, artigos, conceitos formulados e orientações acadêmicas que fortaleçam o CAMPO DO JORNALISMO.

Demétrio SOSTER | O jornalismo tem sido, desde há muito, o objeto central de minhas preocupações acadêmicas, à revelia da forma como elas se manifestem. Nesse sentido, fica complicado destacar este ou aquele movimento, considerando, como sugerido, que se trata de uma construção em processo. Ainda assim, gosto de pensar que a tese de doutoramento (que em breve se transformará em livro) – onde eu busquei pensar, sob orientação de Antonio Fausto Neto, o alargamento das fronteiras conceituais do jornalismo a partir da midiaticização – representou um passo relevante nesse sentido. Os livros organizados antes e depois disso, também, em particular aqueles que pensaram as metamorfoses jornalísticas, e, mais tarde, as complexificações narrativas, basicamente porque inauguraram, cada um a seu modo, as discussões que seguem em processo em diversas instâncias a respeito dessa problemática. Importante

MOVIMENTOS DO JORNALISMO: perda da centralidade discursiva, ética e tensionamentos na profissão

destacar, nesse sentido, a emergência do conceito de jornalismo midiaticizado e de suas categorias, ou seja, autorreferência, correferência, descentralização, dialogia e atorização. Mais do que engessamentos conceituais, são instrumentos metodológicos por meio dos quais podemos compreender não apenas a midiaticização, mas a midiaticização do próprio jornalismo. Mais recentemente, destaque para a coleção jornalismo-laboratorial, que, como o nome sugere, procura pensar o jornalismo desde sua instância formação no que ele tem de aplicado, portanto instrumentalizante e transformador. Por fim, destacaria ainda, quem sabe, em decorrência das pesquisas mais recentes de pós-doutoramento, a emergência dos conceitos de quarto narrador, por meio do qual tenho buscado pensar o sistema jornalístico como um todo, e das zonas intermediárias de circulação (ZICs), que não apenas complexificam identitariamente, ainda mais, o próprio jornalismo, como percebem, neste contexto, uma instância capaz de reconfigurar as próprias gramáticas de produção e reconhecimento que têm norteado nossos caminhos comunicacionais desde há muito.



Produção Bibliográfica

Demétrio de Azeredo SOSTER

Principais Livros

SOSTER, D. A.; CARPES, D. MANUAL DE AUDIODESCRIÇÃO PARA PRODUTOS JORNALÍSTICOS LABORATORIAIS IMPRESSOS. 2. ed.

Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2017. v. 1. 32p.

SOSTER, D. A. OPERAÇÃO BANDA ORIENTAL. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2017. v. 1. 116p.

SOSTER, D. A.; PICCININ, F. (Org.). NARRATIVAS DO VER, DO OUVIR E DO PENSAR. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2016. 200p.

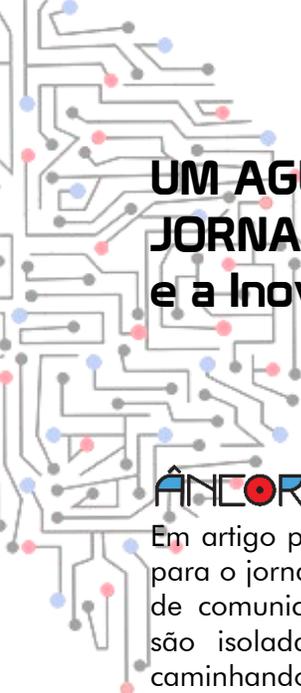
SOSTER, D. A. O LIVRO DAS SOMBRAS, JAZZ & OUTROS POEMAS. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2016. v. 1. 104p.

SOSTER, D. A.; CARPES, D. S. MANUAL DE AUDIODESCRIÇÃO PARA PRODUTOS JORNALÍSTICOS LABORATORIAIS IMPRESSOS. 1. ed.

Santa Cruz do Sul: Edita Catarse, 2016. v. 1. 32p.
SOSTER, D. A. **QUASE COISA**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse Ltda, 2015. 88p.
SOSTER, D. A.; TONUS, M. (Org.). **JORNALISMO-LABORATÓRIO: televisão**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2015. 320p.
SOSTER, D. A.; PICCININ, F. **PÉROLAS DE PEDRO**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse Ltda, 2015. v. 1. 112p.
SOSTER, D. A. **LIVRO DE RAZÃO**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014. v. 1. 88p.
SOSTER, D. A.; PICCININ, F. (Org.). **NARRATIVAS COMUNICACIONAIS COMPLEXIFICADAS 2: a forma**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014. 434p.
SOSTER, D. A.; TONUS, M. (Org.). **JORNALISMO-LABORATÓRIO: rádio**. ed. Santa Cruz Do Sul: Edunisc, 2014. 294p.
SOSTER, D. A.; TONUS, M. (Org.). **JORNALISMO-LABORATÓRIO: impressos**. 1ª. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013. v. 1. 319p.
SOSTER, D. A. **TEMPO HORIZONTAL**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013. v. 1. 86p.
SOSTER, D. A.; PICCININ, F. (Org.). **NARRATIVAS**
SOSTER, D. A.; LIMA JUNIOR, W. T (Org.). **JORNALISMO DIGITAL: audiovisual, convergência e colaboração**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. 232p.

Principais Artigos Publicados

SOSTER, D. A. O quarto narrador, a midiatização e as narrativas da violência. **INTERCOM** (SÃO PAULO. IMPRESSO), v. 40, p. 41-58, 2017.
SOSTER, D. A. The fourth narrator, the mediatization and the narratives of violence. **INTERCOM** (SÃO PAULO. ONLINE), v. 40, p. 41-58, 2017.
SOSTER, DEMÉTRIO DE AZEREDO. A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador. **SIGNO** (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.
SOSTER, D. A. Dialogia e atorização: características do jornalismo midiatizado. **REBEJ** (Brasília), v. 5, p. 4-20, 2015.
SOSTER, D. A. A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiatizado. **Rizoma: midiatização, cultura, narrativas**, v. 3, p. 23-35, 2015.



UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO JORNALISMO: entre o desenvolvimento e a Inovação

Carlos Eduardo FRANCISCATO¹
Universidade Federal de Sergipe

ÂNCORA

Em artigo publicado em 2010, o senhor tratou do tema da inovação para o jornalismo, estabelecendo os desafios de se articular empresas de comunicação e universidades. Reconheceu que “...As iniciativas são isoladas, e o cenário comum é o de dois atores sociais caminhando paralelamente, com escassos pontos de contato²”. **Em 2017, o senhor diria que a situação se agravou, estagnou ou tem progredido para um patamar mais positivo e produtivo?**

Carlos FRANCISCATO | Considero não ter havido avanços significativos nesta relação e vou explicar em que aspectos me baseio. É preciso, inicialmente, entender que a noção geral sobre inovação foi cunhada no ambiente da indústria e é concebida como resultado da interação entre capital, tecnologia e produção/produtividade. Considerar a noção de inovação dando ênfase a esse aspecto econômico-industrial produz riscos para a compreensão de fenômenos que são altamente dependentes de processos inovativos – isto porque a inovação é parte de um processo mais amplo e

¹ JORNALISTA. Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2003). Pós-graduação *lato sensu* em Ciência Política pela PUC/RS (1991). Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor (2007-2011). Coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (2012-2014). Membro do conselho editorial das publicações acadêmicas *Brazilian Journalism Research* e *In Texto*. Autor do livro: *A Fabricação do Presente - Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais* (2005).

² Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/19846924.2010v7n1p8>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

estratégico para os países. Ela é a expressão de três componentes: conhecimento, tecnologia e desenvolvimento. Eles compõem o que eu classificaria como “núcleo duro” (utilizando com certa liberdade a expressão de Lakatos) da noção de inovação, que extrapola sua configuração industrial. Sobre o conhecimento, temos que reconhecer que diferentes atores sociais são qualificados para produzi-lo, desde o setor produtivo, as organizações sociais e a academia. Por fatores tecnológicos me refiro a infraestruturas operacionais de uma sociedade, hoje predominantemente configuradas pelas tecnologias da informação, conforme o cenário desenhado por Manuel Castells. Já desenvolvimento é talvez o termo mais delicado, e o que menos pode ser aprisionado aos interesses empresariais: pensar em desenvolvimento de uma nação, por exemplo, implica perceber que atores estão envolvidos ou excluídos do processo; seus interesses; os recursos utilizados e para quais finalidades; as características socioeconômicas de um espaço social, e as formas e possibilidades de interação entre esses elementos (o capital social, na perspectiva de Bourdieu).

É possível, então, arriscar afirmar que, da sistematização feita acima, reduzidos aspectos têm se modificado na sociedade brasileira nos últimos anos. É visível que não há uma melhoria na qualidade das interações entre os agentes, que os setores produtivos não avançam na busca de soluções que passem pelo desafio do diálogo e da construção de consenso de visões e interesses, e que a noção de desenvolvimento, no Brasil, continua com um acento econômico-industrial, passando à margem de seus fortes componentes sociais e políticos. Se as grandes organizações jornalísticas não redefinem suas estratégias aceitando sua abertura para uma revisão de seus fundamentos (calcados no clássico modelo de negócios das empresas privadas), não criam condições para uma efetiva articulação com a sociedade, mesmo que esta venha alcançando uma expansão de recursos, competências e poder social. Sem um novo padrão de interação entre organizações jornalísticas, profissionais e seus

UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO JORNALISMO: entre o desenvolvimento e a Inovação

públicos, a noção e as ações de inovação permanecerão frágeis e com este viés empresarial.

ÂNCORA

Ainda explorando o tema da inovação, tão caro às agências de fomento, o senhor concorda que as universidades, em sua formação, têm dado um contributo importante aos aspectos da inovação, sobretudo em programas de pós-graduação em jornalismo?

Carlos FRANCISCATO | É preciso, de início, reafirmar uma premissa: o conhecimento científico não é uma forma única de saber capaz de organizar a sociedade, e diversos atores sociais são geradores de uma variedade de saberes. Uma segunda premissa é de que os conhecimentos não são fenômenos isolados ou soltos na sociedade, mas estão atrelados a práticas sociais de atores que têm perfis, interesses e posições sociais concretas. A partir daí, podemos responder à questão sob dois caminhos: a) se as universidades têm um papel importante no sistema de inovação; b) se as universidades vêm tendo uma atuação relevante nesse sistema. A primeira questão é respondida olhando para o exemplo dos países social e economicamente mais desenvolvidos do planeta, como eles conduzem estrategicamente uma associação entre os setores produtivos e as universidades. Por esse raciocínio, os programas de pós-graduação em qualquer área são estratégicos para o desenvolvimento. A segunda questão nos estimula a discutir se estão efetivamente cumprindo o seu papel. Vou responder olhando para a pós-graduação em Comunicação no Brasil: na melhor das hipóteses, respondo que cumprem apenas parcialmente o seu papel. Isto porque o conhecimento produzido na pós-graduação em Comunicação é quase que exclusivamente o que denominamos de pesquisa básica, descritiva, de produção de diagnósticos e interpretações da realidade. Ou seja, são quase inexistentes os trabalhos da chamada “pesquisa aplicada”, que buscam resolver problemas concretos da sociedade. Em uma simples pesquisa que fizemos nas dissertações e teses em

Comunicação produzidas entre 2013 e 2016 (portanto, quatro anos) e publicadas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES buscando aquelas que estavam indexadas com o termo “pesquisa aplicada”, apenas três pesquisas (isso mesmo, três) adotavam a perspectiva da pesquisa aplicada, ou seja, buscavam propor soluções concretas para problemas comunicacionais. Casualmente, esses três trabalhos eram sobre jornalismo. Para mim, estudos sobre inovação provavelmente devem adotar a perspectiva de pesquisa aplicada. Análises descritivas são necessárias, mas não podem ser praticamente o único tipo de conhecimento científico que produzimos na pós-graduação – se continuarmos nesse único caminho não estaremos atendendo as demandas sociais.

ÂNCORA

A sua produção intelectual, quando reflete sobre as teorias do jornalismo, aborda a premissa de que o jornalismo é um tipo de conhecimento, comungando com teóricos como Genro Filho, Eduardo Meditsch e outros clássicos. A atualidade nos entremostra a exacerbação de um jornalismo informativo, ligeiro, perecível. **Há que se renovar essa discussão sobre o jornalismo como forma de conhecimento, ou ela ainda é pertinente para refletir sobre o agora do campo?**

Carlos FRANCISCATO | Como sabemos, a tese de Genro Filho surge no ambiente intelectual dos anos 1980, que estava altamente afetado seja pela perspectiva funcionalista ou pelas perspectivas críticas e construcionistas sedimentadas. A grande tese geral de que a realidade que conhecemos é socialmente construída me parece ainda válida, tanto que ela se espalhou por várias áreas, campos e disciplinas. Mas tenhamos cuidado: essa tese tem um alto grau de abstração; para que ela seja utilizada como modelo descritivo, há a necessidade de elaborarmos estudos que sustentem um movimento em direção ao concreto. Este movimento se dá em forma de tensionamento entre o abstrato e o concreto. Para mim, o movimento

UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO JORNALISMO: entre o desenvolvimento e a Inovação

do conhecimento está nesse tensionamento, não na determinação de uma dimensão sobre a outra.

Ao aceitarmos a tese de que o jornalismo é uma forma de construção do conhecimento que temos de mundo, não estamos afirmando a exclusividade do jornalismo neste processo. Ele consegue, no máximo, construir um tipo específico de conhecimento, que são as notícias – aqueles textos recheados de fatos e valores, que nos fazem acreditar que o mundo ocorre do jeito que os jornalistas nos contam. Para aceitar que o jornalismo constrói referências sobre a realidade temos que acreditar que o jornalismo é um discurso com pretensões de verdade. Ou seja, a tese de Adelmo se sustentaria se estiver fundada em premissas normativas (dever da verdade, orientação para o interesse público etc.) – considerar, então, que o jornalismo se configura não somente pela prática, mas por princípios da atividade. Se perdermos essas premissas normativas, cairemos na armadilha de que qualquer discurso constrói uma forma própria de representação da realidade; portanto, teríamos um movimento circular e convulsionado de referências, e o jornalismo seria uma presença insignificante para que as pessoas construíssem noções sobre o mundo em que vivem.

Apesar do crescimento de uma multiplicidade de novos e diversificados discursos povoando nosso espaço público, devido em boa parte às tecnologias digitais de informação e comunicação, ainda operamos cognitivamente uma capacidade de discernimento que nos faz reconhecer o discurso jornalístico. As transposições de linguagens, formatos, mídias e atores ainda não desconfiguraram o jornalismo a ponto de não o reconhecermos na sua singularidade. Todavia, como estamos falando de um tensionamento que é dinâmico, noções e valores sobre o jornalismo podem ser reconstruídos, ou desconstruídos. O jornalismo sempre foi condicionado pelas tecnologias e pelas lógicas econômicas e políticas vigentes em cada época. Um eventual risco contemporâneo do jornalismo não é sua aceleração intensificada pelas tecnologias, que estimulam relações de

instantaneidade, mas a associação dessas tecnologias a lógicas sistêmicas de um mercado, ou da política, visando obter o máximo de ganho possível com o jornalismo; de o jornalismo adquirir um sentido estratégico de ganho e sofrer uma conseqüente perda de valores.

ÂNCORA

Uma outra definição fundamental em sua produção é aquela que pensa o jornalista como um perito, cuja prática se rege por regras, técnicas e maneiras de explicar os acontecimentos através das suas narrativas. **O campo, porém, vive, na atualidade, críticas profundas advindas da esfera da opinião pública, que se manifesta em *blogs* e periódicos especializados. O jornalista perito está asfixiado?**

Carlos FRANCISCATO | Costumo abordar a concepção dos sistemas peritos, em Anthony Giddens, e aplicá-la ao jornalismo a partir da percepção de que esta atividade é constituída por um conjunto de conhecimentos de diferentes aspectos, que poderiam ser reunidos em dois grandes grupos: conhecimentos baseados no senso comum e conhecimentos especializados. Enquanto o senso comum é nosso principal ambiente cultural de convivência e produção de conteúdos jornalísticos, é o conhecimento especializado que capacita o jornalismo a operar a realidade de maneira qualificada. Giddens denomina como sistemas peritos “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”. Este conceito acentua sua diferença em relação ao senso comum, pois no senso comum temos (apenas) o estoque de conhecimentos práticos, não reflexivos, de nossa vida cotidiana. Mas o jornalismo é uma função complexa, que requer *expertise*, competência interpretativa e técnica no tratamento dos fatos jornalísticos. Se o jornalismo é questionado hoje não é por seu excesso de qualidade ou especialização, mas por sua falta. Este novo ambiente tecnológico das redes digitais aproximou as condições de vivência do senso comum e do conhecimento especializado, mas não fundiu ambos em um só. Por

UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO JORNALISMO: entre o desenvolvimento e a Inovação

isso que é perceptível que milhares de pessoas, com seu conhecimento de senso comum, acreditam produzir textos que se assemelham ao conteúdo jornalístico, mas, de fato, não serão jornalistas nem produzirão jornalismo, pois lhes falta *expertise* para a sua produção.

ÂNCORA

Na condição de pesquisador, quais os principais conflitos e paradoxos que atravessam o CAMPO do JORNALISMO enquanto instância midiática de poder, manipulação e de agenciamento do conhecimento que habitualmente prioriza o tempo presente?

Carlos FRANCISCATO | É comum construirmos um cenário para o jornalismo constituído por conflitos, paradoxos e crises. Mas eu busco observar três ordens de dimensões, ou fenômenos, que compõem esse cenário e que possuem seus próprios movimentos, entrando em choque uns com os outros: a questão institucional, a questão organizacional e o empoderamento dos públicos. No aspecto institucional, princípios do jornalismo são colocados em dúvida, como o princípio da verdade (expresso, por exemplo, pelas expressões “notícias falsas” ou “pós-verdade”) ou o da independência. Ao mesmo tempo, não vejo que esses questionamentos estejam atacando o valor que o jornalismo tem para as sociedades democráticas; pelo contrário, continuamos a afirmar seu papel essencial para a vida pública. No aspecto organizacional é que tem ocorrido as maiores mudanças (ou desconstruções). Por um lado, porque nosso imaginário de jornalismo, construído tendo por referência grandes empresas jornalísticas privadas, vem caindo por terra devido à crise deste modelo de negócio. Por outro lado, cada vez mais percebemos que a lógica mercantil do jornalismo muito fracamente defende e luta por princípios jornalísticos; o contrário é mais comum. Vivemos, então, uma explicitação dessa contradição no jornalismo: princípios da instituição *versus* lógica mercantil da organização. Essa contradição já existia, mas agora está mais visível porque vivemos uma era da

visibilidade em todos os níveis. Um terceiro aspecto é, ainda, a redefinição do papel e do lugar do público nesse processo: ele não é mais leitor, nem se aceita apenas com tal função. É ele quem mais ganha com essa expansão da visibilidade social, e prefere intervir, sugerir, criticar, produzir, desafiar, criar novas redes alternativas de comunicação que fujam das estratégias de poder que os meios de comunicação, inevitavelmente, exercem. Neste empoderamento do público há, então, uma cobrança mais vigorosa em relação aos princípios jornalísticos não cumpridos, e também às limitações da ideia de jornal como empresa privada com foco mercadológico.

ÂNCORA

O senhor concorda com aqueles que pensam que há uma certa histeria e tendenciosidade por parte da grande imprensa e de determinadas coberturas jornalísticas ao tratarem de temas complexos, a exemplo do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2016) e da produção de notícias pautadas na operação Lava Jato?

Carlos FRANCISCATO | É nas situações-limite que cada um é desafiado a dar o melhor de si. Vivemos uma implosão de nosso sistema político, incluindo instituições e valores, e o jornalismo atua amadoristicamente: tanto por não demonstrar competência de apuração, como por se deixar levar pela sedução do poder e querer participar ativamente do próprio jogo da política. Esses dois aspectos são males fatais para o jornalismo, e estamos vivenciando ambos atualmente, com o agravamento de que o predomínio dos interesses da luta de poder tem obscurecido a capacidade racional de apuração e edição. Organizações jornalísticas estão rasgando valores expressos em linhas editoriais e atuando em campo aberto a favor ou contra determinado grupo político. Isso demonstra um despreparo dessas organizações em todos os níveis de comando. Esses desafios, é claro, sempre foram estruturais no jornalismo: o jornalismo raramente atinge um desempenho exemplar e qualificado; normalmente ele é mediano. Além disso, sempre foi condicionado por lógicas e lutas de

UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO JORNALISMO: entre o desenvolvimento e a Inovação

poder. A questão agora é que estamos em uma situação de crise ampla na política, em que os problemas se aceleram e as fissuras se expandem, e percebemos que instituições como o jornalismo e o Judiciário não têm conseguido cumprir sua missão histórica na sociedade.

ÂNCORA

O termo jornalismo está circunscrito, em diversas línguas, à ideia de dia, jornada. Também circunscribe-se a um tempo clássico da produção, em que a redação controlava desde a colheita do acontecimento, à hora em que o mesmo seria distribuído. A era atual transformou completamente essa prática, ainda que as tevês trabalhem com horários fixos para os seus jornais e que ainda se entregue o jornal do dia seguinte com notícias que já foram completamente deglutidas, regurgitadas, no centro dos processos de audiências. **Havemos que repensar sobre o termo jornalismo ou considera que essa discussão é inócua?**

Carlos FRANCISCATO | O jornalismo continua a ser focado no tempo presente – é a temporalidade de sua existência. O que precisamos é identificar quais os fatores que compõem essa temporalidade hoje, o grau de importância de cada uma e como se relacionam e influenciam. Em linhas gerais, há três dimensões da temporalidade: uma relacionada aos fatores temporais presentes no processo de produção; outra diz respeito à temporalidade expressa pelos fatos jornalísticos; e a terceira refere-se ao tempo do leitor quando toma contato com o conteúdo jornalístico. Todas essas dimensões são expressões do tempo presente, da atualidade. A questão que nos instiga é o grau de transformação que esses aspectos sofrem com uma sociedade estruturada e conectada por meio de redes digitais. É visível a hipertrofia da instantaneidade; ela surge, talvez, como a grande experiência dessa temporalidade do presente. Ao mesmo tempo, conseguimos inclusive presentificar o passado, trazer a memória do passado para enriquecer a nossa vivência do presente. Ambos sofrem um deslocamento de seus efeitos ao

considerarmos a centralidade dos públicos (leitores, audiências) na condução do processo comunicativo contemporâneo. E a experiência temporal do leitor é tanto individual (subjetiva) quanto coletiva (intersubjetiva, conectada em redes de leitores), mas, inevitavelmente, mais intensa do que nas formas tradicionais de jornalismo (mesmo nessas a atuação dos públicos na leitura e repercussão dos fatos jornalísticos já era decisiva para dar atualidade a esses fatos, conforme indicou Lorenzo Gomis). As tecnologias digitais ampliam as manifestações temporais por facilitar as trocas entre essas várias dimensões, dando mais consistência a uma experiência de multitemporalidade.

ÂNCORA

Ainda sobre a perecibilidade das notícias jornalísticas, e sobre a temporalidade e a atualidade, como uma espada de Dâmoçles na cabeça dos repórteres. **O “presente precioso” pensado por Robert Park se perdeu? O jornalista deixou de ser a “lâmpada nervosa” pensada por Walter Lippmann, e agora é toda a sociedade que está à busca do “presente precioso”, feito “lâmpada nervosa”? Todo mundo é jornalista agora?**

Carlos FRANCISCATO | Há dois aspectos nesta pergunta que se entrelaçam: um está ligado ao fato de que a temporalidade do jornalismo é o tempo da ação; o segundo se refere aos atores envolvidos na construção dessa temporalidade. No primeiro aspecto, estamos trazendo Robert Park, quando, na sua afirmação de que o tempo da notícia é o tempo presente, o autor argumenta que o presente é o tempo da ação – não só a ação embutida no acontecimento noticiado, mas da ação que possa ser gerada a partir do relato jornalístico. A ação social aqui tem um sentido amplo, que inclui também a construção discursiva e simbólica do mundo. O jornalismo tanto constrói discursivamente uma temporalidade do presente, como auxilia as pessoas a construírem concretamente (além de simbolicamente) sua experiência do presente. A informação jornalística é uma ferramenta que embasa nossa compreensão do

UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO JORNALISMO: entre o desenvolvimento e a Inovação

mundo e nos motiva a agir nele de determinada forma. Hoje, em um mundo que está amplamente interconectado tecnologicamente, há um maior entrelaçamento das dimensões da informação produzida e da informação em circulação: ambas são parte de uma ação contínua de viver nosso mundo sob o signo da instantaneidade. Produzimos, circulamos e agimos com base em informação quase ao mesmo tempo – neste entrelaçamento, diminuem as distâncias e diferenças entre os atores que informam, põem em circulação e agem socialmente. A ideia de que “todo mundo é jornalista”, inspirada por esse nova rede sociotécnica de viver o mundo, é falsa, pois inibiria a percepção das diferenças reais que sempre existirão na sociedade e se encontram no substrato dela: as tecnologias digitais não são produtoras de igualdade; elas são ferramentas, plataformas e ambientes em que diferenças e desigualdades podem ser, eventualmente, ampliadas ou desafiadas, e novos equilíbrios surgirem, mas as lutas simbólicas e concretas do mundo real perdurarão. A tese de que agora “todo mundo é...” (jornalista, médico, advogado, engenheiro etc.) só porque as informações são mais acessíveis no mundo digital, e de que, com elas, podemos agir prescindindo da atuação dos especialistas tem, para mim, um alto componente de ingenuidade.

ÂNCORA

As notícias falsas (*fake news*) **não são acontecimentos exclusivos de nossa "modernidade líquida"**. Remontam as intrigas fabricadas por jornais e revistas de séculos passados. Sempre afirmamos que as *fake news* colocam em risco a credibilidade da informação ao inventarem acontecimentos inexistentes ou deturparem a realidade dos fatos. As falsas notícias, os fatos inventados e os boatos incorporados à notícia enquanto manipulação geram desinformação e soterram a própria ética no jornalismo. Podem resultar em danos morais para terceiros e até gerar interferências em resultados eleitorais, mercados financeiros, abalo de credibilidades, entre outros. Trata-se de um processo de manipulação que mascara a realidade dos fatos. No século XIX, ao longo dos anos 1860, Theodor Fontane juntou-se ao jornal alemão

ultraconservador *Kreuzzeitung* para realizar coberturas jornalísticas e relatos pessoais que posteriormente foram comprovados como notícias falsas ou "não notícias". Essa discussão é, então, recorrente ao nascimento do jornalismo. Na atualidade, o ambiente das redes sociais com configurações multiplataforma, as transmissões ao vivo e a produção de conteúdos colaborativos com a utilização de dispositivos móveis favorecem a multiplicação de conteúdos falsos. Alguns artigos já sinalizam que a campanha presidencial norte-americana de 2016 que elegeu Donald Trump pode ter sido favorecida pela avalanche de notícias falsas beneficiando o atual ocupante da Casa Branca. **Por favor, discorra sobre as notícias falsas (*fake news*), jornalismo, sensacionalismo, fontes, sigilo das fontes e checagem da informação.**

Carlos FRANCISCATO | Sua questão é oportuna ao buscar um dos pontos de origem da discussão: o movimento de surgimento do jornalismo reforça, nos séculos XVI e XVII, a separação entre boatos e notícias. Ou mais especificamente: entre textos que eram construídos com a intenção de iludir, falsear, enganar com fins estratégicos e textos com a intenção de relatar os fatos como eles estavam acontecendo. Essa diferença de pretensões marca o surgimento do jornalismo nas sociedades ocidentais e indica a contribuição fundamental que o jornalismo trouxe para a organização das sociedades, que vão se tornando cada vez mais complexas. A pergunta que podemos fazer atualmente é: nós, como sociedade, queremos abrir mão desta separação? Queremos nos entregar ao "prazer lúdico" de misturarmos relatos que buscam ser verazes com outros textos, que buscam falsear por diversas razões? Se a resposta for sim, de fato vivemos em uma era da "pós-verdade". Mas acho esse caminho baseado em teses imprecisas, ilusórias, mais especulativas do que realistas, alimentadas por uma cultura contemporânea efêmera e performática, geradora de discursos que buscam entendimentos simplificados e rápidos sobre o mundo. O termo "notícia falsa" padece, para mim, deste mal da incompreensão sobre as coisas do mundo. Tenho afirmado que o

UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO JORNALISMO: entre o desenvolvimento e a Inovação

termo “notícia falsa” (“fake news”) expressa esse apego ao não-conceito, porque o termo é uma contradição em si mesmo. Qualquer ideia sensata sobre o que é notícia rejeita, por princípio, essa possibilidade de haver um derivativo “falsa”. Sabemos que a notícia circula em torno da ideia de “verdade”. Não a verdade concreta, “pura”, inalcançável nas situações e rotinas conturbadas da profissão. Mas a verdade como horizonte que dá sentido à atividade jornalística. A verdade como o próprio ar que dá vida ao jornalismo. A mentira sempre será a negação da notícia, sua asfixia. O jornalista erra, de fato, mas sem a intenção de mentir, de deliberadamente falsear, o que nega a atividade jornalística.

Então, para entrar nesse jogo lúdico da disputa de sentidos, ousou provocar uma substituição do termo “notícia falsa” por outro: “mentira contada na forma de notícia”. Acho esse segundo conceito muito mais preciso para descrever a seguinte operação intelectual: extrair artificialmente da notícia seu formato e produzir um texto que se mascara com alguns princípios do jornalismo. É uma operação executada normalmente com fins estratégicos, para gerar entendimentos imprecisos, irracionais ou ideológicos (com pretensões de poder) sobre o mundo. Em palavras mais simples: uma operação com o fim de enganar, ludibriar, divertir, destruir e também de obter bons ganhos financeiros com esses textos falsos. Tudo isso sendo o contrário do que o jornalismo se propõe a ser.

ÂNCORA

A IMPRENSA comete erros e nem sempre corrige as suas próprias falhas. O uso do "Erramos" é insuficiente para correção de reportagens danosas a determinadas pessoas, individualmente, ou à sociedade como um todo. **Na sua opinião, como o senhor analisa o comportamento da IMPRENSA em relação aos erros cometidos em reportagens, ou até mesmo em posicionamentos editoriais equivocados?**

Carlos FRANCISCATO | Abordei, em uma questão anterior, o desafio de pensar o jornalismo considerando que ele possui duas dimensões

articuladas: uma é a dimensão institucional, por meio da qual reconhecemos os valores que afirmam o papel e a legitimidade social do jornalismo para relatar fatos com base em princípios como o da veracidade. Outra dimensão é a organizacional, em que a atividade jornalística, balizada por esses princípios, se concretiza em organizações jornalísticas estruturadas, em sua maioria como empresas privadas com vocação mercantil. São duas lógicas que mais têm explicitado contradições do que formas de convivência. A conduta danosa da imprensa ao reduzir a importância e visibilidade de seus erros, para que isso não macule sua “marca” jornalística e seu desempenho no mercado, é um exemplo clássico dessa contradição. Sou cético em relação às virtudes e potencialidades desse modelo empresarial de jornalismo. Dependemos dele, defendemos a liberdade de imprensa e também a liberdade de as empresas atuarem no jornalismo como se fosse um mercado, mas sabemos que isso não levará a uma atividade jornalística de qualidade, com equilíbrio e foco no interesse público. Pelo menos, nos últimos tempos, a sociedade tem conseguido desenvolver ações que vêm desafiando a postura autoritária das empresas quando estas defendem seus interesses mercantis e políticos em detrimento do interesse público: as tecnologias digitais estão empoderando os públicos para enfrentarem esse modelo de negócio e tornar explícitas suas mazelas. Apesar desse potencial, o cenário de enfraquecimento das empresas me traz certa tristeza, pois minha ideia de jornalismo se construiu no ambiente sociocultural e organizacional da “empresa jornalística” como referência de identidade profissional e atuação coletiva. Podemos, eventualmente, trabalhar para buscar modelos híbridos que abram esse controle privado para acesso e intervenção por parte dos públicos, mas isso não tem feito parte da cultura clássica de arrogância empresarial, e as coberturas jornalísticas recentes, particularmente da tensa política brasileira contemporânea, indicam que as empresas continuam a preferir o jogo do poder do que o interesse público.

ÂNCORA

Qual seria a saída para a reconquista de um jornalismo que fortaleça, de fato, a opinião pública e as democracias? Ou será que a prática de um JORNALISMO efetivamente cidadão continua sendo uma utopia? Ainda há espaço para o JORNALISMO contar boas histórias, e ainda cumprir aquele ideal clássico de fortalecimento das democracias?

Carlos FRANCISCATO | Há duas formas de pensar a questão colocada: um caminho é operar no campo das teorias normativas de sociedade e, lá, analisar o papel do jornalismo para robustecer as democracias contemporâneas. Olhar sob a perspectiva normativa significa buscar um “dever ser” do jornalismo, o que, para mim, é diferente da ideia de pensamento utópico. Creio mesmo que é nesse nível de reflexão que o jornalismo encontra sua melhor sustentação teórica e coerência com interpretações fundamentais da sociedade, como a democracia e a cidadania, além de conceitos mais localizados, como opinião pública e interesse público. Ou seja, as teorias do jornalismo não podem prescindir de conter as perspectivas normativas para caracterizá-lo. Outra forma de analisar a pergunta acima é operar intelectualmente com teorias construídas em perspectivas descritivas, em que predomina o esforço de entender o jornalismo “como ele realmente é”, e não “como deveria ser”. Só que, nessa segunda perspectiva, os dados da realidade têm nos indicado que a atividade jornalística vem se fragilizando nas sociedades em consequência das experiências concretas de organizações jornalísticas, baseadas em empresas privadas altamente permeáveis às lógicas do poder político e econômico, e com suas próprias estratégias de ganho nesses dois campos. O que me parece, talvez, ser uma indicação de eventual saída para evitarmos impasses entre essas duas perspectivas é um fenômeno crescente de empoderamento dos públicos – experiência particularmente potencializada pelas novas infraestruturas tecnológicas das sociedades com interações cada vez mais digitalizadas e em rede. Talvez seja possível apostar que, para

esses públicos que emergem com mais força no espaço público, serão os valores do jornalismo que devem ser defendidos como aspectos essenciais à atividade, e não sua lógica comercial ou de poder. Se se confirmar assim, os jornalistas e as organizações jornalísticas precisarão recuperar a centralidade dos princípios democráticos e de cidadania na sua atuação, pois poderão ser estes os princípios que interessam à sociedade.

ÂNCORA

As transformações tecnológicas e de mobilidade no jornalismo, inevitavelmente, recaem sobre a prática jornalística. O jornalista, cada vez mais, precisa lidar com uma condição multitarefa e de produção multiplataforma. **Que desdobramentos essa condição do jornalista atual pode trazer para o profissional do jornalismo e para a qualidade do conteúdo produzido, se considerarmos essa multiplicação de funções e as exigências pela velocidade?**

Carlos FRANCISCATO | Quando tratamos da condição profissional do jornalismo em um ambiente tecnológico que favorece a multitarefa, precisamos ver algumas especificidades no processo. As transformações tecnológicas são processos contínuos, sucessivos e inevitáveis, e sua incorporação aos setores produtivos, principalmente àqueles de vocação industrial, fatalmente alteram os tipos e perfis de funções nas relações de trabalho. Assim, desde que o jornalismo se tornou industrializado, a partir do século XIX, novas funções vêm surgindo e outras se tornando obsoletas nas redações jornalísticas, assim como a possibilidade de algumas tarefas se simplificarem e serem incorporadas a outras, mais complexas. Estou, então, falando de uma tendência geral que se expressa hoje nas transformações da atividade jornalística. Contra essa tendência não deveríamos nos opor, a princípio, pois é um movimento do processo civilizatório. Entretanto, essa transformação não é aleatória, espontânea, mas induzida por visões de mundo e interesses, pois a tecnologia não se impõe por si mesma.

UM AGUDO DIAGNÓSTICO DO JORNALISMO: entre o desenvolvimento e a Inovação

Então, as mudanças no perfil profissional do jornalista devem ser compreendidas tanto como consequência desse processo mais amplo que atravessa formas específicas do fazer jornalístico, quanto como expressão de definições que desejamos aplicar à atividade. O jornalismo multitarefa traz mais benefícios ou malefícios à oferta, para a sociedade, de mais jornalismo e de jornalismo com mais qualidade? Entendo que apenas uma resposta positiva a essa pergunta justifica investir na transformação da função jornalística em multitarefa, e esta resposta não pode ser vista apenas por uma dimensão (como, por exemplo, os benefícios que traz ao jornalismo como negócio), mas de uma perspectiva de mais qualificação da experiência social que os públicos têm com o jornalismo.



Produções Bibliográficas Carlos Eduardo FRANCISCATO

Principais Livros

FRANCISCATO, C. E.; GUERRA, J. L. (Org.); FRANCA, L. C. M. (Org.). **JORNALISMO E TECNOLOGIAS DIGITAIS**: produção, qualidade e participação. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2015. v. 1. 204p.

FRANCISCATO, C. E. **A FABRICAÇÃO DO PRESENTE** - como o Jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora Universidade Federal de Sergipe, 2005. v. 1. 273p

Capítulos de Livros

FRANCISCATO, C. E. Tecnologia, inovação e capital social das organizações jornalísticas. In: Jacqueline Lima Dourado; Denise Maria Moura da Silva Lopes; Renan da Silva Marques. (Org.). **ECONOMIA POLÍTICA DO JORNALISMO**: tendências, perspectivas e desenvolvimento regional. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2016, v. 1, p. 117-147.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Teorias sociais sobre a tecnologia e os estudos de jornalismo digital. In: Carlos Eduardo Franciscato; Josenildo Luiz Guerra; Lilian Cristina Monteiro França. (Org.).

JORNALISMO E TECNOLOGIAS DIGITAIS: produção, qualidade e participação. 1ed.São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2015, v. 1, p. 17-48.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; SANTANA, C. C. Jornalismo e dispositivos moveis: um estudo sobre os aplicativos de notícias do UOL, Estadão e O Globo. In: Carlos Eduardo Franciscato; Josenildo Luiz Guerra; Lilian Cristina Monteiro França. (Org.). **JORNALISMO E TECNOLOGIAS DIGITAIS:** produção, qualidade e participação. 1ed. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2015, p. 140-159.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. In: Gislene Silva; Marcos Paulo da Silva; Mario Luiz Fernandes. (Org.). **CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE** - Problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014, v. 1, p. 85-113.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Possibilidades da Economia Política do Jornalismo nas interfaces entre estudos sobre jornalismo e Economia Política da Comunicação. In: Jacqueline Lima Dourado. (Org.). **ECONOMIA POLÍTICA DO JORNALISMO:** campo, objeto, convergências e regionalismo. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2013, v. 1, p. 23-48.

Principais Artigos Publicados

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Novas perspectivas para uma sistematização das teorias do jornalismo. In **Texto** (UFRGS. Online), v. 0, p. 658-676, 2015.

FRANCISCATO, C. E. O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. **Brazilian Journalism Research (Online)**, v. II, p. 96-123, 2014.

FRANCISCATO, Carlos E.. Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais. **Revista GEINTEC:** gestão, inovação e tecnologias, v. 4, p. 1329-1339, 2014.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; PEREIRA, Luiza Joiceane Cazumbã. O diálogo interdisciplinar entre jornalismo e arquitetura da informação: estudo da estrutura de navegação do Portal G1/Sergipe. **Revista de Estudos da Comunicação** (Impresso), v. 14, p. 43-61, 2013.



A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

Claudia Irene de **QUADROS**¹
Universidade Federal do Paraná

ÂNCORA

No livro que organizou, conjuntamente com Kati Caetano e Álvaro Laranjeira, sob o título, *Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais*, vocês buscaram refletir com Giorgio Agamben² sobre o contemporâneo. “[...] [O] autor define contemporâneo como aquele que consegue ver, apesar das luzes que provém da sua época, as sombras, a obscuridade: ‘contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele’. E conclui: ‘Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provém do seu tempo’ [...]”³. **Transpondo essa reflexão para o jornalismo contemporâneo, que sombras podem ser vislumbradas? Que espécie de fecho de inquietações o jornalismo nos atira sobre o rosto?**

¹ JORNALISTA. Pós-doutora em Ciências da Comunicação pela Universitat Pompeu Fabra, Espanha (2010). Doutora em Jornalismo Digital pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de La Laguna, Espanha. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social e do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná. Autora dos livros **Jornalismo e Convergência: ensino e práticas profissionais** (2011) e **Los periodistas y diarios electrónicos: las exigencias profesionales en la Red** (2005). Possui experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Digital e Práticas Comunicacionais.

² AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. p. 64.

³ CAETANO, Kati; BARBOSA, Marialva; QUADROS, Claudia. Dispositivos e Práticas Jornalísticas em um Mundo sem Fronteiras. *In*: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANJEIRA, Álvaro (Org.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã, PT: LabCom Books, 2011. p. 70.

Claudia QUADROS | Ao longo da sua existência o jornalismo sempre se transformou, às vezes de forma tão lenta que acabamos nos acostumando com as pequenas alterações de sua prática. Na contemporaneidade, nos estudos sobre o jornalismo em contexto de convergência, há registros de profundas mudanças em todo o processo de produção e de circulação do jornalismo. A visada registrada é influenciada pelos resultados encontrados em pesquisas sobre as transformações do jornalismo realizadas por mais de duas décadas. Por isso, o foco desta resposta está diretamente relacionado às interações entre os jornalistas e seus leitores – tema que me inquieta há muitos anos. Aqui o leitor é compreendido como aquele que consome jornalismo independente do dispositivo preferido para tal fim, embora reconheça características diferentes entre os que acompanham, por exemplo, o jornalismo pelo jornal impresso ou pelo aplicativo *Instagram*, e a influência de cada um deles sobre o consumidor e vice-versa. O compromisso do jornalismo é com o interesse público, mas o conteúdo produzido parece seguir uma nova ordem: o interesse do público. Em busca de mais leitores, muitas empresas jornalísticas tentam abrir espaço para interagir e atrair a atenção deles por mais tempo possível. Um desafio enorme se consideramos as inúmeras publicações independentes que surgem a cada instante, que prometem o frescor da novidade e uma experiência diferente ao leitor. A interação entre jornalistas e leitores não é tão harmoniosa, como proferido por muitos estudos que abordaram o jornalismo participativo como um espaço plural de vozes. Há uma certa arrogância no ar, sobretudo quando observamos jornalistas afirmando que só há bobagens na participação do público e pouco movimento para buscar no conteúdo gerado pelo leitor inspiração para a produção de um jornalismo de qualidade. Na corrida para chamar a atenção do leitor, empresas jornalísticas têm oferecido conteúdo sobre celebridades, ampliado o espaço do entretenimento e de outro tipo de conteúdo que possa atrair mais leitores. Enquanto surgem influenciadores digitais que estabelecem

A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

contratos de comunicação com seus leitores, percebemos que a universidade e o mercado praticamente não preparam o jornalista para interagir com o público. As reconfigurações de jornalistas e de leitores – já apontadas em diversos estudos de convergência – precisam ser consideradas para o desenvolvimento do jornalismo. Nas interações estabelecidas entre jornalistas e leitores há muitas sombras que devem ser desveladas. A cegueira provocada pela luz da interatividade, que chegou como uma promessa para se fazer um novo jornalismo, ainda é imensa.

ÂNCORA

Ainda sob o eco das reverberações de Agamben, e trazendo para o debate as ideias de aceleração, transitoriedade, eterno presente, será lícito falarmos sobre o futuro do jornalismo?]

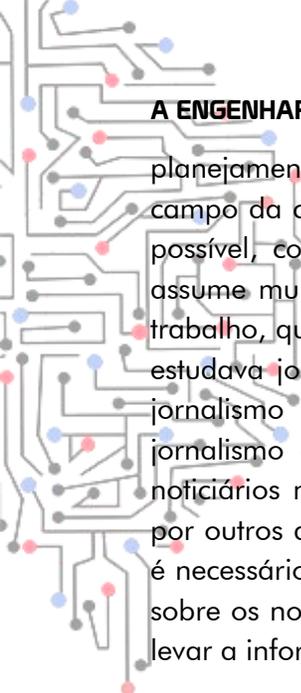
Claudia QUADROS | Ser contemporâneo hoje é um ato de coragem, destaca Agamben. O presente é contínuo, parece que há pouco espaço para refletir sobre o passado e o futuro. Os leitores parecem buscar uma experiência diferente a cada instante. E as empresas jornalísticas, assustadas com a perda de leitores, se apropriam de espaços que têm atraído a atenção do público para fazer um jornalismo de sensações. Aos olhos dos jornalistas e de pesquisadores, o jornalismo parece perder qualidade para tornar-se raso. E o ritmo acelerado tem mostrado que o exercício da profissão de jornalista é um ato de coragem. São muitos os desafios impostos para conseguir romper com o ritmo acelerado de produção de notícias e apresentar algo que valha a pena para o jornalismo e para a sociedade. No entanto, algumas experiências têm nos mostrado que há espaço para o jornalismo de qualidade na contemporaneidade. Desse modo, não só é lícito falarmos sobre o futuro do jornalismo, como precisamos planejá-lo para um futuro mais promissor. E esse planejamento deve ser constantemente atualizado com as transformações (aceleradas ou não) que surgem nesta caminhada. Por isso, necessitamos de currículos de jornalismo mais flexíveis e um

mercado que não fique preocupado em apenas replicar o que faz sucesso entre os leitores. Há necessidade ainda de uma formação continuada para comunicadores dispostos a pensar num jornalismo de qualidade.

ÂNCORA

Em tempos de conexões, redes sociais e jornalismo convergente e multiplataforma, há como se pensar sobre o jornalista como perito? É possível dizer que suas perícias em checar, apurar e investigar perderam sua consistência clássica, para exercitarem-se em acontecimentos que geram *likes*, curtidas e aumento de estatísticas nas redes sociais?

Claudia QUADROS | Nas perguntas anteriores, já descrevi esse fenômeno do jornalismo que replica o conteúdo de sucesso nas redes sociais. Diante desse cenário de convergência, o jornalista percebe as reconfigurações de sua profissão. Ele assume outras funções, além das exercidas anteriormente como checar, apurar e investigar. É certo que no ritmo acelerado das produções das redes sociais, muitas notícias deixam de ser apuradas. As consequências para o meio e para o jornalista que o representa são desastrosas, pois em poucos segundos perde-se a credibilidade. Pesquisas sobre a credibilidade das redes sociais apontam que os leitores ainda buscam os meios dito convencionais quando querem uma informação crível. No entanto, o descrédito também tem aumentado entre esses meios de comunicação tradicionais. Talvez seja consequência do modo de produção acelerado de meios que pulam etapas para conseguir conquistar leitores e, assim, acabam cometendo inúmeros erros. Logo, é preciso repensar alguns processos de produção no jornalismo para preservar algumas das suas características consideradas essenciais. A ruptura com o ritmo acelerado talvez seja o segredo para se fazer jornalismo de qualidade, garantindo assim o desempenho de funções listadas nesta questão e de outras mais, como a de mediador. Essa mediação entre jornalista – leitor exige um



A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

planejamento maior de empresas e de profissionais que atuam no campo da comunicação. Alguns fatores impedem que essa ação seja possível, como a redução de jornalistas nas redações. O jornalista assume multitarefas que implicam em redução da qualidade do seu trabalho, que exige cada vez mais um ritmo acelerado. Na época que estudava jornalismo, ouvia repetidas vezes que os jornalistas faziam jornalismo para outros jornalistas. Hoje, muitos estudantes de jornalismo declaram que não leem jornais impressos ou assistem noticiários na televisão. A maioria opta por acompanhar as notícias por outros dispositivos, como o *Snapchat* ou *Instagram*. Desse modo, é necessário acompanhar essa mudança de hábitos do leitor e refletir sobre os novos formatos da notícia para conquistá-lo e, assim, poder levar a informação de qualidade.

ÂNCORA

Ainda na perspectiva da indagação anterior, vemos frequentemente a atenção do jornalismo para notícias que aconteceram em lugares distantes do mundo. São fatos da vida conectada, que abolem fronteiras, destronam pautas locais e regionais, por conta da reação das audiências. **O jornalismo acaba contribuindo para uma espécie de ciber-espetáculo. Uma das sombras desse jornalismo contemporâneo pode ser o entretenimento e a futilidade a qualquer preço?**

Claudia QUADROS | Os estudos de jornalismo de proximidade comprovam que o conhecido atrai leitores. Assim como preparamos futuros jornalistas para refletirem sobre a importância da cobertura local, precisamos formar cidadãos mais críticos dos meios de comunicação e mostrar a importância das notícias que ocorrem em nosso entorno. Se a notícia que acontece do outro lado do mundo atrai mais os nossos leitores, então os jornalistas devem refletir sobre a repercussão delas em nossas vidas. O ritmo acelerado e o acúmulo de funções têm dado lugar às ações impensadas, como a replicação de fatos sem devida contextualização. Não vejo o entretenimento como uma sombra do jornalismo contemporâneo. Encaro como um

fenômeno de uma época, que pode ser explorado pelo jornalismo de forma menos fútil e a qualquer preço. Já vi o jornalismo cor-de-rosa – de celebridades – ser usado em campanhas contra câncer e contra os mais diversos preconceitos. O jornalista não tem o poder que tinha no passado, mas precisa exercer o papel de mediador. Na Era da convergência, percebemos que também há espaço para jornalismo de qualidade.

ÂNCORA

Você concorda com aqueles que pensam que há uma certa histeria e tendenciosidade por parte da grande imprensa e de determinadas coberturas jornalísticas ao tratarem de temas complexos, a exemplo do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2016) e da produção de notícias pautadas na Operação Lava Jato?

Claudia QUADROS | As redes sociais também são formadas por pessoas que têm interesses comuns, mas que nem por isso deixam de apresentar conflitos em suas interações. Muitos debates que ocorrem nas redes sociais parecem de torcidas organizadas. Exige-se um posicionamento. O jornalismo público há muito tempo não acredita na imparcialidade e prefere avisar os seus leitores da posição que toma sobre determinado fato. O leitor deveria ter o direito de saber o lugar de fala de seus meios de comunicação, que nem sempre são transparentes. Concordo que as coberturas jornalísticas são tendenciosas, pois quase nunca vejo todos os lados de um fato em uma reportagem. Na Era da convergência, as notícias são divulgadas de forma fragmentada e o tempo não permite que o leitor consiga fazer todas as conexões para transformá-lo no leitor ideal defendido por Umberto Eco. A política de uma empresa de comunicação determina o perfil de veículo de comunicação. No entanto, hoje há muitos espaços para divulgar uma informação. O jornalista nem precisa passar a notícia para um colega de profissão que trabalha em veículo concorrente para ver o fato publicado, como acontecia no passado. De certo modo, os mecanismos que permitem maior

A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

interação entre jornalistas, fontes, colegas de profissão e leitores garantem a publicação de um fato de forma muito mais rápida. Por outro lado, o próprio jornalista assume posições quando não ouve todos os lados de uma história. Também vivemos em um período em que o posicionamento do jornalista é valorizado. Tenho a sensação de ver nascer o jornalista líder de torcida, que defende determinado posicionamento para ter seguidores, leitores que buscam argumentos para defender suas ideias. Assim, o jornalismo perde uma das suas principais funções que é fazer uma cobertura plural dos fatos. Assim, perde a sociedade que não escuta o outro para ouvir ideias diferentes das suas.

ÂNCORA

O termo jornalismo está circunscrito, em diversas línguas, à ideia de dia, jorna, jornada. Também circunscreve-se a um tempo clássico da produção, em que a redação controlava desde a colheita do acontecimento, à hora em que o mesmo seria distribuído. A era atual transformou completamente essa prática, ainda que as tevês trabalhem com horários fixos para os seus jornais e em que ainda se entregue o jornal do dia seguinte com notícias que já foram completamente deglutidas, regurgitadas, no centro dos processos de audiências. **Havemos que repensar sobre o termo jornalismo ou considera que essa discussão é inócua?**

Claudia QUADROS | A discussão sobre o tempo não é inócua, pois ele tem transformado o fazer jornalístico. A palavra jornalista vem do francês *journaliste*, que significa analista do dia. Ignacio Ramonet, ao discutir sobre o tempo acelerado do jornalismo contemporâneo, já sugeriu de forma irônica que o jornalista deveria mudar o nome para “instantaneísta” da notícia. O termo jornalismo não deve estar associado apenas à questão etimológica, pois o seu nome também carrega uma longa história de esforço por uma sociedade mais democrática. No entanto, novas expressões, como a do “instataneísta”, servem para chamar atenção para discussões mais profundas sobre as transformações do jornalismo. E este deve ser o

foco. No Brasil, pesquisas sobre as mudanças no jornalismo provocadas pelo tempo trazem importantes contribuições para esse tema. Entre os pesquisadores brasileiros, destaco os estudos de Carlos Eduardo Franciscato e de Sylvia Moretzsohn. O primeiro deles mostra o impacto das tecnologias sobre o fazer jornalístico, que foi ganhando maior agilidade à medida que novas estradas e novos equipamentos surgiam. O segundo critica o fetiche do jornalismo com a velocidade. A leitura deveria ser obrigatória para pesquisadores e profissionais do jornalismo. Entre os pesquisadores estrangeiros, não poderia deixar de citar Philip Meyer, que há muito tempo acompanha as metamorfoses do jornalismo. Os hábitos de consumo de uma época também exigem reconfigurações no jornalismo. Em uma pesquisa recente sobre as teses de doutorado em jornalismo digital nos programas em comunicação da região sul do país, observamos a preocupação dos pesquisadores em estudar as transformações do jornalismo em uma sociedade midiaticizada. O jornalismo, no entanto, parece não conseguir acompanhar a velocidade dessas mudanças. A televisão, o jornal impresso e o rádio, como apontam as pesquisas, buscam oferecer conteúdo de acordo com a demanda de consumo. Na Era da convergência, para colocar em prática essas estratégias é preciso repensar o processo de produção e o conteúdo dos meios jornalísticos.

ÂNCORA

As notícias falsas (*fake news*) **não são acontecimentos exclusivos de nossa "modernidade líquida"**. Remontam as intrigas fabricadas por jornais e revistas de séculos passados. Sempre afirmamos que as *fake news* colocam em risco a credibilidade da informação ao inventarem acontecimentos inexistentes ou deturparem a realidade dos fatos. As falsas notícias, os fatos inventados e os boatos incorporados à notícia enquanto manipulação geram desinformação e soterram a própria ética no jornalismo. Podem resultar em danos morais para terceiros e até gerar interferências em resultados eleitorais, mercados financeiros, abalo de credibilidades, entre outros. Trata-se de um processo de

A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

manipulação que mascara a realidade dos fatos. No século XIX, ao longo dos anos 1860, Theodor Fontane juntou-se ao jornal alemão ultraconservador *Kreuzzeitung* para realizar coberturas jornalísticas e relatos pessoais que posteriormente foram comprovados como notícias falsas ou "não notícias". Essa discussão é, então, recorrente ao nascimento do jornalismo. Na atualidade, o ambiente das redes sociais com configurações multiplataforma, as transmissões ao vivo e a produção de conteúdos colaborativos com a utilização de dispositivos móveis favorecem a multiplicação de conteúdos falsos. Alguns artigos já sinalizam que a campanha presidencial norte-americana de 2016 que elegeu Donald Trump pode ter sido favorecida pela avalanche de notícias falsas beneficiando o atual ocupante da Casa Branca. **Como você discute e reflete em suas obras sobre esses fenômenos?**

Claudia QUADROS | No Brasil, um dos espaços profícuos para debater as pesquisas em jornalismo é o Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. No último encontro, em São Paulo, um dos assuntos mais discutidos foi a notícia falsa que se propaga nas redes digitais na Era da pós-verdade. A palavra pós-verdade, que passou a ser bastante usada durante as eleições norte-americanas de 2016, é definida pelo dicionário Oxford como um adjetivo "que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal". Dito de outro modo, o público escolhe o que deseja ser verdade. Por isso, a circulação de *fake news* nas redes sociais digitais revela a necessidade de refletir sobre a deontologia da prática jornalística em contexto de convergência. Sem o controle sobre o intenso fluxo de informação e, claro, do conteúdo divulgado, a busca pela apuração – elemento essencial da prática jornalística – exige novas habilidades e mecanismos. As empresas, como o *Google* e o *Facebook*, já divulgaram os seus esforços para descobrir notícias falsas. Nas minhas pesquisas sobre jornalismo digital, que iniciaram em 1995,

procuro refletir sobre os processos produtivos e as exigências profissionais que estão em constante reconfiguração.

ÂNCORA

A formação universitária, e até mesmo o debate teórico da era contemporânea no jornalismo, têm enfrentado o desafio de formar e refletir no centro mesmo dessas mudanças profundas. **A formação universitária vem dando conta de preparar os jornalistas para o cenário da comunicação conectada, convergente e em multiplataformas?**

Claudia QUADROS | Já participei de uma pesquisa, financiada por 4 anos pela CAPES, para avaliar cursos de jornalismo ante a convergência tecnológica. O projeto foi coordenado por Marcos Palacios, professor da UFBA, e contou com a participação de diversos pesquisadores com muitos anos de dedicação aos estudos em jornalismo digital. Neste estudo, mostramos que no final dos anos 1990 eram poucas as instituições de ensino que tinham em seus currículos a disciplina de jornalismo digital, além disso eram poucos os professores especializados nessa área. Na primeira década dos anos 2000, os cursos brasileiros apresentavam mais disciplinas para preparar o jornalismo para as transformações do jornalismo em contexto de convergência. No entanto, quase sempre as disciplinas eram mais práticas do que teóricas. Acredito que deve haver um equilíbrio entre a teoria e prática na formação do jornalista. No Brasil, as pesquisas defendidas na pós-graduação *stricto sensu* na última década revelam a preocupação em compreender fenômenos de uma comunicação conectada, convergente e multiplataformas. Essas pesquisas têm impactado também na graduação dos cursos de jornalismo, sobretudo daqueles que contam em suas instituições com mestrados e doutorados em Comunicação. As habilidades tecnológicas dos alunos que ingressam no ensino superior também têm ajudado no desenvolvimento do ensino do jornalismo digital.

A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

ÂNCORA

Qual seria a saída para a reconquista de um jornalismo que fortaleça, de fato, a opinião pública e as democracias? Ou será que a prática de um JORNALISMO efetivamente cidadão continua sendo uma utopia? Ainda há espaço para o JORNALISMO contar boas histórias, e ainda cumprir aquele ideal clássico de fortalecimento das democracias?

Claudia QUADROS | “Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”. A frase é do escritor e jornalista Eduardo Galeano. Vou utilizá-la aqui para mostrar uma visão mais otimista do futuro do jornalismo e de seus profissionais, uma vez que critico muito a falta de vozes nos meios de comunicação convencionais. Logo, enquanto houver pessoas dispostas a lutar pela pluralidade de vozes, continuaremos caminhando por uma sociedade mais democrática. É claro que nessa trajetória há avanços e retrocessos, o jornalismo conquista e perde posições quanto ao quesito credibilidade perante a opinião pública. Nesse sentido, observo o crescimento do jornalismo independente no ambiente digital como uma proposta democrática que faz com que os meios convencionais pensem em novas estratégias para conquistar o público. Entre elas, está a criação de espaços para o debate de leitores. Realmente, pode não ser uma participação efetiva, mas é um passo nas mudanças que ocorrem nesse cenário da cultura da conexão. As empresas de comunicação precisam apresentar novas estratégias para interagir com o público.

ÂNCORA

O JORNALISMO tem convivido em suas coberturas, em decorrência do processo tecnológico, com a quebra de alguns protocolos convencionais. Podemos mencionar a utilização de aplicativos de transmissão ao vivo como *Periscope*, *Facebook Live*, câmeras de dispositivos móveis, uso de *drones*, entre outras possibilidades. Qual sua concepção? Em que medida fortalecem a identidade do campo

profissional dos jornalistas ou flexibilizam o conceito do que é jornalismo?

Claudia QUADROS | As transformações no jornalismo sempre aconteceram, mas no cenário de convergência tecnológica essas mudanças aumentam a uma velocidade que parece não ser possível acompanhar. Os jornalistas precisam dominar mais técnicas, pois assumem múltiplas funções. Por isso, o trabalho nas redações jornalísticas só aumenta. Há muitos pesquisadores brasileiros pensando sobre a identidade e as relações de trabalho do jornalista. Entre eles, cito as investigações de Roseli Fígaro, professora da USP. Uma pesquisa recente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR, a qual tive o privilégio de orientar, acompanhou as transformações do processo produtivo em uma rádio de Curitiba nos últimos dez anos. Para tanto, fez uso de preceitos da pesquisa etnográfica e de entrevistas em profundidade, para compreender as mudanças no trabalho do jornalista que atua no rádio em contexto de convergência. Embora muitos profissionais enfrentem uma extenuante rotina de trabalho, todos sonham em produzir um jornalismo de qualidade. Como é impossível fazer isso diante de tantas novas funções assumidas, logo vem a frustração e o desejo de encontrar um novo emprego e/ou oportunidade. Os fenômenos citados na questão, como a quebra de alguns protocolos do jornalismo em decorrência do processo tecnológico, tornam evidentes as transformações do jornalismo. Essas transformações, às vezes, parecem fortalecer a identidade do campo profissional, mostrando a necessidade do jornalista no cenário de convergência tecnológica. Na busca por informação de qualidade, as pessoas parecem depositar mais confiança no indivíduo (jornalista) do que na instituição (meios convencionais). Em outros momentos, a identidade do campo profissional do jornalista parece enfraquecida diante de tantas notícias sensacionalistas que invadem a mídia para chamar a atenção do público. Esse movimento de fortalecimento e

A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

enfraquecimento do jornalismo, que pode ser ilustrado com a tradicional brincadeira de cabo de guerra, sempre existiu. Em tempos de convergência cultural, a descentralização da comunicação e a evolução tecnológica permitiram a criação de diferentes espaços para as pessoas falarem de todos os assuntos sem censura prévia, mas isso nem sempre é garantia de que há um público atento.

ÂNCORA

O campo jornalístico, na contemporaneidade, foi perturbado por uma série de outros agentes, como blogueiros, *youtubers*, influenciadores digitais, sem falar nos dispositivos de cobertura como *drones*, algoritmos, robôs e outros. Por outro lado, o manancial informativo a ser minerado é inesgotável. **Essas novas circunstâncias favorecem ou dificultam o trabalho cotidiano dos jornalistas?**

Claudia QUADROS | O jornalismo em base de dados é uma das preocupações da minha pesquisa. Hoje existem inúmeras ferramentas para ajudar o jornalista na apuração de um fato, e até mesmo na construção da notícia. Por exemplo, muitos aplicativos podem varrer as notícias mais importantes e entregá-las de acordo com a preferência de cada leitor. A Universidade do Texas também desenvolve cursos para a formação contínua de professores e profissionais que pretendem desenvolver um jornalismo guiado por dados. No Brasil, diversos pesquisadores têm atuado nesta área, como Elias Machado, Suzana Barbosa, Marcelo Träsel e Walter Teixeira Lima Junior. A leitura e o cruzamento de dados não é algo novo no jornalismo – a extinta revista *Realidade* já fazia isso nos anos 1960 com os recursos da época. Na contemporaneidade, os recursos tecnológicos são mais avançados e permitem trazer à tona, com diferentes narrativas, os dados que estão “ocultos” na imensidão de informações disponíveis no ambiente digital. O sucesso de muitos *youtubers* e influenciadores digitais, sobretudo daqueles que fazem crítica da mídia, tem incentivado muitos jornalistas a seguir carreira solo. Ao invés de trabalhar para um meio de comunicação

mainstream, optam em escrever sobre temas de interesse com ajuda de máquinas e do público. O trabalho do jornalista, hoje, tem muitas facilidades, mas também dificuldades. A convergência de meios, por exemplo, significou a redução de muitos profissionais nas redações.

ÂNCORA

Diversas funções presentes no jornalismo clássico foram extintas. A profissão tem se modificado e convivido com os chamados “interactores”, no dizer do professor Canavilhas. **Você daria nomes para novas funções que estão surgindo no campo, e porventura surgirão ainda?**

Claudia QUADROS | A busca por nomes apropriados para um novo fenômeno comunicacional sempre foi uma preocupação de pesquisadores. Quem não lembra da aldeia global de Marshall McLuhan, dos *producers* (produção e consumo) de Alvin Toffler, os *gatewatchers* de Axel Bruns e os actantes (aquele que faz uma ação) ou interactores de Bruno Latour? Na pesquisa brasileira também surgiram outros nomes para destacar uma prática jornalística reconfigurada nesse cenário de convergência. Essa ação de atribuir nomes já foi muito criticada por teóricos. Armand e Michelle Mattelart já a observaram mais como uma forma para chamar a atenção do mundo acadêmico do que uma reflexão sobre o fenômeno. Sim, novas funções estão surgindo com as reconfigurações da profissão de jornalista. Os melhores nomes surgem da prática jornalística, no exercício diário da profissão. Acredito que várias obras importantes já trouxeram definições para processos produtivos no jornalismo e que, para fins didáticos, tentaram criar categorias, como os estágios de John Pavlik ao descrever o estado da arte do jornalismo digital. Também gosto de obras que projetam cenários de futuro, como *Midiamorfose*, de Roger Fidler. O jornalismo e seus profissionais estão em constante transformação, logo surgirão novas funções. A partir da reflexão dos fenômenos e do tensionamento com a teoria existente

A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

sempre surgem apontamentos que podem ser citados pelos pares. Esses apontamentos, normalmente, são categorizados para fins didáticos, ou seja, para a compreensão dos leitores da pesquisa.

ÂNCORA

Jornalismo de dados, cobertura imersiva, há como se apontar boas práticas e exemplos atuais que possam despertar nos jovens pesquisadores o orgulho pelo campo e por suas práticas?

Claudia QUADROS | Essa geração, com mais possibilidades tecnológicas, pode desenvolver um jornalismo de qualidade e de profundidade. O jornalismo imersivo, que por meio de uma linguagem híbrida reúne características do jogo digital, do entretenimento e da reportagem, pode ser desenhado para atrair um público acostumado com interações dinâmicas. No jornalismo experiencial, como denomina John Pavlik, há espaço para notícias e para experiências que incluem a audiência na narrativa. Um exemplo clássico desse tipo de jornalismo é o *Snow Fall*, disponibilizado no site do *The New York Times*. No Brasil, destaco duas pesquisadoras que refletem sobre essa prática jornalística: Kati Caetano (UTP) e Raquel Longhi (UFSC). Os trabalhos orientados por essas duas pesquisadoras trazem vários exemplos de narrativas que abrem novas possibilidades para o jornalista contar uma história e, por que não, se orgulhar das novas práticas. É evidente que essas práticas ainda são isoladas, pois exigem muito tempo e dedicação dos jornalistas. A produção do jornalismo imersivo também exige novas habilidades do jornalista, que nem sempre chega com o domínio técnico das ferramentas exigidas para o desenvolvimento do jornalismo experiencial. Nesse sentido, os jornalistas precisam aprender mais sobre base de dados e ter conhecimentos de programação.

ÂNCORA

Destaque as suas principais contribuições acadêmicas teórico-aplicadas em termos de livros, pesquisas realizadas, artigos, conceitos

formulados e orientações acadêmicas que fortaleçam o CAMPO DO JORNALISMO.

Claudia QUADROS | Pesquiso o jornalismo digital desde 1995, e sempre procurei acompanhar o seu desenvolvimento no mercado e na academia. Por isso, talvez a maior contribuição seja o registro da evolução do jornalismo digital. Um dos meus artigos mais citados, de acordo com o Google Acadêmico, é *Uma breve visão histórica do jornalismo on-line*, publicado como capítulo do livro *Jornalismo no século XXI: a cidadania*, editado pela Mercado Aberto, de Porto Alegre, em 2002⁴. Em 2006, também fiz um balanço dos dez anos do jornalismo digital em artigo para a *Revista FAMECOS*:

QUADROS, Claudia I. de. Dez anos depois do *boom* dos diários digitais. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 13, n. 31, p. 65-9, dez. 2006.

No mesmo período apresento um artigo que mostra a preocupação em analisar a produção brasileira sobre jornalismo digital. Dessa vez, com a rica parceria que mantenho até hoje com as pesquisadoras Luciana Mielniczuk e Suzana Barbosa.

QUADROS, Claudia I. de; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana. Estudos sobre jornalismo digital no Brasil. *E-Compós*, Brasília, v. 7, p. 1-22, dez. 2006.

Atualmente, participo de mais uma pesquisa que procura fazer um mapeamento da pesquisa brasileira em jornalismo digital nos últimos dez anos.

As interações do público também estão presentes na minha pesquisa como tema central - a maioria corresponde a resultados de pesquisas conjuntas realizadas com professores brasileiros e espanhóis. O artigo mais recente busca fazer um panorama de perfis de ouvintes desde o início do rádio brasileiro, outro tema que faz parte das minhas investigações. O artigo foi realizado em parceria com pesquisadoras

⁴ QUADROS, Claudia Irene de. Uma breve visão histórica do jornalismo on-line. *In*: HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva (Org.). *Jornalismo no século XXI: a cidadania*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. p. 237-59.

A ENGENHARIA DA CORAGEM PARA TECER O FUTURO DO JORNALISMO

que fazem parte do COM XXI, grupo de pesquisa que lidero com Graziela Bianchi, professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Nesse artigo, tem uma parte que reflete sobre o perfil do ouvinte do rádio expandido, que está presente em múltiplas plataformas.

QUADROS, Claudia I. de; BESPALHOK, Flávia L. B.; BIANCHI, Graziela S.; KASEKER, Monica P. Perfis de ouvintes: perspectivas e desafios no panorama radiofônico. **MATRIZES**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 189-209, jan./abr. 2017.

QUADROS, Claudia I. de; PRADO, Denise F. B. do; FERNANDES, José Carlos. Nos bastidores das interações: a comunicação entre leitor e jornalista. **LÍBERO**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 103-15, jan./jun. 2016.

QUADROS, Claudia I. de; QUADROS JUNIOR, Itanel B. de. Jóvenes y participación política desde la perspectiva del *Participatório*. **REVISTA LATINA DE COMUNICACIÓN SOCIAL**, La Laguna, ES, Año 18, n. 70, p. 782-92, 2015.

QUADROS, Claudia I. de; SALES, Felipe J. de. Das redes sociais para os jornais mineiros: o BH nas Ruas. **LUMINA**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 1-18, jan./jun. 2015.

QUADROS, Claudia I. de; MESO, K.; HOLANDA, A.; PALACIOS, M.; SILVA, J. A. B.; BELLA, Paloma; DOMINGOS, D. Methods of researching participatory Journalism. *In*: PALACIOS, Marcos; DÍAZ NOCI, Javier. (Org.). **ONLINE JOURNALISM: research methods. A multidisciplinary approach in comparative perspective**. 1. ed. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2009. v. 1, p. 91-101.

As reconfigurações profissionais e o ensino em contexto de convergência também estão incluídos nas pesquisas realizadas com brasileiros e espanhóis. Muitos desses artigos são resultados de projetos de pesquisa financiados pela CAPES.

QUADROS, Claudia I. de; COSTA, Flavio E. da. Uma proposta para refletir sobre o tempo no ciberjornalismo. **ESFERAS**, Brasília, Año 3, n. 5, p. 105-13, jul./dez. 2014.

QUADROS, Claudia; LARANGEIRA, Álvaro N. Da perspectiva de trabalho à realidade do futuro profissional do jornalismo. **Razón y Palabra**, Quito, v. 17, n. 1_82, p. 387-98, mar./maio 2013.

QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (Org.). *Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais*. Covilhã, PT: LabCom Books, 2011.

QUADROS, Claudia I. de; QUADROS JUNIOR, Itanel B. de. Produtos jornalísticos como estratégias para atrair o público. *LUMINA*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2011.

QUADROS, Claudia I. de; QUADROS JUNIOR, Itanel B. de; MASIP, Pere Masip. Webjornalismo: da forma ao sentido. Os casos de *Gazeta do Povo* e *La Vanguardia*. *GALÁXIA*, São Paulo, n. 20, p. 161-77, dez. 2010.

AMARAL, Adriana; QUADROS, Claudia I. de; CAETANO, Kati E. O ensino do jornalismo digital e as práticas de convergência: análise de disciplinas e formação docente. *Ghrehb-*, São Paulo, v. 2, n. 16, p. 4-27, out. 2010.

São muitas as orientações que já realizei sobre o jornalismo digital. Aqui, destaco algumas das pesquisas realizadas.

Mestrado

CERQUEIRA, Bárbara Maia. **O PROCESSO DE CONVERGÊNCIA NO RADIOJORNALISMO**: transformações profissionais na rádio CBN-Curitiba. Curitiba: UFPR, 2017. (Dissertação de Mestrado em Comunicação).

DAL-VITT, Fernanda Carraro. **A NOTÍCIA NO WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO**: uma análise do canal *VC no G1*, do *Portal Globo*. Curitiba: UTP, 2009. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Linguagens).

Dos 50 trabalhos de conclusão de curso, destaco o de um aluno que também fez iniciação científica. Este trabalho marca a minha passagem pela Universidade Federal de Ouro Preto, onde tive uma rica parceria com pesquisadores com os quais convivo até hoje.

COSTA, Flávio Ernani da. **A INSTANTANEIDADE NO CIBERJORNALISMO COMO DETERMINANTE NO PROCESSO DE CRISTALIZAÇÃO DA NOTÍCIA**: os casos G1 e UOL. Ouro Preto: UFOP, 2014. (Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Jornalismo).





JORNALISMO: crise de confiança, reposicionamentos em relação ao público e a busca de credibilidade

Rogério **CHRISTOFOLETTI**¹
Universidade Federal de Santa Catarina

ÂNCORA

Constatamos que há uma crise nos modelos de negócio do jornalismo. Na sua condição de pesquisador como analisa o cenário atual e que perspectivas visualiza para a sobrevivência do jornalismo, principalmente o impresso?

Rogério **CHRISTOFOLETTI** | Vejo a crise de forma mais ampla. Não é apenas uma crise financeira, uma situação que coloca em xeque a sustentabilidade do negócio jornalístico. É também uma crise de confiança (que afeta a credibilidade do jornalismo como instituição), uma crise de governança (que atinge a forma como estabelecemos a gestão dos empreendimentos jornalísticos e sua relação com os públicos e demais grupos interessados) e uma crise existencial (que recai sobre o papel do jornalismo nas sociedades complexas contemporâneas).

Claro que o aspecto financeiro dessa ampla crise gera preocupações mais imediatas, afinal seu aprofundamento pode, simplesmente, inviabilizar o jornalismo como prática perene e constante na sociedade. Se um empreendimento da área não conseguir atrair recursos financeiros que permitam a sua manutenção simplesmente deixará de existir, pois, como atividade econômica, irá se mostrar

¹ JORNALISTA. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenou a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi, 2005-2009). Integrante do Conselho Científico da **SBPJor** (2009-2011), editor da revista **Estudos em Jornalismo e Mídia** (2009-2015) e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC (2012-2014).

inconsistente, insustentável. Os proprietários dos meios de comunicação se importam com isso, e engrossam o coro sobre a alardeada “crise do modelo de negócios”. Essa expressão, convenhamos, tornou-se um mantra, a própria vocalização de que algo vai muito mal. Mas insisto em dizer: a crise não é apenas financeira; ela é maior, e mais aguda. Enfrentar o problema apenas pelo seu viés financeiro pode resultar em soluções paliativas.

Temos alguns elementos que nos permitem inferir que o jornalismo tem algum futuro. Apesar da evasão das verbas publicitárias, da perda de receitas, da queda nas tiragens dos meios impressos, da pulverização das audiências na radiodifusão e de todas as incertezas que cercam o jornalismo convencional, as pessoas ainda continuam consumindo notícias e informação jornalística. Isso se percebe em métricas das próprias redes sociais, um ponto de fuga cada vez maior da atenção antes destinada ao jornalismo. As pessoas continuam consumindo, compartilhando e discutindo conteúdo jornalístico. A qualidade desse material é também constantemente questionada, mas, apesar disso, o jornalismo parece ainda ocupar um lugar importante na dieta informativa das pessoas. Essa permanência nos ajuda a acreditar que há algum futuro para o jornalismo. Não me arrisco a dizer quanto tempo ainda temos, até porque não conseguimos alterar completamente o fluxo de recursos que tem deixado os meios convencionais para que desague nas novas mídias. Isto é, *sites*, portais e plataformas jornalísticas, na grande maioria dos casos, ainda não se sustentam, o que é uma grande incógnita, afinal eles pareciam ser “o futuro”.

Temos registrado nos últimos anos o enxugamento das redações, demissões em larga escala e até mesmo a extinção de alguns títulos jornalísticos impressos. A impressão é de que estamos assistindo à extinção dos grandes dinossauros. Pessoalmente, sou resistente a essa tese. Me parece inevitável que jornais e revistas tenham sua importância reduzida na nova ecologia midiática, pois se mostram menos interessantes, dinâmicos e cativantes que as demais

JORNALISMO: crise de confiança, reposicionamentos em relação ao público e a busca de credibilidade

alternativas de informação. Entretanto, eles ainda ajudam a certificar os acontecimentos, ainda ajudam a documentar os fatos, ainda oferecem um lastro importante em nossos sistemas de crença. Em outros termos: penso que jornais e revistas não deixarão de existir, mas terão tiragens menores, atingirão públicos mais reduzidos e operarão em margens mais modestas. Poderão aglutinar versões, opiniões, interpretações e conduzir alguns importantes debates sociais, e talvez essas poderão ser as salvaguardas de seu futuro a curto e médio prazo.

ÂNCORA

O jornalismo, nos últimos anos, tem visto emergir modelos de financiamento pelo público e de jornalismo independente. Como o senhor analisa a prática jornalística sustentada por esse modelo de *crowdfunding*, sem a participação da publicidade tradicional? É um caminho?

Rogério CHRISTOFOLETTI | As organizações jornalísticas estavam habituadas a um esquema muito mais simples para manter seus negócios. Geralmente, buscavam recursos através de assinaturas, vendas avulsas de exemplares e venda de anúncios/espços publicitários. De uns tempos pra cá sabemos que esse modelo não é mais suficiente, e a tendência, pelos sinais que colhemos, é a de que não seja mais o modelo hegemônico. Há muita incerteza na área. Eu tenho uma única certeza: não teremos modelos únicos, saídas simples, soluções que sirvam a todos. A indústria, os empreendedores, os jornalistas e a sociedade precisarão construir formas que venham subsidiar essa prática a que nos habituamos nos últimos dois ou três séculos: receber notícias e relatos.

O financiamento coletivo tem sido uma alternativa em diversos casos. Quando se efetiva, permite que se alcance duas condições bastante importantes para o exercício jornalístico: 1) A viabilidade financeira da prática; 2) Não dependência de um único financiador, o que fortalece a independência editorial. Mas note o que eu disse: isso se

dá quando o financiamento coletivo se efetiva, quando as metas de arrecadação são alcançadas, quando se consegue mobilizar um conjunto suficiente de financiadores. Nem sempre isso acontece. Não tenho um levantamento preciso sobre a taxa de sucesso de campanhas de *crowdfunding* brasileiras, mas pelo que colho em *sites* como Kickante e Catarse nem a metade das campanhas consegue bater as metas estipuladas. Isto é: não é uma solução ainda certa de se atrair recursos.

Mas há um outro aspecto que precisa ser observado: as campanhas de *crowdfunding* ficam restritas à arrecadação de recursos para produtos, como séries de reportagens ou livros, e não se mostram, ainda, como formas perenes de sustentação. O contrato é curto, então, mas o jornalismo é uma atividade que precisa ter um horizonte mais largo de viabilidade.

Trocando em miúdos: financiamento coletivo é um caminho, sim, mas está distante de ser o caminho principal, o mais estável, o mais certo e o que vai nos propiciar um futuro verdadeiro.

ÂNCORA

A graduação e a pós-graduação têm dado conta da complexidade de formação dos novos profissionais que atuam no jornalismo? Qual o papel da universidade nesse contexto de formação acadêmica que envolve as dimensões da ética e cidadania, principalmente agora com as Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Jornalismo?

A instrução formal e a formação acadêmica de jornalistas são advenços recentes, se comparados a outras carreiras profissionais. Isso data da segunda metade do século passado. Nossa pós-graduação também não chega a ter cinquenta anos. Então, ainda estamos palmilhando os caminhos. Os desafios são imensos, e eu costumo dizer que, quando se trata de ensino de jornalismo e comunicação, estamos sempre tentando trocar o pneu com o carro em movimento.

JORNALISMO: crise de confiança, reposicionamentos em relação ao público e a busca de credibilidade

A edição de novas diretrizes curriculares é uma boa oportunidade para reformarmos nossos projetos pedagógicos, traçar novas ambições e planejar o aperfeiçoamento da formação que queremos e podemos oferecer. Tenho visto colegas de todas as partes do país aproveitando esse momento, e os resultados poderão ser sentidos muito em breve, com a chegada de novas gerações de jornalistas. Nossos desafios são de caráter metodológico, histórico, pedagógico e tecnológico. As questões que envolvem ética e cidadania são transversais, atravessam esses desafios todos, pois incidem sobre a formação de sujeitos, no caso, jornalistas.

A universidade tem um papel importante nessa equação, mas não é a única variável decisiva. É preciso que ela, a universidade, dialogue com os setores produtivos e com as demais camadas da sociedade para ajustar a formação desses profissionais, atendendo suas expectativas e demandas.

ÂNCORA

A pós-verdade é um novo conceito que surgiu, principalmente, a partir da campanha presidencial norte-americana de 2016 que elegeu Donald Trump. No decorrer tem sido utilizado para se referir a notícias falsas. Como o jornalismo pode lidar com esse contexto tão complexo e como isto pode influenciar o público no consumo de notícias e, por outro lado, o trabalho jornalístico?

Rogério CHRISTOFOLETTI | Percebo que tem havido uma confusão entre o que se vem chamando de pós-verdade e as notícias falsas. Algumas pessoas têm tratado as duas coisas como uma única, ou como sinônimas. E não são, embora estejam próximas, ligadas em algumas circunstâncias. A pós-verdade é uma expressão que tenta explicar um comportamento que tem contagiado largos grupos sociais. As pessoas deixam de acreditar em relatos baseados em fatos, explicações científicas, registros históricos ou acontecimentos documentados para acreditar, simplesmente, em suas próprias convicções, em certezas ambíguas, em sentimentos pessoais. É como

se a verdade não estivesse mais ancorada na razão, mas na emoção. Mas nós nos acostumamos, há séculos, a vincular a verdade a um sistema lógico, racional, apoiado em certezas construídas por provas. Por isso é que chamam de pós-verdade, como se a verdade não mais importasse. A propagação cada vez maior de notícias falsas ajuda a minar a confiabilidade nesse sistema de verdade que tínhamos até então. Passamos a desconfiar das instituições, e o jornalismo também é afetado por isso. Então, as notícias falsas abastecem um sistema de pós-verdade, o que pode trazer consequências ruins para muita gente. Não é à toa que alguns gigantes da tecnologia, academia e parte dos setores políticos e econômicos estão muito preocupados com a torrente de notícias falsas e a expansão de um sistema de pós-verdade. Por quê? Porque ele afeta o coração do sistema, a confiabilidade.

Não é à toa que Facebook, Google, Omidyar, Open Society e outros importantes atores do mundo e da economia estão formando fundos para financiar iniciativas que funcionem como ofensivas a isso. O Facebook tem um levantamento impressionante: de agosto [de 2016] até às eleições presidenciais que elegeram Donald Trump foram veiculadas e compartilhadas 8,7 milhões de notícias falsas naquela rede social. O número é maior que as notícias verdadeiras no mesmo período: 7,3 milhões. Quer dizer: a maior rede social do mundo foi terreno para que se propagasse mais mentira que verdade num momento crucial da história democrática dos Estados Unidos. Não podemos ignorar que isso pode ter afetado o resultado das eleições, e se isso aconteceu mesmo as notícias falsas e a pós-verdade contribuíram para a eleição do cargo mais poderoso do mundo. Não é qualquer coisa.

O jornalismo tem uma excelente oportunidade agora para se distanciar dos *sites* oportunistas, das iniciativas caça-cliques, das redes de propagação de boatos. O jornalismo tem a chance para se mostrar mais cuidadoso com as notícias, mais rigoroso na apuração dos fatos, mais zeloso com reputações, versões e opiniões. Sua

JORNALISMO: crise de confiança, reposicionamentos em relação ao público e a busca de credibilidade

credibilidade está em jogo. O resgate dessa confiabilidade pode ajudar a decidir que futuro teremos para essa atividade.

ÂNCORA

O senhor tem atuado no tema sobre ética e jornalismo, inclusive com a criação do Observatório de Ética Jornalística na Universidade Federal de Santa Catarina, além de ter livros publicados. Considerando que a ética é um dos temas mais invocados para análise da produção jornalística, que constatações o senhor tem observado em relação à questão no tocante ao jornalismo brasileiro?

Rogério CHRISTOFOLETTI | De maneira geral, o jornalismo brasileiro padece de problemas semelhantes aos dos demais países. A pressa, o fetiche pela velocidade, a falta de rigor na apuração de certos assuntos, a tentação do pré-julgamento, o enviesamento travestido de isenção, a falta de transparência dos meios de comunicação, as distorções e manipulações deliberadas, o desrespeito com a dor e o sofrimento alheios, a exploração emocional, o sensacionalismo, as invasões à intimidade das pessoas, e outros mais são problemas que observamos todos os dias. Mas volto a dizer: isso não é uma prerrogativa nacional, um privilégio dos brasileiros. No mundo todo o clamor é por mais ética no jornalismo.

Essa é uma atividade que exige preparo técnico, rigor analítico, disciplina de conduta, coragem, honestidade e sensibilidade. Esses atributos exigem demais de quem exerce a profissão. As tentações são cotidianas, a nossa margem de erro é grande demais, e as pressões sobre os profissionais acabam provocando um perigoso afrouxamento ético. A pequena falha de hoje passa a ser aceita amanhã também, e depois de amanhã ela poderá ser naturalizada, e, o que é pior, reproduzida como modelo de conduta. Isso vai nos desviando de nossos propósitos e nos distanciando de nossos princípios. Os públicos e as fontes percebem isso, e a credibilidade do jornalismo vai sofrendo uma ruína diária.

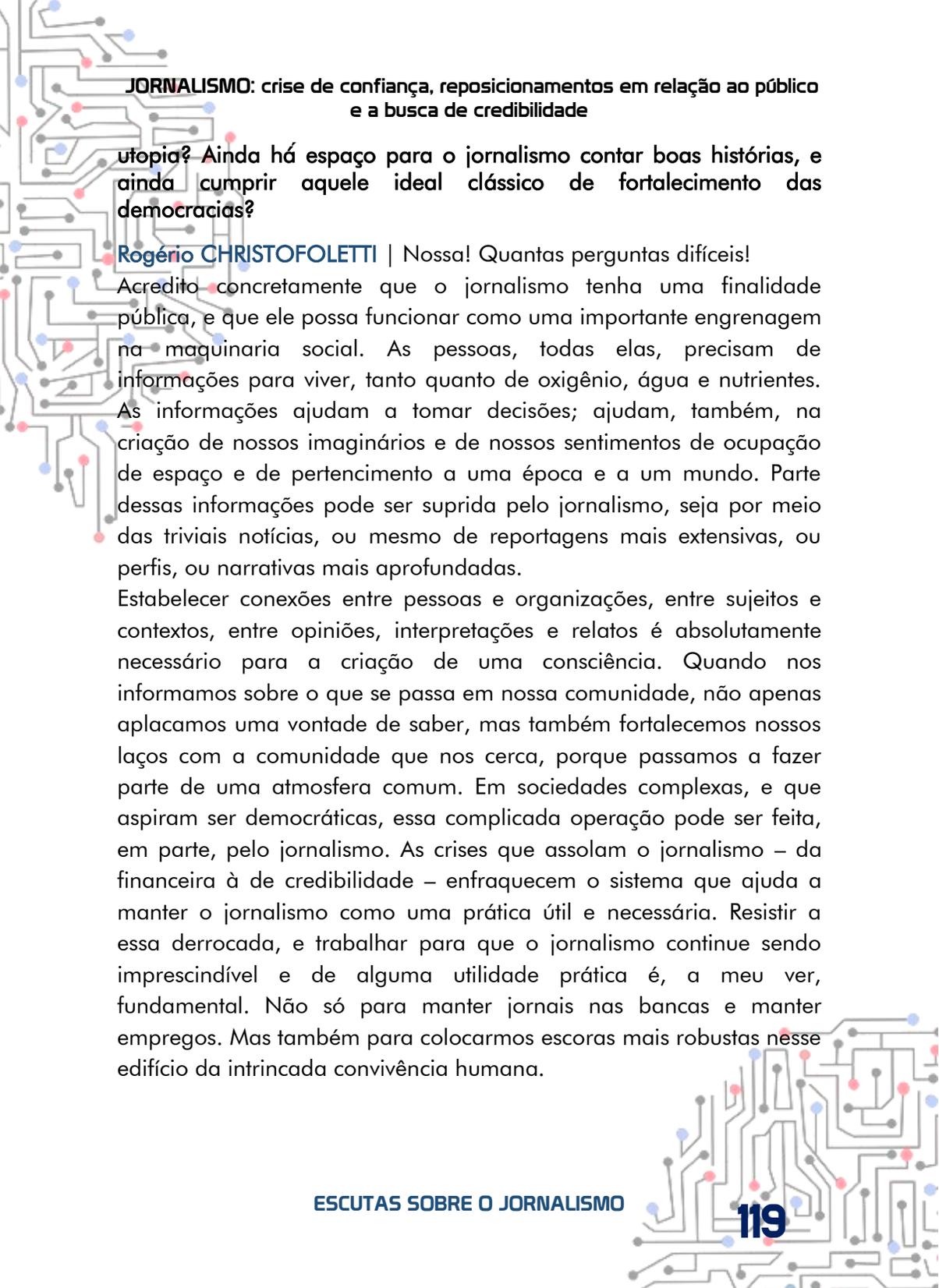
ÂNCORA

A imprensa comete erros e nem sempre admite ou o uso do "Erramos" é insuficiente para a correção de reportagens danosas a determinadas pessoas, individualmente, ou à sociedade como um todo. Na sua opinião, como o senhor analisa o comportamento da imprensa em relação aos erros cometidos em reportagens, ou até mesmo em posicionamentos editoriais equivocados?

Rogério CHRISTOFOLETTI | Em dois ou três momentos da vida acadêmica pesquisei como o jornalismo lida com seus erros, no início meu interesse era identificar como os erros apareciam e eram enfrentados. O que percebi, junto com outros pesquisadores, é que as retificações são escassas, quase invisíveis e muito pouco efetivas. Basta olhar para os jornais de hoje ou mesmo os *sites* de notícias. Onde estão as seções de erratas? Quando são publicadas aparecem em locais de pouca visibilidade, e nunca as retificações assumem a mesma proporção da notícia ou matéria que conteve o erro. Nesse sentido, as erratas são pró-forma, apenas protocolares medidas da redação para lidar com seus deslizes. Há poucos anos a professora Lívia Vieira pesquisou como os principais portais noticiosos brasileiros lidavam com isso, e as conclusões a que chegou são muito próximas das minhas. Tanto é que, ao final da sua dissertação, Lívia oferece uma lista de parâmetros que ajudariam a criar sistemas de gestão de erros naquelas organizações jornalísticas. A dissertação de mestrado foi apontada a melhor do país pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e venceu o Prêmio Adelmo Genro Filho de 2015. O reconhecimento sinaliza como esse é um aspecto muito relevante para a nossa área, e que pode resultar em mais pesquisas do tipo, e – claro! – motivar veículos e profissionais a melhorarem suas práticas e sua qualidade editorial.

ÂNCORA

Qual seria a saída para a reconquista de um jornalismo que fortaleça, de fato, a opinião pública e as democracias? Ou será que a prática de um jornalismo efetivamente cidadão continua sendo uma



JORNALISMO: crise de confiança, reposicionamentos em relação ao público e a busca de credibilidade

utopia? Ainda há espaço para o jornalismo contar boas histórias, e ainda cumprir aquele ideal clássico de fortalecimento das democracias?

Rogério CHRISTOFOLETTI | Nossa! Quantas perguntas difíceis!

Acredito concretamente que o jornalismo tenha uma finalidade pública, e que ele possa funcionar como uma importante engrenagem na maquinaria social. As pessoas, todas elas, precisam de informações para viver, tanto quanto de oxigênio, água e nutrientes. As informações ajudam a tomar decisões; ajudam, também, na criação de nossos imaginários e de nossos sentimentos de ocupação de espaço e de pertencimento a uma época e a um mundo. Parte dessas informações pode ser suprida pelo jornalismo, seja por meio das triviais notícias, ou mesmo de reportagens mais extensivas, ou perfis, ou narrativas mais aprofundadas.

Estabelecer conexões entre pessoas e organizações, entre sujeitos e contextos, entre opiniões, interpretações e relatos é absolutamente necessário para a criação de uma consciência. Quando nos informamos sobre o que se passa em nossa comunidade, não apenas aplacamos uma vontade de saber, mas também fortalecemos nossos laços com a comunidade que nos cerca, porque passamos a fazer parte de uma atmosfera comum. Em sociedades complexas, e que aspiram ser democráticas, essa complicada operação pode ser feita, em parte, pelo jornalismo. As crises que assolam o jornalismo – da financeira à de credibilidade – enfraquecem o sistema que ajuda a manter o jornalismo como uma prática útil e necessária. Resistir a essa derrocada, e trabalhar para que o jornalismo continue sendo imprescindível e de alguma utilidade prática é, a meu ver, fundamental. Não só para manter jornais nas bancas e manter empregos. Mas também para colocarmos escoras mais robustas nesse edifício da intrincada convivência humana.

ÂNCORA

O senhor conduz no momento um projeto de pesquisa sobre a relação entre jornalismo e privacidade. Que dilemas contemporâneos podemos identificar no jornalismo em relação aos aspectos de privacidade, oriundos não somente de câmeras de vigilância, mas também da manipulação de algoritmos no controle e manejo de dados dos usuários de serviços *on-line* como as redes sociais?

Rogério CHRISTOFOLETTI | É notório que a privacidade, como a conhecíamos no século 20, está mudando muito rapidamente. É importante lembrar que isso não é uma novidade. A privacidade é um constructo social, uma invenção humana, algo que foi se consolidando com o tempo. E isso modificou as nossas vidas, as nossas casas, as formas como agimos. O jornalismo também se desenvolveu com o tempo e precisou consolidar algumas regras, inclusive orientando a como lidar com aspectos da vida privada, com a intimidade, com o segredo e o sigilo. As transformações tecnológicas dos últimos trinta anos têm levado alguns autores a afirmar que a privacidade simplesmente morreu. Não é verdade. Continuamos a manter senhas de nossos bancos, a guardar nossas correspondências em envelopes, a fechar a porta quando queremos ficar mais à vontade num aposento, enfim, continuamos a buscar condições de resguardo e proteção. Minha pesquisa atual quer identificar como essas transformações na nossa concepção de privacidade vêm impactando o fazer jornalístico. Aspectos como o anonimato de fontes devem ser levados em consideração ainda? Todas as formas de invasão de privacidade – como a captação de imagens por câmeras ocultas – devem ser aceitas sob a alegação de que estamos atendendo ao interesse público? Se a privacidade realmente morreu, e se ela era o oposto à publicidade (tornar algo público), o jornalismo se reconfigura? Como?

Os questionamentos são muitos, e estou muitíssimo empolgado com a pesquisa. Estou analisando códigos deontológicos, dicionários, manuais de estilo e outros documentos da área para detectar se

JORNALISMO: crise de confiança, reposicionamentos em relação ao público e a busca de credibilidade

tivemos uma evolução desses conceitos. Pretendo também investigar questões mais contemporâneas, como o direito ao esquecimento, e ver como elas afetam nossa atividade, e como devemos/podemos nos adequar a novas regras de convívio.

ÂNCORA

No Brasil, operações como a Lava Jato têm abastecido o noticiário por meio de vazamentos. No seu entender, como a imprensa deve agir em casos como os desses vazamentos? A publicação é legítima? Que abordagem a imprensa deveria tomar para casos tão controversos?

Rogério CHRISTOFOLETTI | As coisas estão bastante confusas nesse assunto. Há muitos vazamentos, e grande parte do noticiário está sendo produzido somente a partir deles, o que é muito temerário. Os vazamentos podem ser úteis para as redações, mas eles precisam ser analisados em contextos, lidos numa conjuntura. Se trechos de uma delação premiada vazam para os jornalistas, essas falas precisam ser apresentadas da forma como são: como pedaços de depoimentos de pessoas que podem estar envolvidas em ilícitos e que só se dispuseram a falar porque teriam alguma vantagem judicial. Isso não é detalhe, é contexto. E é determinante para se acreditar piamente em algo, ou simplesmente tomar isso como ponto de partida para uma narrativa mais complexa, mais multifacetada e mais problematizadora. O que tenho visto, infelizmente, são jornalistas aceitando vazamentos seletivos como verdades dadas e completas. Isso é um erro terrível, uma tremenda miopia. E o que é pior: se produzido dessa forma acrítica, o noticiário tende a desinformar a população, tende a destruir certas reputações, a promover linchamentos sociais de pessoas e organizações, e a erigir heróis questionáveis.

Jornalismo é e precisa continuar a ser uma intensa disciplina de verificação dos fatos. Desconfiar das fontes é uma atitude prudente

para todos nós, e nos leva a buscar a investigação e a confirmação das informações que nos foram passadas.



Em uma visão mais de projeção, como imagina o cenário futuro para o jornalismo?

Rogério CHRISTOFOLETTI | Volto a dizer: acredito que o jornalismo tem uma finalidade pública e que as pessoas ainda têm recorrido a ele porque não inventaram outra forma de explicar o mundo e as coisas da maneira que o jornalismo tem feito nos últimos séculos. Nesse sentido, o jornalismo ainda é útil e necessário. Não pode, portanto, deixar de sê-lo.

As crises que afetam o jornalismo sinalizam as metas a serem perseguidas. Se o jornalismo está com problemas de sustentabilidade financeira, empreendedores e demais interessados devem conceber novas formas de receita, implementá-las e testá-las, de forma a construir novos modelos de negócio. Se o jornalismo padece com a desconfiança dos públicos, precisa resgatar as condições que pavimentaram a sua credibilidade nos bons tempos. Se há uma crise de governança no jornalismo, administradores e profissionais precisarão refazer pactos com os públicos e com outros grupos envolvidos, de forma a engendrar um esquema mais horizontalizado de gestão. Um esquema com mais abertura, mais participação pública e mais transparência e prestação de contas. É um desafio imenso, convenhamos! Se o jornalismo sofre também de uma crise existencial, e que lhe impele a questionar qual seu papel na sociedade, teremos todos que responder a isso, dando um lugar para o jornalismo e delegando a ele um conjunto de tarefas para fazer jus ao seu estatuto social.

O cenário futuro é complexo porque, embora seja necessário e útil, o jornalismo também faz atrito com outros poderes, disputa espaços e se indis põe com outras forças e influências na sociedade. A saída não

JORNALISMO: crise de confiança, reposicionamentos em relação ao público e a busca de credibilidade

é simples nem única. Estamos tratando da realidade, e deveríamos esperar isso dela...

ÂNEORA

Destaque as suas principais contribuições teórico-aplicadas em termos de livros, pesquisas realizadas, artigos, conceitos formulados e orientações acadêmicas que fortaleçam o campo do Jornalismo.

Rogério CHRISTOFOLETTI | Puxa! Esta pergunta deveria ser feita no dia do juízo final, quando alguém nos indagasse sobre o que fizemos de importante e o que deixamos de fazer. Não sei responder, e nem me sinto à vontade para julgar isso. Sou apenas um jornalista, um professor como tantos outros e um pesquisador interessado, preocupado com a nossa área. Tenho uma longa fila de pesquisas que gostaria de fazer na área a que venho me dedicando desde 1999, e quase todas elas tratam de ética, de conduta humana, de comportamento, dos valores que nos compõem e nos cercam. Me interessa saber desses fatores humanos, dessa matéria que nos escorre pelos dedos, mas que é essencial para termos consciência disso que somos. Mesmo que essa consciência nos frustre todos os dias quando assistimos aos telejornais. Quero buscar respostas e estou muito longe delas ainda.



Produções Bibliográficas Rogério CHRISTOFOLETTI

Principais Livros

CHRISTOFOLETTI, R. (Org.). **QUESTÕES PARA UM JORNALISMO EM CRISE**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2015. v. 1. 256p.

CHRISTOFOLETTI, R.; LIMA, S. P. (Org.). **REPORTAGEM, PESQUISA E INVESTIGAÇÃO**. 1. ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2012. v. 1. 216p.

CHRISTOFOLETTI, R.; KARAM, Francisco José (Org.). **JORNALISMO INVESTIGATIVO E PESQUISA CIENTÍFICA: fronteiras**. 1. ed.

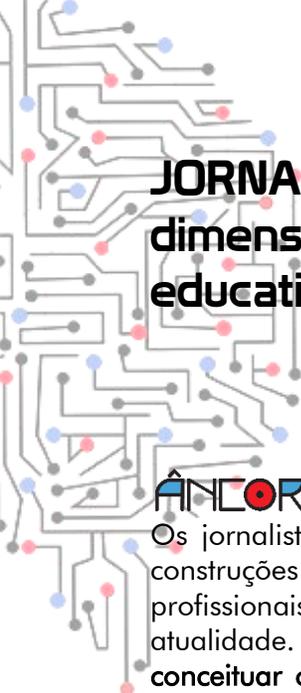
Florianópolis: Editora Insular, 2011. v. 1. 184p.

CHRISTOFOLETTI, R. (Org.). **VITRINE E VIDRAÇA: crítica de mídia e**

qualidade no jornalismo. 1. ed. Covilhã - Portugal: 2010. v. 1. 200p.
CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. (Org.). **OBSERVATÓRIOS DE MÍDIA: Olhares da Cidadania**. 1. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2008. v. 1. 230p.
CHRISTOFOLETTI, R. **ÉTICA NO JORNALISMO**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. v. 1. 128p.
CHRISTOFOLETTI, R.; MOSTAFA, Solange Puntel (Org.). **MÍDIA E CONHECIMENTO: percursos transversais**. 1. ed. Itajaí: Ed. Univali - Ed. Maria do Cais, 2006. v. 1. 253p.
CHRISTOFOLETTI, R.; BECK, A. A. H. (Org.). **ÉTICA, CIÊNCIA E CONHECIMENTO**. 1. ed. Itajaí: Univali - Fapesc, 2006. v. 1. 231p.
BALDESSAR, Maria José (Org.); CHRISTOFOLETTI, R. (Org.). **JORNALISMO EM PERSPECTIVA**. Florianópolis - SC: Editora da UFSC, 2005. 288p.
CHRISTOFOLETTI, R. **MONITORES DE MÍDIA - como o jornalismo catarinense percebe os seus deslizes éticos**. 1. ed. Florianópolis e Itajaí (SC): Ed. Univali e Editora da UFSC, 2003.

Principais Capítulos de Livros

CHRISTOFOLETTI, R. O problema da assimilação da crítica: percepções de ouvidores, observadores e ombudsmans de imprensa no Brasil. *In*: Carla Candida Rizzotto. (Org.). **A GENTE VÊ POR AQUI?** Práticas e Reflexões sobre crítica de mídia. 1. ed. Londrina: Syntagma Editores, 2017, v. 1, p. 44-57.
CHRISTOFOLETTI, R. Códigos deontológicos no jornalismo: frágeis, numerosos e necessários. *In*: Maria do Céu Patrão Neves; Rui Sampaio da Silva. (Org.). **ÉTICA APLICADA: Comunicação Social**. 1ed. Coimbra - Portugal: Almedina, 2017, v. 1, p. 293-316.
CHRISTOFOLETTI, R.; TORRES, R. J. Orientações e inflexões sobre privacidade em manuais internacionais de ética jornalística. *In*: Cristina Costa. (Org.). **PRIVACIDADE, SIGILO E COMPARTILHAMENTO**. 1. ed. São Paulo: ECA/USP, 2017, v. 1, p. 104-111.
CHRISTOFOLETTI, R. Cuestiones éticas para el periodismo brasileño: un análisis de la primera década del siglo XXI. *In*: Adriana Amado. (Org.). **PERIODISMOS ARGENTINOS: modelos y tensiones del siglo XXI**. 1. ed. Buenos Aires: Konrad Adenauer Stiftung, 2016, v. 1, p. 109-122.



JORNALISMO ENQUANTO MEDIAÇÃO: dimensões da ética, estética e potencial educativo

Mirna TONUS¹
Universidade Federal de Uberlândia

ÂNCORA

Os jornalistas ressignificam os acontecimentos através de diferentes construções narrativas que revelam subjetividades. De certa forma, os profissionais da imprensa atribuem sentidos aos fatos recortados da atualidade. **Diante dessa afirmação, a senhora poderia nos conceituar o que é JORNALISMO tendo por base a sua caminhada acadêmica na área?**

Mirna TONUS | Jornalismo, para mim, se eu pudesse resumi-lo em uma palavra, seria mediação. Uma mediação em que se busca apurar o máximo de informação possível, com fontes que representem a maior diversidade possível, e que se condensa em uma produção textual, independentemente do formato, compreensível pelo maior número de pessoas possível. É informar com responsabilidade, de maneira clara e correta, prezando pelo tripé ética-técnica-estética. Jornalismo é uma atividade que exige, do profissional, sensibilidade para perceber o que não está evidente, versatilidade para lidar com o ferramental cada vez mais amplo, seriedade para não se deixar seduzir por ofertas espúrias. É uma atividade com potencial educativo, à medida que pode contribuir para a construção do conhecimento

¹ JORNALISTA. Doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1998). Desenvolve pesquisa em Comunicação e Tecnologias da Informação e Comunicação, principalmente nos seguintes temas: comunicação, tecnologia, jornalismo, transmídia, mídias sociais e educação. É presidente do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), gestão 2012-2016. Autora e organizadora dos livros **Múltiplos Olhares: Jornalismo, Educação e Tecnologias** (2012) e **“Jornalismo-laboratório: impressos”** (2013).

pela mediação das informações. Considero que a essência do jornalismo está na inquietação, na inconformidade diante daquilo que atinge a sociedade de maneira a prejudicá-la. E na percepção daquilo que pode contribuir para que a sociedade prospere de maneira justa e igualitária.

ÂNCORA

Em sua concepção, a essência do JORNALISMO envolve a dimensão ética? Quais as outras dimensões que envolvem a práxis jornalística?

Mirna TONUS | A dimensão ética é, a meu ver, o mais importante dos pilares do jornalismo, ao lado da técnica e da estética. Posso cometer erros técnicos ou divulgar material com defeitos estéticos, apresentar um texto com falhas, uma imagem mal-capturada, sem nitidez, um vídeo ou áudio mal-editado, com ruídos, mas, se a ética estiver presente em todo o processo de produção, estará garantida a essência do jornalismo. O mesmo não posso dizer se o material estiver técnica e esteticamente perfeito, mas sem que os aspectos éticos tenham sido levados em consideração. O tripé ética-técnica-estética seria o ideal, mas, fincado unicamente na ética, o jornalismo ainda pode resistir. As demais não se sustentariam sem ela, na minha concepção. Quanto a outras dimensões envolvidas na práxis jornalística, considero o jornalismo algo tão complexo que seria difícil citá-las de maneira razoável. Assim, limito-me às três que considero as de maior relevância, ainda que colocando um peso maior na ética. Trata-se da valorização de algo que acredito não poder faltar ao jornalismo de maneira nenhuma.

ÂNCORA

Como compreender o radiojornalismo em tempos líquidos das hiperconexões e de reconfigurações do conhecimento?

Mirna TONUS | Por ter atuado em produção, reportagem, edição e locução em rádio, e pesquisado sobre formação do jornalista para edição de áudio digital, vivenciei essa transposição do rolo magnético

JORNALISMO ENQUANTO MEDIAÇÃO: dimensões da ética, estética e potencial educativo

para o *player* digital. Tenho um carinho especial por radiojornalismo, mas há alguns aspectos que já se têm reconfigurado em minha visão sobre ele. Com o fenômeno da convergência midiática, entendo que é difícil até manter essa nomenclatura, radiojornalismo, pois o jornalismo sonoro não se limita mais à radiotransmissão. Emissoras veiculam sua programação em *sites*, disponibilizam arquivos de áudio para *download*, permitem a criação de *playlists* personalizadas, são diversas as formas de levar ao público uma programação jornalística sonora via Internet, em suas mais variadas plataformas, como *sites*, *blogs*, mídias sociais, enfim. E não somente emissoras. Profissionais também podem fazê-lo. Penso que entender essas possibilidades é o primeiro passo para se compreender o radiojornalismo nesse cenário hiperconectado.

ÂNCORA

Na condição de pesquisadora, quais os principais conflitos e paradoxos que atravessam o CAMPO do JORNALISMO enquanto instância midiática de poder, manipulação e de agenciamento do conhecimento que habitualmente prioriza o tempo presente?

Mirna TONUS | Creio que temos conflitos de diversas ordens. Uma delas é a tecnológica, área que pesquiso, considerando seus impactos tanto na formação quanto na atuação jornalística. Os oligopólios lançam mão das tecnologias mais avançadas para não somente produzir com qualidade melhor, mas para alcançar mais pessoas, até nos lugares mais remotos. A televisão continua a ser a maior fonte de informação nos lares brasileiros. Paradoxalmente, temos registrado um crescimento no uso de *smartphones* com acesso à Internet, permitindo acessar informações de outras fontes, o que poderia minimizar o poder das grandes empresas midiáticas. Entretanto, tais empresas já perceberam o potencial de plataformas como as mídias sociais, por exemplo, e investem maciçamente, fazendo com que o conteúdo que produzem seja compartilhado como única fonte merecedora de credibilidade, colocando em dúvida as produções alternativas ou de outros veículos. Sem deter tecnologia, que exige

recursos, fica difícil competir. Em contrapartida, há soluções tecnológicas que exigem investimento menor, e é nelas que, na minha visão, o jornalismo como entendo pode buscar apoio para se revelar e desviar dessas instâncias midiáticas de poder estabelecidas.

ÂNCORA

Há uma certa histeria e tendenciosidade por parte da grande imprensa e de determinadas coberturas jornalísticas ao tratarem de temas complexos, a exemplo do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2016) e da produção de notícias pautadas na Operação Lava Jato?

Mirna TONUS | Histeria, não tanto. Tendenciosidade, demais. São temas cuja complexidade exige uma responsabilidade ainda maior na apuração e veiculação de informações. E não é o que temos visto na dita grande imprensa. Uma cobertura tendenciosa pode ser facilmente percebida quando se dedica mais tempo a uma manifestação que a outra, ou se entrevistam fontes para corroborar determinada ação sem buscar o contraditório, ou, ainda, quando se produzem factoides, ou se veiculam informações que deveriam estar na pauta para apuração, não como notícia apurada, ou... enfim, poderia listar uma enorme quantidade de casos em que a tendenciosidade se manifesta. A histeria, por sua vez, deriva desse comportamento de boa parte da mídia. Tomando como verdade tudo o que deu no telejornal de uma grande emissora, por exemplo, parte da sociedade deixou de questionar, passando a aceitar como natural, e algo a ser defendido ferrenhamente e com traços de ódio, algo que foi construído reportagem a reportagem, texto a texto, imagem a imagem, dia a dia.

ÂNCORA

Como, então, circunscrever a prática do JORNALISMO INVESTIGATIVO ao tratamento desses acontecimentos tão complexos, que integram o nosso cotidiano e que merecem acuidade interpretativa por parte dos profissionais e organismos da imprensa?

JORNALISMO ENQUANTO MEDIAÇÃO: dimensões da ética, estética e potencial educativo

Mirna TONUS | O jornalismo deveria ser, *per se*, investigativo. Seja um buraco de rua, seja desvio de dinheiro público, penso que as pautas merecem um tratamento que vá além do simples relato ou das informações do *lead*. A comparação pode parecer absurda, mas talvez aquele buraco esteja ali porque alguém pegou a verba que deveria ir para o asfalto e utilizou para colocar piso de mármore em sua mansão. Cabe ao jornalista apurar, investigar, perguntar, ir além do óbvio. E caberia aos veículos apoiar o jornalista nessa tarefa, mas muitos não o fazem. Parecem ter, pouco a pouco, sufocado a acuidade interpretativa do profissional, fazendo com que ele tenha cada vez menos vontade de apurar, posto que não deve ter liberdade para tal. Isso se reflete no que temos visto na dita grande imprensa. Percebo que, quando da formação, os olhos dos jornalistas brilham, procuram as brechas de luz em algo obscuro e buscam as informações que possam clarear sua visão. Bastam, porém, alguns poucos anos na redação, o brilho some e eles se acostumam à turbidez, às sombras. Alguns não aguentam e procuram saídas. E aí vemos tantas iniciativas interessantes, em que o jornalismo volta a ser praticado com aquela sensibilidade quase perdida. Penso que uma formação sólida, ética, pode ajudar a mudar o rumo que o jornalismo tem tomado. Pode ser utopia, mas ainda acredito nisso.

ÂNCORA

As notícias falsas (*fake news*) **não são acontecimentos exclusivos de nossa "modernidade líquida"**. Remontam as intrigas fabricadas por jornais e revistas de séculos passados. Sempre afirmamos que as *fake news* colocam em risco a credibilidade da informação ao inventarem acontecimentos inexistentes ou deturparem a realidade dos fatos. As falsas notícias, os fatos inventados e os boatos incorporados à notícia enquanto manipulação geram desinformação e soterram a própria ética no jornalismo. Podem resultar em danos morais para terceiros e até gerar interferências em resultados eleitorais, mercados financeiros, abalo de credibilidades, entre outros. Trata-se de um processo de manipulação que mascara a realidade dos fatos. No século XIX, ao

longo dos anos 1860, Theodor Fontane juntou-se ao jornal alemão ultracônservador *Kreuzzeitung* para realizar coberturas jornalísticas e relatos pessoais que posteriormente foram comprovados como notícias falsas ou "não notícias". Essa discussão é então recorrente ao nascimento do jornalismo. Na atualidade, o ambiente das redes sociais com configurações multiplataforma, as transmissões ao vivo e a produção de conteúdos colaborativos com a utilização de dispositivos móveis favorecem a multiplicação de conteúdos falsos. Alguns artigos já sinalizam que a campanha presidencial norte-americana de 2016 que elegeu Donald Trump pode ter sido favorecida pela avalanche de notícias falsas beneficiando o atual ocupante da Casa Branca. **Por favor, discorra sobre as notícias falsas (*fake news*), jornalismo, sensacionalismo, fontes, sigilo das fontes e checagem da informação.**

Mirna TONUS | Precisamos entender a origem das *fake news* nesse ambiente multiconectado em que vivemos. Há notícias produzidas por equipes de empresas que não se importam com a apuração, publicando, de maneira irresponsável, qualquer informação que lhes chegue, independentemente da forma com que se deu o acesso a ela. E há notícias que se transformam em *fake news* no compartilhamento por pessoas mal-intencionadas em uma mídia social. Não faz muito tempo, era possível um indivíduo alterar título e legenda de notícias compartilhadas a partir de *sites* ou portais, desde que tivessem imagem. O que as pessoas faziam era absurdo. Transformavam uma reportagem sobre desvio de verbas em exaltação a determinado político, utilizando-se da imagem de forma descontextualizada. Parece que isso está resolvido do ponto de vista tecnológico, mas não humano. Vemos notícias fragmentadas, utilizadas como combustível para o sensacionalismo, exposição irresponsável de fontes, ausência de checagem, em um vale-tudo da informação, no qual o que importa são os cliques e o quanto de dinheiro isso poderá gerar. Jornalismo? Não, isso não é jornalismo.

ÂNCORA

A IMPRENSA comete erros e nem sempre corrige as suas próprias



JORNALISMO ENQUANTO MEDIAÇÃO: dimensões da ética, estética e potencial educativo

falhas. O uso do "Erramos" é insuficiente para correção de reportagens danosas a determinadas pessoas, individualmente, ou à sociedade como um todo. **Na sua opinião, como a senhora analisa o comportamento da IMPRENSA em relação aos erros cometidos em reportagens, ou até mesmo em posicionamentos editoriais equivocados?**

Mirna TONUS | Uma das principais características do direito de resposta é a proporcionalidade. Assim, a retificação de qualquer notícia ou texto opinativo deveria utilizar o mesmo meio e com a mesma proporção. Um "Erramos" escondido no fim de uma página não pode ser considerado como espaço correspondente a uma reportagem de capa que tenha lesado alguém, ou um grupo de pessoas. Infelizmente, são muitos os exemplos de tratamento desigual a determinado indivíduo porque sua ideologia é contrária à do editor, ou porque sua obra artística contraria os padrões ditos morais do dono da empresa, ou, ainda, de reportagens que se baseiam somente em declarações de fontes que dizem aquilo que o repórter queria ou foi forçado a querer. É um comportamento que depõe contra o jornalismo, compromete sua seriedade, ilude o público, contribuindo para que ele tenha uma visão distorcida sobre determinado fato ou indivíduo. A criação do conselho federal dos jornalistas poderia ajudar a combatê-lo.

ÂNCORA

O JORNALISMO tem convivido em suas coberturas, em decorrência do processo tecnológico, com a quebra de alguns protocolos convencionais. Podemos mencionar a utilização de aplicativos de transmissão ao vivo como *Periscope*, *Facebook Live*, câmeras de dispositivos móveis, uso de *drones*, entre outras possibilidades. **Qual sua concepção? Em que medida fortalecem a identidade do campo profissional dos jornalistas ou flexibilizam o conceito do que é jornalismo?**

Mirna TONUS | Na minha concepção, as inovações tecnológicas aplicadas ao jornalismo são bem-vindas. Posso ser considerada uma entusiasta. Entretanto, penso que deve haver criticidade no uso desses recursos. Da mesma forma que uma câmera de *smartphone* pode garantir um furo de reportagem, um *drone* pode ser utilizado para invadir espaços privados e obter imagens de maneira ilegal. Quando bem-utilizadas, as tecnologias podem fortalecer o campo profissional, à medida que possibilitam, por exemplo, obter registros para além de testemunhos, complementando a informação. Agora, o simples fato de capturar uma imagem com o celular e fazer uma transmissão por meio de aplicativo não configura uma atividade jornalística. A tentativa de flexibilizar o conceito de jornalismo não me convenceu até o momento, pois, para ser jornalismo, é preciso ir além da distribuição de um vídeo em tempo real, ainda que a intenção de quem está por trás da câmera seja transmitir o que está acontecendo.

ÂNCORA

As transformações tecnológicas e de mobilidade no jornalismo inevitavelmente recaem sobre a prática jornalística. O jornalista, cada vez mais, precisa lidar com uma condição multitarefa e de produção multiplataforma. **Que desdobramentos essa condição do jornalista atual pode trazer para o profissional do jornalismo e para a qualidade do conteúdo produzido, se considerarmos essa multiplicação de funções e as exigências pela velocidade?**

Mirna TONUS | Como desdobramento da produção multiplataforma, percebo algumas mudanças na profissão. Ainda que, ao lidar com diversos formatos e tecnologias, o profissional se qualifique melhor e adquira uma versatilidade inimaginável quando da existência de mídias únicas e isoladas, essa condição multitarefa gera certa precarização do trabalho do jornalista. Ao produzir um texto para o impresso, reproduzir o texto para o *site*, que é o que normalmente acontece, capturar e editar vídeo e produzir um áudio, tudo isso para uma reportagem, o jornalista desempenha funções que, *a priori*, exigiria uma equipe, se as condições fossem outras. O que se vê, entretanto, é um enxugamento de redações e a atribuição de todas

JORNALISMO ENQUANTO MEDIAÇÃO: dimensões da ética, estética e potencial educativo

essas tarefas a um só profissional. E ele tem de agir rapidamente, para garantir o clique e o furo, se possível, mesmo que se transforme em barriga, comprometendo, conseqüentemente, a qualidade, e também a credibilidade. De nada adianta uma enorme quantidade de produções multimidiáticas se ninguém confiar no que foi veiculado.

ÂNCORA

Os cursos de graduação em Jornalismo e os programas de pós-graduação em Jornalismo e Comunicação têm dado conta da complexidade da formação dos novos profissionais que atuam no jornalismo? Qual o papel da universidade neste contexto de formação acadêmica que envolva as dimensões da ética e cidadania?

Mirna TONUS | Entendo que os cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação e, especificamente, em Jornalismo, seja nos programas ou nas linhas de pesquisa, têm buscado compreender a complexidade do campo. Tenho participado de discussões e acompanhado produções acadêmicas e jornalísticas de todo o país que revelam a problematização do jornalismo enquanto atividade profissional, sob diferentes perspectivas. À universidade, a meu ver, cabe estimular a reflexão sobre o jornalismo, a abordagem de temas de interesse social, a produção coletiva e colaborativa, o que pode levar ao desenvolvimento de projetos que extrapolem a academia e alcancem um público potencial, que esteja em busca de alternativas de informação. Algumas experiências com as quais tenho tido contato demonstram que há interesse dos jornalistas recentemente formados, ou em formação, em um jornalismo ético e cidadão. E eles estão buscando novas formas de financiamento para fazer valer suas ideias e seus ideais.

ÂNCORA

De modo mais de projetivo, como a senhora imagina o cenário FUTURO PARA O JORNALISMO?

Mirna TONUS | Podemos pensar em futuro de curto, médio e longo prazo. No curto prazo, vejo a experimentação de formatos, linguagens, plataformas, e a produção de um conteúdo que passará de multimídia a transmídia, pois acredito que a repetição do mesmo conteúdo em diversas mídias está fadada a se extinguir. Pergunto-me para que o cidadão que, por exemplo, assiste ao telejornal, lerá o mesmo texto abaixo do vídeo no *site* da emissora? Isso não é informação, mas mera ocupação de espaço, pois não apresenta nada de novo. No médio prazo, imagino um novo jornalismo, do ponto de vista de forma e conteúdo, ser transformado no que tange ao modelo de negócio, não mais restrito a grandes empresas... essas podem até continuar, mas tendem a deixar de fazer o que entendo por jornalismo, principalmente no que se refere ao conteúdo, que tem se mostrado cada vez mais superficial ou enviesado. Por mim, no longo prazo, imagino um cenário em que o jornalismo terá superado essa crise e será feito por jornalistas comprometidos com a sociedade e com a ética, em negócios sustentáveis e coletivos. Podem dizer que é utopia. Para mim, o jornalismo deve ser utópico.



Produções Bibliográficas

Mirna TONUS

Principais Livros

SOSTER, D. A. (Org.); TONUS, M. (Org.). **JORNALISMO-LABORATÓRIO: televisão**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2015. v. 1. 320p.

FRANCO, A. P. (Org.); ARAUJO, M. M. (Org.); TONUS, M. (Org.). **MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**. 1. ed. Uberlândia: UFU, 2014. v. 1. 295p.

SOSTER, D. A. (Org.); TONUS, M. (Org.). **JORNALISMO-LABORATÓRIO: rádio**. 1. ed. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2014. 294p.

SANTOS, A. C. O. (Org.); SOUSA, G. (Org.); TONUS, M. (Org.). **MÚLTIPLOS OLHARES**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 2. 362p.

TONUS, M.; CAMAS, N. P. V. (Org.); VAZQUEZ, B. S. (Org.); DOMINGUEZ, J. A. (Org.); SAMPAIO, J. L. F. (Org.); MANDAJI, M.

JORNALISMO ENQUANTO MEDIAÇÃO: dimensões da ética, estética e potencial educativo

(Org.); RIOS, M. P. G. (Org.); MENGALLI, N. M. (Org.); RIBEIRO, R. A. (Org.). **TECENDO FIOS NA EDUCAÇÃO: da informação nas redes à construção do conhecimento mediada pelo professor.** 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2012. v. 1. 135p.

Capítulos de Livros

SOSTER, D. A.; TONUS, M. Apresentação. In: Demétrio de Azeredo Soster; Mirna Tonus. (Org.). **JORNALISMO-LABORATÓRIO: televisão.** 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2015, v. 1, p. 15-17.

TONUS, M. Interações digitais: uma proposta de ensino de radiojornalismo por meio das TDIC. In: José Armando Valente; Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida. (Org.). **USO DO CHIC NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES.** 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, v. 1, p. 89-109.

TONUS, M.; SOUSA, S. S. G.; HUEB, M. G.; FARIA, R. H.; FIRMINO, A. P.; NUNES, C.; SOUSA, C.; MARTINS, P. A.; ARANTES, S. R.; MARTIN, L. F. Antônio Guilherme da Cunha; Jonas Conti; Jorge Eustáquio Sérvulo; José Antônio Luiz Filho; José Gonçalves Moreira (Jotinha); Júlio César de Oliveira; Luís Humberto Lara; Luiz Alberto Tomé; Rogério Freitas Muniz; Wander Tomaz. In: Nair Prata; Maria Cláudia Santos. (Org.). **ENCICLOPÉDIA DO RÁDIO ESPORTIVO MINEIRO.** 1. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2014, v., p. 0-0.

SANTOS, A. C. O.; SANTOS, A. C.; MENDONÇA, R.; TONUS, M. As conexões de saberes na educação tutorial: o PET Educação na UFU. In: Adriana Cristina Omena dos Santos; Diélen Borges Almeida; Ricardo Ferreira de Carvalho. (Org.). **CONEXÕES DE SABERES NO PET EDUCOMUNICAÇÃO: novas interfaces no Programa de Educação Tutorial.** 1ed.Uberlândia: PET Conexões de Saberes Educação / UFU, 2014, v. 1, p. 34-48.

SANTOS, A. C. O.; COSTA, M. W. P.; TONUS, M.; LIMA, T. O.; BALLONI, A. J. SAÚDE E GESTÃO: SISTEMAS E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NOS HOSPITAIS DE UBERLÂNDIA/MG. In: Antonio José Balloni; Júlio Márcio Barreto Freire; Sylvain Nahum Levy. (Org.). **POR QUE GESITI?: Gestão de Sistemas e Tecnologias da Informação em Hospitais : panorama, tendências e perspectivas em saúde.** 1ed.Brasília: Ministério da Saúde, 2014, v. 1, p. 241-256.

Principais Artigos Publicados

TONUS, M.; GURAO, B. F.; SILVEIRA, D. S. Tecnofobia x tecnoutopia:

o equívoco simétrico. **REVISTA ECO-PÓS** (ONLINE), v. 20, p. 241-255, 2017.

TONUS, M.; ANDRADE, M. M. Jornalismo e mídias sociais: o uso do Twitter por veículos de Uberlândia, MG. **ACTA CIENTÍFICA** (PATOS DE MINAS), v. 8, p. 1-14, 2017.

FRANCO, A. P.; TONUS, M. LEITURA E PRODUÇÃO DE MÍDIAS-RESENHAS NA APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS ENVOLVIDOS NAS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO POR ESTUDANTES DE JORNALISMO. **REBEJ** (Brasília), v. 6, p. 191-203, 2016.

MALUSA, S.; TONUS, M.; PEDRINI, I. A. D.; ALVES, C. B.; CARVALHO, R. F. DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA ON-LINE: concepções para um novo estilo de pedagogia. **CADERNOS DE PESQUISA**, v. 21, p. 1-13, 2014.

TONUS, M.; SANTOS, P. M. Os desafios de pensar a estruturação de um programa de jornalismo participativo na TV com potencial transmídia. **Communicare** (São Paulo), v. 14, p. 20-36, 2014.



JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton MORAES NETO

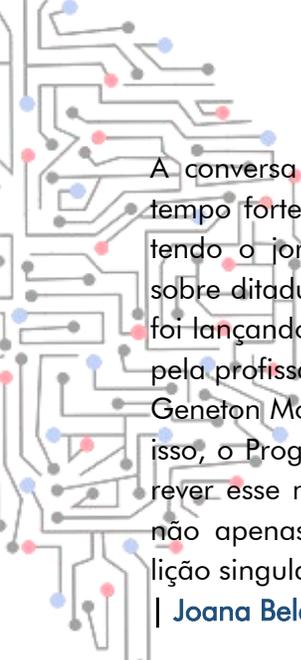
Numa manhã ensolarada de quinta-feira, 11 de abril de 2013, o programa radiofônico *CBN João Pessoa*, tendo como âncora a jornalista Edileide Vilaça, recebia o jornalista, documentarista e entrevistador **Geneton MORAES NETO**, que viera a João Pessoa para a aula inaugural da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB, a ter lugar naquela noite. Na bancada estavam, ao lado de Edileide Vilaça, os jornalistas Nonato Guedes e Verônica Guerra. Eu tive a honra de representar o Mestrado em Jornalismo, na condição de coordenadora do referido Programa de Pós-Graduação.

O ambiente era, ao mesmo tempo, festivo e ameno; Geneton trazia consigo aquela aura de leveza e simplicidade, num clima que atravessou mais de uma hora de conversa. Recuperar, novamente, o que disse naquela entrevista nos faz entrever a grandeza e a força da sua prática, a paixão pelo jornalismo, que ele nunca perdeu.

O exercício aqui também nos apresenta um alegre desafio: transpor para o livro a entrevista radiofônica, com seus intervalos, suas vinhetas, os breves comentários, o estilo, o sotaque e a performance de cada entrevistador, e o conjunto da obra.

Numa entrevista radiofônica há um ritmo diverso de uma entrevista para o impresso. Aqui as frases do entrevistado são longas, coloquiais, entremeadas por pequenos excertos de explicações e recordações - que mantivemos, quase que na íntegra, nessa edição.

¹ Essa edição do programa *CBN João Pessoa* pode ser acessada, na íntegra, no seguinte endereço eletrônico:
<http://www.4shared.com/mp3/kKWQ5Vvj/ENTREVISTA_-_GENETON.htm>.



ENTREVISTA • Geneton MORAES NETO

A conversa foi todo o tempo amena, regada pela voz ao mesmo tempo forte e doce de Geneton. Os temas foram os mais variados, tendo o jornalismo como pano de fundo. Falou-se sobre História, sobre ditaduras, sobre o exercício da profissão do jornalista. Geneton foi lançando ao ar seus ditos de esperança, de crença, de entusiasmo pela profissão a qual dedicou toda a sua vida.

Geneton Moraes Neto merece essa espécie de homenagem. Mais que isso, o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB merece rever esse momento ímpar, que entregamos aos leitores desse livro, não apenas como um registro, mas como experiência vivida, uma lição singular para o jornalismo paraibano e nacional.

| Joana Belarmino de SOUSA |

Edileide VILAÇA | **O mestrado é pioneiro no Brasil, e tem como foco levar para o espaço acadêmico jornalistas que estão no batente, cruzando teoria e prática. O que você acha dessa iniciativa pioneira aqui na Paraíba?**

Geneton MORAES NETO | Eu fiquei até surpreendido com essa experiência da Paraíba, porque no jornalismo acontece uma coisa: a gente escreve muito e pensa pouco sobre o que a gente faz. Eu acho que essa é uma deficiência grave do jornalista, não tentar fazer uma avaliação crítica sobre o que o jornalismo faz. E hoje não é novidade nenhuma que a gente sabe que o jornalismo está sob um terremoto de proporções bíblicas, causado pela Internet. Então, está se reavaliando completamente o papel do jornalista, o papel da informação. Já há quem diga que a gente vive, hoje, uma época que pode ser comparada a da invenção da imprensa. A Internet vai ser um marco tão dramático quanto foi a invenção da imprensa. Então eu acho que é um excelente momento para que o jornalista se aproxime da universidade, e vice-versa, pra avaliar o grau de intensidade desse terremoto, que é bastante forte.

JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

JOANA BELARMINO | A propósito desse grande terremoto, as crises perenes da profissão jornalística; temos também, em 2009, a queda do diploma como exigência para o exercício da profissão. O que você pensa desse pequeno novo *tsunami* no campo jornalístico?

Geneton MORAES NETO | Sempre me perguntam sobre isso. Eu fiz o curso de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, e, na verdade, eu comecei a trabalhar em jornal antes de entrar pra faculdade, antes da exigência do diploma; eu era jornalista provisionado, como se dizia. Eu acho o seguinte em relação a essa questão (e até parece uma frase de efeito, mas não é): eu não conheço ninguém que tenha ficado mais burro estudando. Então, você pode até discutir o formato dos cursos - talvez seja o caso, eu não sei - e há pessoas que defendem que o curso de jornalismo vire uma especialização, por exemplo, de um ano; você faz um curso de História, de Direito, e pode se especializar em um ano. Mas eu diria a quem se interessa por jornalismo, e a estudantes, que, primeiro, é necessário que se estude, independente que haja ou não a exigência do diploma; e, em segundo lugar, digo que os melhores jornalistas são sempre os que investem em si mesmos. Aquele jornalista que não fica esperando que o professor, ou que o chefe de redação, diga o que ele tem de fazer. Joel Silveira, o grande repórter Joel Silveira, eu fiz um documentário sobre ele, e ele dizia que o repórter tem que ser chato, e eu acho que o jornalista tem que ser chato com ele mesmo, nesse sentido de procurar a informação, de se informar: saiu um livro novo de Gay Talese, vai comprar, pede emprestado, busca na biblioteca; o jornalista não tem desculpa pra não se informar.

Verônica GUERRA | Oi Geneton, é um prazer enorme ter você aqui. Acompanhando sua trajetória, eu tive a oportunidade de ler *Os Segredos dos Presidentes², Dossiê Drummond*, enfim, lendo, acompanhando, eu percebo que você é aquele jornalista crítico. Tem sempre um olhar crítico para a profissão, para o comportamento dos

² **Dossiê Brasília:** os segredos dos presidentes. São Paulo: Globo, 2005.

colegas jornalistas. E aí você tem frases que eu acho fantásticas. Uma delas é exatamente essa: “Jornalista entediado é a pior coisa do mundo”. Fala pra gente que está aqui, fala pros jornalistas que estão nos ouvindo (que eu sei que são muitos), exatamente o que é isso, o que você pensa dessa frase?

Geneton MORAES NETO | Como o jornalismo é uma profissão pública, coisas que parecem ser discussões internas do jornalismo na verdade são do público também - o público-ouvinte, o telespectador. O que é que o jornalista passa a vida fazendo? A gente passa a vida manuseando o que é extraordinário, né? O jornalista só se interessa pelo que é extraordinário. A gente não quer saber que um avião levantou voo agora em João Pessoa e vai pousar no Recife daqui a trinta minutos; se houver uma turbulência, o radar do jornalista já começa a acender aquela luzinha. Então, a gente passa a vida manipulando o que é extraordinário. O problema é que depois de vinte, trinta anos, manipulando e convivendo com o que é extraordinário, o jornalista corre o risco seríssimo de passar a achar que o que é extraordinário pra ele é ordinário. Então ele se transforma naquela figura triste, que eu acho, que é o velho derrubador de matérias, aquele cara que fica na redação, o repórter com aquele entusiasmo, e ele: “Essa já foi, já saiu não sei aonde, já aconteceu...”. Então isso eu acho um risco terrível. Eu até brinco que eu batizei essa doença de Síndrome da Frigidez Editorial. É uma coisa terrível para a profissão. O jornalista que se deixar contaminar por esse vírus... ele pode se aposentar. Então - eu até disse isso para um colega de vocês, numa matéria que saiu num jornal daqui - minha luta enquanto profissional é uma luta desesperada pra não perder a inocência; aquela inocência que a gente tem no início da profissão. Inocência de você chegar às três da manhã na redação, cheio de poeira, a redação vazia, fazer uma matéria, fazer de conta que aquilo tem importância, ainda que não seja importante, né? Uma coisa que me marcou muito também: uma vez eu fiz uma entrevista com um ex-correspondente da CNN na Guerra do Golfo, Peter Arnett,; ele esteve

JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

no Brasil, eu fiz a entrevista com ele, e ele disse: “Olhe, jornalista tem que achar que o que ele faz é importante, mesmo que não seja, porque se você não achar que aquilo pode iluminar, pode informar alguma pessoa, de alguma maneira, trazer uma consciência crítica para os fatos... Se você não é capaz de fazer isso, então é melhor mudar de profissão”. O Brasil precisa de engenheiros, médicos, então se você acha que não pode fazer jornalismo, deixe a profissão.

Verônica GUERRA | **Sob o olhar desse jornalista crítico que é Geneton, você teve oportunidade de entrevistar mensaleiros?**³

Geneton MORAES NETO | Ainda não. Eu não participei da cobertura da crise do mensalão (eu tava, na época, fazendo mais matérias internacionais), mas é claro que eu tenho perguntas. Existem muitas dúvidas sobre o caso dos mensaleiros. E o poder, né, os bastidores do poder, é uma área que eu acho fascinante. Por exemplo, eu fiz aquele projeto com os ex-presidentes da República, que eu tô até tentando atualizar agora. Eu fiquei pensando, o que é a gente conversar com todos os ex-presidentes... E o mote do projeto era que pelo menos cada um contasse uma história que fosse um segredo, algo que eles não podiam contar enquanto estavam no poder. Então eu tive sorte: consegui de cada um dos ex-presidentes uma boa história, pelo menos. Por exemplo, pra ser bem rápido (senão a gente vai passar meia hora aqui falando dos ex-presidentes), o [José] Sarney disse que os militares tinham um projeto de fazer uma arma atômica aqui no Brasil. Esse é um caso típico de algo que fica nos bastidores do poder. E de fato havia uma corrida armamentista entre Brasil e Argentina, e ele ficou até irritado com os jornais, que disseram que ele estava

³ Aqui a jornalista refere-se aos políticos envolvidos no “mensalão”, principal escândalo que marcou, em 2005, o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e que estava baseado em um esquema que envolvia o pagamento regular de propinas (uma espécie de mensalidade) a parlamentares para votarem de modo favorável em projetos de interesse do Poder Executivo.

mentindo, ao afirmar que o buraco da Serra do Cachimbo servia como depósito...

Nonato GUEDES | Numa entrevista que você concedeu à revista *Imprensa* você fala da sua admiração pelo Carl Bernstein, que foi um dos repórteres envolvidos na cobertura do escândalo *Watergate*, na sede dos democratas nos Estados Unidos, e que acabou levando ao *impeachment* do Richard Nixon, presidente dos EUA. Você diz da sua admiração pelo Carl, mas isso não o impediu de fazer perguntas; você explica: o cara que consegue derrubar o presidente dos Estados Unidos é um ídolo. Você diz, inclusive, que as fontes dele não eram, exatamente, o que se imaginava que fossem - pelo contrário, ele tinha fontes espalhadas em todos os lugares - tem o caso do "garganta profunda", e tal. A gente não tem mais esse tipo de modelo, né, Geneton? Ou então está escasseando muito. Tudo converge pra isso, não tem mais emoção, o jornalista não vai pra rua, por conta da Internet, do celular, tudo está à mão...

Geneton MORAES NETO | A respeito de eu ter entrevistado o Carl Bernstein, eu digo, brincando, que ele realizou o sonho secreto de todo jornalista de derrubar um presidente. Não precisa nem ser o presidente da República; pode ser um presidente de um clube, de associação de bairro. Mas era, assim, uma alegoria, uma maneira de dizer, pra falar dessa missão vigilante do jornalista. E ele me deu várias lições. Ele me disse, por exemplo, que você não pode sair da redação, de maneira nenhuma, com a ideia preconcebida, só porque você vai fazer uma matéria. Ele disse que as melhores matérias que fez, ele foi sempre surpreendido pelos fatos. Aí a gente entra nessa coisa do engajamento ideológico ou político do jornalista, que eu acho isso um mal terrível da profissão.

NONATO GUEDES | Aliás, só um detalhe, me desculpe interromper. Você fala aqui da sua admiração por Lula, e realmente todo mundo tem admiração pela trajetória dele. Mas quando você fala, por exemplo, de jornalista que se recusa a entrevistar o general Milton Cruz (que eu conheci de perto; ele com um rebenque, lá na emenda

JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

das Diretas). Mas tem o outro lado; uma vez eu vi, em Brasília, jornalista chegando pra uma entrevista com Lula, com *button* dele na camisa. O que você acha disso?

Geneton MORAES NETO | Ah, os dois lados estão errados. É aquele mal do engajamento ideológico do jornalista. Você não pode, na profissão, fazer patrulhagem ideológica. Lugar de patrulhagem ideológica é na mesa do bar, na academia, com os amigos, em casa, mas, na hora de exercer a profissão eu acho que não. Eu conheço jornalistas que se recusariam a entrevistar George Bush, porque Bush invadiu o Iraque. E outros se recusariam a entrevistar Fidel Castro, porque Fidel é um ditador comunista e tal. Eu daria um milhão de dólares pra entrevistar os dois, se eu tivesse a chance. E foi o que aconteceu com Nilton Cruz: na entrevista, eu insisti, eu tentei - na verdade, ele não queria falar. Eu tentei, tentei, na quarta tentativa (até tem uma historinha característica) ele até disse, meio brincando: "Olha, eu sou mal-educado, eu vou gritar na entrevista, isso não vai dar certo". E então foi ótimo, ele gritou comigo... Aí, quando acabou a entrevista, eu pensei, eu não quero aqui dar uma de bom moço, aqui jornalista quer escândalo, quer manchete, quer uma declaração bombástica, mas, eu disse ao Nilton Cruz: "Como personagem jornalístico, o senhor me interessa tanto quanto Luís Carlos Prestes" (que era o líder comunista). Eu tava sendo sincero com ele, e é verdade. Eu acho que o fundamental nisso tudo é aquela coisa básica do jornalismo que nem sempre acontece: é você ser mil por cento fiel ao que o entrevistado diz.

Edileide VILAÇA | Geneton, no ano passado o governo instituiu a Comissão da Verdade, com o objetivo de realizar investigações sobre vários crimes cometidos no Brasil em dois regimes ditatoriais: o Estado Novo e a Ditadura Militar. E aí você é autor de entrevistas históricas, com personagens que estiveram no comando da Ditadura Militar no Brasil. Partindo dessas referências, o que você acha da Comissão da Verdade, e também sobre o jornalismo memória; em

tempos de notícias virtuais, quando se fala no fim do impresso, o jornalismo memória pode estar em risco?

Geneton MORAES NETO | Não, eu acho que não. Porque é o seguinte, essa é uma coisa pessoal mas é o seguinte: pra qualquer pessoa, de qualquer profissão, deve haver uma bandeira que sirva de estímulo. Você pode ser gari, economista, Prêmio Nobel, presidente da República, qualquer coisa, mas você deve ter uma bandeira pra se guiar. O jornalista pode ter qualquer bandeira, mas eu escolhi uma, que é a seguinte: o jornalista produz memória. E eu acho que essa é uma posição importante no jornalismo. O jornalista produz memória, matéria-prima. Já tem até uma frase que diz que o jornalista faz o primeiro rascunho da história, né? E, no exercício da profissão, a gente vê que há casos inumeráveis que ainda não foram cem por cento contados, como casos ocorridos durante o regime militar. Eu poderia citar vários, mas eu queria falar de um documentário que fiz, chamado *Canções do Exílio*⁴, em que eu entrevistei Caetano Veloso e Gilberto Gil sobre a prisão e o exílio dos dois. Foi logo depois do AI-5, e o Caetano comentou que ele se lembra perfeitamente de um interrogatório a que foi submetido, e que foi gravado. Havia um gravador diante dele, gravando tudo. E hoje ele se pergunta: “Onde é que anda essa fita?”. Imagina a preciosidade que seria, hoje, você ouvir essa fita... Ele se lembra, obviamente, de algumas coisas, inclusive algumas absurdas. Os militares queriam que ele fizesse uma música louvando a Transamazônica. E ele dizia: “Mas como eu vou fazer música aqui, preso?”. Mas, eu até procurei, aproveitando os novos tempos, até busquei o Comando Militar do Leste, no Rio de Janeiro. Eu liguei, falei com o assessor, e ele até me recebeu bem, e disse: “Manda por e-mail, explicando o que é isso”. Aí, falando do interrogatório, em que período foi, falando do depoimento gravado, perguntei se, por acaso, haveria alguma informação sobre onde

⁴ CANÇÕES do Exílio: a labareda que lambeu tudo. Direção: Geneton Moraes Neto. Produção: Jorge Mansur. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2010. 1 DVD (95 min.), color.

JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

estariam essas fitas”. Aí a resposta que o coronel mandou foi um primor de concisão. Ele disse: “Não há registro desse evento” [risos de todos].

Claro, eu quebrei a cara lá, mas essa fita deve existir em algum lugar. De repente pode tá no fundo de alguma gaveta... Em 2010, nos vinte e cinco anos da redemocratização, eu fui à Brasília fazer uma matéria sobre aquele movimento militar que houve pra garantir a posse de Tancredo Neves - que havia ali um risco, medo da linha dura se poder manifestar. Era improvável, mas havia esse medo, e um coronel que participou dessas articulações, eu me lembro que dei uma carona a ele no carro da televisão que a gente ia gravar entrevista, e ele disse: “Olha, na véspera da posse de Sarney teve uma limpa de documentos. A gente recolheu os documentos e levou pra casa, em alguns casos” [Risos e comentários].

Edileide VILAÇA | Temos uma pergunta de uma ouvinte, Rosana Diogo de Lima.

Rosana Diogo de LIMA | Bom dia, Edileide. Bom dia a toda João Pessoa, e um bom dia especial para o Geneton, de quem eu sou fã. Eu fiquei profundamente emocionada com o trabalho dele *Garrafas ao mar*⁵. Minha pergunta gira um pouco em torno do que ele já falou, sobre o fato de que o jornalista deve produzir memória. Temos uma realidade dessa disputa de informações, em tempo real, temos uma leva de jornalistas, de certa forma, despreparados, saindo da universidade despreparados. Como produzir memória; qual seria a solução?

Geneton MORAES NETO | Obrigada pela referência ao meu documentário sobre Joel Silveira, o *Garrafas ao mar*. Eu acho que, claro, o problema do preparo dos jornalistas vai existir sempre, mas quanto à função do jornalismo de produzir memória, eu acho que

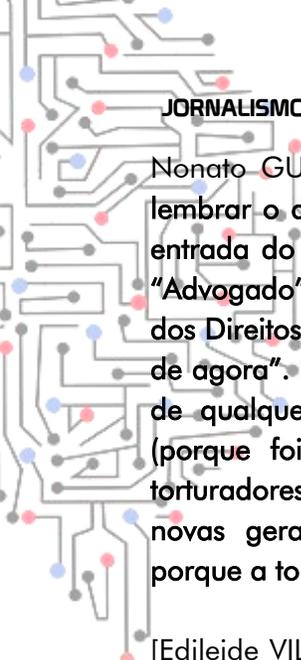
⁵ GARRAFAS ao mar: a víbora manda lembranças. Direção: Geneton Moraes Neto. Produção: Tatiana Marino. Rio de Janeiro: GloboNews, 2013. 1 DVD (90 min.), color.

ENTREVISTA • Geneton MORAES NETO

essa não vai morrer nunca. Aliás, no início, a pergunta sobre a Comissão da Verdade, que tem a ver um pouco com essa questão, porque, é engraçado, a Comissão da Verdade não vai ter o papel de punir ninguém, mas ela vai ter um papel fundamental, que é o de esclarecer o que é a justiça. Eu diria até que é quase tão importante quanto a justiça, que é a memória. Porque se você pensar, daqui a cinquenta anos, cem anos, quando forem estudar o regime militar, os historiadores do futuro vão recorrer a esses tempos e aos documentos que estão sendo colhidos nesse minuto, agora, por essa Comissão da Verdade. Então eu acho que os jornais também estão participando desse esforço. Então eu acho que é fundamental esse trabalho da Comissão da Verdade, que foi tardio, até no Brasil. Como eu já disse no início, eu sou contra o engajamento ideológico do jornalista na profissão, mas em alguns momentos eu acho que você deve marcar posição, né? Sinceramente, eu me pergunto, é revanchismo a gente perguntar onde é que anda o corpo de Rubens Paiva? É revanchismo você perguntar quem matou Vladimir Herzog?

Nonato GUEDES | **Na Argentina eles foram bem mais ativos. Pegaram muitos generais.**

Geneton MORAES NETO | Foi. Eu estive na Argentina recentemente, fazendo umas entrevistas - inclusive descobri um caso tocante, dramático, de um pai de três desaparecidos políticos. Esse homem perdeu três filhos, é uma história de horror: a filha grávida, dois filhos sumiram, e até hoje ele não sabe o que aconteceu. No caso da Argentina houve uma mobilização forte pela Comissão da Verdade, e os militares foram expostos - o que me surpreendeu, quando comparamos com a situação brasileira. Se você chegar hoje em Buenos Aires, na ESMA, que é um centro de tortura, já na entrada, tem um painel com as fotos e os nomes dos torturadores da época, todos eles hoje já velhinhos. Eles os expuseram, com nomes, fotos - no Brasil dificilmente a gente veria algo assim.



JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

Nonato GUEDES | Pensando no que você tá dizendo, isso me faz lembrar o depoimento de um advogado uruguaio que foi preso. Na entrada do presídio o policial perguntou: "Qual é a sua profissão?" "Advogado", ele disse. "O senhor conhece a Declaração Universal dos Direitos Humanos?". "Sim, conheço". Ele disse: "Esqueça, a partir de agora". Porque a partir dali imperava a tortura. Mas eu acho que, de qualquer forma, mesmo que não haja punibilidade no Brasil (porque foi feita uma lei de anistia enviesada, beneficiando os torturadores), eu acho que é preciso acatar-se, e apresentar para as novas gerações o desmascaramento dos que fizeram a tortura, porque a tortura é um ato inominável.

[Edileide VILAÇA, na volta do intervalo, reapresenta Geneton Moraes Neto e indaga sobre o que ele apresentará no seu programa do sábado na GloboNews].

Geneton MORAES NETO | A GloboNews vai levar ao ar, às nove e cinco da noite, com reprise no domingo, uma entrevista, que a gente gravou há alguns dias lá no Rio, com uma figura que passou dez anos no Palácio do Planalto - exatamente dez anos como um ministro importante de Médici e Geisel. Ele foi ministro no auge da ditadura e depois na abertura, que é o ministro do Planejamento, João Paulo Reis Veloso. Por isso que eu falo dessa missão do jornalismo produzir memória. Hoje, quando você ouve, após trinta anos dele ter deixado o poder, ele pode dizer coisas que na época não diria.

Edileide VILAÇA | Pois é. A gente tem uma expectativa grande de [Luciano] Agra, o ex-prefeito de João Pessoa, quando ele puder falar coisas que até então ele não pôde falar. Explicar por que renunciou, tanta coisa...

Geneton MORAES NETO | No caso de Veloso, já antecipando o programa, ele disse, por exemplo, que, desde o início, ele sabia que a Transamazônica (que foi um projeto grandioso do regime militar

lançado no início do governo Médici) era inviável. Como não foi no final das contas. Mas, o general Médici, quando chegou na reunião dos ministros pra anunciar que ia fazer a Transamazônica, já anunciou como uma decisão fechada.

Nonato GUEDES | Deixa eu te perguntar uma coisa. Você não acha que a decisão foi uma mistura de megalomania do governo com interesses de empreiteiras?

Geneton MORAES NETO | Não, o que ele disse foi o seguinte (ele dá até uma explicação técnica): ele diz que existia um estudo dizendo que o solo da Amazônia não era propício para aquele projeto, que era meio megalomaniaco mesmo, de deslocar agricultores do Brasil inteiro para a Transamazônica. Em tese, não seria uma coisa assim grandiosa, porque era inviável. Tanto é que no governo Geisel eles já deixaram de lado a Transamazônica.

E outra, é que ele conta cenas de bastidores, do suposto suicídio de Vladimir Herzog, por exemplo, quando a notícia foi publicada de que teria sido um suicídio, ele conta a reação do presidente Geisel que diz: “Que suicídio? Que suicídio que nada! Você vai acreditar nisso?” Quer dizer, num primeiro momento, até o próprio general Geisel já duvidava daquela versão oficial de que o Vladimir Herzog teria se suicidado. E o Reis Veloso descreve essa conversa que teve com ele.

Engraçado que às vezes a gente imagina que cenas assim, dos bastidores do poder, podem ser grandiosas, e às vezes são as coisas mais prosaicas do mundo. Por exemplo, ele era muito ligado à área de cinema, de cultura, o Reis Veloso. Aí ele diz que uma vez o cineasta Cacá Diegues o procurou para falar com o general Geisel, e disse que o Glauber Rocha queria voltar pro Brasil. Então aconteceu assim. Uma vez, depois da famosa reunião das nove, ele chamou o presidente Geisel e disse: “Olha, aquele cineasta, Glauber Rocha, tá querendo voltar pro Brasil”. E, segundo o Reis Veloso, Geisel perguntou: “E por que não volta?” E ele voltou. Então foi assim, não foi nada de grandioso.

JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

Edileide VILAÇA | Temos mais um ouvinte, o Antônio, do Geisel. Muito bom dia, Antônio.

Antônio | Queria perguntar ao entrevistado como é que ele vê essa questão da não efetivação das reformas que o país necessita: reforma eleitoral, reforma tributária, e por aí vai.

Geneton MORAES NETO | Eu acho que no Brasil é aquele velho pecado de adiar indefinidamente o que deveria ter sido feito ontem, né? Por exemplo, a reforma política. Até tá havendo um ensaio aí, mas é difícil passar no Congresso, acabar com essa inflação de partidos, porque às vezes são partidos que usam legenda de aluguel, exatamente pra vender apoio, barganhar horário na televisão... Entram governos, saem governos, pode ser PT, PMDB, PSDB, e a impressão que dá é que não se tomam aquelas medidas drásticas, pra dar um jeito na educação básica, aquelas coisas todas que todo mundo já tá cansado de saber, e cansado de ver não serem realizadas. Eu concordo com você, estamos atrasados nessas medidas drásticas, é um pecado histórico no Brasil.

Edileide VILAÇA | **Aproveitando esses temas, está em votação no congresso a PEC 37, também conhecida como PEC da impunidade, que tira o poder de investigar das mãos dos ministérios, estadual e federal. Qual seu posicionamento em relação a essa questão?**

Geneton MORAES NETO | Hoje, depois do julgamento do STF, engraçado que a justiça voltou a ser assunto de conversas de cafezinho, na mesa do bar. Eu acho que o que aconteceu aqui no Brasil é que, por conta de mil e uma distorções, a gente talvez tenha se acostumado mal, a não entender exatamente que os três poderes têm de ser completamente independentes uns dos outros - essa é uma coisa básica na democracia. Aconteceu agora no mensalão... Eu acho que o básico disso tudo, independentemente da discussão sobre o papel do Ministério Público, é que isso é um sintoma de civilização, no Brasil, a gente aceitar essa convivência, e, eventualmente, até um

choque de interesses entre os poderes, e não ficar aquela coisa do Judiciário submisso ao Executivo, o Legislativo submisso também, entendeu? Então eu acho que nesse sentido aí, é um sinal de civilização se a gente conseguir que os três poderes eventualmente se choquem.

Joana Belarmino de SOUSA | Um tema que interessa muito aos jornalistas, aos sindicatos, é o marco regulatório das comunicações. A gente diz na escola que, por exemplo, a América Latina está avançando no sentido de democratizar a comunicação, e se diz também que a liberdade de imprensa não é somente dos jornalistas, mas um direito da sociedade.

Geneton MORAES NETO | Eu acho que, indubitavelmente, há liberdade de imprensa no Brasil, porque eu comecei a trabalhar no *Diário de Pernambuco*, e eu me lembro (eu vi que era uma coisa meio chocante, e hoje parece absurdo), por exemplo, o editor me chamar e mostrar um despacho de assessores, dizendo: “É proibido fazer qualquer referência, qualquer notícia, qualquer comentário sobre a proibição da peça *Calabar* de Chico Buarque e Ruy Guerra”. Eu me lembro disso, eu tinha dezesseis anos, tava começando a entrar no jornalismo; às vezes chegavam aquelas notícias já prontas de mortes de guerrilheiros em confrontos com o Exército, porque eram matérias que já chegavam prontas, com fotografias, o jornal apenas reproduzia. Eu já desconfiava dessas informações. Então, quem viveu, mesmo nessa época final da censura, de início vai resistir contra qualquer coisa que possa, eventualmente, ser transformada em censura. Então, pra ser bem claro, eu sou contra qualquer iniciativa que possa influenciar na pauta jornalística, antes de ser publicada. Agora, depois de ser publicada, sinceramente eu não veria problemas, por exemplo, se se criasse (e talvez eu esteja sendo otimista demais, já existem experiências no exterior), se houvesse um conselho livre de influências partidárias e políticas no qual o telespectador, o ouvinte, o leitor pudesse ser representado, um

JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

conselho ao qual se pudesse recorrer - como aconteceu recentemente na Inglaterra, que eles criaram normas; por exemplo, o desmentido deve ser publicado na primeira página, ou que você pudesse também avaliar o trabalho da imprensa, avaliar e publicar, eventualmente com moções de censura, de queixa contra a o trabalho da imprensa. Eu acho mais do que razoável, eu não vejo nenhum problema quanto a isso. O problema é a discussão complicada de como você formaria esse conselho. Quem representaria os leitores, os telespectadores, os ouvintes? Quem representaria os próprios jornalistas? Como você pode manter esse conselho imune a influências de políticas partidárias? A grande dificuldade é essa. Agora, desde que esse famoso conselho não tenha influência, não tenha poder de veto sobre a pauta jornalística, porque aí sim, era um caso de censura. Eu acho que essa questão pode e deve ser discutida.

Veronica GUERRA | **Como é que você orienta o relacionamento de jornalistas e fontes políticas? Quais os cuidados que o jornalista deve ter pra não se contaminar com essas fontes?**

Geneton MORAES NETO | A política é um terreno minado, onde você corre o risco de ser manipulado, não é? Especialmente eu acho que, no caso da política, o jornalista deve ter todo o cuidado para não ter essa convivência promíscua com as fontes. E um problema também que eu acho que é do Brasil, que não é só cultural, que se estende à cobertura política... Eu acho o seguinte, você liga a tv e vê uma entrevista coletiva com um presidente americano, por exemplo, você vê o repórter levantando o dedo e indagando: "O senhor disse há dois anos que a inflação não ia aumentar, mas a inflação aumentou". Isso num exemplo hipotético. "A inflação aumentou. O senhor está mentindo hoje, ou mentiu antes?". É nesse nível. Aqui no Brasil a gente não tem isso. Eu acho lamentável essa cultura. Não há essa prática de meio que peitar os entrevistados. Uma vez, no *Twitter*, eu disse: "Eu acho absurdo o tal 'jornalismo voleibol', que você fica levantando a bola pro entrevistado". Eu tenho um princípio que acho

que aí vale pros jornalistas de todas as áreas (isso é bom inclusive pro público, porque a informação que a gente vai dar pro público vai ser a melhor possível): uma entrevista não pode ser instrumento de congratulação com o entrevistado; tem que ser instrumento de prospecção, de investigação. Então, uma entrevista congratulatória, que é o que a gente vê aqui, especialmente com celebridades, o jornalista amiguinho da fonte, então eu acho que as chances de uma entrevista dessas render alguma coisa interessante, relevante, é de zero vezes zero vezes zero ao cubo, multiplicado por zero, que dá zero, no fim das contas. Então eu acho que isso é uma praga no jornalismo brasileiro, essa coisa da entrevista congratulatória. Isso compromete a qualidade da informação. Se você chega pra um ministro envolvido com alguma coisa, e você não pergunta isso claramente...

Edileide VILAÇA | E ainda tem situações no nosso cotidiano em que assessores de determinadas autoridades dizem aos jornalistas: “Olha, não pode fazer tal pergunta, não pode tocar em tal assunto...” A pergunta provocativa, meio que fica sendo blindada.

Geneton MORAES NETO | É aquela história, o assessor de imprensa é pago pra defender a fonte, que é o seu empregador. Eu acho o seguinte: a boa entrevista (o bom político, o bom administrador) é aquela que enfrenta o entrevistador sem nenhuma restrição.

Nonato GUEDES | Vou encerrar minha participação, mas queria indagar sobre o que você fala nesse livro, *Os Segredos dos Presidentes*, sobre o grande mudo que foi o Geisel. Você tentou uma abordagem em Carpina (PE), depois tentou quando ele já estava como presidente na Norquisa, e ele deu uma declaração de cinco minutos – evidentemente sem dar a entrevista. Isso me lembra o depoimento de uma jornalista da Globo, que foi entrevistar o Geisel, e disse: “Presidente, o maior sonho da minha vida seria entrevistar um presidente da República”. E ele disse: “Continue tentando, continue tentando” [risos gerais]. Mas Geneton, renovando a admiração que

JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

eu tenho por você, além desses seus livros individuais, eu tenho seu livro com Joel Silveira, inclusive *Nitroglicerina pura*, e eu acompanho sempre seu trabalho, lhe admiro de coração. [Geneton agradece].

Veronica GUERRA | Vou fazer uma pergunta que incomoda um pouco, mas, enfim: quando foi perguntado se você acredita em liberdade de imprensa, e eu ia complementar a pergunta de Joana, se só existe liberdade de empresas, eu queria que você falasse aos ouvintes sobre o seu relacionamento, hoje, com a Rede Globo. Existe essa liberdade?

Geneton MORAES NETO | Eu trabalhei alguns anos no *Fantástico*. Sim, eu diria que existe liberdade. Hoje eu faço *Dossiê GloboNews*; as entrevistas que eu fiz são entrevistas que vão muito nessa área, na memória e tudo. Então eu não tive, sinceramente, nenhum caso em que alguém dissesse pra eu deixar de fazer alguma coisa. Eu tô tentando, ao máximo, trazer essa pluralidade, porque quando você entrevista um general, por exemplo, aparece alguém dizendo: “Ah, e porque você não ouve também um guerrilheiro?”. Eu já entrevistei guerrilheiros, e já fui bombardeado pelo outro pessoal: “Você só ouve os guerrilheiros” [risos gerais]. Então eu acho que essa coisa é fundamental. Do jeito que eu entrevistei o general Nilton Cruz, que foi matéria de página inteira, eu entrevistei aquele guerrilheiro, Carlos Eugênio Paz (o “Clemente”), e que ele confessa com todas as letras que participou da execução de um companheiro, numa espécie de justificação. Eu acho que você dá a palavra ao entrevistado, seja ele tanto Milton Cruz, quanto o guerrilheiro, e deixa que os dois falem livremente, e você dispõe aquilo na Internet, aquilo fica disponível, vai ser matéria-prima pras pessoas pensarem, formarem opinião, sobre o que aconteceu no Brasil. No fundo, o papel do jornalista é um pouco isso. Sem nenhuma pretensão. Aliás, o jornalista é muito pretensioso. Eu diria que noventa e oito por cento dos jornalistas são. Eu acho que, sem pretensão, no fim das contas, o que é que a gente faz, pra ser bem simples: eu acho que ser jornalista é passar a informação adiante. É você chegar e contar, da maneira mais fiel possível, o que

ENTREVISTA • Geneton MORAES NETO

você viu e ouviu. Não pode haver outra profissão que possa ser definida com tanta simplicidade, com tanta clareza. Nem sempre o exercício é tão simples assim, mas a definição é. Eu tento fazer isso. Qual é minha função? Passar adiante o que o general disse sobre a votação das Diretas, e o que o guerrilheiro disse sobre o companheiro que ele executou. Ponto. Não é ficar julgando os dois. É dar aquela matéria-prima para o leitor, os telespectadores, e, eventualmente, o historiador, pra que eles formem opinião e trabalhem essa informação.

Edileide VILAÇA | [Anunciando os momentos finais] **E essa conversa boa continua logo mais à noite, na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, não é Joana?**

Joana Belarmino de SOUSA | **Sim, é um momento de confraternização, muito informal, aberto ao público. Queria convidar todos os jornalistas. É um momento importante para o campo jornalístico local, e gostaria de agradecer a Geneton, por sua simpatia, sua generosidade em compartilhar esse momento conosco.**

Geneton MORAES NETO | João Pessoa faz parte da minha vida. Minha mãe é paraibana, eu vim saber outro dia que meu avô nasceu em Conceição do Pinacó, e eu passava minhas férias aqui em João Pessoa quando eu tinha dez, doze anos. Então, eu tenho muitas lembranças: a Rua Duque de Caxias, o Ponto de Cem Réis... Eu não sou um estranho em João Pessoa.



Produções Bibliográficas
Geneton MORAES NETO
Principais Livros

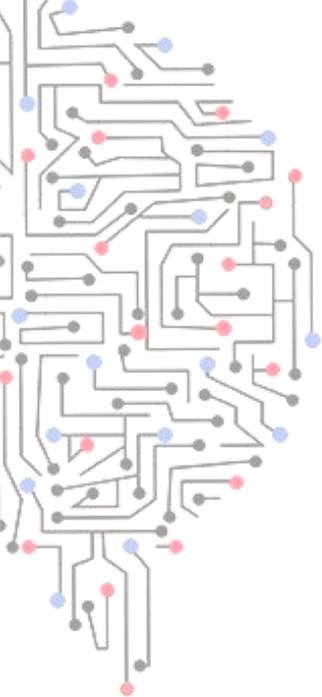
MORAES NETO, Geneton. **CADERNO DE CONFISSÕES BRASILEIRAS:** dez depoimentos, palavra por palavra. Recife: Comunicarte, 1983.

MORAES NETO, Geneton. **CARTAS AO PLANETA BRASIL:** entrevistas a



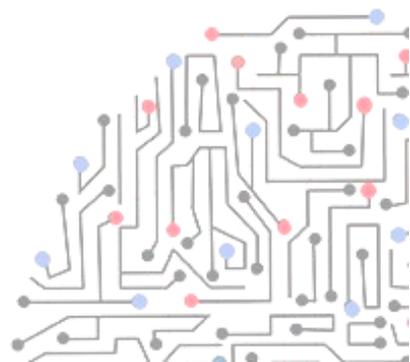
JORNALISMO: do extraordinário à simplicidade nas lições de Geneton Moraes Neto

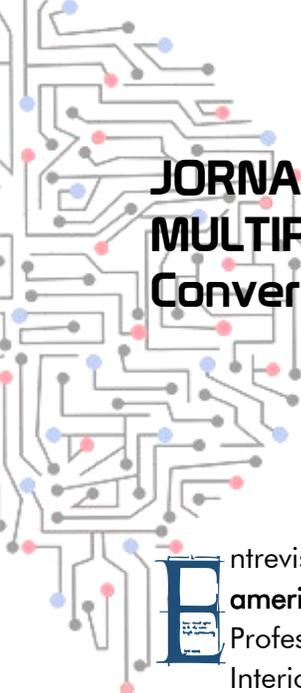
- Geneton Moraes Neto. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1988.
- MORAES NETO, Geneton; SILVEIRA, Joel. **HITLER/STALIN: o pacto maldito**. São Paulo: Record, 1990.
- MORAES NETO, Geneton; SILVEIRA, Joel. **NITROLICERINA PURA**. São Paulo: Record, 1992.
- MORAES NETO, Geneton. **DOSSIÊ BRASIL: as histórias por trás da História recente do país**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997.
- MORAES NETO, Geneton. **DOSSIÊ MOSCOU**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- MORAES NETO, Geneton. **DOSSIÊ BRASÍLIA: os segredos dos presidentes**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.
- MORAES NETO, Geneton. **DOSSIÊ DRUMMOND**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2007.
- MORAES NETO, Geneton. **DOSSIÊ GABEIRA: o filme que nunca foi feito**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
- MORAES NETO, Geneton. **DOSSIÊ HISTÓRIA: um repórter encontra personagens e testemunhas de grandes tragédias da História mundial**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
- MORAES NETO, Geneton. **DOSSIÊ 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Maquinária, 2013.
-



PARTE II

ENTREVISTAS REEDITADAS





JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes¹

João CANAVILHAS ²

Universidade da Beira Interior | Portugal

Juliana COLUSSI ³

Universidad del Rosario | Colômbia

Entrevista em profundidade concedida à **Revista Latino-Americana de Jornalismo - ÂNCORA**, pelos pesquisadores Professor Doutor João Canavilhas da Universidade da Beira Interior – UBI – Portugal e a Professora Doutora Juliana Colussi da Universidad del Rosario – Colômbia. Os entrevistados participaram na condição de conferencistas do **Simpósio Internacional sobre JORNALISMO em ambientes MULTIPLATAFORMA** que aconteceu em novembro de 2015 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na cidade de João Pessoa – Paraíba | BRASIL. O evento acadêmico foi promovido pelo **Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Mídia, Acessibilidade e Cidadania (GJAC)** do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB e o Grupo de Pesquisa em

¹ Entrevista originalmente publicada na **Revista Latino-americana de Jornalismo | ÂNCORA**, [V.3 N.1 Ano 2016] tendo como Eixo Temático: Conceitos e Experiências sobre Jornalismo em Ambientes Multiplataforma.

² Doutor em Sociologia e Comunicação pela Universidade de Salamanca, Espanha (2007). Atua como pesquisador nas áreas de ciberjornalismo, mídias digitais, novas tecnologias e plataformas jornalísticas. Ocupa o cargo de vice-reitor da Universidade da Beira do Interior – Covilhã | Portugal (2013-2017).

³ JORNALISTA. Doutora em Jornalismo pela Universidad Complutense de Madrid. Pós-Doutorado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, com bolsa PNPd-CAPES. Desenvolveu pesquisas sobre a narrativa e a redação de blogs jornalísticos espanhóis e brasileiros. Realiza estudos nas linhas de pesquisa de comunicação digital e a convergência midiática. Possui vários capítulos de livros e artigos publicados em livros e revistas especializadas na área de comunicação. Professora do Programa de Periodismo y Opinión Pública da Universidad del Rosario – Colômbia.

Jornalismo e Mobilidade da Universidade Estadual da Paraíba (MOBJOR). A entrevista entrelaça dois pontos de vista sobre os conceitos e experiências de Jornalismo Multiplataforma e, traz também temas emergentes como a crise nos modelos de negócios do jornalismo, processos de convergência jornalística, jornalismo móvel, acessibilidade no jornalismo, coberturas jornalísticas e cenários sobre o futuro do jornalismo. A entrevista foi conduzida pelos professores Pedro Nunes, Fernando Firmino e Joana Berlarmino vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

ÂNCORA

Constatamos que há uma crise nos modelos de negócios do jornalismo. **Na sua condição de pesquisador como analisa o cenário atual e que perspectivas visualiza para a sobrevivência do jornalismo e base impressa?**

João CANAVILHAS | O jornalismo impresso, tal como o conhecemos hoje, nunca mais voltará a ser o mesmo. O mercado alterou-se com o aparecimento do jornalismo na Web e do seu modelo gratuito de distribuição instantânea. A emergência dos dispositivos móveis só veio acelerar o processo que conduzirá inexoravelmente a imprensa diária ao desaparecimento.

Nas condições atuais de mercado, os únicos jornais com capacidade para sobreviver a médio-prazo serão os grandes títulos mundiais, por terem um mercado global, e os jornais hiperlocais localizados em regiões com baixas taxas de penetração de internet.

No caso das revistas e dos semanários tenderão a manter as vendas, ou mesmo a aumentá-las. A atual tendência da informação Web em priorizar a velocidade em relação à profundidade da informação, bem como o aumento do consumo informativo em dispositivos móveis com telas de pequena/média dimensão levarão uma importante faixa de consumidores a optar pelas publicações que vão para lá da

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

espuma dos acontecimentos e procuram aprofundar os acontecimentos a partir das mais diversas abordagens jornalísticas, algo que se encontra nos jornais semanários e nas revistas.

Este tipo de trabalho de profundidade exige tempo de produção e recursos humanos, situação que não se coaduna com a diminuição do número de jornalistas nas redações. Por isso só a imprensa semanal terá tempo para continuar a fazer um jornalismo de qualidade capaz de se diferenciar do jornalismo veloz e superficial produzido na maioria das edições online gratuitas, mas que satisfaz uma parte importante do público consumidor de diários em papel.

Juliana COLUSSI | Por um lado, a crise nos meios de comunicação serve como justificativa para despedir jornalistas em massa nas redações, sobretudo, dos impressos, por conta da queda na venda de assinaturas e de anunciantes que migram para outras mídias. Por outro lado, temos um cenário que parece ser mais promissor quando se trata das assinaturas digitais. Os meios impressos têm investido em modelos de negócio que priorizam edições puramente digitais e produtos jornalísticos nativos para dispositivos móveis, com o intuito de oferecer um pacote de conteúdo de forma que quem faz a assinatura digital tem acesso a diversas edições. De acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC Brasil), as edições nativas digitais de jornais praticamente dobraram em 2015. Quanto às assinaturas digitais, o IVC registrou um aumento de 118%, passando de 228.944, em 2013, para 500.370, em 2015. Os dados também apontam um crescimento no acesso do conteúdo digital via *smartphone* e *tablet*. Nesse sentido, pode-se dizer que os novos modelos de negócio de jornais e revistas passam por um processo de "rejuvenescimento", em que os produtos oferecidos refletem claramente a tendência do público e dos anunciantes de migração para o meio digital. Isso pode significar a sobrevivência do jornalismo, mas não necessariamente a dos impressos. A versão impressa do *Zero Hora* passa a circular nos finais de semana com

apenas uma edição, que será publicada nas manhãs de sábado a partir de março de 2016. O inglês *The Independent*, após 30 anos de circulação, encerra a edição impressa para seguir na plataforma online. Trata-se de uma mudança de paradigma, baseada no uso da tecnologia para o desenvolvimento de narrativas e elementos próprios do ciberjornalismo, que possivelmente será adotada por um conjunto maior de diários e semanários.

ÂNCORA

Considera os processos de inovação enquanto novos caminhos para o jornalismo? Em termos de inovação que empresas jornalísticas destaca como paradigmáticas no seu país e no mundo?

Juliana COLUSSI | Quanto aos processos de inovação, mostram-se como novas perspectivas principalmente para o ciberjornalismo. Os veículos de referência apostam, há alguns anos, nos laboratórios de inovação tecnológica, que buscam: 1) a criação de novos aplicativos para dispositivos móveis; 2) desenvolvimento de novas narrativas jornalísticas mais interativas; e 3) aperfeiçoamento do *data journalism*. Essas iniciativas são fundamentais para a elaboração, por exemplo, de produtos jornalísticos imersivos e para a exploração de recursos como o *newsgame*. Nesse sentido, o *New York Times* tem sido a grande referência para outros meios, já que foi o primeiro a lançar uma grande reportagem hipermídia ao estilo de *Snow Fall* em 2012, que se tornou referência para produções de reportagens como a série “Tudo sobre” da *Folha de S.Paulo*. Recentemente o diário estadunidense lançou o app NYT VR, em que publica reportagens panorâmicas. Destacaria também a BBC, The Guardian, RTVE e El Mundo e, no Brasil, as iniciativas de O Globo e UOL. Por outra parte, se considerarmos as ferramentas de aperfeiçoamento para o jornalismo de dados como um dos vieses de inovação, esse pode ser um caminho para veículos que investem no jornalismo investigativo ou mais contextualizado, como o trabalho da Agência Pública no Brasil.

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

João CANAVILHAS | Suponho que a pergunta se refere ao jornalismo na Web, porque no caso do papel, como referi antes, a situação é difícil. Ainda assim vale a pena referir algumas experiências interessantes que têm surgido no jornalismo impresso, como o uso da Realidade Aumentada, geralmente através de *QR Codes*. É um processo de remediação inversa em que a imprensa usa características da Web em seu próprio proveito. Há igualmente um movimento no sentido de tornar o jornalismo em papel mais rico em grafismos, procurando-se desta forma responder a uma geração mais visual. Mas esta geração é também muito interativa e não encontra no papel uma resposta a esta necessidade.

No caso da Web, a inovação é um conceito fundamental porque só ela pode dar visibilidade a projetos que surjam no imenso oceano informativo em que se transformou a Web. Atualmente, qualquer cidadão pode lançar um espaço informativo com custos muito reduzidos. Se o promotor for um bom jornalista, o espaço pode tornar-se uma referência a custo zero, sendo um bom exemplo disso mesmo o Drudge Report, de Matt Drudge.

No caso das empresas Web, que não têm custos associados à impressão e à distribuição, a aposta deve ser feita na inovação, fundamentalmente ao nível das linguagens, formatos e narrativas. Só assim se poderão distinguir da enorme concorrência que surge todos os dias e que usa uma arma igualmente interessante: a especialização em nichos temáticos.

Há muitos bons exemplos de empresas inovadoras no mundo e destacar algumas pode ser injusto para outras. Alguns exemplos são The New York Times, The Guardian, El Mundo ou La Republica. No caso de Portugal, o jornal online Observador, o diário Público e o semanário Expresso são os melhores exemplos de um jornalismo inovador.

ÂNCORA

O processo de convergência jornalística já faz parte de uma boa parte das redações mundiais. No Brasil esse processo tem contribuído para a qualidade da produção jornalística e praticamente já está se consolidando nas organizações jornalísticas de grande porte. **Que aspectos você destaca no tocante à complexidade convergência jornalística?**

João CANAVILHAS | Como é sabido, a convergência no jornalismo ocorre em quatro áreas - conteúdos, tecnologias, empresas e profissionais – sendo normal que exista uma ligação entre elas. O início do processo de convergência é externo às próprias empresas, pois acontece no campo das tecnologias que vão entrando nas redações. Os computadores, as câmaras digitais, os gravadores digitais, etc, levaram ao desaparecimento de algumas profissões (tipógrafo e revisores) ou à diminuição de outros (fotógrafos e repórteres de imagem). Neste novo cenário, as empresas perceberam que alguns profissionais poderiam desempenhar mais do que uma função: as fotografias, por exemplo, passaram a ser feitas pelos jornalistas, resultando assim uma convergência profissional consequência de uma convergência tecnológica.

Os próprios jornalistas, e outros profissionais da redação, ao passarem a utilizar novos equipamentos nas suas funções viram aí uma oportunidade para melhorarem o seu produto final: as notícias. A necessidade de adaptar a fotografia ou o vídeo ao texto, em conjunto com a possibilidade de os usar em simultâneo, abriu campo à convergência de conteúdos.

Por fim, e num cenário em que tecnologias, profissionais e conteúdos se tornaram convergentes, é natural que as próprias empresas vejam a oportunidade de alargarem a sua oferta pela fusão ou compra de empresas de comunicação complementares à sua oferta.

Juliana COLUSSI | Um dos aspectos mais relevantes é a aposta por um número maior de equipes, nas redações integradas, compostas



JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

por profissionais de várias áreas da comunicação e da tecnologia. Assim, com programadores, web designers, analistas de base de dados e jornalistas, em um trabalho conjunto, em que atuam também na produção de conteúdo jornalístico diário, e não apenas em reportagens especiais multimídia e conteúdos específicos para dispositivos móveis. Neste caso, a finalidade é publicar notícias factuais de maneira mais interativa, de forma que a multimídia de tipo integrada seja uma constante, e não esporádica, nos sites dos veículos, como se vê em especiais ou grandes reportagens hipermídia. No entanto, sabe-se que o custo de manutenção dessas equipes acaba sendo o maior empecilho para que isso aconteça. Um segundo aspecto está relacionado à função multitarefa do jornalista, que antes produzia o texto e agora se dedica também à produção fotográfica e audiovisual, excluindo a figura do especialista em cada área do jornalismo. A formação deste jornalista, que muitas vezes ainda atua como *community manager*, exige uma formação que contempla conhecimentos técnicos de programação e noções de design, usabilidade e posicionamento web. Por último, encontra-se o desafio de desenvolver narrativas que forneçam a experiência de realidade virtual.

ÂNCORA

Os dispositivos móveis, a partir da última década, adentraram o jornalismo tanto no aspecto de produção quanto de consumo de notícias. É uma realidade tendo em vista as estatísticas como a da *Pew Research Center* que aponta para a expansão do consumo de notícias nestas plataformas especialmente em *smartphones* e *tablets*. **Na sua análise, as organizações jornalísticas estão preparadas para o contexto da mobilidade?**

Juliana COLUSSI | De modo geral, os meios de comunicação conseguiram se adaptar mais rapidamente aos dispositivos móveis que à web. Na primeira fase, ocorreu a transposição do conteúdo da edição impressa e da web para *smartphones* e *tablets*. E, depois,

surgiram sites que atendem as especificidades e o tamanho da tela desses aparelhos, possível graças ao uso do HTML 5, tecnologia que também viabilizou a criação de aplicativos jornalísticos autóctones.

Nos últimos dois anos, destaco a introdução de apps como o WhatsApp no processo de produção da notícia tem facilitado o envio de material jornalístico às redações, tanto por parte dos profissionais que estão em campo quanto dos cidadãos que são testemunhas de algum acontecimento relevante para a sociedade. Ademais, considerando que quando a criação de conteúdo nativo é feita em dispositivos móveis, a reprodução do mesmo ocorre sem a necessidade de adaptações, o que agiliza o processo de distribuição. Neste caso, seria preciso uma conversão do conteúdo para a web.

Quanto às reportagens audiovisuais panorâmicas e às transmissões por *streaming*, considero que ainda são pouco representativas na mídia brasileira. Os veículos precisam ganhar em agilidade quando o assunto é transmissão em *streaming*, baseando-se em trabalhos realizados por grupos independentes, como o Mídia Ninja, que demonstrou seu potencial durante as Jornadas de Junho em 2013.

João CANAVILHAS | Curiosamente, as organizações jornalísticas têm conseguido adaptar-se mais rapidamente ao jornalismo móvel do que ao jornalismo na Web. Em parte, a situação explica-se porque metade do caminho já estava feito: os sites já existiam e foi fácil adaptá-los aos dispositivos móveis devido ao aparecimento do HTML5. Por outro lado, a facilidade com que é possível desenvolver uma aplicação nativa também ajudou a esta presença do jornalismo no novo ecossistema móvel.

Apesar disso, ainda há um longo caminho a percorrer: o potencial dos dispositivos móveis é muito superior ao dos computadores por se tratar de um aparelho de uso pessoal, ou seja, um canal que permite o acesso a um determinado utilizador no seu contexto particular. Se a possibilidade de uma personalização temática já é vista pelos consumidores como uma mais-valia, imagine-se se essa

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

personalização tiver em consideração todos os elementos contextuais, como o local onde o consumidor se encontra, a hora, o tipo de atividade que está a desenvolver, as suas preferências, etc. A esta capacidade de adaptação chamo plasticidade, um grau avançado de personalização por considerar um conjunto de variáveis que nem o próprio consumidor tem noção no momento em que a informação lhe é enviada.

ÂNCORA

As transformações tecnológicas e de mobilidade no jornalismo inevitavelmente recaem sobre a prática jornalística. O jornalista, cada vez mais, precisa lidar com uma condição multitarefa e de produção multiplataforma. **Que desdobramentos essa condição do jornalista atual pode trazer para o profissional do jornalismo e para a qualidade do conteúdo produzido se considerarmos essa multiplicação de funções e as exigências pela velocidade?**

João CANAVILHAS | Parece-me óbvio que juntar as duas variáveis (qualidade e velocidade) na mesma equação vai dar mau resultado. O que está em causa não é a multitarefa nem a multiplataforma, porque isso deve ser assumido pelos jornalistas como uma característica intrínseca da profissão. Passa pela cabeça de algum jornalista da secção e Desporto dizer que não faz uma notícia para Economia porque não sabe? Um jornal deixa de fazer uma notícia de Cultura porque apenas tem um jornalista de Política disponível? Não me parece. A produção da notícia pode demorar mais tempo porque estes profissionais levarão algum tempo a encontrar a informação que necessitam fora das suas fontes habituais, mas acabarão por fazê-lo.

No campo das tarefas e plataformas é exatamente o mesmo: por princípio, os jornalistas devem ser capazes de desempenhar diferentes papéis na redação e de produzir para vários meios da sua empresa. Serão melhores nuns do que noutros, e por isso a produção será mais lenta, mas com o tempo acabam por fazer o mesmo que faz um

especialista. Ou seja, a variável importante é o “tempo” e não as capacidades profissionais, por isso considero que a velocidade é o grande obstáculo à emergência do profissional multitarefa e multiplataforma. As empresas jornalísticas deverão entender que ser o mais rápido não é suficiente para ganhar audiências: o importante é ter uma resposta eficaz às necessidades informativas do consumidor. A velocidade em colocar uma primeira informação sobre um acontecimento pode ser interessante, mas o jornalismo não se resume a isso.

Juliana COLUSSI | Um fator de peso que muitas vezes se configura como uma barreira para a produção jornalística de qualidade é o acúmulo de tarefas que normalmente fica a cargo do repórter responsável pela cobertura de um evento (gravação de vídeo e áudio, circulação da informação em redes sociais, envio de material à redação, etc.) que precisa ser produzido em tempo recorde. Não resta dúvida de que essa dinâmica compromete a qualidade do conteúdo. Talvez a produção em equipe com três jornalistas, dois em campo para dividir as tarefas de cobertura, na qual se inclui a transmissão em *streaming*, por exemplo, e outro na redação para receber o material e fazer a versão para a web, enquanto os de campo alimentam as redes sociais e a edição para dispositivos móveis. Dessa maneira, obtém-se uma melhor qualidade do conteúdo jornalístico, ao mesmo tempo em que se oferecem produtos nativos contextualizados de acordo com as especificidades de cada plataforma.

ÂNCORA

A graduação e a pós-graduação têm dado conta da complexidade de formação dos novos profissionais que atuam no jornalismo?
Qual o papel da universidade neste contexto de formação acadêmica que envolva as dimensões da ética e cidadania?

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

Juliana COLUSSI | Os cursos de graduação em Jornalismo, de certa forma, apresentam um distanciamento com o mercado de trabalho. Isso sempre ocorreu. Por mais que os estudantes desenvolvam atividades práticas em uma redação integrada dentro do curso, a universidade oferece uma dinâmica diferente do mercado, sobretudo com relação à velocidade de produção e publicação do conteúdo jornalístico. Outra diferença que podemos pontuar é a maior liberdade com relação à linha editorial que, no caso da universidade, não há interesses econômicos e políticos evidentes. Primeiro, as mudanças nas práticas profissionais chegam aos veículos de comunicação para, ao logo do tempo, serem incorporadas às atividades da graduação, seja em forma de projeto de extensão ou em laboratórios. Se para algumas redações o processo de adaptação ao novo ecossistema midiático é difícil a ponto de acompanhar todas as inovações, para a universidade esse processo torna-se ainda mais lento. Como a universidade, por meio da graduação e da pós-graduação, promove o debate acerca das práticas jornalísticas em seus diferentes âmbitos, penso que o ideal seria desenvolver laboratórios de pesquisa em parceria com meios de comunicação, com o fim de intercâmbios e contribuições mútuas. Dessa maneira, a formação universitária seguiria oferecendo discussões teóricas fundamentais para o futuro jornalista e, ao mesmo tempo, aproximaria os estudantes dos desafios presentes nas organizações jornalísticas. Seria uma via de mão dupla, experiência que raramente ocorre quando os alunos realizam estágio nas empresas de comunicação.

João CANAVILHAS | A relação entre o ensino do jornalismo e a profissão, sobretudo a formação de nível superior, tem sido muito conturbada. No caso português, o ensino superior do jornalismo só começou no final dos anos 70, mas foi nos anos 80 que ganhou alguma dimensão. Nos primeiros anos, a relação entre os jornalistas formados nas escolas superiores e os profissionais formados na

“tarimba”, aqueles que aprenderam em contexto de redação, foi bastante difícil, com estes últimos a acusarem os mais novos de terem uma formação demasiado académica e pouco prática. Esta ideia foi-se esbatendo, mas mantém-se ainda o afastamento entre o ensino e o mercado. A exceção podem ser algumas pós-graduações escola/empresa surgidas nos últimos anos, mas acaba por não se perceber se estamos perante uma aproximação entre as duas partes ou se esta é apenas uma forma de as empresas sublinharem que a formação de base (licenciatura) não responde às suas necessidades. A verdade é que muitos falhanços económicos no campo do online poderiam ter sido evitados se as empresas optassem pela investigação em lugar de avançarem para modelos e narrativas sem testes prévios. Ou que optem por adquirir equipamentos que não são previamente ensaiados nos laboratórios das universidades. E há ainda as questões éticas que surgem todos os dias como resultado de manipulações de imagens ou de informação, situações que devem ser estudadas pelas universidades. Mas não é justo imputar todas as culpas às empresas: as universidades também tendem a fechar-se no seu mundo, com os investigadores mais preocupados em produzir *papers* do que com a desenvolver investigação aplicada. No fundo há ainda um enorme caminho para percorrer no campo do relacionamento entre empresas e universidades.

ÂNCORA

A era digital marcada por temporalidades líquidas fez brotar no ciberespaço, novas audiências, no dizer de Boaventura de Souza Santos, “**novos sujeitos coletivos**” consumidores de notícias. Nesse leque de novas audiências, estão os coletivos de pessoas surdas, pessoas com deficiência visual, que encontram no ciberespaço, oportunidades de interação, ao lado de barreiras reais de acessibilidade. **Nesse contexto do Jornalismo e Acessibilidade, as universidades estão preparadas para lidar com a formação de profissionais aptos a gerar conteúdos acessíveis para esses públicos?**

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

João CANAVILHAS | Como referi antes, a grande mudança que está a ocorrer no jornalismo é a passagem do consumo grupal, típico das décadas anteriores, para um consumo individual. Embora também exista muito consumo social, sobretudo nas redes online, situação que pode ser considerada uma forma de consumo coletivo, o verdadeiro potencial está na personalização.

Neste contexto de consumo individual, as possibilidades de resposta aos públicos referidos na pergunta é muito maior, não por serem um coletivo, mas justamente porque os dispositivos móveis permitem criar canais personalizados adaptáveis a cada indivíduo. O conceito de “plasticidade” que antes referi é isso mesmo: a adaptação dos conteúdos ao contexto integral do receptor. O SIRI, por exemplo, mostra bem o que se pode fazer pelos invisuais, mas há todo um mundo de possibilidades que podem levar o jornalismo a consumidores com algum tipo de incapacidade. As tecnologias instaladas nos dispositivos móveis (software de reconhecimento de voz, acelerómetro, GPS, capacidade multimédia, etc), conjugadas com apps podem responder a necessidades específicas.

Não havendo, para já, uma utilização deste potencial, as universidades não podem ainda estar a formar profissionais preparados para a produção deste tipo de conteúdos. Mas é inegável que existe aqui um campo de investigação onde o jornalismo e as tecnologias móveis podem trabalhar na identificação de respostas para estes públicos.

Juliana COLUSSI | As universidades estão se adaptando ao universo dos coletivos de pessoas com algum tipo de deficiência visual ou auditiva. No campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Bauru, alunos do curso de Jornalismo participam do projeto de pesquisa, financiado pela Capes, “Acessibilidade no ensino superior: da análise das políticas públicas educacionais ao desenvolvimento de mídias instrumentais sobre deficiência e inclusão”. Pesquisar e debater o contexto social da acessibilidade para esses coletivos despertaram

nos estudantes a iniciativa de desenvolver, como projetos de trabalho prático de conclusão de curso, produtos jornalísticos para a web direcionados a pessoas com deficiência visual. Então, acredito que projetos similares possam estar sendo desenvolvidos em outras universidades do país e no exterior para atender a demanda desse segmento.

ÂNCORA

O amplo desenvolvimento tecnológico não alterou significativamente o problema da propriedade dos meios de comunicação e informação, que, na maior parte dos países é concentrada, em forma de monopólios e oligopólios. O jornalismo sinaliza com investimentos em serviços, entretenimento e em coberturas de catástrofes. **Qual seria a saída para reconquista de um jornalismo que fortaleça de fato a opinião pública e as democracias? Ou será que a prática de um Jornalismo efetivamente cidadão continua sendo uma utopia?**

Juliana COLUSSI | Embora a concentração midiática no país ainda esteja nas mãos de poucas famílias e de políticos, a abertura do campo jornalístico, a partir do desenvolvimento tecnológico e a evolução da web, permitiu que jornalistas se associassem para elaborar seus próprios projetos profissionais. O *crowdfunding*, que surge como o principal meio de financiamento alternativo para esses meios de comunicação alternativos, garante independência econômica e, possibilita a não dependência política. O jornalismo praticado sob esta orientação tende a contribuir para o fortalecimento das democracias. O *eldiario.es*, um jornal online espanhol, começou a ser publicado em 2012 mediante financiamento de cidadãos que apostam por um “jornalismo independente, apesar de tudo”. O funcionamento, nos primeiros meses, tornou-se viável graças a um acordo entre os poucos profissionais que formavam a equipe naquele momento, que aceitaram receber contribuições proporcionais à arrecadação do meio nativo digital. Aos poucos o diário alçou voo e conquistou um maior número de assinantes. Hoje, podemos dizer que

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

se trata do jornal com publicações mais diversas sobre temas políticos, econômicos e sociais da Espanha. Para de fato fortalecer a opinião pública e a democracia precisamos de um jornalismo mais independente, como o trabalho que está sendo realizado pela Agência Pública no Brasil, que aposta num modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manter a independência. Outra iniciativa que segue uma perspectiva na mesma linha é o jornal digital Nexo, que chegou ao mercado brasileiro em novembro de 2015. A associação de jornalistas para a abertura de novos produtos editoriais online é uma alternativa para revigorar a democracia, mas também para a crise que agora assola os profissionais da comunicação.

João CANAVILHAS | O jornalismo cidadão não existe, nunca existiu e jamais existirá. Hoje, como sempre, o papel do cidadão é ser fonte de informação. O que se alterou foi a forma como essa informação é captada e difundida. O facto de cada telemóvel ter uma câmara de vídeo e uma máquina fotográfica (o número de celulares com máquinas fotográficas supera já o número de máquinas fotográficas fabricadas desde a invenção da fotografia!) deu mais poder aos cidadãos que, no seu conjunto, são hoje praticamente omnipresentes. Em conjunto com a facilidade de acesso ao espaço público, em blogues e redes sociais, os cidadãos são uma parte do sistema de informação, mas apenas na vertente de fonte.

Isso não quer dizer que o jornalismo esteja condenado aos monopólios. O Huffington Post é um exemplo do que é possível fazer fora dos mainstream media, mas pelo mundo fora existem outros exemplos de meios digitais independentes que se conseguiram afirmar. As tecnologias disponíveis atualmente facilitaram o aparecimento de projetos independentes e colaborativos de informação, mas o sucesso deste tipo de projetos carece de uma organização jornalística, de um conjunto de profissionais com capacidade para dirigir, coordenar e produzir notícias a partir da informação recebida.

The logo for ANCORAJORNALISMO, featuring the word 'ANCORA' in a stylized font with a red dot above the 'O' and 'JORNALISMO' in a smaller font below it.

Grosso modo podemos afirmar que a era das tecnologias digitais está marcada por processos de convergência, mutações da cultura e transformações do conhecimento. Essas dinâmicas e reconfigurações que também afetam o jornalismo tem provocado fraturas nas concepções clássicas de notícia. Alteraram-se as fontes, o campo profissional dos jornalistas foi invadido por uma série de outros atores, “tecoatores”, no dizer do professor João Canavilhas. **Estes fatores diversos e quebras de paradigmas podem ser consideradas como um risco para o exercício do jornalismo, ou representam uma saída para a sua própria reinvenção?**

João CANAVILHAS | A emergência destes novos atores dentro das redações é uma consequência dos processos de convergência nas redações que surgiram após a digitalização. A convivência entre profissionais com diferentes culturas profissionais criou o chamado “conhecimento de fronteira” que, do meu ponto de vista, facilita o aparecimento de novas narrativas e de novos formatos jornalísticos. Em lugar de surgirem conflitos, como acontecia quando as redações estavam completamente separadas, esta convergência facilita o diálogo interprofissional, com manifesta vantagem para o produto final.

Colocado perante a dicotomia perigo vs reinvenção, o aparecimento deste tecnoatores é claramente uma reinvenção do jornalismo. Os estudos realizados mostram que estes profissionais reconhecem ao jornalista a liderança do processo informativo, mas defendem ter uma palavra a dizer na melhoria das narrativas e dos formatos.

E é justamente neste campo que as publicações online se podem distinguir entre si, oferecendo algo mais do que a republicação de notícias recebidas das agências de notícias. Por isso, quanto mais profunda for a convergência nas redações, e maior o diálogo entre profissionais de diferentes áreas, maiores são as possibilidades de surgirem novas linguagens e conteúdos mais adaptados ao meio, com os recursos ao multimédia, às bases-de-dados, etc.

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

Juliana COLUSSI | A base do jornalismo sério continua sendo a mesma, o que inclui verificar a informação, contrastar as fontes de informação e confirmar os dados antes de publicar qualquer matéria. O fato de poder referenciar as fontes de informação mediante a inserção de um link torna o produto jornalístico mais transparente. Agora é certo que muitas vezes o cidadão comum se converte em fonte e produtor de informação, rompendo a verticalização do processo de produção e distribuição. O material jornalístico na web já não tem um ponto final. A abertura do polo emissor e a horizontalidade no processo de produção e circulação do conteúdo jornalístico permitem que outros atores (designers, desenvolvedores, analista de dados, líderes de opinião em redes sociais, etc.) participem da construção da narrativa – de caráter complexo. Sendo assim, o jornalismo está reconsiderando o “poder” do cidadão e abrindo espaços para a participação do público, já que o repórter profissional não é ubíquo. Então, explorar esse viés pode ser um caminho para a reinvenção do jornalismo, no sentido de conseguir aliar a contribuição da audiência para a construção de um jornalismo baseado em uma maior diversidade de fontes. Por outro lado, é preocupante o aumento de notícias publicadas por alguns cibermeios, com inúmero retweets e compartilhamentos nas redes sociais, que se sustentam em boatos ou fatos não verificados. Essa é uma prática muito comum entre as chamadas “fábricas de conteúdo”, que aplicam técnicas de SEO para otimizar o conteúdo de acordo com os critérios de classificação de buscadores, como o Google, para que o conteúdo seja encontrado facilmente pelos usuários. Isso, sim, é um risco para o jornalismo e para a sociedade: a falta de rigor na prática da profissão e a relativização da ética jornalística em alguns veículos.

ÂNCORA

E as coberturas que quebram os protocolos convencionais, através de aplicativos como *Periscope*, câmeras de dispositivos móveis, podem ser designadas de jornalismo?

Em que medida fortalecem a identidade do campo profissional dos jornalistas ou flexibilizam o conceito do que é jornalismo?

Juliana COLUSSI | Partindo da ideia de que o *Periscope* permite que todo tipo de conteúdo – a exceção de pornografias e cenas de violência – seja transmitido por qualquer cidadão que grave um vídeo em streaming, não se enquadraria propriamente como um app jornalístico. Em caso de coberturas de manifestações sociais, acidentes e catástrofes naturais, por exemplo, esse material se enquadraria como um desdobramento do jornalismo colaborativo ou jornalismo *open source*. Sendo assim, volta-se a uma questão que se levantou com a chegada dos blogs e de plataformas como o OhmyNews: até que ponto o conteúdo publicado pelos prosumidores (produtores + consumidores) é jornalístico? Parece-me que existe certa flexibilização no campo jornalístico no que se refere à abertura de canais de participação, mas não nos aspectos relacionados à produção e edição do conteúdo.

É fato que a apropriação que os veículos de comunicação fazem deste tipo de aplicativo segue a tendência das tecnologias móveis protagonistas entre o público. O que caracteriza a produção nesses apps, em minha opinião, é o infotainment, uma mescla entre informação e entretenimento que começou timidamente na década de 1980 como uma variação do jornalismo televisivo, tanto no Brasil quanto no exterior. Como o jornalismo contemporâneo se destina a públicos bem segmentados, é preciso inovar e experimentar novas formas de atrair a audiência ativa. Esses atributos do infoentretenimento estão presentes na linguagem verbal empregada nos telejornais, por exemplo, que perdem a audiência que migra para os aplicativos. O mesmo vale para os impressos e as rádios. Então, para voltar a atrair o público, lança-se mão de outros recursos como a transmissão em streaming do que acontece nos bastidores de um programa ou na redação de uma revista durante seu fechamento. O questionamento que levanto não é em torno ao uso da tecnologia em

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

si, mas referente ao objetivo pelo qual utilizo um determinado aplicativo e como o faço no campo jornalístico.

João CANAVILHAS | A evolução do jornalismo está intimamente ligada às tecnologias, mas considero que não são elas que fortalecem identidades ou flexibilizam conceitos. Essa é, aliás, a perspectiva do público, que muitas vezes coloca em causa o profissionalismo dos jornalistas apenas porque os equipamentos são de reduzidas dimensões ou estão concentrados num *smartphone*.

Tal como referi antes, a qualidade do jornalismo apenas pode ser medida no produto final, não nos espaços onde é feito ou nos equipamentos com que é produzido. Alguém coloca em causa as investigações feitas com pequenas câmaras ocultas (e por isso com imagens de baixa qualidade) ou as gravações realizadas com celulares? Não me parece. E o contrário também é verdade: uma boa captação de imagem e som não garante um bom produto jornalístico. Penso que é preciso separar os dois conceitos: a tecnologia é excelente e ajuda o trabalho do jornalista, mas o jornalismo é muito mais do que tecnologia.

ÂNCORA

Em uma visão mais projetiva, quais aspectos destaca sobre o CENÁRIO FUTURO do Jornalismo em suas possíveis vertentes?

João CANAVILHAS | O jornalismo atravessa uma das fases mais conturbadas da sua história como resultado de profundas alterações ao nível económico, tecnológico e profissional. As consequências sentem-se em todas as fases do processo de produção de notícias:

Ao nível do consumo, e na sequência do que foi dito antes, passou-se de uma fase de consumo grupal, em que os meios ocupavam um lugar central nos espaços familiares e profissionais, para um consumo individual (computadores pessoais, telemóveis e *tablets*), com uma importante franja dos consumidores a optarem pelo consumo social

em redes digitais. Consequentemente, o consumo passou de estático a móvel e tenderá a ser incorporado, ou seja, recebido em dispositivos habitualmente usados junto à nossa pele.

No campo da distribuição, a mudança mais evidente é a passagem de um sistema pull (em que o consumidor procurava as notícias) para um sistema push (em que as notícias vão ter com os consumidores). Saliente-se ainda que a distribuição evoluiu do local para o global e continua a avançar para o chamado glocal.

No que concerne às características dos conteúdos, a principal mudança é a evolução do monomédia para multimédia. Mas deve igualmente salientar-se, tal como foi dito em questões anteriores, que os conteúdos passam de massivos a personalizados porque em lugar dos antigos conteúdos em formato standard passam a ser mais abertos, permitindo diferentes itinerários de leitura e possibilidades de acrescentar informação.

Juliana COLUSSI | A formação de um maior número de equipas compostas por profissionais interdisciplinares (designers, programadores, analistas de base dados, jornalistas, etc.) será uma crescente nos veículos de referência, tanto para dar conta de produzir conteúdos jornalísticos baseados em dados quanto para explorar narrativas mais interativas – um trabalho que já teve início com a instalação de laboratórios de inovações tecnológicas. Paralelamente, haverá uma ampliação de notícias que serão distribuídas considerando a localização do usuário (mediante informações enviadas por apps de GPS), personalizando ainda mais o conteúdo. Graças a produtos como Oculus Rift, Google Cardboard e Samsung Gear, a realidade virtual se tornará uma ferramenta cada vez mais utilizada no jornalismo, propiciando a imersão do público. Para ajudar os jornalistas a produzir conteúdo com alta qualidade em realidade virtual, o Centro Tow lançou um guia de Realidade Virtual de Jornalismo. E, como não poderia deixar de ser, a Inteligência Artificial bate à porta do campo jornalístico. Tecnologias

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA: Diálogos Convergentes

automatizadas já estão sendo usadas por empresas como a Associated Press e Yahoo para gerar artigos automaticamente. Essas tecnologias, como a plataforma Wordsmith, baseiam-se em relatórios feitos a partir de um grande conjunto de dados. Em cenários futuros, o jornalista terá que se dedicar aos campos em que a IA não conseguirá abarcar, como o jornalismo mais aprofundado e a opinião, ou até mesmo trabalhar em conjunto com a IA. Os veículos certamente vão apostar ainda mais na criação de canais em que a participação dos interagentes seja ainda mais efetiva.

ÂNCORA

Destaque as suas principais contribuições teórico-aplicadas em termos de livros, pesquisas realizadas, artigos, conceitos formulados e orientações acadêmicas que fortaleçam o campo do Jornalismo?

Juliana COLUSSI | Acredito que os artigos que resultam da minha pesquisa de doutorado em que analiso aspectos da redação e da narrativa em blogs jornalísticos integrados a sites de jornais de referência no Brasil e na Espanha constituem minhas principais contribuições. Uma das principais se refere ao desenho de uma proposta metodológica própria para a análise de blogs jornalísticos, publicado em artigo na revista *Intercom*, em 2013. Destaco também um estudo acerca dos gêneros jornalísticos neste tipo de blog, divulgado em 2015, na revista *Chasqui*. Outras contribuições correspondem a estudos que versam sobre o uso da narrativa hipermídia em reportagens especiais dos jornais *Folha de S.Paulo* e do *Estado de S.Paulo*.

João CANAVILHAS | Penso que o meu principal contributo é o livro que resultou da tese de doutorado: “Webnoticia: propuesta de modelo periodístico para la Web.”



Produções Bibliográficas

João CANAVILHAS

Principais Livros

CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. Eds.. **JORNALISMO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS**: Produção, Distribuição e Consumo. Covilhã: Livros Labcom, 2015.

CANAVILHAS, João. **WEBJORNALISMO**: 7 características que marcam a diferença ed. 1, 1 vol., Covilhã: Livros Labcom. 2014.

CANAVILHAS, João; FIDALGO, António. **COMUNICAÇÃO DIGITAL**: 10 anos de investigação. 1. ed., Coimbra: MinervaCoimbra, 2013.

CANAVILHAS, João. **NOTÍCIAS E MOBILIDADE**: jornalismo na era dos dispositivos móveis ed. 94, ISBN: 978-989-654-102-6. Covilhã: Livros Labcom. 2013.

CANAVILHAS, João; Serra, Paulo. Eds. 2009. **INFORMAÇÃO E PERSUAÇÃO NA WEB**: Relatório de um projecto. 1. ed., 1 vol. Covilhã: Livros Labcom, 2009.

CANAVILHAS, João. 2007. **WEBNOTICIA**: propuesta de modelo periodístico para la WWW. 1. ed., 1 vol. Covilhã: Livros Labcom, 2007.

Principais Artigos Publicados

CANAVILHAS, João; GIACOMELLI, Fábio Ozorio. O lugar do esporte na rádio: estudo de caso no Brasil e em Portugal. **RÁDIO-LEITURAS**, v. 6, n. 2, 2015.

CANAVILHAS, J.; SATUF, Ivan; LUNA, Diógenes; TORRES, Vitor; BACCIN, Alciane; MARQUES, Alberto. Jornalistas e tecnatores: a negociação de culturas profissionais em redações on-line. **REVISTA FAMECOS** (Online), v. 23, p. 24292, 2016.

CANAVILHAS, J.; KROTH, M. E.; MERINO-ARRIBAS, A. Impacto socioeducativo del periódico escolar: metaanálisis de tres proyectos de educomunicación en Brasil, España y Portugal. **REVISTA EDMETIC**, v. 5, p. 51-70, 2016.

CANAVILHAS, João; TEIXEIRA, Juliana Fernandes. Descontinuidades do audiovisual na segunda geração de conteúdos jornalísticos para tablets. **OBSERVATORIO**, v. 9, n. 3, p. 01-14, 2015.

CANAVILHAS, João. Nuevos medios, nuevo ecosistema. **EL PROFESIONAL DE LA INFORMACIÓN**, v. 24, p. 357-362, 2015.

CANAVILHAS, J.; Alciane Baccin. Contextualization in Hypermedia news report: narrative and immersion. **BRAZILIAN JOURNALISM**

RESEARCH (Online), v. 1, p. 10-27, 2015.

CANAVILHAS, J.; Giacomelli, Fábio. O lugar do esporte na rádio: estudo de caso no Brasil e em Portugal. *Rádio-Leituras*, v. 6, p. 153-172, 2015.

Produções Bibliográficas

Juliana COLUSSI

Principais Capítulos de Livros

COLUSSI, Juliana; VIVAR, J. F. Análisis de la narrativa, redacción y formato de blogs periodísticos en Brasil y España. *In*: Elaide Martins; Marcos Palacios. (Org.). **FERRAMENTA PARA ANÁLISE DE QUALIDADE NO CIBERJORNALISMO VOLUME 2: APLICAÇÕES**. 1. ed. Covilhã: Labcom, 2016, v. 2, p. 531-546.

COLUSSI, Juliana; SILVA, F. G. E. Narrativa hipermedia en los diarios brasileños Folha y Estadão: un estudio comparativo. *In*: Blanco Castilla, E.; Teruel Rodríguez, L. (Org.). **PERIODISMO DE DATOS. NUEVAS NARRATIVAS PARA EL PERIODISMO ESPECIALIZADO**. 1. ed. Málaga: Repositorio Institucional de la Universidad de Málaga, 2016, v. 1, p. 1-28.

COLUSSI, Juliana. Produção audiovisual na edição do ZH Noite. *In*: Denis Porto Renó et al. (Org.). **CINEMA, ARTE Y NARRATIVAS EMERGENTES**. 1. ed. Rosario: Editorial de la Universidad Nacional de Rosario,, 2016, v. 1, p. 117-130.

RIBEIRO, Juliana Colussi. La contribución de los blogs a la creación de un periodismo transmedia. *In*: Carolina Campalans; Denis Renó; Vicente Gosciola. (Org.). **NARRATIVAS TRANSMEDIA: entre teorías y prácticas**. 1. ed. Barcelona: Ediorial UOC, 2014, p. 229-241.

COLUSSI, Juliana. Nuevos géneros en el contenido de los blogs periodísticos publicado desde dispositivos móviles. *In*: João Canavilhas. (Org.). **NOTÍCIAS E MOBILIDADE**. 1. ed. Covilhã: Labcom - UBI, 2013, v. 1, p. 343-361.

RIBEIRO, Juliana Colussi. Política, debate e participação no jornalismo do interior. *In*: Francisco de Assis. (Org.). **IMPrensa DO INTERIOR. CONCEITOS E CONTEXTOS**. 1. ed. Chapecó: Argos - Editora Unochapecó, 2013, v. 1, p. 165-190.

Principais Artigos Publicados

COLUSSI, Juliana. Características da produção audiovisual no ZH Noite. **SESSÕES DO IMAGINÁRIO (ONLINE)**, v. 22, p. 70-76, 2017.

COLUSSI, J. Cartografia dos Aplicativos de Jornais Ibero-Americanos para Ipad. **ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 3, p. 27-41, 2016.

RIBEIRO, Juliana Colussi. Ética en la comunidad blogger: una reflexión a partir de la información difundida del atentado terrorista de París en 2015. **RAZÓN Y PALABRA**, v. 93, p. 497-511, 2016.

COLUSSI, J.; FIRMINO, L. M. From the Game to Dyanemic Galleries in the Hypermedia Journalistic Narrative: An Analysis of the Special The Battle of Belo Monte/ A Batalha de Belo Monte By Folha de S.Paulo. **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH** (Online), v. 12, p. 176-193, 2016.

COLUSSI, J. Propuesta de clasificación de blogs periodísticos. **RIZOMA**, v. 4, p. 24-39, 2016.

SILVA, F. G. E.; COLUSSI, J. Uso de Facebook como medio de comunicación alternativo por la Marcha das Vadias Sampa. **REVISTA LATINOAMERICANA COMUNICACIÓN CHASQUI**, v. 1, p. 401-417, 2016.

RIBEIRO, Juliana Colussi; FIRMINO, L. M. Do Game a Galerias Dinâmicas na Narrativa Jornalística Hipermissão: Análise do Especial? A Batalha De Belo Monte? da Folha de S.Paulo. **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH** (ONLINE), v. 12, p. 186-205, 2016.

RIBEIRO, Juliana Colussi; FIRMINO, L. M. From the Game to Dyanemic Galleries in the Hypermedia Journalistic Narrative: An Analysis of the Special 'The Battle of Belo Monte-/ A Batalha de Belo Monte By Folha de S.Paulo. **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH** (ONLINE), v. 12, p. 176, 2016.

RIBEIRO, Juliana Colussi. Un análisis de la participación y de la interactividad en los j-blogs políticos. **RAZÓN Y PALABRA**, v. 89, p. 1-17, 2015.

COLUSSI, Juliana; MIGUEL, K. A crise da água na narrativa hipermissão do jornal o Estado de São Paulo. Cambiassu: **ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO** (Online), v. 15, p. 33-45, 2015.

FIRMINO, L. M.; REAL, M. V.; RIBEIRO, Juliana Colussi. La democracia digital en los discursos y en las prácticas comunicativas web de Avaaz y Amnistía Internacional en España. **COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE** (Online), v. 37, p. 369-389, 2015.



JORNALISMO, MOBILIDADES, MANIPULAÇÃO E TRANSMIDIAÇÃO ¹

Eduardo Campos PELLANDA²
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Entrevista concedida à **Revista Latino-americana de Jornalismo - Âncora**, pelo pesquisador Doutor **Eduardo Campos Pellanda** da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS–Brasil. O professor Eduardo Campos Pellanda é JORNALISTA. Pós-Doutor em Comunicação pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) - Boston – EUA (2013). Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenador do Laboratório de pesquisa em mobilidade e convergência midiática (UBILAB). Desenvolve o projeto de pesquisa **Internet Móvel e ambientes de comunicação ubíquos**. É autor do livro **Locast Civic Media: Internet Móvel, cidadania e informação hiperlocal** (2010). Organizador dos livros: **Jornalismo e Mídias Móveis no contexto da Convergência** (2014) e **Ciberespaço: Um Hipertexto em parceria com Pierre Lévy** (2010). Dentre os capítulos de livro de sua autoria destacamos: **Jornalismo para Dispositivos móveis: produção,**

¹ Entrevista originalmente publicada na **Revista Latino-americana de Jornalismo | ÂNCORA**, [V.3 N.2 Ano 2016] tendo como Eixo Temático: Jornalismo, Mobilidades e Transmídiações.

² JORNALISTA. Pós-Doutor em Comunicação pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) - Boston – EUA (2013). Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenador do Laboratório de pesquisa em mobilidade e convergência midiática (UBILAB). Membro do Board do GAMI - Global Alliance for Media Innovation da World Association of Newspapers and News Publishers.

distribuição e consumo (2015), **O tablet como tela transformadora para o rádio e o jornal** (2014) dentre outros. O nosso entrevistado é também autor de vários artigos que abarcam o jornalismo e a publicidade enfocando processos de convergência, redes sociais e o tema das mobilidades em tempos líquidos. Recortamos de sua produção acadêmica os seguintes artigos: **Prevenção Primordial e a “Saúde de Vestir”**: os Wearables na Cardiologia (2016) e **Protestos pela ótica do Google Glass**: uma análise das potencialidades de amplificação da vigilância do cidadão (2014). A entrevista foi conduzida pelos professores Fernando Firmino da Silva (Editor Convidado desta edição), Pedro Nunes (Editor Geral), e Joana Berlarmino (Editora Assistente) vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

ÂNCORA

Atualmente há um entrelaçamento entre jornalismo, mobilidade e transmídiações que convergem em termos de impacto sobre as práticas jornalísticas e a distribuição de conteúdos. **Como o senhor avalia essas mudanças na conjuntura com o olhar sobre o campo do jornalismo?**

Eduardo Campos PELLANDA | Penso que o processo de convergência foi um efeito natural da digitalização da informação. Sendo tudo *bits*, não temos mais as fronteiras dos meios analógicos, tanto para as linguagens como pela forma de distribuição. Esse era o meu foco de estudo no começo dos anos 2000, pois me parecia o principal fenômeno que a internet promovia.

O desenvolvimento natural foi o da diversificação das “Janelas de acesso” a internet, como denomina Pierre Levy. A mobilidade trouxe um efeito parecido no conteúdo, como ocorreu com a história do rádio quando ganhou o trânsito e se tornou portátil.

Em 2016, temos então um contexto de convergência + mobilidade, o que resulta em um ambiente de comunicação Ubíqua. O jornalismo,

JORNALISMO, MOBILIDADES, MANIPULAÇÃO E TRANSMIDIAÇÃO

então, ganha novas formas de consumo e produção a medida em que os hábitos também mudam.

ÂNCORA

O senhor tem atuado em projetos junto ao Massachusetts Institute of Technology - MIT dos Estados Unidos (um dos principais centros mundiais de inovação), inclusive com pós-doutorados lá. **Que projetos atualmente desenvolvidos no MIT ou em outros centros internacionais de pesquisa, o senhor visualiza - em termos de potenciais - para uso no jornalismo quanto à inovação tecnológica e que possam ser aplicados também aos modelos de negócios das organizações jornalísticas?**

• **Eduardo Campos PELLANDA** | Trabalhamos com o Mobile Experience Lab do MIT. Este Lab nasceu do Design Lab e da Faculdade de Arquitetura. Hoje, ele está dentro do Comparative Media Studies, departamento fundado por Henry Jenkins e Wilian Uricchio.

O professor Federico Casalegno fundou o MIT (MEL) e desenvolve um trabalho de entendimento de conexões entre espaços físicos e virtuais. Em 2009, realizamos o nosso primeiro projeto, a plataforma Locast, onde usávamos o *smartphone* para várias interações com o ambiente geográfico. Depois, trabalhamos em Wearables com o *Google Glass* e hoje estamos trabalhando no entendimento dos cotidianos da Geração Millennials. Também temos uma parceria para estudo de Werables e Drones com a Universidade de Lancastershire, no Reino Unido.

ÂNCORA

Há uma crise mundial nos modelos de negócios do jornalismo. **Na sua concepção, qual o papel da universidade, e dos pesquisadores com seus projetos e laboratórios, no sentido de oferecer caminhos para o restabelecimento e fortalecimento do jornalismo? O senhor visualiza contribuições efetivas do campo que possam ser aplicadas ao jornalismo?**

Eduardo Campos PELLANDA | Penso que, como comentamos anteriormente, mudamos linguagens e suportes do jornalismo, mas insistimos na transposição dos mesmos modelos de negócio. Me parece que neste momento a conexão do modelo de negócio com o jornalismo é mais latente do que antes. A minha orientanda de doutorado e professora da PUCRS, Ana Cecilia Bisso Nunes, está trabalhando exatamente neste tema. Sem dúvida, a universidade tem um papel fundamental para as buscas destas soluções.

ÂNCORA

A mobilidade é central na compreensão do jornalismo atual com redes sociais móveis, aplicativos de interação e compartilhamento e, naturalmente, para as práticas jornalísticas a partir do uso de *smartphones* e *tablets*. **Como o senhor analisa o conceito e as práticas da mobilidade no jornalismo contemporâneo? Que desafios estão neste horizonte que possam consolidar novos formatos e linguagens e novas narrativas?**

Eduardo Campos PELLANDA | Um dos principais pontos me parece que temos um ambiente midiático *always on*. Antes, tínhamos que convencer a audiência a adquirir ou sintonizar no nosso conteúdo. Hoje, este canal está aberto de forma permanente, mas há uma disputa enorme pela atenção. Outra questão é a rotina de consumo que acompanha o cotidiano do leitor, em um termo mais amplo de leitura. As pessoas se comunicam rapidamente e isso inviabilizou, por exemplo, o *Breaking News* como conhecíamos. A mobilidade amplifica e inaugura novas questões em relação aos nossos primeiros estudos sobre Jornalismo em ambientes digitais.

ÂNCORA

Suas pesquisas têm incluído drones, tecnologias vestíveis - como Google Glass -, relógios inteligentes, Realidade Virtual, ou seja, aspectos inovadores na relação entre tecnologia e jornalismo. **Qual**

JORNALISMO, MOBILIDADES, MANIPULAÇÃO E TRANSMIDIAÇÃO

destes aspectos o senhor considera relevante para se pensar o futuro do jornalismo?

Eduardo Campos PELLANDA | Em um primeiro momento, todos estes itens. Estamos tentando entender as tecnologias em conexão com várias disciplinas. A impressora 3D foi um bom exemplo disso. Quando adquirimos com uma verba de pesquisa não tínhamos um uso específico para ela, havia apenas hipótese. Começamos a testar de diversas formas, e hoje estamos envolvidos em um projeto de “Internet das Coisas” para um público de mais de 60 anos de idade, em que usamos 3D *print* para prototipagem, “coisas que comunicam”. Acho que este é o objetivo de um Lab aplicado, testar e experimentar muito.

ÂNCORA

Como dimensionar o Jornalismo no contexto da “cultura das multitelas”?

Eduardo Campos PELLANDA | Este é um outro tópico que estamos extremamente interessados. Começamos a esboçar uma classificação de telas menores, mais individuais, e telas maiores, mais sociais. Nos parece que a escolha de que conteúdo vai em que tela e a conexão entre elas, é algo ainda obscuro para as empresas de mídia.

ÂNCORA

Ainda sobre tecnologias vestíveis, vemos agora o encurtamento drástico dos textos e a adição de uma linguagem sensivelmente mais leve e informal, típicos do Jornalismo de Relance ou Jornalismo de Notificação, presente nos relógios inteligentes. **Como essa mudança pode influenciar a produção da notícia, o perfil do profissional e as rotinas dentro das redações?**

Eduardo Campos PELLANDA | Quando começamos a usar *Google Glass* e *Smartwatches* para entender notícias, percebemos que eles representam o primeiro contato do indivíduo com um fato. A

notificação chega e ele vai repercutir em outras telas. Essa relação é nova e estamos estudando como podemos diversificar isso.

ÂNCORA

Os mapas digitais e os sistemas de posicionamento de localização (GPS) permitem a aderência do lugar nas notícias. **Como o senhor vislumbra a geolocalização para a contextualização das notícias? Que possibilidades o jornalismo pode explorar, da geolocalização, em termos de jornalismo hiperlocal?**

Eduardo Campos PELLANDA | Estamos há quase 10 anos do lançamento do primeiro *iPhone* e, por consequência, da popularização da mobilidade. Ainda não conseguimos produzir em larga escala um aplicativo que nos informe o que realmente está acontecendo perto de nós. O Waze, para um assunto específico, é o que talvez consiga reproduzir melhor este modelo. Mas, com certeza, veremos outros surgindo em um futuro breve.

ÂNCORA

O Coletivo Mídia Ninja se autodefine enquanto Narrativas Independentes de Jornalismo e Ação, atuando de modo descentralizado principalmente com coberturas via *streaming*. Essa é uma iniciativa diferencial que opera com a força da liberdade de expressão e o potencial da rede com os seus fluxos, em ambientes multiplataforma. **Como contextualizar essa iniciativa inovadora no campo do “pós-jornalismo”, que também opera com a força das Mobilizações Inteligentes (Smart e Flash Mobs), em contraponto a um modelo de jornalismo que ainda sobrevive de forma tradicional, principalmente quanto ao modo vertical de produção e circulação da notícia?**

Eduardo Campos PELLANDA | Howard Rheingold, em 2003, com seu livro *SmartMobs*, já apontava para esta potência. A mobilidade descentraliza em um potencial elevado ao quadrado em relação a uma rede tradicional. O que me espanta é ainda não termos mais exemplos como o da Mídia Ninja em 2016.

ÂNCORA

Professor Pellanda, fugindo do conjunto das perguntas, gostaríamos que o senhor expressasse o seu posicionamento sobre o comportamento da Imprensa Brasileira, enquanto instrumento de poder e manipulação. Há honrosas exceções em que o jornalismo (segmentos da imprensa) não atua de forma sensacionalista e segue em busca da apuração dos fatos, checando os acontecimentos antes de ressignificá-los em forma de notícia. Alguns acontecimentos relevantes de nossa história brasileira, a exemplo do Golpe de 1964, mobilizações pelas “Diretas”, Processo de Impeachment da presidenta Dilma, revelam | revelaram mecanismos de manipulação por parte da “Grande Imprensa”. Há uma certa ‘histeria da imprensa’, conforme observou a professora *Raquel Paiva* em entrevista a **Revista ÂNCORA**. Poderia discorrer sobre esse tema da manipulação, sensacionalismo e histerias da imprensa, no contexto das temporalidades líquidas?

Eduardo Campos PELLANDA | Vários autores nos ancoram para afirmar que mais informação não significa necessariamente mais comunicação. Até porque comunicação não se pode quantificar. Mas me parece que onde há mais entropia, há também mais possibilidade de trocas de informação. Nos episódios dos protestos no Brasil, em 2013, e no processo de *impeachment*, em 2016, todos puderam ver diferentes ângulos. Mas a formação de opinião é um processo bem mais complexo do que imaginávamos. Se observarmos a audiência os principais canais de comunicação massiva, vemos um declínio significativo nos últimos anos. Não tenho nem um pouco de certeza do tamanho da influência que estes meios podem causar nas pessoas. De qualquer forma, como eles podem rapidamente ser desmentidos, há um cuidado absurdo para a comunicação em grande escala. Ainda estamos no princípio desta transformação.

ÂNCORA

Os cenários da mobilidade e dos ambientes Multiplataforma desabaram, sobre os jornalistas, uma série de desafios. O principal

deles é, talvez, compreender as audiências. O jornalista clássico escrevia para um leitor subjetivo, mas agora os leitores batem à porta dos jornais, reclamam, e até produzem e distribuem conteúdos. **Na sua opinião, nesses novos cenários ainda há espaço para o jornalismo contar boas histórias, e ainda cumprir aquele ideal clássico de fortalecimento das democracias?**

Eduardo Campos PELLANDA | Sem dúvida, o jornalismo ainda é um *ombudsman* da sociedade. Me parece que as fórmulas e as linguagens para isso é que estão mudando. A transformação também acontece com o jornalismo vislumbrando outras possibilidades, além desta central. Nunca tivemos tanto acesso a diferentes tipos de dados, e os jornalistas precisam ser mais especialistas neles para poder fazer cruzamentos para a sociedade. Complexifica-se não só as relações das informações, mas também as técnicas de apuração e verificação das informações. Olhando para este cenário sou um otimista para a expansão do campo, mas entendo que a mudança de cultura, para a absorção destas novas técnicas, é ainda um longo caminho.



Produções Bibliográficas

Eduardo Campos PELLANDA

Principais Capítulos de Livros

PELLANDA, E.C.; PASE, A. F.; CUNHA, K. S. Novas telas para o jornalismo: a linguagem dos dispositivos wearables. *In*: Carlos Camponez, Bruno Araújo, Francisco Pinheiro, Inês Godinho, João Morais. (Org.). **COMUNICAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS** (vol. 4) Democracia, Jornalismo e Corrupção Política; Jornalismo e Sociedade. Coimbra: SOPCOM, 2017, v. 4, p. 304-311.

PASE, A. F.; CUNHA, K. S.; MELLO, A. F.; SANTOS, F. F.; GOSS, B. M.; PELLANDA, E. C. Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo. *In*: João Canavilhas. (Org.). **JORNALISMO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS**: produção, distribuição e consumo. Covilhã: Labcom Livros, 2015, v. 1, p. 487-503.

PELLANDA, E. C. O tablet como tela transformadora para o rádio e o

jornal. *In*: Eduardo Campos Pellanda e Suzana Barbosa. (Org.).

JORNALISMO E MÍDIAS MÓVEIS NO CONTEXTO DA CONVERGÊNCIA. Alegre: Edipucrs, 2014, v. 1, p. 204-226.

PELLANDA, E. C.; PASE, A. F.; CUNHA, K. S.; SANTOS, F. F.; MELLO, A. F.; VASCONCELLOS, F. C. ? Cards? como elemento de conexão do conteúdo em múltiplas telas. *In*: Moisés de Lemos Martins & Madalena Oliveira. (Org.). **COMUNICAÇÃO IBERO-AMERICANA:**

os desafios da Internacionalização - Livro de Atas do II Congresso Mundial de Comunicação ibero-americana. Braga. Portugal: ECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho, 2014, v. 1, p. 353-361.

PELLANDA, E. C. Elementos de transformação do jornalismo no contexto da comunicação ubíqua. *In*: Suzana Barbosa; Luciana Mielniczuk. (Org.). **JORNALISMO E TECNOLOGIAS MÓVEIS.** Covilhã: Ubi Labcom, 2013, v. 1, p. 127-140.

PELLANDA, Eduardo Campos. O fim do meio na mensagem ubíqua. *In*: Eduardo Vizer. (Org.). **LO QUE MCLUHAN NO PREDIJO.** Buenos Aires: Ed. La Crujía, 2012, v. 1, p. 117-124.

Principais Artigos Publicados

PELLANDA, E.C.; REINO, L. Jornalismo baseado em localização: O caso do Breaking News. **REVISTA OBSERVATÓRIO**, v. V3, p. 229, 2017.

PELLANDA, E.C.; STRECK, M. Instagram como interface da comunicação móvel e ubíqua. **SESSÕES DO IMAGINÁRIO (ONLINE)**, v. 1, p. 10-19, 2017.

PELLANDA, E.C.; STRECK, M. Do botão ao touchscreen? A evolução das narrativas audiovisuais e a experiência do espectador. **REVISTA GEMINIS**, v. 8, p. 169-181, 2017.

PELLANDA, EDUARDO CAMPOS; PIRES, GABRIELLI TIBURI SOARES; SANTOS, LUIZA CAROLINA DOS. Narrativas visuais urbanas: uma análise das representações da Praça da Alfândega no Instagram. **COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO (Online)**, v. 17, p. 40-58, 2016.

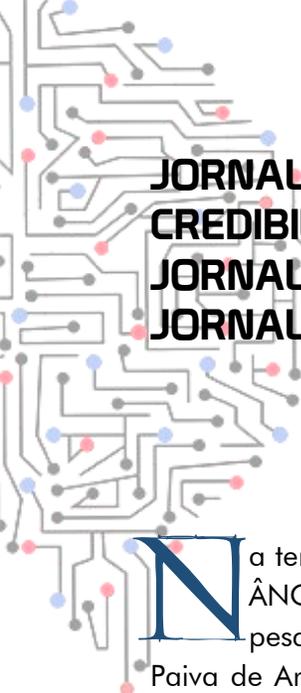
MILLS, JOHN; PELLANDA, EDUARDO; PASE, ANDRÉ. New Interactions. **JOURNALISM PRACTICE**, v. 1, p. 1-20, 2016.

PELLANDA, E. C.; PASE, A. F.; MELLO, A. F. ; CUNHA, K. S. ; VASCONCELLOS, F. C.; SANTOS, F. F. Estudo sobre ? Cards? como uma linguagem do jornalismo para um contexto de telas com

diferentes funções // Study on cards as a language of journalism to a backdrop of screens with different functions. **CONTEMPORANEA** (UFBA. Online), v. 13, p. 177-192, 2015.

PELLANDA, E. C. Protestos pela ótica do Google Glass: uma análise das potencialidades de amplificação da vigilância do cidadão. **LIINC EM REVISTA**, v. 10, p. 377- 385, 2014.

PELLANDA, E. C.; PASE, A. F.; CUNHA, M. Locast Platform in Brazil: Geolocalizing News and Culture using Connected Citizens. **THE ELECTRONIC JOURNAL OF COMMUNICATION/LA REVUE ELECTRONIC DE COMMUNICATION**, v. 24, p. 1-19, 2014.



JORNALISMO HEGEMÔNICO, CRISE DE CREDIBILIDADE, HISTERIAS DA IMPRENSA, JORNALISMO CIDADÃO E NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS ¹

Raquel Paiva de Araujo **SOARES**²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Na terceira edição da Revista Latino-americana de Jornalismo - ÂNCORA disponibilizamos aos leitores uma conversa com a pesquisadora e professora de Comunicação da UFRJ, Raquel Paiva de Araujo Soares, que concordou generosamente em dialogar conosco sobre o jornalismo e alguns dos temas cruciais que aproximam o campo do jornalismo ao rol das preocupações das suas próprias pesquisas.

O diálogo com a pesquisadora ocorreu via rede, através de algumas trocas de e-mails. O resultado gerou uma entrevista com respostas às vezes curtas, mas, certeiras, outras vezes, achados que ensejaram nossas questões e prolongaram um diálogo que gostaríamos realmente pudesse ainda se alongar.

É o trabalho do leitor que forjará os caminhos do prolongamento desse diálogo, por temas que a pesquisadora já discutia na década dos oitenta do século XX, mas que continuam

¹ Entrevista originalmente publicada na **Revista Latino-americana de Jornalismo | ÂNCORA**, [V.2 N.2 Ano 2015] tendo como Eixo Temático: Jornalismo, Participação e Cidadania.

² JORNALISTA. Doutora em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (1981), com especialização em Taller de Post-Grado pelo Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación Para América Latina, CIESPAL (1985), e aperfeiçoamento em Latin America Electronic Media Exchange Program pela Arizona State University (1985). Coordenadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

emergentes na atualidade, a exemplo do tema inaugurado por ela mesma, sobre a “histeria da mídia”. Essa capacidade de nada questionar, nada interpretar, mas apenas e imensamente representar e apresentar e se apresentar é um padrão de conduta histórico. A conduta histórica, desde os primeiros estudos sistemáticos do médico francês Charcot, com quem Freud iniciou também seus estudos, pretende chamar a atenção produzindo sintomas e expondo-se ao máximo. Assim é a mídia, a produção do jornalismo atualmente, em especial o brasileiro que está alcançando um patamar da não audiência, porque como também no caso da histeria, chega um ponto em que só “internando”, medicando.

De fato, a pesquisadora toca num tema sensível à sociedade dos nossos dias, que na esfera da opinião, vive um desacordo profundo com o modo como a imprensa busca representar a realidade, o que nos encaminha para dialogar com ela sobre a questão, perderá o jornalismo a sua capacidade de ser a voz dessa sociedade? Por via de uma conexão de banda larga, cada indivíduo, se quisermos, cada segmento social, forjará ele mesmo o seu próprio modelo de cobertura jornalística?

O Jornalismo Comunitário, assim como a necessidade de compreender o que ele é, nessa sociedade mediada pelas tecnologias, é outro tema abordado nessa entrevista. Para a pesquisadora, “esta pode ser a redenção do jornalismo. O Jornalismo Comunitário representa, portanto, a possibilidade de reversão desse modelo histórico ao qual estamos assistindo. Trata-se de um jornalismo integrado e preocupado com o bem-estar social geral”.

Para o tema do jornalismo e do processo de mercadorização e venda da notícia, e, em contrapartida, os anseios por um Jornalismo Cidadão, Raquel Paiva é enfática: “A imprensa comercial pode se interessar em “parecer” cidadã se isso significar algum lucro para ela. Pelo menos no Brasil, onde vivemos um capitalismo tupiniquim, com o patrimonialismo como força maior, a mídia só vai se interessar por aquilo que lhe der retorno. Se os anseios da sociedade um dia forem

JORNALISMO HEGEMÔNICO, CRISE DE CREDIBILIDADE, HISTÉRIAS DA IMPRENSA, JORNALISMO CIDADÃO E NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

de fato pauta, não será mais uma mídia comercial e não será mais esse jornalismo que conhecemos no Brasil”.

A luta pela democratização da comunicação, o reforço ao chamado Jornalismo Público como contraponto à mídia comercial, o uso das redes sociais e a necessidade de se saber se de fato elas habilitam a sociedade para a constituição de uma opinião pública ativa e competente, apta a realizar “leituras críticas” da mídia, além da perene discussão sobre a crise vivida pelo jornalismo e os novos modelos de negócios, estão entre outros tantos temas dessa conversa com Raquel Paiva.

Na UFRJ, Raquel Paiva coordena o Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária, LECC, cujas pesquisas são orientadas em dois grandes eixos: “De um lado, investigar de forma minuciosa as formas narrativas em torno das quais as mídias e os grupos sociais tecem suas representações do mundo e verificar até que ponto estas representações são antagônicas e/ou estabelecem relações recíprocas, de circularidade. De outro, elas seguem um viés pedagógico centrado na leitura crítica dos meios de comunicação como forma de fazer frente à padronização hegemônica. Dentro desta dupla perspectiva que o conceito de comunidade é resgatado não apenas como conceito sociológico. Ele é também enquadrado numa acepção política na qual valores como criatividade e solidariedade fazem parte das estratégias de sobrevivência dos que vivem à margem ou na escassez e compõem um caldo de cultura popular com força suficiente para formar novos consensos sociais ou se oferecer como uma espécie de sementeira de novas instituições públicas”.³ Surge aqui o espectro de Gramsci, para quem a moral popular (ou senso comum) não é apenas formada por estratos fossilizados.

³ Este tópico acerca da pesquisadora foi construído a partir de aportes de entrevista publicada ECO-Pós, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p. 138-144, assim como através de consulta no currículo Lates da pesquisadora.

ÂNCORA

Como pensar o JORNALISMO a partir dessa sua perspectiva de investigação de “rupturas metodológicas para uma leitura crítica da mídia? No contexto político-econômico atual reconhece que há uma certa Histeria da Imprensa? Como você avalia a atuação da mídia hegemônica no momento político atual do Brasil?

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Gostei muito da expressão Histeria da Imprensa, porque eu a usei no final da década de 80 na minha dissertação de mestrado e foi o título do meu segundo livro (Histeria na Mídia) que acho cada vez mais adequado porque em linhas gerais é este o padrão do jornalismo principalmente hoje. Claro que não podemos adotar à risca o entendimento de uma nosografia como a histeria para um padrão social ou de grupo pura e simplesmente, mas se tomarmos algumas das características dessa nosografia, certamente vamos enquadrar a produção midiática com tranquilidade. Essa capacidade de nada questionar, nada interpretar, mas apenas e imensamente representar e apresentar e se apresentar é um padrão de conduta histórico. A histérica, desde os primeiros estudos do médico francês Charcot, com quem Freud iniciou também seus estudos, pretende chamar a atenção produzindo sintomas e expondo-se ao máximo. Assim é a mídia, a produção do jornalismo atualmente, em especial o brasileiro que está alcançando um patamar da não audiência, porque como também no caso da histeria, chega um ponto em que só “internando”, medicando, mesmo quem não tem e não quer ter a capacidade de interpretação e questionamento começa a fugir do alcance dessas produções. Muito triste, mas acho que no final, a continuar dessa maneira, o jornalismo vai ficar sendo consumido por seus pares de produtores de mídia e a população do outro lado, tamanha a dissociação entre o real e a representação a que chegamos.

JORNALISMO HEGEMÔNICO, CRISE DE CREDIBILIDADE, HISTÉRIAS DA IMPRENSA, JORNALISMO CIDADÃO E NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

ÂNCORA

Walter Lippmann dizia que a imprensa é fruto da própria sociedade. Se as democracias forem fracas, a imprensa também o será. **Seguindo essa linha de raciocínio, você diria que nossa sociedade atual também padece de um grau acentuado de histeria?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Acredito que quando escrevi o livro e trabalhei com a representação social a partir da nosografia da histeria clássica, ainda estávamos falando de um horizonte em que a televisão, o rádio e a imprensa eram o contexto. Agora, em tempos de internet, sinceramente, isso ficou tão mais tão potencializado a ponto de quase podermos admitir que só temos histernéticos...

ÂNCORA

Trazendo para o nosso foco de interesse da Revista Latino-americana de Jornalismo – ANCORA, como define JORNALISMO Comunitário?

Raquel Paiva de Araujo SOARES | O Jornalismo Comunitário, em qualquer instância - e não apenas na que costumamos significar, como produção dos excluídos sociais, moradores de periferia e similares - é hoje e cada vez mais a ÚNICA capacidade de resgate do jornalismo. Na medida em que o jornalismo se voltar para a vida cotidiana da sua população, na medida em que de fato entrevistar e ouvir as pessoas, na medida em que souber o que de fato lhes interessa esta pode ser a redenção do jornalismo. O Jornalismo Comunitário representa, portanto, a possibilidade de reversão desse modelo histórico ao qual estamos assistindo. Trata-se de um jornalismo integrado e preocupado com o bem-estar social geral.

ÂNCORA

O debate em torno do tema de uma comunicação cidadã, pode-se afirmar, no campo específico da imprensa e do jornalismo, coincide com a clássica discussão sobre o fortalecimento da opinião pública e das democracias. **Quase duzentos anos passados, e assistimos ao**

crescimento de um jornalismo comercial informativo como tendência preponderante para o mercado da venda de notícias, você avalia que o jornalismo perdeu em capacidade de dar voz aos anseios da sociedade por uma comunicação cidadã, ou essa capacidade inexiste na imprensa comercial?

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Acho que cada vez mais concretizamos a profecia do teórico francês Jean Baudrillard e cada vez mais vivemos num mundo em que tudo, absolutamente tudo, se transformou em mercadoria. Se não tem valor de troca, não faz nenhum sentido. A imprensa comercial pode se interessar em “parecer” cidadã se isso significar algum lucro para ela. Pelo menos no Brasil, onde vivemos um capitalismo tupiniquim, com o patrimonialismo como força maior, a mídia só vai se interessar por aquilo que lhe der retorno. Se os anseios da sociedade um dia forem de fato pauta, não será mais uma mídia comercial e não será mais esse jornalismo que conhecemos no Brasil. Se isso vai acontecer algum dia não posso saber. No momento, não existe nenhuma capacidade da Imprensa Brasileira estar preocupada com algo que não seja ela própria.

ÂNCORA

A luta pela democratização da comunicação, via movimentos sociais, tem reclamado que os governos atuais, a partir do governo Lula, negligenciaram o Jornalismo Público. Outros países da América Latina avançaram mais do que nós, na democratização da comunicação. **Você concorda com essa avaliação?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Concordo, e parece óbvio concordar. A razão é muito simples, a mídia brasileira é marcadamente patrimonialista. As famílias que dominam o mercado possuem laços sanguíneos e de amizade estreita com o poder legislativo e este círculo impede ferozmente qualquer avanço e partilha dessa “propriedade”. A “posse” dos veículos no Brasil

JORNALISMO HEGEMÔNICO, CRISE DE CREDIBILIDADE, HISTÉRIAS DA IMPRENSA, JORNALISMO CIDADÃO E NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

encontra-se no mesmo patamar que a posse da terra e a reforma agrária, bem sabemos, caminha a passos de cágado no Brasil.

ÂNCORA

Em seu artigo no livro "O Retorno da Comunidade" você diz que o Jornalismo Comunitário possibilitaria o descortinar da função de "comunicador social" em que profissional poderia redescobrir seu papel de agente social. **Na sua opinião, as novas diretrizes para o ensino do Jornalismo favorecem uma formação que propicie que o jornalista se veja como comunicador social?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Não sei. O ensino só não muda nada. Mesmo que eu, por melhor professora que possa ser, engajada, preocupada, etc. Não vou mudar nada, nem nenhum professor. Essa mudança tem que vir antes, tem que vir da família, da escola... Agora acho, sinceramente, que no ensino do jornalismo ou de qualquer outra profissão o exemplo pode ser muito importante. Acho que devemos sempre, mesmo que não adiante nada, que não vejamos resultados, fazer diariamente o exercício de leitura crítica da mídia. Isso sim pode fazer com que as novas gerações prestem atenção no que falamos e sejam capazes de entender o quanto dependem delas as mudanças sociais.

ÂNCORA

O jornalismo como modelo de negócios da venda de notícias, vive, na atualidade, talvez a sua maior crise, com redução drástica dos postos de trabalho e fechamento de redações convencionais em favor do webjornalismo e experiências transmídia. Ao lado desses cenários, desenvolvem-se novos modelos de negócios, cooperativas de jornalistas, baseadas na estratégia de *crowdfunding*, em que os próprios cidadãos pagam pelas coberturas que querem ver publicadas. **Você diria que essa tendência de negócios se aproxima do que poderíamos chamar de Jornalismo Público, ou mesmo, Jornalismo Cidadão?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Acho que todas as saídas para este modelo que aí está devem ser comemoradas e incentivadas. Algumas não vão dar em nada, algumas só servem aos seus próprios interesses, algumas não vão além do que produzem a mídia convencional, algumas não são criativas e inventivas o que é uma obrigação de quem se propõe a fazer algo novo. Mas como tudo hoje está marcado pela velocidade, muito rapidamente elas vão desaparecer se forem apenas uma nova forma de fazer o antigo jornalismo. Torço para que apareça cada vez mais novas propostas.

ÂNCORA

As redes sociais, como *Twitter* e *Facebook*, assim como a blogosfera, são hoje as grandes arenas onde se manifesta uma opinião pública conectada e onde se dá voz à uma profunda crítica à cobertura midiática. Nos moldes do que refletiu José Luiz Braga, em seu livro, “A Sociedade Enfrenta sua Mídia”, esse terceiro sistema de reação apresenta uma narrativa de profundo desacordo com a mídia empresarial. **Tal esfera de embate, no seu entender, terá força suficiente para promover mudança de cobertura, democratização da comunicação? Dizendo de outro modo, essa nova audiência tem tido força para interferir numa cobertura marcadamente sintonizada com os interesses do capital mundial e das elites dominantes?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Tem muita bobagem sendo dita também, tem uma conexão muito interessante surgindo e também tem uma conexão bastante nefasta cada vez mais forte porque hoje está visível e conectada... É como se estivéssemos nos aproximando para o capítulo final da guerra das forças. Acho que foi muito bom chegarmos a este momento de audiência hiper-falante, mas não sei ainda dizer se esta audiência é capaz de mudar alguma coisa. Com certeza vemos que ela tem espasmos de mudança, basta lembrar das manifestações de 2013.

JORNALISMO HEGEMÔNICO, CRISE DE CREDIBILIDADE, HISTÉRIAS DA IMPRENSA, JORNALISMO CIDADÃO E NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

ÂNCORA

Explorando ainda o tema da questão anterior, no início dos anos 2000, você explorava a ideia do “sequestro da fala”, via fechamento e perseguição de iniciativas de rádios comunitárias. **Em alguma medida, acha que o fenômeno pode se repetir agora, nessa esfera argumentativa e crítica desenvolvida através das redes sociais?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Não. Acho que não. Ali tínhamos um contexto de perseguição. Hoje não é mais possível isto. Claro que todos os que trouxerem novas versões e informações sobre esse nosso sistema como Assange ou o Snowden não serão bem-vindos. Mas essa pelo menos foi uma das vantagens do sistema atual: visibilidade total, também realizando um prenúncio do teórico francês Jean Baudrillard, da visibilidade máxima.

ÂNCORA

Pediria que você explorasse mais essa questão do sequestro da fala. **Não acha que virão novas formas de controle? O fato de podermos compartilhar tanto, e de maneira às vezes tão sutil, não oferta ao controle mundial a possibilidade de se apropriar da vida de cada um com muito mais competência e capacidade de monitoramento de informação?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Já sabemos hoje que todo este ambiente é amplamente controlado. Acredito que não temos mais ilusões a este respeito. A cada dia descobrimos, por brechas que o próprio sistema dá, que o controle é muito maior do que imaginamos. A questão que se coloca não é mais se queremos ou não ser controlados. Isso é irreversível. A questão hoje é se vamos “dar bola”, se isso vai nos impedir de avançar, se não vamos sempre tentar... Pelo modo como se encaminha a questão, acho que a nossa civilização está muito mais para a categoria da histeria que para a da paranoia.

ÂNCORA

Retomando o tema da Comunicação Comunitária, em paralelo com a comunicação comercial. **Você considera que os movimentos sociais, como MST, movimentos sociais comunitários, têm avançado numa estratégia comunicacional que possa fazer frente às comunicações hegemônicas?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Acho que todas as frentes de comunicação que estiverem ancoradas em reais estruturas sociais, comunitárias poderão fazer frente. Aquelas que forem puro devaneio podem até surgir, fazer uma poeira, mas sua tendência é sumir em breve espaço de tempo. É quase como se disséssemos, o que for real, verdadeiro ficará e poderá mudar, o que não for vai apenas fazer uma fumaça, mas não permanece porque não possui sustentação real, assim também vai ser cada vez mais com as pessoas, com políticos, mitos... Essa máxima exposição nivelou tudo a um nível da completa ineficiência, nesse ponto também é preciso valorizar o momento atual. Só vai ficar o que for de fato bom. Bom, essa é a minha crença no lado bom da Força, no ser humano. Pode ser que aconteça totalmente o contrário, e que os simulacros vençam na batalha final (risos).

ÂNCORA

Seu percurso investigativo é marcado fundamentalmente pelos temas da cidadania, da comunidade e da comunicação. **Há como fazer aqui um balanço desses contributos, assim como falar de projetos futuros?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Eu acho que eu consolidei uma área. Tenho pouca coisa a contribuir ainda a não ser dando meu exemplo e falando para que as pessoas se mobilizem. Agora são os novos que devem ter cada vez mais com a vontade de fazer de fato algo que mude efetivamente a pobre vida de todas as gentes desse país.

JORNALISMO HEGEMÔNICO, CRISE DE CREDIBILIDADE, HISTÉRIAS DA IMPRENSA, JORNALISMO CIDADÃO E NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

ÂNCORA

○ seu trabalho alimentou projetos comunitários importantes. **Avalia que as comunidades poderão levar adiante, projetos de comunicação comunitária, ainda que sob a égide do paradigma tecnológico?**

Raquel Paiva de Araujo SOARES | Acredito que sim. Temos poucas, mas importantes experiências de comunicação comunitária na internet de norte a sul do país que vão para além da histernética...

ÂNCORA

Recuperando o importante alerta que fez na sua primeira questão, sobre a histeria da mídia, e particularmente o não representar, diria que a crise de credibilidade e de audiência, poderá tornar o jornalismo desnecessário? Aclarando melhor, diria que a própria sociedade conectada, vai ela mesma forjar seus modelos de jornalismo?

Raquel Paiva de Araujo SOARES | É muito boa esta questão. Muito boa porque o jornalismo está patinando. Ao mesmo tempo em que está usando e abusando das redes sociais, colocando o leitor e ouvinte como autor e repórter ele está abrindo mão do seu lugar de produção da notícia. O lugar de produção da notícia dos últimos anos era apenas esse mesmo, produção, produção, numa velocidade incessante. Agora, a interpretação, as grandes reportagens... Isso que definia o jornalismo como FORMADOR de opinião, esse lugar já era. O jornalismo abriu mão dele para atender a instantaneidade da produção de notícias... Só que agora, quando divide essa produção com o grande público, abre mão também desse lugar, ou seja, vai sobrar o que?

Vai ser muito bom quando o jornalismo brasileiro perceber que perdeu. Perdeu para o leitor, que agora e cada vez mais produz e consome suas notícias.

Vai ser bom porque quem sabe aí não se reinventa e descobre que o seu papel social está não em produzir velozmente, em investigar rapidamente deixando inúmeras brechas e cobrindo apenas parcialmente os assuntos, mas em interpreta-los e abordar criticamente os fatos... Eu gostaria de ver isso acontecer e ajudar a formar jornalistas para esse contexto.



Produções Bibliográficas
Raquel Paiva de Araujo SOARES

Principais Livros

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre ORGs.). **COMUNICAÇÃO E CULTURA DAS MINORIAS**. São Paulo: Paulus, 2005.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. **CIDADE DOS ARTISTAS: cartografia a televisão e da fama no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2004.

PAIVA, Raquel. **O ESPÍRITO COMUM: Comunidade, Mídia e Globalismo**. Petropolis: Editora Vozes, 2003.

PAIVA, Raquel (Org.). **ÉTICA, CIDADANIA E IMPRENSA**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. **O IMPÉRIO DO GROTESCO**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

PAIVA, Raquel. **HISTERIA NA MÍDIA: a Simulação da Sexualidade na era digital**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2000.

Principais Artigos

SOARES, R. P. A.; GABAY, M. Sobre a Comunidade do Afeto: comunicação alternativa e comunidade no contexto atual.

PARÁGRAFO: Revista científica de comunicação social da FIAM-FAAM, v. 5, p. 162-169, 2017.

SOARES, R. P. A.; NORDENSTRENG, K.; PAULINO, F. O.; MOREIRA, Sônia Virgínia. **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH. BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH** (Online), v. 12, p. 3-9, 2016.

SOARES, R. P. A.; CURI, G. O. A cidade que não cala: o samba da Pedra do Sal e as formas de comunicação contemporâneas na região portuária do Rio Janeiro. **COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO** (Online), v. 17, p. 1-14, 2016.

JORNALISMO HEGEMÔNICO, CRISE DE CREDIBILIDADE, HISTÉRIAS DA IMPRENSA, JORNALISMO CIDADÃO E NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

SOARES, R. P. A.; SALDANHA, Patricia Gonçalves; LACERDA, J. S.; BARBALHO, Alexandre. In: Inpecc sistematiza base de dados sobre comunicação comunitária. **Memorias del XIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN | COMUNICACIÓN POPULAR, COMUNITARIA Y CIUDADANÍA**, v. 1, p. 241-246, 2016.

SOARES, R. P. A. Política de minorias: Comunidade e cidadania. **REVISTA INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN Y DESARROLLO**, v. 1, p. 175-180, 2015.

PAIVA, RAQUEL; GUERRA, Márcio; CUSTÓDIO, Leonardo. Professional, social and regulatory characteristics of journalism in online and traditional media in **BRAZIL. AFRICAN JOURNALISM STUDIES**, v. 36, p. 8-32, 2015.

SOARES, R. P. A.; MALERBA, Joao Paulo Carrera; CUSTODIO, L. 'Comunidade gerativa? e ? Comunidade de afeto?: propostas conceituais para estudos comparativos de comunicação comunitária. **ANIMUS** (Santa Maria. Online), v. 12, p. 244, 2013.

SOARES, R. P. A. New forms of communitarianism in the scenario of total visibility: the affectionate community. **MATRIZES** (Online), v. 6, p. 63-76, 2012.

SOARES, R. P. A. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. **MATRIZES** (USP. Impresso), v. 6, p. 63-75, 2012.

SOARES, R. P. A.; CABRAL, Muniz Sodré de Araujo. Sustentabilidad comunitaria y capital humano. Cuestiones Universitarias - **REVISTA DEL CENTRO DE INVESTIGACIONES EN CIENCIAS SOCIALES Y ARTES**, v. 1, p. 77-87, 2012.

Principais Capítulos de Livros

SOARES, R. P. A.; Igor Sacramento. The Forms of Silence: Media Coverage on Neglected Diseases in Brazil. *In*: Ravindra Kumar Vemula e SubbaRao M Gavaravarapu. (Org.). **THE FORMS OF SILENCE: Media Coverage on Neglected Diseases in Brazil**. 1. ed. Londres: Palgrave Macmillan-IAMCR, 2016, v. 1, p. 177-195.

SOARES, R. P. A.; A.; CUSTODIO, L. Brazil: patrimonialism and Media Democratization. *In*: Kaarle Nordenstreng; Daya Kishan Thussu. (Org.). **MAPPING BRICS MEDIA**. 1. ed. Finlândia: Taylor & Francis, 2015, v. 1, p. 109-122.

SOARES, R. P. A.; GABAY, M. Comunicação Comunitária. *In*: Adilson Citelli; Christa Berger; Maria Aparecida Baccega; Maria Iammacolata Vassallo de Lopes. Vera Veiga França. (Org.). **DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO: escolas, teorias e autores**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014, v. 1, p. 48-53.

SOARES, R. P. A. Uma metodóloga da utopia cotidiana. *In*: Osvando J. de Moraes; Iury Parente Aragão; Roseméri Laurindo; Tyciane Cronemberger Viana Vaz. (Org.). **FORTUNA CRÍTICA DA INTERCOM BALUARTES**. 6. ed. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, INTERCOM, 2014, v. 6, p. 348-352.

SOARES, R. P. A.; FERNANDES, G. M.; GABBAY, M. M. A. comunidade em questão. *In*: Osvando J. de Moraes; Clarissa Josgrillberg Pereira; Iury Parente Aragão. (Org.). **FORTUNA CRÍTICA DA INTERCOM TIMONEIROS**. 7. ed. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM, 2014, v. 7, p. 241-262.

SOARES, R. P. A. Expressões do Comum na cidade: a ocupação pela mobilidade. *In*: Raquel Paiva; Simone Antoniaci Tuzzo. (Org.). **COMUNIDADE, MÍDIA E CIDADE: POSSIBILIDADES COMUNITÁRIAS NA CIDADE DE HOJE**. 1. ed. Goiânia: FIC/UFG, 2014, v. 2, p. 57-69.



JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiatização¹

Antonio FAUSTO NETO²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

A equipe editorial da Revista Latino-americana de Jornalismo - ÂNCORA participou da aula inaugural da terceira turma do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB, ocorrida no dia 28 de abril de 2015, e que trouxe a João Pessoa, o pesquisador, jornalista e professor universitário, Antonio Fausto Neto.

Em uma conferência dialogal, o pesquisador problematizou acerca dos desafios que afetam hoje o mercado profissional dos jornalistas, assim como as reflexões que devem orientar as investigações do campo, afetado pelo paradigma da sociedade em vias de midiatização.

A Revista ÂNCORA decidiu recuperar esse diálogo entre o pesquisador, discentes e docentes do PPJ, além de convidados, organizando-o na sua seção de entrevistas, e oferecendo aos leitores,

¹ Entrevista originalmente publicada na **Revista Latino-americana de Jornalismo | ÂNCORA**, [V.2 N.1 Ano 2015] tendo como Eixo Temático: Jornalismo, Participação e Cidadania.

² Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Paraíba. Estudioso da comunicação e do jornalismo, a trajetória profissional de Antonio Fausto Neto revela uma longa prática na área do jornalismo, que começa com a sua atuação como repórter, redator e colaborador em jornais como **O Nordeste**, **Gazeta de Notícias**, **Jornal Unitário**, **Jornal Tribuna do Ceará**, **Jornal do Brasil**, **Agência ASAPRESS**, **Rádio Iracema**, **Ceará Rádio Clube**, **TV Ceará** e outras iniciativas desenvolvidas no campo. Para além da graduação em Jornalismo, na Universidade Federal de Juiz de Fora, deu curso a uma bem sucedida formação acadêmica, com Pós-Graduação *Lato sensu* em Comunicação Coletiva pelo CIESPAL - Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina, Mestrado Acadêmico em Comunicação, pela Universidade de Brasília, doutorado em Sciences de La Communication Et de L'information - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales - França (1982) e estudos de pós-doutorado na UFRJ (1990).

um panorama que toca em algumas das temáticas cruciais para uma radiografia das pesquisas em jornalismo, assim como para trazer à cena do debate atual, dilemas como a gramática dos manuais, ou as estratégias de atorização incorporadas aos processos de narratividade dos acontecimentos.

ÂNCORA dialogou, pois, com a fala do professor Fausto, organizando essa comunicação em quatro grandes tópicos: O jornalismo e a sua pesquisa: Centros de Estudo, panorâmica desses desenvolvimentos e a atualidade desse debate; os temas da agenda jornalística; a ascensão do leitor e finalmente um quarto tópico, dedicado a discutir em que medida o jornalista pode recuperar o lugar protagonista de narrador e produtor dos acontecimentos.

Mantivemos aqui, a coloquialidade dessa comunicação, a qual é chancelada pelo vasto conhecimento do professor Fausto Neto, que dialoga com matrizes de pensamento como a semiótica, ciências da linguagem, antropologia e filosofia, extratos que o ajudam a pensar sobre o campo do jornalismo e os seus desafios, imerso que está, nesse cenário da sociedade em vias de midiatização.

Revisitar esse debate, nos permite deixar nessa obra, um inventário da profissão jornalística, dos seus primórdios ao cenário atual, onde Fausto Neto revela como empreendimentos cruciais na construção da narrativa jornalística, o corpo, a atorização, para uma audiência que parece ter fome de fruição descomprometida e entretenimento.

A capacidade investigativa do professor confere-lhe uma extensa atuação junto à universidades e instituições de fomento à pesquisa. É Pesquisador 1A do CNPq; membro do Comitê Científico do CNPq (área de comunicação); Consultor ad hoc: CAPES, CNPq, Fundação Carlos Chagas. Professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); professor da Unifra; ex-professor nas: UFRJ, UFPB, UnB e PUC-Minas. Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB Campus João Pessoa. Presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). Co-

JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de mediação

fundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS.

Em 2013, Fausto Neto recebeu o título de Dr Honoris Causa conferido pela Universidade Federal da Paraíba. A honraria traduzia-se em um preito de gratidão de professores e alunos do curso de Comunicação Social da instituição, onde ele fora professor, entre o fim da década dos setenta e início dos anos oitenta, tendo contribuído para a fundação do curso, tanto em seu lastro teórico disciplinar, como em sua infraestrutura material e de laboratórios.

Como dissera Pedro Nunes, em sua saudação ao professor Fausto, por ocasião da cerimônia do título, "... Fausto Neto ao longo de sua vida acadêmica operou com temporalidades dos afetos, das buscas, dos desejos, das mudanças, temporalidades do inconformismo, da construção, dos diálogos transdisciplinares, dos compromissos, da entrega, da argumentação, da paixão, das contradições humanas. Fausto Neto é então esse ser PLURAL povoado de SINGULARIDADES".

Fiquemos, pois, com a comunicação com a qual Fausto Neto realizou a aula inaugural do período letivo 2015.1 do Programa de Pós-graduação em Jornalismo - UFPB.

ÂNCORA

O jornalismo e a sua pesquisa: Centros de Estudo, panorâmica desses desenvolvimentos e a atualidade desse debate

Antonio FAUSTO NETO | Eu não pretendo fazer uma fala formal, uma aula, mas venho com o intuito de expor, compartilhar com vocês, algumas questões que envolvem hoje, a pesquisa, a agenda de estudos da formação jornalística. Agenda de estudos que reúne preocupações que estão em grandes centros de pesquisa, sejam eles centros formais como cursos de pós-graduação, sobretudo alguns programas de pesquisa que funcionam em centros internacionais, funcionando sobre responsabilidade de fundações, como a Unesco,

mas outros particularmente, sob a responsabilidade de universidades, como o Centro de Formação em Jornalismo da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, o Centro de estudos em jornalismo da Universidade San Andrés, na Argentina, o Centro de Estudos em Jornalismo da Universidade de Lyon, na França, o Centro de Estudos em Jornalismo, em Leicester e em Cardiff, na Inglaterra. Então, todos esses centros que acolhem jornalistas para programas de estudos, treinamento, pesquisa e a capacitação estão hoje, elencando agendas em torno das quais se constituem os relevantes temas que envolvem a pesquisa, visando delinear os cenários de desenvolvimento do jornalismo. E tudo isso parece se constituir numa conjuntura onde o jornalismo e os jornalistas parecem se situar na contramão, ou serem vistos na contramão desses esforços de esclarecimento, de plataformas, de caminhos que possam valorizar o destino dessa profissão e sobretudo desse campo de formação e de conhecimento que é o jornalismo. O que é que eu chamo de contramão? Quero dizer, parece que o jornalismo e os jornalistas estariam na contramão dessas preocupações, na medida em que é repetida, a interrogação, qual o futuro dessa profissão? O jornalismo terá futuro após a emergência dessas tecnologias que invadem o tecido social? Constituindo outras possibilidades de codificação de realidade, sobretudo com a emergência dos chamados amadores? Então, essa profissão terá um futuro formalmente reconhecido diante disso tudo que cerca a sua existência e a sua identidade? Essa é uma pergunta que se faz ao lado de uma outra, que indaga reiteradamente, qual é o futuro do jornal impresso? O jornal impresso tem os dias contados? Afinal de contas, o que se pode dizer de tudo isso? Essas questões são hoje elencadas como problemas centrais nos grandes centros que estão preocupados com a formação dos jornalistas e com o funcionamento dessa profissão, a partir de uma perspectiva que reconheça a importância da formação universitária, os conflitos que a profissão está encontrando, sobretudo no seu relacionamento com mundo das instituições, mas também, com aquilo que a profissão



JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiatização

enfrenta, no âmbito das suas próprias fronteiras internas, na busca de uma identidade, ou seja, o esforço do próprio campo jornalístico no sentido de redefinir sua identidade, interrogar-se sobre o que é o jornalismo hoje, em tempos de midiatização. O que é o jornalismo hoje, no contexto da internet? Eu acho que, em tese, existem perguntas e respostas pronunciadas com muita aceleração, com muita rapidez, que talvez não levem em conta ponderações mais cuidadosas. São respostas dadas as vezes por zonas de interesses que estão ocupadas talvez em decretar a capitulação do jornalismo como objeto, ou decretar a formação jornalística como problema uma página virada... Eu acho que não chegaríamos a esses extremos, portanto, e preferimos situar problemas interrogativos, que devem ser compartilhados com vocês, e particularmente, devem estar presentes na cotidianidade de um programa de formação de jornalistas como esse aqui.



A Agenda Jornalística e os seus Temas

Eu alinhei uns quatro a cinco pontos para serem considerados, em termos do que significa essa agenda de estudos que envolvem a profissão, e o perfil do jornalista hoje, no contexto no qual todas as práticas sociais, as mais diversas, são atravessadas e afetadas por uma nova realidade sócio-técnica, que estamos nomeando como a midiatização da sociedade. Todas as profissões, e não somente o jornalismo, como o direito, a medicina, as profissões pedagógicas, as do mundo das ciências, são afetadas no seu território, no seu continente, nas suas fronteiras, por manifestações de mídias que não vieram apenas para se constituir em emblemas, mas complexificar as condições de produção de contato dos seus especialistas e saberes com a sociedade. Vieram para colocar em cheque muitas vezes, a episteme, ou seja, os fundamentos mesmos de algumas dessas profissões e as condições através das quais buscam seu

reconhecimento. E onde é que essas questões questionam os fundamentos de profissões tão importantes como as práticas de saúde, religiosas e científicas? Elas questionam sobre as condições em torno das quais práticas diversas se contatam com o tecido social, ou seja: os médicos com seus clientes, os professores com seus alunos, os políticos com seus eleitores, enfim, toda a relação das instituições, todas elas, que estão às voltas com essa questão: Como maximizar, como qualificar, como repotencializar as formas de contato da minha profissão, do meu saber-fazer com a sociedade e suas demandas? Então, as práticas não midiáticas são fortemente afetadas por essa mutação e particularmente, todas as profissões midiáticas, inclusive a jornalística, são afetadas igualmente por essas mutações, na medida em que os indivíduos dispõem hoje de novas formas de acesso e de domínio aos fundamentos comunicacionais que até então estavam apenas nas mãos dos peritos comunicacionais... Não é somente o jornalismo enquanto um campo específico, mas, todas aquelas profissões que envolvem a atividade comunicacional, além daquelas que envolvem especialistas das ciências humanas, exatas... São hoje interrogadas por paradigmas de mídia.

No que diz respeito às afetações desta nova cultura sócio técnica sobre o jornalismo, eu vou listar cinco ou seis registros, para, a partir daí, procurar o encaminhamento do nosso debate.

Um primeiro tópico dessa agenda, diz respeito à questão do ambiente do jornalismo. O que nós estamos chamando de ambiente do jornalismo, é, digamos assim, o seu grande entorno, tão bem descrito pelas teorias clássicas dos anos 1960. Essas teorias que falavam das rotinas, da divisão do trabalho, dos valores-notícias. Mudanças na ambiência de trabalho afetam largamente a divisão social de trabalho inerente ao mundo do jornalismo. Vemos hoje, que grandes jornais brasileiros, por exemplo, estão a publicizar, estão a autodescrever, as formas e as características de funcionamento dos seus ambientes, nos quais se organiza a produção da noticiabilidade. A redação



JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiaticização

jornalística já não é mais a redação dos anos 1970, 1980 e mesmo a dos anos 1990. Sintomaticamente, acaba de sair um livro que foi lançado na Folha, recuperando um debate que reuniu jornalistas importantes, e no qual se discutia o futuro do jornalismo. Mas, o tema que deu o tom da discussão nesse debate foi o futuro da redação jornalística. De um lado, aqueles que defendiam a redação multiplataforma, que abrigasse jornalistas do velho e do novo sistema de produção, e de outro, aqueles que defendiam redações específicas, porque o objeto jornalístico está ainda atravessado por uma complexidade que vai questioná-lo; não está claro ainda para o seu próprio ambiente, para os seus próprios agentes.

Ou seja, essa convivência entre os velhos e os novos formatos, parece ainda ser um enfrentamento importante, não claramente explicitado nas redações, embora na prática, muitos jornais já tenham optado pelas redações multiplataforma, enquanto que outros seguem ainda com os modelos clássicos de redação. Esse é um tema interessante, porque, em torno do ambiente, se apresenta, de alguma forma, uma redefinição daquilo que seriam as condições de produção desse objeto, ou seja, a prática jornalística. O problema é que esse debate, muito importante para o campo, está sendo gerenciado não por jornalistas, não por comunicadores, mas por engenheiros. Engenheiros que estão fazendo uma formação de passagem pelo ambiente dos jornalistas, fazendo impor sobre esse campo, lógicas com ênfase organizacional minimizando as lógicas jornalísticas. Há um livro dos anos 1950 que, ao descrever sobre o jornalismo o associa a figura de uma cidade sem porta. Um livro muito presente nos antigos cursos de iniciação ao jornalismo que eram promovidos pelos sindicatos da classe. O autor Francisco Porta, ao explicar as razões do título da obra, **Cidade sem portas** (Ed. Latina, SP 1960) sublinhava que o jornalismo se caracterizava como uma profissão cujo acesso era fácil, mas quem nele ingressava enfrentava muitas dificuldades para dela se livrar... Parte da imagem construída pelo

autor tem um senso de atualidade, mas algo muda na `ecologia do jornalismo` na medida em que seu ambiente é recortado por uma nova disposição de interações, cuja racionalidade inibe, possivelmente, a tensão do coletivo que movimentava as antigas redações. Se outrora, a vivência desta profissão tornava-a mais estimulante e desafiadora, fazendo ali permanecer muitas gerações, muitas das quais fonte de inspiração e de formação para os que nela ingressavam - a ecologia dos tempos atuais possivelmente, dificulta a compreensão deste trabalho coletivo. Agora, no novo recorte organizacional das redações, o mundo silencioso e das cabines digitais obstrui a compreensão histórica e dos signos do que foi o cenário de uma das atividades mais compartilhadas por parte dos seus atores - a redação de um jornal. Se em tempos passados, a permanência e a compreensão sistêmica da redação caracterizavam a relação do jornalista com a sua profissão, nos tempos atuais de alguma forma, o jornalista é atomizado em um processo caracterizado por fluxos e mobilidades que tratam de levar o jornalista à diferentes pontos de uma nova topografia, onde o cerne da sua relação se dá com equipamentos eletrônicos e digitais. O autor desse adágio, Francisco Patti, pensou o jornalismo como a cidade sem portas, que hoje se transforma no ambiente das plataformas. Neste novo contexto o acontecimento deixa de ser acolhido por um chão de fábrica, denso, plural, com uma hierarquia sob tensão e sob acordos momentâneos, uma sinfonia problemática, podemos dizer. O acontecimento deixa de ser acolhido por esse chão de fábrica, e passa a ser monitorado por um outro desenho de divisão social do trabalho, sobre o qual aparecem muitas variáveis como o da terceirização de atores no âmbito do ofício, a emergência dos administradores de conteúdos, em suma um redesenho que ressignifica a própria natureza da profissão. Esse registro suscita um debate muito importante. Tenho consciência que não posso explorar mais este assunto no contexto desta fala, mas isso nos leva a um outro texto, um belo artigo, que não é considerado um texto teórico,



JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiaticização

no sentido das teorias de comunicação. Refiro-me ao texto de Robert Darnton, **Notícia: Tudo o que couber a gente Publica**. Robert Darnton³ é jornalista, antropólogo, historiador, e hoje é não menos que o diretor da biblioteca da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Ele esteve no centro das discussões no amago das negociações feitas com o Google sobre os processos de digitalização das bibliotecas universitárias americanas. Foi uma luta tenaz que se desenvolveu aí, para que se pudesse preservar alguma coisa da aura das grandes bibliotecas universitárias. Então, o que é que Darnton escreve nesse artigo? Ele faz uma etnografia sobre o funcionamento de uma redação americana, particularmente a redação do New York Times. E ali se localiza toda uma história, todo um fundamento, uma filosofia, um campo de conhecimento, toda a sua dinâmica... E o que ele quer dizer com essa expressão, Notícia, tudo o que couber a gente publica? Que essa organização funciona na base de dois princípios: a coleta e a classificação. E em função da disposição dos princípios técnicos do jornal como projeto editorial, é que se decide o que ingressa no circuito da noticiabilidade. A notícia e a sua publicitação resultam do funcionamento do jornal enquanto instância mediadora que se edifica segundo princípios editoriais estáveis. Este foi o tema de um dos debates sobre o jornalismo, nos anos 1990. Nós paramos de debater o problema do ambiente jornalístico. E essa questão passa a ser formulada pelos engenheiros. Os engenheiros se ocuparam do projeto organizacional e do problema do fundamento lógico que organiza os preceitos da divisão social do trabalho no âmbito jornalístico.

Então nós estamos às voltas com um novo cenário de produção da noticiabilidade, que escapa largamente das mãos dos editores, e passa fortemente pelas mãos dos engenheiros. Há um fato sintomático que ilustra essa preocupação. Há alguns meses, o jornal

³ DARTON, Robert. Cinema: Danton e o duplo sentido. In: DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Zero Hora demitiu dezenas de jornalistas⁴. Eles foram demitidos com um belo discurso, proferido pelo presidente do jornal, onde dizia que foi forçado a demitir os jornalistas porque nessas novas lógicas da produção da notícia, apesar das suas competências, eles não teriam vez. Na prática, isso significa dizer retirar editorias, retirar o jornalismo de cena, do processo, e entregar esses cargos reformulados, a novos jornalistas ou estagiários que trabalham doze horas por dia em atividades seccionadas, muitas das quais têm pouca relação com o princípio holístico da produção da noticiabilidade. Parece-me, se eu não estou equivocado, que esse é um tema central dos estudos de um programa que forma profissionais do jornalismo, em termos também acadêmicos. Sobretudo preparando-os para um debate que não é um debate empresarial apenas, tampouco somente um debate classista, sindical; é antes um debate de concepção de área, portanto de caráter social. E é um debate que perpassa várias áreas, porque essa temática já foi largamente debatida nos Estados Unidos. Aqui destaco a importância de um texto de Richard Senett⁵, **A Corrosão do Caráter**, onde ele diz que, a lógica do capitalismo é quebrar os elos, as hierarquias das lógicas de instituições centenárias. E substituir esses elos por pequenos remendos, pequenos afetos, ou pequenas emoções, que estejam subsumidos a uma lógica cuja gravitação esteja firmada sob certos ancoras de atividades, presidida por outras racionalidades. Ou seja, reduzir os elos, comprimir os elos, condensar a atividade produtiva segundo a máxima, cada vez mais, com menos. Trabalhar mais com menos estruturas, com menos relações, com menos atividade de contato e mais atividade de performance dos sistemas. Então, a redação passa a ser um ambiente

⁴ "Presidente da RBS anuncia 130 demissões como expressão de coragem e desapego". Matéria divulgada no site da **Carta Maior**. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Presidente-da-RBS-anuncia-130-demissoes-como-expressao-de-coragem-e-desapego/12/31528>>. Acesso em: 27 maio 2015.

⁵ SENNET, R. **A corrosão do caráter**: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2012.

JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiaticização

de performance sistêmica, e menos um ambiente de contato, entre humanos produzindo, criando, reproduzindo aquilo que foi o grande ideal do new jornalismo, criando a partir do sentir, do olhar, do debate interno, do entrevero nas redações, das reuniões de pauta, etc. Então, esse é um tema central, me parece. Mesmo para aqueles que são os ideólogos dessa mutação irreversível, eu acho que esse é um tema central, que por dever de ofício, deveríamos estar colocando no centro das nossas discussões.

ÂNCORA

Sobre a Ascensão do Leitor: O Deslocamento do Fã para o processo de produção?

• **Antonio FAUSTO NETO** | Um segundo ponto é a ascensão do leitor. Quando eu falo na ascensão do leitor, não é somente a questão do jornalismo colaborativo, mas falo, sobretudo do acesso do homem ordinário, no dizer de Michel de Certeau, tomando de empréstimo a expressão de Freud, ou seja, deslocando o homem ordinário para uma atividade produtiva, ao longo da nova cadeia de produção jornalística. Ou seja, deslocar o leitor para uma atividade produtiva, para a coprodução da conjuntura da noticiabilidade, segundo a lógica do fazer mais com menos... Essa questão, hoje, está sendo fortemente estudada na Europa e Estados Unidos, sobretudo a partir de especialistas que estão explorando a questão a partir da perspectiva do fã. O fã está sendo submetido à cadeia do ciclo produtivo, na qual ele desponta como aquele que admira, na sua fruição, na sua estética, nos seus afetos pelo objeto, um jogador, um comunicador, um artista, uma celebridade. Mas que a partir de certo desenho de um fluxo de atividade à qual esse objeto está vinculado, instaura-se uma cadeia, e o fã começa a ser mobilizado no interior dessa cadeia, a tal ponto que é convertido numa espécie de agente produtivo do sistema de apoio à celebridade. Ele deixa de ser um integrante amadorístico do clube do fã, até porque o clube do fã

também se transforma numa empresa, numa entidade de coprodução, integrando-se numa cadeia mais sofisticada de prestação de serviços, e ali ele vira um agente produtivo dessa atividade, e muitas vezes sem a contrapartida de remuneração ou de reconhecimento trabalhista. É um voluntário. Pois bem, isso está ocupando largamente, estudos antropológicos nos Estados Unidos e no Canadá. Ou seja, a incorporação do fã, integrado a um dispositivo de produção, onde ele tem uma atividade estratégica na promoção de um produto ou de um olimpiano, recebendo apenas uma rentabilidade simbólica por integrar esse ambiente de produção.

Mutatis mutandis, a minha posição pessoal sobre a concepção do jornalista colaborador, do jornalista participativo passa por aí também. Isso precisa ser deslindado. Isso precisa ser explicado.

Precisa ser questionado, não apenas do ponto de vista da matriz sindical, não é somente isso. Essa colaboração do sujeito que se desloca, ele não se desloca apenas por um movimento auto espontâneo, ele se desloca por aí, mas também são organizadas plataformas, sistemas para que ele possa se deslocar, ter mobilidade, para um lugar no qual ele possa coproduzir sob certas condições, a atualidade jornalística.

Então, essa atividade do jornalista colaborador, ou do jornalista fã, ou do jornalista cidadão, como queiram, é uma problemática que tem que ser examinada do ponto de vista empírico, nas realidades bem próximas a nós. Hoje, chama atenção a presença desses segmentos que são induzidos pelos jornais a fazer esse trabalho, mas cuja lógica de trazê-los para a esfera da produção, tem a ver com algo que passa também por uma rentabilidade simbólica, que é a questão da audiência. Temos o leitor transformado em produtor, num sistema de produção, para que ele não migre para outro, integrando um sistema de competição que se expande em bifurcações cada vez mais complexas. Isso também remete ao problema da terceirização. O que é que é a terceirização, em tese? Prometo a vocês que não vou me estender nesse tema, mas, em tese, a terceirização é você quebrar, do

JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiaticização

ponto de vista formal, do ponto de vista de epistemes reconhecidas, certas proteções, entre aspas, que são exercidas por certos especialistas, e ter de fato a experimentação de todos esses conhecimentos em várias formas. Quando você quebra isso, você está dizendo que alguém pode fazer sem que, alguns direitos dados pela formação universitária sejam observados, sejam respeitados. Esse é o problema da terceirização, colocado aqui de forma esquemática, a qual está afetando o mundo dos peritos. Ou seja, talvez um campo que há muito, está sendo colocado em questão, primeiro por conta dos direitos trabalhistas e sindicais, agora por um problema estrutural de organização social, é o campo jornalístico. Foi nesse contexto, aliás, diga-se de passagem, que a revogação do diploma foi autorizada. Quando o ministro diz, “jornalista não precisa ter diploma, precisa saber escrever e falar”, alguma coisa nesses termos, ele agencia justamente a lógica da terceirização, quebra um pacto de saberes de uma categoria com a sociedade, estabelecendo que agora todo mundo pode fazer isso, porque não há necessidade da existência de um perito da informação para apurar, para observar, para escrever, para interrogar, etc.



Como recuperar esse lugar protagônico?

Muito bem, alinhavando de um modo diverso, porque o tempo é curto, hoje na Europa e Estados Unidos formula-se outros desenhos, através dos quais o jornalista recupera esse lugar protagônico de mediador. De mediador no sentido de construir um lugar que passa por esses profissionais a possibilidade de explicar realidades. Por exemplo, os jornalistas se constituem em coletivos, produzindo sites onde realizam o que chamamos de jornalismo de dados. O que é o jornalismo de dados? A gente simplificou isso, mas é uma problemática muito mais complexa. Não se trata apenas de vulgarizar grandes relatórios que estão nas mãos de entidades. É mais complexa

porque a grande revolução da internet foi a de ensejar condições para que nós tenhamos mais acesso a dados e mais condições para que tenhamos acesso ao outro. Ora, significa dizer que, se essas condições de acesso são facilitadas, e nos mobilizam, e nós nos deslocamos por força da circulação, buscando apreender mais dados, e construir novas relações, não significa dizer que o acesso uniformize a problemática dos sentidos. Uma coisa é acesso, dinamizado por toda essa realidade da circulação das mensagens, ou aos bancos de dados. Outra coisa, é o que fazemos com isso. E como os bancos de dados são “depositados” em instituições em artigos e em instituições que têm interesse em organizá-los segundo certos pressupostos, isso requer cada vez mais especialistas para destrinchá-los, para desvendá-los. E coloca-los nas mãos da sociedade. E aí desponta um perfil da importância de novos treinamentos a que jornalistas se submetem para fazer face à essa realidade. Realidade do desemprego, do esmaecimento da mediação e a reconfiguração do mercado de trabalho. Então, temos aqui uma questão importante: Como lidar, por um lado, com a ascensão do leitor, que é voraz, no sentido do desejo de se ver como celebridade? O receptor é marcado fortemente pelo desejo de ser visto, de ser lido, de ser registrado, de ser observado. Quer dizer, não pauta nenhuma problemática social no sentido de converter-se num mediador que possa produzir interpretações novas à sociedade, mas é a questão do ser visto, do certificar-se que foi observado, que foi codificado nos serviços, nos índices, etc. Então isso é muito pouco para se poder nomear o futuro da profissão do jornalista, mas esse é um tema que ao meu ver deveríamos não só debater, mas estudar para saber, por exemplo, os meios locais estão se abrindo para essa interação, e sob que condições.

Eu acho que há um grande trabalho investigativo a ser feito, porque senão, nós vamos ser apenas ventríloquos do que nós estamos recebendo, relatórios que estão sendo feitos no interior de redes sociais, alguns muito suspeitos, para produzir definições sobre o que é

JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiatização

uma profissão, o que é que é ser um jornalista? Do contrário você fica editando manuais de redação, manuais por exemplo, de como ser um jornalista cidadão, um jornalista participativo. Nem mais os manuais de redação passam a ter importância. Então, você encontra hoje um manual, tirado de qualquer lugar, às vezes nem é assinado, sem qualquer aura de crédito, atribuído à sua responsabilidade ou a sua procedência.



O terceiro tema: A Transformação das Narratividades

O terceiro tema dessa agenda é a transformação das narratividades. Ou seja, a transformação do *modo de dizer*, da enunciação. Em menos de quarenta anos, a mediação, a enunciação, talvez um dos pilares centrais que marcava a identidade do jornalista, entra em turbulência. Vou explicar isso a partir de algumas poucas pistas. A primeira idealidade que chancelava qualquer jornalista para escrever no jornal, era a objetividade. Ou seja, esconda-se. Não deixe as suas marcas intervirem no seu texto. O texto tem que estar guardado num formato que evite essa irrupção do eu. Daí a primeira mecânica contra a narrativa espontânea foi o *lead*. O famoso *paradigma* das cinco perguntas. É contra isso que emerge o *new journalism*. E, aliás, eu conclamo que vocês coloquem nas bibliotecas de cada um as obras dos autores do *new journalism*, porque foi um momento riquíssimo no qual se rompe com a abjeção, com a tentativa de se esconder o jornalista e quando se coloca em pauta o problema da existência atorial do sujeito jornalista. Aqui se faz despontar as suas marcas, com a escuta, a testemunhalidade, o estilo de escrever, ou seja, esse sujeito existe. Esse sujeito não pertence a uma maquinaria. Ele existe, fala, formula, pergunta. Leiam as obras do Gay Talese, por exemplo, vocês vão ver esse estilo do jornalista, com seu próprio produzir. E perto de nós há a obra de Cremilda Medina que pontua

de um modo muito competente e inventivo estas questões no seio do seu trabalho acadêmico.

Ora, há pouco tempo, um jornal estava enfrentando uma cobertura internacional e começou a levar pancada do concorrente. Esse jornal havia substituído o seu editor internacional, por um jovem jornalista que tinha uma formação muito boa nesses preceitos digitais, mas não conhecia nada de relações internacionais. Então, a cobertura tratava da invasão do Timor-Leste, pela Indonésia, me parece, e o jornal estava apanhando nessa cobertura do seu concorrente. E havia demitido o seu editor internacional, que era um velho jornalista, com uma bela formação em relações internacionais. Mas o jornal teve que curvar-se aos fatos, e recontratar aquele jornalista. Ou seja, não adianta substituir o *modo de dizer*, apenas por uma maquinaria, porque o capital do dizer, passa também por aquele que o produz, ou como diriam os grandes teóricos da enunciação, a enunciação tem uma história. E se de um lado, toda enunciação é subordinada a um processo de produção, por outro lado, toda enunciação tem uma história, uma biografia, um trajeto de quem a produz. Não são máquinas que condensam textos em dez centímetros, não são máquinas que exprimem a complexidade da enunciação.

Portanto, da abjeção, emerge o *news journalism*, após há um retrocesso, e a contenção do *news journalism* vem exatamente com a emergência dos manuais de redação.

ÂNCORA

Os manuais de redação e a narratividade do acontecimento

Antonio FAUSTO NETO | Não estou querendo dizer que os manuais funcionam como um processo regulador de uma redação, que passa a fazer o seu modelo padrão, de modo linear e automático. Eu quero dizer que os manuais surgem no corpo dessa idealidade. Eles surgem para oferecer uma “gramática” de produção, que passa a inspirar não só os jornais que fazem seus manuais, e que a seu turno, fazem com que o acontecimento seja o que resulta do manual que é

JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiaticização

adotado, o acontecimento sendo produzido em observação a essa gramática. Pois bem, esse manual de redação vem também para regular o processo da enunciação. Ou seja, voltamos a uma problemática que pertence ao mundo da gramática, de acordo com o que dizem os linguistas. O importante não é a performance, não é a língua falada, a língua em enunciação, a linguística da fala. O importante é a competência sobre o domínio da língua. A competência da gramática que é materializada no manual. Vocês podem encontrar Noham Chomski, um linguista renomado do ponto de vista de argumentos para explicar esses conceitos de diferenças entre performance e competência linguística.

O manual é um retrocesso porque apregoa a idealidade da competência gramatical. A gramática enquanto um saber que organiza o corpo de regras do *modo de dizer*. No Brasil particularmente, nós enfrentamos várias experiências de manuais de redação, uma experiência que ultrapassa largamente os ambientes jornalísticos, na medida em que os manuais de redação viram o padrão da nossa língua. Por exemplo, nas escolas de formação dos jovens estudantes e mesmo as universidades, passam a adotar o manual de redação como o seu texto gramatical. Substituem o texto da língua portuguesa, a matéria língua portuguesa passa a ser ensinada a partir dos manuais de redação. Ou seja, a nossa “gramática canônica” da língua portuguesa cede o lugar aos manuais de redação. Esse é efeito do campo midiático, efeito da midiaticização, no sentido de que todo saber da sociedade, é um saber que vai sendo irrigado, sob a égide de uma lógica de saber particularmente construído no interior do campo dos midiático-jornalístico. Já há trabalhos muito sólidos sobre a introdução dos manuais nas redações e cujas análises chamam atenção para a defasagem que existe entre as proposições de uso e as estratégias que são efetivamente postas em prática pelos jornalistas (editores, repórteres, etc).

ÂNCORA

Radicalidade, Mobilidade e Atorização como Estratégias de Narrativas

Antonio FAUSTO NETO | Por fim, nós temos a radicalização desse processo, não no sentido da abertura para a mobilidade imaginadora, como dizia Bachelard⁶, naquele seu texto belíssimo **O ar e os sonhos**, onde ele discute a relação entre imaginação e mobilidade. Então, qual é a radicalização por que passa este novo momento que esse processo passa? É a de que os jornalistas passam a adotar como referência enunciativa, a atividade atorizante, enquanto manifestação auto referencial. Dizendo de outro modo, o acontecimento resulta da minha capacidade de dizer e da minha capacidade de mobilidade no circuito das tecnologias de comunicação, para que seja eu, eu com meu corpo, o condutor dessa atividade de semantização, dessa produção de sentido.

Essa é uma referência importantíssima para vocês pensarem, porque no primeiro momento em que o **Jornal Nacional** entra em crise, no seu modelo de produção, joga na rua o editor chefe, o apresentador, para, no interior da caravana do JN, colar o jornal, num processo metafórico, às realidades importantes da cultura e do imaginário brasileiro (missões gaúchas, o mundo religioso do padre Cícero, então está lá o Bonner colando o jornal a esses dois imaginários).

Pois bem, esse esforço de tirar o jornal da bancada passa pelo seu vetor principal no sentido desse vetor ser digamos assim, o operador de um dispositivo que já não produz mais sentido na bancada, mas passa pelo corpo-significante dos jornalistas em performances. Outro exemplo interessante dessa situação, é que nessa conjuntura, o jornalista gaúcho Paulo Santana (colunista do jornal **Zero Hora**) e, muito competente na área esportiva, passa seis meses narrando na sua coluna, as etapas de um câncer do qual foi acometido. Ele narra a experiência em primeira pessoa, não só na coluna (desde o

⁶ BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de midiatização

diagnóstico, aos tratamentos aos quais se submete), mas ele desloca essa notícia, em todas as mídias nas quais escreve, rádio, jornal, televisão, Twitter, e-mail, deslocando-se também com as tecnologias móveis no interior do processo de noticiabilidade. E ele deságua no mundo do leitor que o transforma em álbum. O leitor que é um fã, recorta cada coluna que registra o sofrimento do Paulo Santana, e acolhe esse material na forma de um álbum. Álbum que vai ficar para a história e que aponta o funcionamento de um novo tipo de circulação de discursos, em termos sociais. Ou seja, o jornalista ingressa na circulação, não com o acontecimento, mas com o próprio corpo, onde ele é fonte, é objeto, ele é recepção também. Com esses deslocamentos ele vira receptor em algum momento. Essa atorização tem a ver com uma fase que desloca a aura do jornalista, na perspectiva de Walter Benjamin, a aura de um narrador, instalado num lugar onde fazia a mediação de um lugar para outro, para ser alguém que exercita o problema do seu ingresso no nicho das celebridades. Essa individuação do processo da produção jornalística, passando por essa singularização e essa performance do corpo, mostra que é o corpo-significante do jornalista quem singulariza esses processos. Mas isso também tem a ver com pesquisas que são feitas sobre relação entre jornalistas e leitores, quando estes últimos sinalizam como identificam o trabalho deste tipo de profissional: - Ah, eu reconheço o que são os jornalistas hoje, porque eles escrevem os seus endereços nas colunas, e mostram figurinhas com suas fotografias. Ou seja, a lógica da anunciabilidade está associada cada vez mais à lógica da visibilidade. Ou seja, colar a anunciabilidade com a formação de imagens. Falei em abjeção, testemunhalidade, atorialidade, como três momentos centrais do nosso nicho, da nossa ecologia, e terminaria, portanto, colocando mais uma questão estudada nos programas, ou seja, as condições de transformação da produção do acontecimento. As lógicas que presidem a produção do acontecimento, elas não estão, como nunca estiveram, somente no campo jornalístico, mas essas lógicas se complexificam porque o

acontecimento resulta de transações de agendas. Não é a “agenda setting” que produz o acontecimento. Ela talvez seja apenas um dos exponenciadores. Mas o acontecimento é transacionado no interior de múltiplas agendas, agendas que se conflitam, convergem, e por serem transações muito complexas, o sistema jornalístico às vezes não dá conta dos processos que cuidariam de codificar o acontecimento. As manifestações brasileiras de 2013 podem significar um bom exemplo dessa questão.

Os acontecimentos são consequências das forças das tecnologias que agora estão nas mãos tanto das instituições como os atores sociais. Esta circunstância enfraquece, de um lado, o trabalho da mediação social confiado ao jornalista. E de outro, redesenha os elementos da racionalidade sobre as quais se edifica a noticiabilidade confiada a peritos de um determinado campo sócio-profissional. Isto corresponde, a algo tratado há pouco e que diz respeito a emergência dos amadores. Também as transformações de fontes em atores que passam a editar suas relações com os jornalistas, enquanto mediadores, na medida em que dominam operações técnicas que, até então, estavam nas mãos de jornalistas. Este fato ao afetar a organização e relações dos campos sociais, principalmente com o campo das mídias, muda substancialmente a noção de referência elemento vital do trabalho da apuração da noticiabilidade, na medida em que faz diluir este elemento que é condição de produção do trabalho da apuração. De alguma forma isso faz pensar que o objeto do jornalismo, que é o fato está em crise, na medida em que seus primeiros atores e leitores, já não estariam mais a serviço da atividade enunciativa na qual sempre se situaram. Há, algo de novo que, em sua monumental obra Eliseo Verón denominou de acoplamentos entre as discursividades dos sistemas sociais (e o sistema midiático é um deles) e aquelas produzidas pelos sistemas constituídos por atores sociais. Trata-se de novas formas de contatos que se produzem entre eles em decorrência da injunção de dinâmicas e operações de mediatização ensejando o aparecimento de interações muito complexas, sendo que muitas delas tratam de opacizar as diferenças existentes entre estes sistemas. Resta o trabalho da pesquisa do qual surgirão pistas e revelações das lógicas que sustentam estas dinâmicas nas quais as discursividades (como as

JORNALISMO: do chão da fábrica aos novos processos de redesenho da profissão na sociedade em vias de mediação

jornalísticas) se afetam e se atravessam em novas formas de lutas de produção de sentidos. Quem sabe se este novo cenário fará emergir um jornalista cuja formação o equipará para enfrentar estes novos cenários técnico-simbólicos?



Produções Bibliográficas

Antonio Fausto Neto

Principais Livros

FAUSTO NETO, Antonio; MIÈGE, Bernard (Org.); FERREIRA, J. (Org.); AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara J. (Org.). **OPERAÇÕES DE MEDIATIZAÇÃO: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo**. Santa Maria: UFSM, 2016. v. 1.

FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, N.R. (Org.); GINDIN, I.L. (Org.). **RELATOS DE INVESTIGACIONES SOBRE MEDIATIZACIONES**. Rosário: UNR, 2015. v. 1. 285p.

FAUSTO NETO, Antonio; CASTRO, P. C. (Org.); CORREA, L. G. (Org.); VERÓN, Eliseo (Org.); HEBERLE, A. (Org.); RUSSI, Pedro (Org.). **A RUA NO SÉCULO XXI: materialidade urbana e virtualidade cibernética**. Maceió: Edufal, 2014. v. 1. 265p.

GOMES, Pedro Gilberto (Org.); FAUSTO NETO, Antonio (Org.); SBARDELOTTO, M. (Org.); MAGALHÃES, Thamiris (Org.). **MIDAS E RELIGIÃO: A COMUNICAÇÃO E A FÉ EM SOCIEDADES EM MEDIATIZAÇÃO**. 2. ed. São Leopoldo: Ed.Unisinos e Casa Leiria, 2013. v. 1.

FAUSTO NETO, Antonio; VERÓN, Eliseo (Org.); HEBERLE, A. (Org.). **PENTÁLOGO III: INTERNET: viagens no espaço e no tempo**. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013. v. 1. 398p.

FAUSTO NETO, Antonio; BRAGA, José Luiz (Org.); FERREIRA, J. (Org.); GOMES, Pedro Gilberto (Org.). **10 PERGUNTAS PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM COMUNICAÇÃO**. São Leopoldo: Unisinos, 2013. v. 1. 182p.

FAUSTO NETO, Antonio. **MEDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA: cenários, desafios e possibilidades**. 1. ed. Campina Grande: EDUEPB, 2012. v. 1. 289p.

FAUSTO NETO, Antonio; Carlon, M. (Org.). **LAS POLITICAS DE LOS**

- INTERNAUTAS.** Buenos Aires: LA Crujía, 2012. 200p.
- FAUSTO NETO, Antonio; FERREIRA, G. M. (Org.); SAMPAIO, Adriano de Oliveira. (Org.) . **MÍDIA, DISCURSO E SENTIDO.** Salvador: EDUFBA, 2012. v. 1. 263p.
- FAUSTO NETO, Antonio; MOUCHON, Jean. (Org.); VERÓN, Eliseo (Org.). **TRANSFORMAÇÕES DA MIDIATIZAÇÃO PRESIDENCIAL:** corpos, relatos, negociações, resistências. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012. v. 1.
- FAUSTO NETO, Antonio; SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. **SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO.** Goiânia: 2011.
- FAUSTO NETO, Antonio; FERNANDES, José David Campos. (Org.) . **INTERFACES JORNALÍSTICAS:** ambientes, tecnologias e linguagens. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. v. 1.
- FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, S. (Org.). **MEDIATIZACIÓN, SOCIEDAD Y SENTIDO.** Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, 2010. v. 1. 215p.
- FAUSTO NETO, Antonio; FERREIRA, J. (Org.); GOMES, Pedro Gilberto (Org.); BRAGA, José Luiz (Org.). **MIDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS:** Aspectos Metodológicos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. v. 1. 192p.
- FAUSTO NETO, Antonio; BRAGA, José Luiz (Org.); FERREIRA, J. (Org.); GOMES, Pedro Gilberto (Org.). **MIDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA.** São Paulo: Paulus, 2008. v. 1. 254p.
- FAUSTO NETO, Antonio. **OS MUNDOS DA MÍDIA:** reflexões metodológicas sobre produção de sentidos midiáticos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2006. v. 1. 225p.
- FAUSTO NETO, Antonio; VERON, Eliseo (Org.); RUBIM, Antônio Albino (Org.). **LULA PRESIDENTE:** televisão e política na campanha eleitoral. São Paulo: Hacker, 2003. v. 1.
- FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, J. L. A. (Org.); PORTO, S. D. (Org.). **CAMPO DA COMUNICAÇÃO:** caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa - PB: Editora UFPB, 2001. v. 1. 120p.
- FAUSTO NETO, Antonio. **INTERAÇÃO E SENTIDOS NO CIBERESPAÇO E NA SOCIEDADE:** Compós Volume 2. Porto Alegre - RS: EdiPUCRS - Famecos, 2001. v. 11. 242p.



JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: taticidade, mobilidade e memória dinâmica¹

Marcos PALACIOS²
Universidade Federal da Bahia



O professor Marcos Palacios esteve em João Pessoa, em setembro de 2013, entre os convidados do I Colóquio **Semiótica das Mídias**, promovido pelo CISECO – Centro Internacional de Semiótica e Comunicação. Na ocasião o pesquisador concedeu esta entrevista especial às professoras Emília Barreto e Virgínia Sá Barreto, gravada para o programa *Olhar*, da TV UFPB e transcritas aqui pela professora Sandra Moura. O professor discorre ainda sobre a sua trajetória acadêmica e as pesquisas que vem desenvolvendo nas áreas de jornalismo digital, plataformas móveis e novos recursos de veiculação jornalística. Além dessa perspectiva, o entrevistado aborda sobre suas pesquisas na interface entre jornalismo, memória e história compreendendo que a memória é uma ruptura no jornalismo digital com novos potenciais para o jornalismo a partir da digitalização e assumindo uma condição de memória dinâmica para contextualização de reportagens.

Palacios é um dos pioneiros dos estudos do jornalismo digital no Brasil, principalmente a partir da criação do Grupo de Pesquisa

¹ Entrevista originalmente publicada na **Revista Latino-americana de Jornalismo | ÂNCORA**, [V.1 N.1 Ano 2013] tendo como Eixo Temático: Jornalismo Digital.

² JORNALISTA. Doutor em Sociologia pela University of Liverpool, Pós-Doutorado pela Universidade Beira Interior e pesquisador A1 do CNPq, é professor titular na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia com atuação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas e professor Catedrático Visitante na Universidade da Beira Interior, em Portugal. Coordenou mais de 20 projetos de pesquisa nacionais e internacionais e é um dos responsáveis pela internacionalização da pesquisa do jornalismo digital. Em 2009 recebeu o Prêmio Adelmo Genro Filho da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJOR como Pesquisador Senior. É professor-titular da Universidade Federal da Bahia.

em Jornalismo Online – GJOL (criado em 1995 pelos professores Elias Machado e Marcos Palacios), catalisador das principais pesquisas no país sobre jornalismo digital e responsável pela nucleação em outras universidades brasileiras de estudos sobre o tema de pesquisadores formados no Grupo através do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia.

ÂNCORA

Novas pesquisas em jornalismo digital

Eu atualmente estou trabalhando em duas áreas de preocupação dentro do jornalismo digital, que é o espaço acadêmico em que me tenho movido nos últimos vinte anos. Por um lado, tenho me dedicado a questões relacionadas aos novos suportes para o jornalismo digital – os *smartphones* e os *tablets* - e seu impacto no ecossistema midiático contemporâneo. E nesse sentido estou particularmente interessado nas potencialidades que se abrem com uma nova característica propiciada por esses suportes que é a taticidade.

Nós temos tradicionalmente pensado o jornalismo na internet em termos de características próprias desse suporte para a prática jornalística e para o consumo da informação jornalística: a hipertextualidade, a interatividade, a multimídia, a instantaneidade, a potencialização da memória e a personalização. Com as novas possibilidades abertas pelos dispositivos que servem de suporte para o jornalismo na mobilidade surge uma nova característica: a taticidade. O uso do tátil como um sentido humano é tremendamente potencializado. É claro que poderíamos dizer que quando usamos o mouse já estamos, de alguma forma, envolvidos com a dimensão tátil. Mas nas telas táteis isso se potencializa enormemente: utilizamos os dedos, o toque e os diferentes movimentos de dedos, para produzir diferentes ações, e não só isso, pois podemos também pelo tátil receber informação. Podemos ter



JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: *tactilidade, mobilidade e memória dinâmica*

um *feedback* de informação a partir do dispositivo. Com o mouse isso não acontece. Na tela tátil você pode, por exemplo, fazer um determinado movimento e sentir uma vibração como resposta a esse movimento. Esta é uma das áreas de reflexão e experimentação na qual tenho trabalhado recentemente.

A outra área que tem me interessado, já de algum tempo, e que foi o objeto mais direto de minha participação no evento realizado pelo Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (Ciseco), é a questão da memória associada ao jornalismo, mais especificamente ao jornalismo nas redes de alta velocidade e agora à sua prática nos suportes da mobilidade. Tenho produzido reflexões sobre essa relação entre o jornalismo, a memória e a História.

ÂNCORA

Tactilidade, Jornalismo e dispositivos móveis

O tipo de trabalho que tenho feito sobre a *tactilidade* não vai pelos caminhos da cognição ou das relações entre a *tactilidade* e os processos psicológicos ou fisiológicos da *tactilidade*. Essas são áreas importantes, nas quais há muitos trabalhos realizados, mas que fogem à minha competência.

Tenho me direcionado mais para questões práticas ligadas ao jornalismo, associando a *tactilidade* ao design, equacionando os desafios de como adaptar a produção jornalística nas interfaces da mobilidade a essa nova potencialidade e dela tirar proveito. E aqui entram também em cena as ideias de [Marshall] McLuhan, porque o McLuhan diz que o conteúdo de um meio é sempre o meio anterior. E nesse caso também isso se verifica. O que nós temos em relação aos suportes da mobilidade, aos *smartphones* e aos *tablets*, num primeiro momento, é a transposição das formas de fazer do jornalismo que já estão consolidadas, que já estão testadas no jornalismo da web. Isso ocorre da mesma maneira que nas primeiras fases da produção na web, quando foram transpostos para o novo suporte os modelos

existentes do jornalismo impresso: transpunha-se, física e metaforicamente, o jornalismo impresso para o jornalismo na web. Agora temos um fenômeno semelhante que é a transposição da metáfora da web para o dispositivo móvel. A metáfora facilita para o usuário a utilização dos novos dispositivos, ao apresentar o semelhante, o já conhecido. E facilita para o produtor que ainda não inventou formas capazes de explorar cabalmente as novas potencialidades que lhe são oferecidas pelos novos suportes.

O que me tem interessado, e ao grupo do Laboratório de Jornalismo Convergente da Universidade Federal da Bahia, ao qual estou ligado nesse projeto, é como criar uma linguagem própria dessas novas plataformas, desses novos suportes que não seja simplesmente a utilização transpositiva. Até porque a utilização transpositiva não contempla a taticidade, ou contempla a taticidade de uma maneira muito primária, porque não há o potencial da interação. O que me parece importante é pensar justamente de que maneira essa taticidade pode incrementar o controle do usuário sobre o produto e isso naturalmente se liga a duas características do jornalismo na web: à interatividade, por um lado, e à personalização, pelo outro.

A interatividade é afetada, no sentido de que a taticidade é um elemento para crescer essa interatividade, o uso do tátil naturalmente expande as possibilidades de interação entre o usuário e o produto, isso é bastante claro, especialmente quando se considera a possibilidade de um *feedback* tátil. Não se trata apenas de que eu possa fazer mais movimentos e acessar mais facilmente menus, ter uma agilidade maior nessa minha interação, mas eu posso, a partir do *feedback*, ter uma interação nos dois sentidos, quer dizer, eu interajo com o dispositivo e recebo uma resposta do dispositivo, uma resposta tátil e que me leva a uma outra forma de interação, por exemplo. Isso por um lado.

Por outro lado, no Laboratório de Jornalismo Convergente nós estamos também interessados no potencial de customização que essa forma de interagir traz consigo, o potencial para que a informação



JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: taticidade, mobilidade e memória dinâmica

seja cada vez mais pessoal, mais personalizada. A forma de consumir cada produto pode ser ajustada às necessidades de cada usuário, aos seus interesses. Se me interessa mais um determinado tipo de informação ou outro determinado tipo de informação, eu posso personalizar o consumo do produto jornalístico. Acredito que a facilidade incrementa a possibilidade dessa personalização. Em parceria com Rodrigo Cunha, um especialista da área do design, temos nos preocupado em pensar as formas de traduzir essa potencialidade em termos de design, em termos de interfaces que possibilitem o máximo de aproveitamento da característica e, ao mesmo tempo, percebendo que isso se liga fortemente a essas outras duas características [interatividade e personalização], pré-existentes em qualquer suporte web para o jornalismo.



Jornalismo, Memória e armazenamento de dados

Outra área que tenho pesquisado, que tem me interessado no âmbito do jornalismo de uma maneira geral e do jornalismo digital, nas redes telemáticas mais particularmente, é a questão da relação entre o jornalismo, a memória e a História.

Inicialmente eu diria que o primeiro mito a ser desfeito é a ideia que se resume num ditado popular que diz: “o jornal de ontem só serve para embrulhar peixe”. Isso, absolutamente, não é verdade. Serve também para embrulhar peixe, certamente, mas não serve só para embrulhar peixe; embrulhar peixe é uma nobre função do jornal do dia anterior, mas não é a única. O jornal de ontem sempre foi uma fonte, uma forma de guardar a memória, uma forma de preservar a memória e uma fonte para a História. Isso sempre ocorreu.

O jornal impresso registra o cotidiano, a atualidade que imediatamente se torna passado, e esse cotidiano registrado e posteriormente resgatado, no futuro se torna um elemento de reconstituição do passado e, portanto, uma fonte para o historiador, o

especialista na interpretação historiográfica. Claro que o jornalismo enquanto uma fonte da História, o jornalismo enquanto um reservatório da memória, demanda uma interpretação como todo documento histórico, os documentos históricos só existem num processo de interpretação.

Há uma autora norte-americana, Barbie Zelizer, que diz que, de uma certa maneira, o jornalismo se constitui no primeiro borrador, um primeiro rascunho da História, que depois é aproveitado pelo historiador. O historiador dá a esse borrador uma forma mais definitiva através do método historiográfico, dos recursos da multiplicidade de fontes a que recorre, através da junção dessas diferentes fontes e do diálogo que o historiador estabelece entre essas diferentes fontes.

Então, fica claro que desde os primórdios do jornalismo impresso, essa atividade produzia um reservatório de memória. Era uma memória de acesso um pouco complicado, porque para acessá-la era necessário ir a uma biblioteca, ao arquivo do jornal, ou a uma hemeroteca que tivesse preservado as coleções dos jornais. Muitas vezes isso era difícil ou mesmo impossível porque esse material se deteriorava, já não existia mais.

Com a digitalização da informação de uma maneira geral, com a digitalização da informação jornalística de maneira mais particular, esses reservatórios de memória se potencializam enormemente. Essa memória que era uma memória estática, escondida, por assim dizer, nesses arquivos e nessas hemerotecas, passa a ser uma memória dinâmica, no sentido de que pode ser utilizada tanto no processo de produção da informação quanto no processo de recepção. Por que? Porque o jornalista ao trabalhar a informação jornalística da atualidade, do momento, pode imediatamente recorrer aos arquivos que estão digitalizados. Naturalmente isso pressupõe a digitalização desses arquivos; nem todos os jornais têm os seus arquivos digitalizados hoje em dia, mas isso é algo que vem acontecendo de maneira crescente. Acho que podemos prever que no futuro todos

JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: *tactilidade, mobilidade e memória dinâmica*

terão os seus arquivos passados digitalizados e os seus arquivos de internet preservados. Assim, ao produzir a informação, o jornalista pode se socorrer e ilustrar seu texto com a informação já acumulada sobre aquele assunto ou assuntos correlacionados; no processo de produção jornalística, a memória é acionada e se torna uma memória dinâmica em contraposição à memória estática que dormia nos arquivos de jornais e nas hemerotecas.

No processo de recepção acontece algo similar: cada vez mais o jornal online, o jornal nos suportes novos da mobilidade, aciona a memória. Já estamos acostumados a encontrar indicações ao pé da notícia do tipo “leia mais”, ou “veja também”, que remetem ao percurso anterior daquela informação ou a assuntos correlacionados no passado, remetem, portanto, à memória jornalística. Como consumidores podemos agora mais facilmente acessar essa informação passada. E o que isso produz? Produz uma maior contextualização do fato jornalístico, o que é um elemento fundamental para a qualidade do produto jornalístico. O que temos? Temos essa transformação de uma memória estática numa memória mais dinâmica, e de certa maneira, dado o grau de potencialização, isso é quase uma ruptura em termos da memória anterior.

O jornalismo nos suportes anteriores à internet também usava a memória. Estamos acostumados a ver no jornal impresso aquele ‘quadro’ aquele ‘olho’ no meio da matéria, fazendo uma recuperação de memória. Todo jornal sempre teve um setor de pesquisa dentro da sua organização. Eu próprio já trabalhei no setor de pesquisa de um jornal, onde fazíamos justamente isso. Um fato importante ocorria e nós éramos solicitados a produzir ‘uma memória’ desse fato ou de fatos correlacionados; quando não havia muito que fazer, escrevíamos obituários de pessoas vivas, “aquele lá está com o pé na cova...”. A memória naturalmente era acionada, mas acionada de uma maneira muito menos frequente e habitual.

A memória era acionada em momentos muito específicos, em momentos comemorativos. Era o Dia 7 de Setembro? Então tinha que

entrar um quadrinho lembrando as margens do Ipiranga; completava-se o aniversário da morte de alguém, então tinha que ter uma biografiazinha para recuperar a memória. Ou então morreu fulano de tal e aí vai a história completa do monstro ou santo, a depender do posicionamento do jornal. A memória só era acionada esporadicamente, como um complemento de certo tipo de narrativa jornalística.

A memória dinâmica do jornalismo online possibilita uma outra utilização, que é entretecer o fato da atualidade com essa memória, seja qual for o fato. Todo acontecimento de alguma forma tem memória, tem fatos correlatos do passado que podem ampliar essa contextualização, facilitar essa contextualização. Se um político se manifesta sobre alguma coisa, o que ele já disse antes sobre isso? O que ele disse antes está de acordo com o que ele está dizendo hoje ou está em contradição? São formas de recuperação da memória fazendo a memória dinâmica na produção e na recepção e possibilitando um jornalismo mais contextualizado, que é uma marca do jornalismo de qualidade.

Eu diria que o jornalismo de qualidade hoje é o jornalismo que produz contexto. Porque produzir a informação direta e imediata do fato a própria internet, em grande medida, produz, através de seus múltiplos mecanismos de geração e circulação de informação. Tivemos na palestra do professor Marc Abèlès, no Ciseco, e numa passagem ele dizia que o jornalista já não é necessário como mediador porque a internet produz a informação e o jornalista apenas comenta. Discordo, porque acho que é muito mais do que isso, o jornalista continua tendo uma função de mediação, porque há uma imensa quantidade de informação que tem que ser checada, filtrada, que tem que ser hierarquizada e colocada num formato específico que é o formato jornalístico. Há uma diferença entre informação e informação jornalística, entre informação e discurso jornalístico estruturado, entre informação bruta e informação hierarquizada, entre informação descontextualizada e

JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: *tactilidade, mobilidade e memória dinâmica*

informação contextualizada. Contextualização é uma tarefa fundamental para o jornalista de hoje e para o jornalista do futuro, se nós pensarmos em termos de produção de um jornalismo de qualidade. É claro que a recuperação da memória, da informação passada, é um poderosíssimo elemento na criação dessa contextualização. Contextualizar é ligar o que está acontecendo hoje com outras coisas que estão acontecendo hoje e que fazem alguma conexão, mas é também ligar essa informação ao que aconteceu ontem, há um mês, há vários anos. O passado também produz contexto.

ÂNCORA

Marginárias Jornalísticas Contemporâneas

Primeiro gostaria de explicar um pouco o que é marginália. Entendo marginália no sentido dicionarizado da palavra, como anotações de margem. Nada tem a ver com marginal no sentido pejorativo da palavra, mas tem a ver com margem no sentido da margem de um texto. A marginália enquanto processo de produção textual existe desde sempre; não sei se podemos ir até a Idade da Pedra, mas de repente até na Idade da Pedra alguém escrevia alguma coisa, fazia algum sinal e alguém ia lá e fazia outra anotação, feita por outro autor a partir de um signo produzido por um primeiro autor, um comentário aqui seria uma marginália da Pedra Lascada. Nas pinturas rupestres da Serra da Capivara [Piauí] há desenhos que foram posteriormente complementados por outros autores. Teríamos ali exemplos de uma marginália gráfica primitiva?

Pensando em termos mais recentes, os manuscritos eram frequentemente anotados. O material usado para os manuscritos, o suporte para a escrita, era muito caro, por isso era necessário utilizar todo o espaço disponível e as margens eram largamente usadas para anotações não só sobre o texto do manuscrito, mas algumas vezes até para a produção de outros textos.

Quando a imprensa é inventada e o livro se estabelece, a marginalia continua sendo uma prática, porque até antes da segunda fase da revolução industrial os livros ainda eram caros e cada volume impresso tinha uma circulação ampla. Circulavam por grupos de pessoas e, muitas vezes, esses grupos se serviam das anotações de quem havia lido antes, como forma de trocar comentários, trocar impressões sobre aquele texto.

O que estou tentando estabelecer é um paralelo entre esse tipo de prática e os comentários de leitor como uma forma de marginalia ao texto jornalístico. Há quem diga que os comentários nos jornais não são novidade e sempre existiram na forma mais restrita das cartas do leitor, das cartas ao diretor, cartas à redação, que são comentários que os leitores faziam e que eram naturalmente filtrados e colocados na edição seguinte. No entanto, hoje o que nós temos é a possibilidade de um comentário imediato com o jornalismo digital. Essa escrita à margem do texto principal na forma de comentários de leitor passa a ter uma ocorrência imediata após a divulgação do texto. Estou fazendo esse paralelo entre a marginalia clássica, a marginalia literária, a que sempre existiu, e essa nova forma de marginalia no texto jornalístico que seriam os comentários.

O que me interessa é a relação entre memória, História e jornalismo. Esses comentários podem ser vistos de duas formas. Podemos procurar neles uma forma de alargamento da informação jornalística. Os comentários de alguma forma complementam essa informação, contradizem essa informação, trazem elementos de tensão, trazem outras vozes. O comentário aparece como elemento de multivocalidade nesse jornalismo produzido para web, para o suporte da mobilidade. Por outro lado, certos comentários podem ser verdadeiras 'pérolas' como, por exemplo, a intervenção de um especialista que dá uma visão muito precisa sobre aquilo que está veiculado na informação, ou a manifestação de uma personalidade ilustre, que tem ou vem a adquirir no futuro um interesse intrínseco. O *New York Times* colocou todo o seu arquivo de jornais impressos na

JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: *tactilidade, mobilidade e memória dinâmica*

web e uma das coisas que se pode fazer é garimpar personalidades que foram publicadas enquanto comentadores, que assinaram cartas de leitores, pessoas ilustres, com Einstein ou Mark Twain, que frequentaram as páginas do jornal enquanto comentadores de notícia. Muitas personalidades podem ser recuperadas aí. Isso também acontece no jornalismo na internet, onde o pesquisador pode pinçar certas pérolas.

Outra dimensão que me interessa, para além das possíveis pérolas, é que esses comentários, no futuro, podem também servir como um indicador de um certo 'espírito do tempo': o que se comenta ali reproduz um pouco qual era o contexto em que aquilo acontecia e quais eram as opiniões mais recorrentes sobre um determinado assunto. Também o número de comentários pode constituir uma informação valiosa: se uma notícia é mais comentada, outra menos comentada, o que é que isso pode nos indicar em termos da situação em que essa recepção se deu naquele momento? Esse tipo de produção discursiva, que estou chamando de *marginália jornalística*, através dos comentários de leitores pode se constituir num outro tipo de reservatório de memória para utilização futura e em fonte para estudos de atitudes e comportamentos.

Eu costumo dar o exemplo de um vídeo que foi produzido pela União Europeia, fazendo uma defesa da economia europeia, na base do apelo "compre produtos europeus e não compre produtos de outros países". Nesse vídeo havia uma super-heroína, que era a Europa, e apareciam três vilões, que eram o Brasil, a Índia e a China. O Brasil era o capoeirista que ia lá lutar contra a heroína, o chinês atacava com uma cortante arma chinesa e a Índia era representada por um hindu com poderes mágicos. Isso provocou muito mal-estar, muitas críticas, acusações de racismo e etnocentrismo. O vídeo acabou sendo retirado do ar. Encontrei e guardei uma notícia sobre a retirada do vídeo, publicada no jornal português *Diário de Notícias*, com muitos comentários de leitores. É muito curioso porque ali estão comentários de brasileiros e portugueses. Há muitos brasileiros

trabalhando, vivendo em Portugal. E há brasileiros vivendo no Brasil que lêem jornais portugueses. Então havia muitos comentários de brasileiros e portugueses. Numa verdadeira guerra. Muito daquilo era pura troca de insultos.

Para se apreciar esses comentários e essa guerra de insultos é preciso levar em conta o contexto. A troca de farpas está, de certa maneira, refletindo o contexto em que a produção e a retirada do vídeo se deram. O fato ocorreu num momento em que se estava justamente invertendo uma relação que era da movimentação desses brasileiros e desses portugueses. Os brasileiros que lá estão foram para Portugal há cinco, seis, 10 anos atrás, quando havia prosperidade em Portugal, ofereciam-se muitas oportunidades, os brasileiros foram para lá para usar essas oportunidades. Com a crise econômica, isso foi se invertendo: os brasileiros foram perdendo os seus empregos lá e os portugueses estão se movimentando para o lado de cá. Sente-se nos comentários um reflexo dessa situação e isso é interessante em termos de evidenciar um determinado contexto, um determinado momento, as circunstâncias específicas em que aquela recepção se dá e porque a recepção se dá daquela forma. Esse é um exemplo concreto do interesse que eu tenho em relação a esses comentários, a essa marginália jornalística.

O que digo também é que esses comentários, e a classificação que deles fazem as empresas de comunicação (“notícias mais comentadas”, “mais compartilhadas”), também evidenciam o que eu chamaria de ‘agenda secundária’, não secundária no sentido de menos importante, mas sim secundária no sentido de que a agenda primária seria a agenda dos mídia, o que está sendo agendado pelos mídia. E esses comentários produzem o agendamento da recepção, fornecem pistas de como a agenda primária foi recebida. São informações muito valiosas para a empresa: para que lado isso vai? Como retenho e fidelizo minha audiência? Mas são também valiosas para o jornalista, pois indicam o interesse da audiência, a oportunidade de se dar continuidade a um assunto.

JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: *tactilidade, mobilidade e memória dinâmica*

Mas para além da questão de mensuração de audiência, está também a questão do 'espírito de tempo', tradução aproximada da expressão alemã *Zeitgeist*. O professor Antonio Fidalgo, da Universidade da Beira Interior, que participou da jornada do Ciseco, fez comentários pertinentes, tem reservas ao uso da expressão *Zeitgeist* porque a expressão tem um sentido bem estabelecido na Filosofia. Eu a utilizo de uma forma menos rigorosa, com um sentido genérico, do dicionário: *Zeitgeist* como esse espírito de tempo, uma determinada configuração que independe da vontade de cada um, como o conjunto dessas vontades, o conjunto dessas manifestações e da forma como nos manifestamos em determinados momentos. Se a proibição do vídeo, que usamos como exemplo, tivesse acontecido em um momento anterior, as manifestações seriam de outra ordem. Vejo o *Zeitgeist* como aquilo que leva os atores, coletivamente, a terem um âmbito de expressão e não outro âmbito de expressão; como um delimitador dos caminhos das opiniões, um demarcador de fronteiras de pensamento e posicionamentos em um determinado momento, em determinadas circunstâncias. Sempre é possível ir contra o *Zeitgeist*, é claro, mas teremos então um pensamento e um posicionamento 'contra a corrente', 'a contrapelo', com suas consequências positivas ou negativas.

ÂNCORA

Interatividade e produção de informação

Quando falamos de participação do leitor é preciso desfazer alguns mitos. Em primeiro lugar, essa ideia do cidadão repórter. Vamos com calma! Uma coisa é ser fonte, produzir uma informação factual. Estou em casa e cai um avião no terreno do lado e eu filmo isso. É uma forma de registro. Em seguida, ligo para o jornal e digo: "caiu um avião". Isso é uma forma de produção de informação, de registro, de testemunho. A produção jornalística é mais que isso. É o registro de um fato dentro de uma determinada lógica discursiva e balizado por

uma prática que é histórica e não é essencialista. Não existe uma essência do jornalismo, mas existe uma história do jornalismo e existe o jornalismo na História e, portanto, esse texto que é reconhecido como jornalístico é mutável. Mas mesmo sendo mutável, ele é, a cada momento, reconhecido como tal; a cada momento histórico há um formato discursivo jornalístico com suas especificidades, em contraposição ou complementação a outros formatos textuais, discursivos, como por exemplo o formato discursivo jurídico, o formato discursivo literário, o científico e por aí afora.

Quando nós lemos um texto, que está inserido em um determinado tempo, somos capazes de dizer: isso é um texto jurídico, isso é um texto literário, isso é um texto jornalístico. Dizer que todos somos jornalistas quando colocamos alguma coisa na internet é uma bobagem. Somos, cada vez mais, produtores de informação, verificáveis ou não. Somos jornalistas – ainda que não tenhamos diplomas de cursos de jornalismo, registro de jornalista ou o que seja – quando produzimos textos dentro de um formato jornalístico e balizado pelos critérios que configuram a prática jornalística num determinado momento histórico. Aí, sim, o cidadão pode ser considerado jornalista, no sentido de que produziu um texto com essas características.

Quando uma empresa jornalística se propõe a transformar todos os seus leitores em jornalistas, devemos tomar isso com muito cuidado. Na verdade, o maior interesse da empresa jornalística é a fidelização do leitor, e estou falando do jornalismo das grandes empresas, do chamado *mainstream*. Não estou falando, é claro, do jornalismo alternativo, mas sim do jornalismo da grande mídia. Quando se abre ao cidadão, com o intuito de fidelizá-lo como leitor, a possibilidade de contribuir na produção de informação, os resultados são em geral risíveis. Se vocês tomarem uma página do chamado 'jornalismo cidadão' nos grandes jornais, o que vamos ver é um mosaico de informações retrabalhadas pela redação, um mosaico de informações totalmente descabeladas, desconectadas, sem qualquer critério de



JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: *tactilidade, mobilidade e memória dinâmica*

hierarquia de informação. O que chegar serve, o que chegar se encaixa. Se eu disser “foi atropelado um gato em minha rua”, a informação é publicada. Uma festa familiar que aconteceu, a formatura de um grupo de estudantes do ensino fundamental em uma escola da periferia da cidade, tudo é publicado e com o mesmo destaque do atropelamento do gato. Onde estão os critérios de noticiabilidade? Onde está a hierarquia da informação? A quem aquele conjunto heterogêneo pode interessar? Olho pra aquilo e nem consigo me situar ali. Interessa para os amigos e família daquele que viu o gato atropelado e teve seu testemunho publicado no jornal, interessa para os alunos daquela escola de periferia e seus familiares. Isso fideliza os leitores, pois eles se sentem acolhidos. Busca-se dessa maneira a formação de comunidade, a comunidade dos produtores e dos consumidores da informação, vende-se a ideia de que “nós formamos uma comunidade”. Faz sentido? Muito pouco enquanto produção jornalística de qualidade, com interesse público, critérios claros de noticiabilidade, padrões éticos, hierarquia informativa, contextualização, ainda que, eventualmente, peças produzidas pelos leitores tenham de fato valor jornalístico e possam até mesmo ‘subir’ para as páginas principais do jornal. Mas faz muito sentido, principalmente, quando o objetivo é fidelizar a audiência.

A fidelização do leitor no jornal impresso sempre se deu pela formação de comunidade. Os leitores e assinantes de *O Estado de S. Paulo* formam uma comunidade. O meu pai era leitor e assinante de *O Estado de São Paulo* e passou para mim, como que uma herança, o hábito de assinar e ler esse jornal, ao qual me acostumei desde a infância. Nas redes isso é mais complicado. Porque os conteúdos se tornam muito homogêneos. Como fidelizo? Como faço com que esse leitor volte ao meu *site* e não a outro? Uma das maneiras é buscar fidelizar o leitor criando esse sentimento de comunidade e acolhendo a sua participação dentro dessa comunidade não apenas como leitor, mas como ‘colaborador’, como ‘coenunciador’, ainda que isso acontece apenas em páginas especialmente concebidas para tal

finalidade, ainda que suas contribuições acabem em um gueto noticioso em forma de mosaico.

Por outro lado, isso se reflete também nos comentários do leitor. Nessa modalidade de acolhimento, abre-se também a notícia principal para que o leitor se expresse. Da mesma maneira que já se abria com as cartas. Só que agora de uma maneira muito mais potencializada e muito menos filtrada. Em geral há pouca censura nos comentários de leitores e passam muitas coisas. Existem filtragens, existe censura no sentido de retirar ou impedir a entrada de textos ou expressões que venham a gerar processos jurídicos contra a empresa, mas pelo geral os comentários são publicados na íntegra. Por outro lado, se não há muita filtragem, tampouco há respostas.

Os comentários ficam lá, essa marginália fica por lá e eu espero que venha a ser útil no futuro, para nos ajudar a recuperar a História e a memória do nosso tempo. Mas no momento presente muito pouco do que se comenta é respondido por aqueles que abrem esse espaço, pelas empresas e pelos próprios jornalistas. É muito raro que o jornalista leia aqueles comentários e em determinado momento entre ali e responda: “Olha fulano, você disse isso, mas na verdade também tem isso, eu vi, eu afirmo que sim, porque eu entrevistei. É verdade que o que você comenta não entrou na matéria, mas para compensar eu vou colocar aqui esse texto da entrevista com essa outra pessoa, com uma outra versão”, etc etc. Isso não acontece ou acontece muito raramente na imprensa tradicional. Nesse sentido, essa marginália vale mais como elemento de fidelização no momento presente, mas pode vir a servir como elemento de recuperação de memória e de construção da narrativa histórica no futuro.



Produções Bibliográficas

Marcos PALACIOS

Principais Livros Publicados

PALACIOS, Marcos (Org.); Martins, Elaide (Org.). **FERRAMENTAS**

PARA ANÁLISE DE QUALIDADE NO CIBERJORNALISMO - Volume II

JORNALISMO, MEDIAÇÃO E ALARGAMENTO DA INFORMAÇÃO: taticidade, mobilidade e memória dinâmica

Aplicações. Covilhã: LabCom IFP, 2016. v. 01. 573p.

PALACIOS, Marcos. **FERRAMENTAS PARA ANÁLISE DE QUALIDADE NO CIBERJORNALISMO** - Volume I - Modelos. Covilhã: Livros LabCom, 2011. v. 01. 305p.

PALACIOS, Marcos; JAMBEIRO, Othon (Org.). **BRAZILIAN PERSPECTIVES IN DIGITAL ENVIRONMENTS: communication policies, e-government and digital journalism**. 187. ed. Salvador: EDFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia, 2010. v. 01.

NOCI, Javier Diaz (Org.); PALACIOS, Marcos (Org.). **ONLINE JOURNALISM: research methods. A multidisciplinary approach in comparative perspective**. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2009. v. 01. 178p.

PALACIOS, Marcos; NOCI, Javier Diaz (Org.). **CIBERPERIDISMO: Métodos de Investigación**. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2009. v. 01. 161p.

DIAZ, Javier (Org.); PALACIOS, Marcos (Org.). **METODOLOGIA PARA O ESTUDO DOS CIBERMEIOS: estado da arte & perspectivas**. Salvador: EDUFBA- Editora da Universidade da Bahia, 2008. 362p.

PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias (Org.); ECHEVARRIA, Mirta Clara (Org.); FIDALGO, Antonio (Org.); et alii (Org.). **O ENSINO DO JORNALISMO EM REDES DE ALTA VELOCIDADE: Metodologias e Softwares**. Salvador: EDUFBA, 2007. 194p.

PALACIOS, Marcos; RIBAS, Beatriz. **MANUAL DE LABORATÓRIO DE JORNALISMO NA INTERNET**. Salvador: EDUFBA- Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007. v. 01. 92p.

PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias. **MODELOS DE JORNALISMO DIGITAL**. Salvador: Calhandra/Edições GJol, 2003.

PALACIOS, Marcos; LEMOS, André. **JANELAS DO CIBERESPAÇO: Comunicação e Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001. 275p.

PALACIOS, Marcos; GONÇALVES, Elias Machado. **MANUAL DE JORNALISMO NA INTERNET**. Salvador: FACOM/UFBA, 1997. v. 01. 210p.

Principais Artigos Publicados

PALACIOS, Marcos; BARBOSA, Suzana; Firmino, Fernando; CUNHA, R. E. S. Aplicativos jornalísticos vespertinos para tablets. Cartografia do fenômeno ante o desafio de uma produção original e inovadora. **SUR LE JOURNALISME**, v. 3, p. 40-55, 2014.

PALACIOS, Marcos; PORTO, C. M. O lugar e o peso da autopublicação na Internet e a cultura científica no Brasil.

EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA, v. 9, p. 53-74, 2012.

PALACIOS, Marcos. Revisitando as memórias do aquário:

(Comunicação e sociabilidade em McLuhan para uso e abuso dos comunicólogos). **REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN**, v. 14-15, p. 34-48, 2012.

PALACIOS, Marcos. Marginal Notes, Zeitgeist And Memory of The Present Time: Readers? Comments IN **CYBERJOURNALISM. BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH (ONLINE)**, v. 08, p. 128-143, 2012.

PALACIOS, Marcos; CUNHA, R. E. S. A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias.

CONTEMPORÂNEA (SALVADOR. IMPRESSO), v. 10, p. 668-685, 2012.

PALACIOS, Marcos; ROSA, F.; MEIRELLES, R. Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia: implantação e acompanhamento. **INFORMAÇÃO & SOCIEDADE (UFPB. Online)**, v. 21, p. 129-141, 2011.

PALACIOS, Marcos. Positioning yet another idea under the glocalisation umbrella: Reader participation and audience communities as market strategies in globalised online journalism.

COMMUNICATIO: South African journal for communication theory and research, v. 36, p. 276-287, 2010.

PALACIOS, Marcos. Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História. **MATRIZES (USP. Impresso)**, v. 4, p. 37-50, 2010.

PALACIOS, Marcos. Convergence and memory: journalism, context and history. **MATRIZES (USP. Impresso)**, v. 4, p. 37-50, 2010.

PALACIOS, Marcos. La memoria como criterio de valoración de calidad en el ciberperiodismo: algunas consideraciones. **EL PROFESIONAL DE LA INFORMACIÓN**, v. 18, p. 270-276, 2009.